

A Casa das Sete Torres
Nathaniel Hawthorne

1

A velha família Pyncheon

A meio caminho de uma das ruas da nossa cidade da Nova Inglaterra, encontra-se velha casa de madeira com sete torres pontiagudas e uma enorme chaminé central olhando para diversas direções. A rua é a Pyncheon Street; a casa é a velha mansão Pyncheon. Um olmo, de grande circunferência, arraigado defronte à porta, é conhecido familiarmente por todas as crianças do lugar como "Olmo Pyncheon". Nas minhas visitas ocasionais àquela cidade, raramente deixei de descer pela Pyncheon Street, pelo gosto de passar por essas duas antiguidades: o grande olmo e o edifício arruinado pelo tempo.

O aspecto da venerável mansão sempre me afetou como uma fisionomia humana. Seus traços exteriores têm suportado a tempestade e o calor do sol, e exprimem o longo lapso de vida com as vicissitudes que dentro dela se passaram. Contadas dignamente, essas formariam uma narrativa de interesse e instrução, possuiriam uma notável unidade e lembrariam o resultado de um arranjo artístico. Mas a história, que incluiria uma cadeia de acontecimentos decorridos durante grande parte de dois séculos, escrita com uma amplitude razoável, encheria um grande volume in-folio ou uma longa série de duodécimos, que poderiam ser incorporados aos anais da Nova Inglaterra. Torna-se, conseqüentemente, imperioso fazer uma exposição concisa das lendas que têm por tema a velha Mansão Pyncheon, conhecida como a Casa das Sete Torres. Com um breve resumo das circunstâncias sob as quais se fundou a casa e um rápido relance ao seu bizarro exterior, enquanto ela se enegrece ao sopro do vento este, apontando também aqui e ali alguma mancha de limo mais verde no telhado ou nas paredes, começaremos a verdadeira ação do nosso conto em uma época não muito afastada da atual. Haverá, entretanto, conexão com o longo passado, referências a fatos e personagens esquecidas, a maneiras, sentimentos e opiniões quase ou inteiramente antiquados, os quais, traduzidos adequadamente ao leitor, servirão para mostrar quanto material antigo se usa para compor a mais recente novidade da vida humana. Uma importante lição deve ser deduzida, também, da verdade mal observada: o ato da geração atual é o germe produtor do bom ou mau fruto num tempo futuro. Junto com a semente da colheita meramente temporária, que os mortais chamam conveniência, eles, inevitavelmente, semeiam as bolotas que têm crescimento mais perseverante, capaz de influir na

posteridade.

A Casa das Sete Torres, arruinada, como se vê agora, não foi a primeira habitação levantada por homem civilizado naquele local. Pyncheon Street substitui a humilde denominação de Maule's Lane, do nome do primeiro ocupante do terreno, a cuja porta havia um caminho de gado. Uma fonte natural de água clara e agradável — raro tesouro na península onde se estabeleceram os puritanos — induziu Matthew Maule a construir uma cabana coberta de palha nesse lugar, apesar de ficar um tanto longe da vila, naquela época. No entanto, com o desenvolvimento da cidade, depois de trinta ou quarenta anos, o sítio ocupado por essa rude choupana tornou-se muito desejável aos olhos duma proeminente e poderosa personagem, que sob as garantias da lei pretendeu se apossar dele e de grande pedaço de terra adjacente. O Coronel Pyncheon, o pretendente, como podemos imaginar pelos traços que dele restam, se caracterizava por uma energia de ferro nas suas intenções. Por outro lado, Matthew Maule, embora rústico, era obstinado na defesa daquilo que considerava seu direito; e, por muitos anos, conseguiu salvar uma ou duas acres da terra onde fez seu jardim e residência, derrubando a primitiva floresta com seu próprio trabalho. Não se sabe da existência de qualquer registro dessa pendência. O nosso conhecimento do assunto nos vem pela tradição. Seria audacioso e até mesmo injusto aventurar qualquer opinião decisiva sobre o mérito da causa, pois parece ter sido assunto de dúvida ser ou não ser indébita a pretensão do Coronel Pyncheon, de abranger a pequena propriedade de Matthew Maule. O que encarece essa suspeita é o fato de que a controvérsia entre os dois antagonistas, num período em que a influência pessoal tinha mais valor do que atualmente, muitos anos ficou indecisa e só chegou a uma conclusão com a morte da parte ocupante do terreno disputado. Sua morte também impressionaria nosso cérebro, hoje, de modo diverso do que há século e meio. Ele apagou de maneira horripilante da memória dos homens o lugar e a lembrança da casinha e o nome do seu morador, fazendo com que parecesse mesmo um ato religioso meter-se o arado na pequena área da habitação.

O velho Matthew Maule, numa palavra, foi executado por crime de feitiçaria, sendo um dos mártires desse terrível erro que nos deveria ensinar, além de outras moralidades, que as classes influentes, e os que se arrogam o direito de dirigir o povo, são inteiramente responsáveis por todas as faltas que sempre caracterizaram os mais estúpidos motins. Sacerdotes, juízes, políticos, as mais sábias, mais calmas e mais santas pessoas dessa época eram justamente os que mais se aproximavam do cadafalso, para mais alto aplaudir a matança, e os últimos a se confessar errados. Se algum aspecto de seus processos pode merecer menor censura do que outros, é a singular indiscriminação com que perseguiam não só os pobres e idosos, como nos primitivos morticínios judiciários, mas gente de todas as classes sociais, seus pares, irmãos e mulheres. Na desordem causada por tão grande ruína, não é estranho que um homem como Maule subisse quase despercebido o caminho dos mártires para a colina da execução, na

multidão dos seus companheiros de sofrimento.

Quando, porém, o furor dessa época medonha havia passado, lembrou-se o quanto o Coronel Pyncheon se salientara no vozerio geral, para expurgar o país da feitiçaria. Dizia-se haver uma inveja amarga no ardor do seu empenho pela condenação de Matthew Maule. A vítima reconhecera o amargor de inimizades pessoais na conduta dos seus algozes e se declarara perseguida até a morte pela cobiça do seu espólio. No momento da execução, o Coronel Pyncheon, a cavalo, fixava aterrorizado a cena. Maule, com a corda ao pescoço, dirigiu-se ao adversário, lançando a maldição cujas palavras foram guardadas não só pela história como pela tradição oral. O condenado, comum olhar ameaçador, apontando para o rosto cruel de Pyncheon, vociferou: "Deus há de fazê-lo beber sangue!"

Depois da morte do feiticeiro, seu humilde lar caiu como fácil presa nas mãos do Coronel Pyncheon. Houve muito comentário na cidade, quando se soube que a referida personagem pretendia erguer uma casa espaçosa, pesadamente construída em carvalho e calculada para abrigar muitas gerações, no lugar anteriormente ocupado pela cabana de madeira de Matthew Maule. Apesar de não duvidarem da integridade e retidão do valente puritano no processo, avisaram-no de que iria levantar seu lar sobre uma sepultura inquieta. Sua casa abrangeria a morada do feiticeiro morto e queimado, cuja alma teria uma espécie de privilégio para frequentar os novos cômodos, quartos de núpcias de futuros noivos, onde nasceriam as crianças de seu sangue. A fealdade do crime de Maule e a desgraça que sofreu iriam escurecer as paredes novas e impregná-las com o odor característico das casas velhas e melancólicas. Por que, pois, preferiu Pyncheon um lugar considerado maldito, quando a mata virgem cobria ainda tanto terreno em volta?

O soldado puritano e magistrado não era homem que se afastasse dos seus desígnios, por medo do fantasma do feiticeiro ou por sentimentalismo. Se lhe tivessem falado de maus ares, talvez tivesse mudado de ideia, mas estava pronto a se encontrar com a alma penada no seu próprio terreno. Dotado de senso comum, duro e maciço como o granito, e de austera rigidez de intenção, seguiu o primitivo projeto, sem imaginar que pudesse haver objeções. Desprovido de requintes de delicadeza ou de quaisquer escrúpulos, que uma maior sensibilidade ter-lhe-ia feito sentir, o coronel, como muitos de sua época, era inflexível. E, assim, cavou a sua adega e lançou os alicerces da casa no quadrado de terra onde Matthew Maule, quarenta anos antes, varrera pela primeira vez as folhas caídas. Mas verificou-se um fato sinistro e curioso: logo que os operários começaram o serviço, o olho-d'água perdeu inteiramente a primitiva qualidade. Tivesse a profundidade da nova adega ou qualquer outra causa sutil perturbado suas nascentes, o certo é que a água da Fonte Maule, como continuava a ser chamada, tornou-se escassa e salobre. Assim a encontramos agora. Qualquer velha da região atestará que ela produz distúrbios intestinais.

O leitor deve achar singular que o mestre carpinteiro do novo edifício fosse

justamente o filho do homem cuja morte decidira do destino do terreno. Thomas Maule era considerado o melhor operário da região. Essa circunstância, se não algum sentimento mais nobre, deve ter compelido o coronel a utilizá-lo, abandonando abertamente toda e qualquer animosidade contra a raça do antagonista derrotado. A rudeza geral e o caráter positivo daquela época permitiam que o filho ganhasse, como salário honesto, pesado pacote de libras esterlinas do inimigo mortal de seu pai. Thomas, o arquiteto da Casa das Sete Torres, executou com tão grande perfeição a sua tarefa que os mais delicados trabalhos feitos por suas mãos ainda hoje se conservam.

Construiu-se, assim, a grande casa. Desde minha meninice, ela foi objeto de curiosidade como espécime de uma sólida arquitetura de época remota e cenário de acontecimentos mais cheios de interesse humano que um cinzento castelo feudal. Embora seja familiar à minha reminiscência, na sua velhice arruinada, é difícil imaginar a sensação que causou ao receber o primeiro raio de sol. O estado atual prejudica a ideia do aspecto que deveria apresentar, há cento e sessenta anos, na radiosa manhã em que o magnata puritano convidou a cidade inteira para a inauguração. Uma cerimônia religiosa e festiva consagraria a nova casa. A copiosa distribuição de cerveja, sidra, vinho e aguardente e um boi assado, com que, segundo se assevera, foram regalados os convidados, tornou aceitáveis a prece e a prédica do Reverendo Higginson, bem como o salmo cantado pela garganta geral da comunidade. Mas não é só. A carcaça de um veado, morto a vinte milhas, deu carne suficiente para encher uma torta de vasta circunferência. Um bacalhau de sessenta libras, pescado na baía, fora dissolvido no rico molho do *chowter*. Em resumo, a chaminé da nova casa, espalhando a fumaça da cozinha, impregnava o ar com o odor de carnes, aves e peixes cozidos com ervas aromáticas e cebolas em abundância. Somente esse cheiro, que recendia a festa, abrindo caminho para o nariz de todo mundo, era ao mesmo tempo um convite e um aperitivo.

A Maule's Lane, ou melhor, a Pyncheon Street, como então se começava a chamar, estava tão apinhada de gente como se por ela passasse uma congregação a caminho da igreja. Ao se aproximar, admiravam todos o imponente edifício que doravante teria destacado relevo sobre as outras habitações. Erguia-se, por orgulho e não por modéstia, um pouco afastado do alinhamento da rua. Toda a parte visível do seu exterior estava ornamentada com estranhas figuras concebidas pela mais grotesca fantasia gótica, e modeladas em gesso brilhante. As paredes eram recobertas por um reboco composto de cal, seixos e pedaços de vidro. De qualquer ponto que se olhasse, as sete torres

apontavam para o céu, dando o aspecto de um conjunto de edifícios reunidos à volta de uma única chaminé. Pelas numerosas rótulas de vidros pequenos, a luz penetrava no vestíbulo e no gabinete.

O segundo andar, mais saliente que a base, e menos que o terceiro, lançava uma penumbra entristecedora nos cômodos de baixo. Globos de madeira esculpida pendiam dos andares superiores. Pequenas cruces de ferro espiralado enfeitavam cada uma das sete torres. Na que dava para a outra rua, havia um relógio de sol, colocado naquela manhã. O sol marcava ainda a primeira hora brilhante de uma história que nada teria de brilhante. Ao redor da construção, achavam-se espalhados cascalho, ripas de madeira e pedaços de tijolo, os quais, juntamente com a terra recentemente revolvida e onde a relva ainda não começara a crescer, contribuía para dar ao edifício as características de obra recém-acabada e que ainda não tinha significado na vida diária dos homens.

A entrada principal, quase da largura de uma porta de igreja, situada no ângulo formado pelas duas torres da frente, era encimada por um pórtico e abrigava dois bancos. Arranhando com os pés a soleira virgem, passavam sacerdotes, anciãos, magistrados, diáconos e toda a aristocracia da cidade e do condado. Em maior número que esses e com maior desembaraço, entravam também homens do povo. Dois criados recebiam os convidados, dirigindo uns para as vizinhanças da cozinha e outros para as salas nobres, igualmente hospitaleiros para com todos, sem deixar, entretanto, de lançar um olhar perscrutador para a alta ou baixa condição de cada um. Guarnições de veludo sóbrias, mas ricas, colarinhos e gravatas bem engomados, luvas bordadas, barbas veneráveis, o aspecto e a fisionomia, enfim, tornavam fácil distinguir-se os homens de trato dos comerciantes com seu ar cansado, e dos trabalhadores de jaqueta de couro, pasmados e maravilhados dentro da casa que teriam talvez ajudado a construir.

Havia, no entanto, uma circunstância de mau agouro que despertava descontentamento, dificilmente dissimulado, em alguns dos visitantes mais suscetíveis. O senhor dessa casa aparatosa, homem conhecido pela ponderada e correta cortesia de maneiras, devia estar no vestíbulo para dar as boas-vindas às pessoas eminentes que compareciam à sua solene recepção. Até o momento, porém, permanecia invisível. Mesmo o mais importante hóspede não o havia visto. A falta tornou-se ainda mais injustificável quando chegou o segundo dignitário da província e não foi recebido condignamente. O vice-governador, cuja visita constituía uma das antecipadas glórias do dia, apeara-se do cavalo e, ajudando sua mulher a descer da sela, ingressara na casa do coronel sem outra saudação que a do mordomo. Este, homem de cabelos grisalhos e atitude respeitosa, achou conveniente explicar que o patrão continuava ainda no gabinete particular, onde se fechara havia uma hora, expressando o desejo de não ser perturbado.

— Você não está vendo — disse o *sheriff* do condado, chamando o criado à parte — que este senhor é o próprio vice-governador? Previna imediatamente o Coronel

Pyncheon! Sei que ele recebeu cartas da Inglaterra, esta manhã. Na sua leitura e meditação, uma hora poderia ter passado sem que o notasse; mas ficará contrariado, se você o fizer faltar com a cortesia devida a um dos nossos principais dignitários, considerado o representante do Rei William, na ausência do governador. Chame seu amo imediatamente!

— De modo nenhum, com o perdão de Vossa Senhoria — respondeu o homem, contrafeito e com expressão que indicava o duro e severo caráter das regras domésticas do Coronel Pyncheon —, as ordens do meu senhor foram incisivas e Vossa Senhoria sabe que ele não admite discrepância na conduta dos que o servem. Quem quiser que abra a porta. Eu não ousarei, a não ser que o próprio governador o ordene.

— Ora, ora, senhor *sheriff* — interrompeu o vice-governador, que ouvira o diálogo e se sentira em condição suficientemente alta para brincar com sua dignidade —, eu mesmo me encarregarei disso. Já é tempo de o coronel juntar-se aos amigos, ou poderão supor tenha ele tomado um gole farto demais do seu vinho das Canárias, convencido de que devia colocá-lo em barris e abrir a torneira em honra ao dia. Considerando seu atraso, dar-lhe-ei pessoalmente um lembrete.

Fazendo ecoar o barulho das botas de montaria até o recanto mais longínquo de As Sete Torres, avançou em direção à porta indicada pelo criado dando uma batida alta e seca na almofada. Esperou a resposta, sorrindo e olhando para as pessoas que o haviam seguido. Nada conseguiu, bateu de novo, com o mesmo resultado negativo. Agora, aborrecido, o vice-governador levantou o pesado punho da espada e bateu na porta tão fortemente que o barulho, segundo afirmam, poderia ter perturbado até os mortos. Seja como for, pareceu, ainda dessa vez, não produzir efeito. Embora muitos dos convivas já se tivessem dessedentado com um ou mais copos de vinho ou de aguardente, reinava silêncio profundo, lúgubre e opressivo na casa, onde só a repetição das pancadas ecoava.

— É estranho, sem dúvida, muito estranho! — disse o vice-governador, cujo sorriso se transformara numa expressão preocupada. — Desde que nosso anfitrião nos dá o exemplo de esquecer a etiqueta, também eu a porei de parte e forçarei a entrada de seu gabinete.

Assim se expressando, experimentou a porta, que cedeu à sua mão, abrindo-se inteiramente numa repentina lufada de vento. A rajada passou como um gemido alto através de todos os corredores e cômodos da nova casa, agitando as roupas das senhoras num ruge-ruge de sedas, balançando os cachos das perucas dos cavalheiros e causando em tudo e em todos singular comoção que mais se assemelhava a prolongado silêncio. Uma sombra de medo e mau pressentimento manifestou-se subitamente em todos, levando-os a se precipitarem para a porta escancarada, carregando o vice-governador, na impaciência da sua curiosidade. Ao primeiro olhar, nada viram de extraordinário: um quarto bem decorado, de tamanho regular, ensombrado por cortinas, livros arrumados em estantes, e, na parede, um grande mapa e o retrato do

Coronel Pyncheon, sob o qual, sentado numa cadeira de carvalho, com uma pena na mão, estava o próprio coronel. Cartas, pergaminhos e folhas de papel espalhavam-se pela mesa diante dele. Parecia olhar para a curiosa multidão, à frente da qual estava o vice-governador. Na sua fisionomia fechada e dura desenhava-se uma carranca como se estivesse severamente ressentido com a audácia que os impelira ao seu gabinete particular.

Um menino, neto do coronel e o único ser humano que lograra sua familiaridade, abrindo caminho entre os hóspedes, correu para o avô. De súbito, porém, estacou, gritando de terror. Os visitantes, tremendo como folhas sacudidas pelo vento, aproximaram-se e perceberam que havia algo esquisito na fixidez do olhar do Coronel Pyncheon. O colarinho e a barba branca estavam empapados de sangue. Era tarde demais para socorrê-lo. O puritano de coração de ferro, o perseguidor inexorável, o homem ambicioso e obstinado, estava morto. Morto na sua nova casa! Há uma tradição digna somente de ser mencionada se quisermos emprestar colorido de medo supersticioso a uma cena já por si suficientemente sombria. Conta-se que uma voz falou alto, entre os convidados, com a tonalidade da do velho Matthew Maule, o feiticeiro enforcado: "Deus há de fazê-lo beber sangue!"

Prematuramente, pois, a morte, único hóspede que cedo ou tarde fatalmente se introduz nas habitações humanas, atravessara o limiar da Casa das Sete Torres.

O misterioso e repentino desaparecimento do Coronel Pyncheon causou sensação na época. Houve rumores, muitos dos quais chegaram vagamente ao presente, de que as aparências indicavam violência. Assim, afirmou-se terem sido encontradas marcas de dedos na sua garganta e mancha de mão ensanguentada no seu colarinho pregueado e que a barba pontiaguda estava em desalinho como se tivesse sido impetuosamente agarrada e puxada. Asseverou-se também que a rótula perto da cadeira do coronel estava aberta e que, minutos antes da ocorrência fatal, um homem havia sido visto pulando a grade do jardim. É disparate, porém, fazer-se conjeturas a respeito de histórias como essas. Como cogumelos que indicam o local onde o tronco caído de uma árvore se modelou na terra, tais histórias, prolongando-se por anos e anos, produzem um acontecimento como o que agora relatamos. De nossa parte, concedemos pouco crédito a lendas como a da mão do esqueleto vista pelo vice-governador na garganta do coronel e que desapareceu à medida que ele entrava no gabinete. É certo, porém, que surgiram dúvidas, entre os médicos, com referência à *causa mortis*. Um deles, John

Swinnerton, que parece ter sido homem eminente, atestou apoplexia, se bem entendemos seus termos médicos. Seus colegas adotaram hipóteses diversas, mais ou menos plausíveis, todas elas, porém, vazadas num tal mistério de fraseado que, se não evidenciam confusão mental desses médicos eruditos, certamente provocam confusão nos ignorantes leitores. Os médicos-legistas, depois do exame cadavérico, como homens sensatos, deram o veredicto inatacável de "morte súbita". É verdadeiramente difícil imaginar que pudesse ter havido suspeita séria de assassinato ou o mais leve fundamento para implicar qualquer pessoa como autor da morte do coronel. A classe social, a riqueza e o caráter eminente do morto deviam ter provocado a mais rigorosa busca em cada circunstância ambígua. Pode-se, porém, presumir que nenhuma apareceu, visto como nada nesse particular foi registrado. A tradição, que algumas vezes revela a verdade que a história deixa escapar, geralmente a mais disparatada parvoíce da época, objeto antigamente de conversas domésticas e hoje dos jornais, a tradição é responsável por todas as afirmações em contrário. Na oração fúnebre do Coronel Pyncheon, impressa na época e conservada até hoje, o Reverendo Higginson destaca, dentre as muitas felicidades da vida terrena do distinto paroquiano, a oportunidade da sua morte. Cumpridos todos os deveres, alcançada a mais alta prosperidade, sua raça e geração fixadas em ponto estável, com luxuoso teto para abrigá-las nos séculos futuros, que outro degrau lhe restaria a subir senão o último, intermediário entre a terra e o portão dourado do céu? Certamente o piedoso clérigo não teria pronunciado tais palavras se alimentasse a menor suspeita de que o coronel fora empurrado para o outro mundo com a garra da violência na garganta.

A família do Coronel Pyncheon, por ocasião de sua morte, parecia estar predestinada a uma estabilidade tão afortunada quanto permite a instabilidade das coisas humanas. Aliás, convém salientar que a progressão do tempo devia incrementar e positivar a prosperidade dos Pyncheon e não desgastá-la e destruí-la. Seu filho e herdeiro não só entrou na posse imediata de grande fortuna, como de uma pretensão confirmada por subsequente concessão do Supremo Tribunal baseada num documento dos índios e relativa a vasto, inexplorado e ilimitado território do leste. Essas possessões — como tais podiam ser reconhecidas — compreendiam a maior parte do que é hoje o condado de Waldo, no Estado do Maine, e eram mais extensas do que um ducado ou, mesmo, um território de príncipe reinante no solo europeu. Quando a floresta virgem, que ainda cobria a sua maior área, fosse conquistada pela cultura humana, o que inevitavelmente aconteceria, mesmo ao cabo de muitos anos, seria fonte de incalculáveis riquezas para a família Pyncheon. Tivesse o coronel vivido mais umas semanas e talvez a sua influência política, aliada a poderosas relações que mantinha dentro e fora da cidade, completasse o que faltava para tornar a pretensão eficaz. A despeito da eloquência do bom Mr. Higginson, o coronel, previdente e sagaz, deixara o caso pendente. Com relação ao território em perspectiva, a morte do coronel foi prematura. Seu filho não tinha a eminente posição do pai, nem seu talento e força de

caráter para executar o projeto. Nada podia, também, realizar pela força do poder político. A simples justiça ou a legalidade da pretensão não eram tão aparentes depois da morte do coronel, como durante o tempo em que vivia. Algum elo conexo faltava para a evidência e não podia ser reatado.

Muito se esforçaram os Pyncheon, não só naquela época como pelo espaço de cem anos, pela obtenção do que continuavam obstinadamente a chamar seu direito. Com o correr do tempo, foi o território novamente concedido a pessoas mais favorecidas e aos atuais colonos. Soubessem os últimos da intenção dos Pyncheon e rir-se-iam de que alguém pretendesse ter direitos, baseados em pergaminhos bolorentos assinados por governadores e legisladores já mortos e esquecidos, às terras conquistadas, por eles ou seus pais, à natureza selvagem, com suas próprias ferramentas. Dessa ridícula pretensão nada resultou senão a origem duma absurda ilusão de importância de família, característica dos Pyncheon, transmitida de geração a geração. O mais pobre membro da família julgava-se herdeiro de uma espécie de nobreza, conservando ainda a ilusão de receber uma riqueza principesca para mantê-la. Nos melhores espécimes dessa raça, essa peculiaridade lançava uma graça ideal sobre a grosseira matéria humana, sem lhes roubar nenhuma das qualidades realmente importantes. Sobre os representantes de condição mais baixa o efeito foi lamentável, pois aumentou a propensão para a indolência e dependência, anulando todos os esforços pessoais, à espera da realização de um sonho. Anos depois de ter o público esquecido a pretensão da família, ainda os Pyncheon consultavam o velho mapa do coronel, projetado quando Waldo ainda era plaga selvagem. Onde o antepassado localizara matas, lagos e rios, erguiam-se agora vilas e cidades; no entanto, os Pyncheon continuavam a calcular o aumento progressivo do valor do território, alimentando a ideia de transformá-lo num principado.

Em quase todas as gerações aparecia um membro na família dotado do cérebro sagaz e da energia prática que tinham destacado o fundador dos Pyncheon. Podia-se distinguir tão bem as suas características como se o coronel, um pouco modificado, fosse dotado de uma espécie de imortalidade intermitente. Já por duas ou três vezes, quando o equilíbrio da fortuna dos Pyncheon periclitara, aparecera um representante do coronel, causando o tradicional murmúrio: "Lá vem o velho Pyncheon de novo! Certamente As Sete Torres será reformada!" Agarravam-se à casa ancestral com singular tenacidade de amor doméstico, que passava de pai a filho. Razões e impressões vagas fazem crer ao autor que a maioria dos sucessivos proprietários fosse perseguida por dúvidas quanto à legitimidade dos seus direitos. Não havia incerteza quanto à posse legal, porém o velho Matthew Maule passava de sua época às gerações mais novas, imprimindo fortemente a sua marca na consciência dos descendentes de seu perseguidor. Nesse caso, perguntamos se cada herdeiro da propriedade, consciente da injustiça e incapaz de retificá-la, não incorreria na grande falta do seu antepassado, participando também de suas responsabilidades. Assim, seria mais correto dizer ter a

família Pyncheon herdado uma grande infelicidade e não o inverso.

Salientamos desde já não ser propósito nosso transcrever a história da família em sua conexão com a Casa das Sete Torres, nem mostrar, como num quadro mágico, de que modo se estendeu a ferrugem sobre a venerável mansão. Como lembrança de sua vida interior, existe um enorme espelho, suspenso numa das salas, na qual se conta estarem retidas todas as formas que nele se refletiram. O velho Coronel Pyncheon e seus numerosos descendentes, no garbo de uma antiga meninice, na flor da beleza feminina, na aurora viril ou na idade em que as rugas entristecem o semblante! Possuíssemos nós o segredo desse espelho e de bom grado sentaríamos à sua frente, reproduzindo as suas revelações nestas páginas. Uma lenda, porém, cujo fundamento dificilmente seria descoberto, dizia ter a posteridade de Maule uma relação com o mistério do espelho onde, por uma espécie de processo mesmeriano, poderia fazer aparecer os Pyncheon, já falecidos. Mostravam-se eles não no esplendor de momentos felizes, mas em amargas crises de tristeza ou na repetição de algum ato mau. Por muito tempo, ocupou-se a imaginação do público com o caso do Coronel Pyncheon e do feiticeiro Matthew Maule. Lembrava-se a maldição lançada do cadafalso como parte da herança dos Pyncheon. Se um transeunte ouvisse pigarrear alguém da família, logo diria, entre brincalhão e sério: "Ele beberá sangue de Maule!" A morte súbita de um Pyncheon há cem anos, em circunstâncias semelhantes às do coronel, era considerada comprovante da opinião corrente. Reputava-se indício sinistro estar o retrato do coronel, por sua disposição testamentária, pendurado na parede da sala onde morreria. As austeras feições pareciam simbolizar maligna influência. A sombra de sua presença empanava o brilho das horas presentes e nenhum bom propósito ou bom pensamento aí podia nascer e desenvolver-se. Nossa expressão figurada de que a alma de um antepassado morto, talvez como parte de seu castigo, é muitas vezes condenada a se transformar no gênio mau da família não dará aos leitores atentos a impressão de superstição.

Os Pyncheon, durante dois séculos, viveram com menos vicissitudes exteriores do que outras famílias da Nova Inglaterra. Apesar de conservarem muitos traços de família, tinham as características da pequena comunidade em que viviam, cidade conhecida pela frugalidade, discrição e hábitos caseiros e ordeiros de seus habitantes como também pelo limitado círculo de suas simpatias. Nela se encontram indivíduos mais singulares e ocorrências mais estranhas do que em qualquer outro lugar. O Pyncheon da época da revolução, adotando o partido do rei, tornou-se um refugiado,

mas, arrependido, voltou a tempo de salvar a Casa das Sete Torres do confisco. O acontecimento mais notável dos anais da família, nos últimos setenta anos, foi a morte violenta de um Pyncheon, por crime de outro. Certas circunstâncias dessa fatal ocorrência incriminaram irretorquivelmente um sobrinho do falecido Pyncheon. O rapaz foi processado e condenado. A natureza das aparências, alguma dúvida oculta no seio do júri, e, por fim (argumento mais ponderável numa república do que numa monarquia), a alta respeitabilidade e a influência política dos amigos do criminoso conseguiram transformar a pena de morte em prisão perpétua. Esse triste episódio ocorreu trinta anos antes do começo de nossa narrativa. Correram rumores, em que poucos acreditaram e pelos quais somente uma ou duas pessoas se interessaram, de que esse homem, há tanto tempo encarcerado, ia voltar daquele túmulo.

É essencial dizer algumas palavras sobre a vítima desse assassinato, agora quase esquecido. Era um velho solteirão, dono de imensa fortuna, além da casa e das dignidades remanescentes da antiga propriedade Pyncheon. Excêntrico e melancólico, dado a remexer arquivos e a acreditar em velhas tradições, chegou à conclusão de que Matthew Maule, o feiticeiro, fora injustamente expulso do seu lar e talvez mesmo da vida. Nesse caso, estando ele de posse do mal adquirido espólio, cuja mancha de sangue ainda exalava odor capaz de ser sentido por narinas conscienciosas, sem nenhuma razão imperativa e mesmo tardiamente, resolveu restituí-lo aos descendentes de Maule. Para um solteirão que vivia tanto do passado e tão pouco do presente, século e meio não parecia período demasiado longo para reparar uma injustiça. Acreditavam os que melhor o conheceram que positivamente teria dado o singular passo de entregar a Casa das Sete Torres aos representantes de Maule, se não fosse a celeuma levantada entre os parentes pela suspeita do seu projeto. Conseguiram impedi-lo, mas temiam que executasse por disposição testamentária o que não pudera fazer em vida. Nada é tão raro entre os homens, qualquer que seja o motivo, quanto legar uma propriedade patrimonial a pessoas estranhas. Podem ter maior afeição a outros que não os próprios parentes. Pode acontecer que estes lhes sejam indiferentes ou detestados. Na hora da morte, não obstante, prevalece o preconceito de parentesco que impele o testador a legar seus haveres na linha marcada por um tão imemorial costume, que chega a parecer natural. Nos Pyncheon esse sentimento possuía energia doentia. Era poderoso demais para os escrúpulos de consciência do velho celibatário, pelo que, por sua morte, a velha mansão e todos os outros bens passaram às mãos do herdeiro legal.

O contemplado era sobrinho do morto e primo do desgraçado rapaz acusado do assassinato do velho. Até essa época gozara da mais dissipada mocidade, mas, ao entrar na posse dos legados, transformou-se num respeitável membro da sociedade. Demonstrou muitas qualidades e subiu a tão altas posições que nenhum Pyncheon o igualou. Desde moço, aplicou-se ao estudo do direito, para o que tinha grande tendência, atingindo, dentro de alguns anos, eminente situação, que lhe valeu o pomposo título de juiz. Mais tarde, ingressou na política, servindo durante dois

períodos no Congresso, além de salientar-se em ambos os ramos da legislatura do Estado. O Juiz Pyncheon foi, indiscutivelmente, uma honra para sua raça. Construiu uma casa de campo, a algumas milhas da cidade natal, onde passava o tempo que podia ser poupado ao serviço público no exercício de todas as virtudes e dons, como cristão, bom cidadão, cavalheiro e horticultor (assim foi publicado num jornal na véspera de uma eleição).

Poucos Pyncheon puderam aquecer-se ao lume da prosperidade do juiz. A geração, em vez de aumentar, diminuía, tendendo mesmo a desaparecer. Os únicos membros da família de que se tinham notícias eram o juiz e um filho que viajava no momento pela Europa; o condenado já referido e uma irmã que habitava, na mais extrema reclusão, a Casa das Sete Torres, como usufrutuária, por disposição do tio. Dizia-se ser essa moça muito pobre, e preferir continuar nessa condição por sistemática recusa aos reiterados oferecimentos do juiz, que lhe propunha conforto na própria Casa das Sete Torres ou mesmo em sua casa de campo. Finalmente, a última dos Pyncheon era uma mocinha de dezessete anos, filha de outro primo do juiz. Seu pai, que se casara com uma jovem de família humilde e pobre, morrera ainda moço e em más condições financeiras. A viúva tornara, recentemente, a casar.

Quanto à descendência de Matthew Maule, supõe-se estar extinta. Por muito tempo, depois da morte do feiticeiro, continuaram a habitar aquela mesma cidade onde seu pai sofrera morte tão injusta. Eram, sob todas as aparências, gente quieta, honesta, bem-intencionada, não alimentando rancor contra determinadas pessoas nem contra o público em geral, pelo erro que haviam cometido. Ignora-se, porém, se nas conversas caseiras ou em suas amargas recordações transmitiram algum sentimento hostil pela sorte do ascendente e pelo patrimônio perdido, pois nunca foi exteriorizado nenhum ressentimento. Estranho seria, entretanto, se tivessem esquecido que a Casa das Sete Torres repousava num terreno que era deles. Há, contudo, alguma coisa tão sólida, tão estável e imponente na aparência exterior das classes abastadas e nas suas grandes possessões que a própria existência como que lhes concedeu o direito de existir.

Aqueles homens humildes e pobres não tinham força moral para questionar aquela contrafação do direito, mesmo no recesso de suas consciências. Este é o caso atual, depois de muitos preconceitos antigos terem sido abandonados; pior era ainda nos dias anteriores à revolução, quando a aristocracia podia arriscar-se a ser orgulhosa e o povo se conformava em ser humilhado. Os Maule, portanto, escondiam os ressentimentos dentro dos próprios peitos. Geralmente eram miseráveis, obscuros, trabalhando sem sucesso em serviços manuais, seguindo o caminho do oceano como marinheiros, ou mourejando no cais. Moravam aqui e ali, nos arredores da cidade, sempre em cômodos alugados, e na velhice iam para o asilo, como lar natural. Finalmente, seguindo o destino de todas as famílias, nobres ou plebeias, deram o mergulho final no charco da obscuridade. Há trinta anos que não se encontram vestígios da posteridade de Maule,

nem no arquivo da cidade, no *directory*¹, na lembrança do povo ou mesmo numa pedra de túmulo. Talvez exista ainda o seu sangue em algum lugar; aqui, onde poderia ser traçada sua ascendência até tempo tão remoto, ele desapareceu de todo.

Enquanto se encontraram membros da geração de Maule, eles sempre se diferenciaram dos outros homens pela reserva hereditária, cujo efeito era mais sentido do que falado. Seus amigos, e todos os que assim se consideravam, percebiam haver em volta dos Maule uma espécie de círculo de santidade ou magia, dentro do qual ninguém podia penetrar. Essa peculiaridade indefinível possivelmente seria a causa de se conservarem tão afastados do auxílio humano e, por isso mesmo, tão infelizes. Tal circunstância certamente servia para prolongar e confirmar, como única herança dos Maule, os sentimentos de repugnância e terror supersticioso com que o povo da cidade, mesmo depois de ter despertado do seu delírio, continuava a considerar a memória do feiticeiro. O manto, ou antes, a capa esfarrapada de Matthew Maule, caiu sobre seus filhos. Acreditava-se em parte serem herdeiros de misteriosos atributos, de estranho poder no olhar. Além de outras propriedades e privilégios inúteis, um especialmente os caracterizava: o de exercer influência sobre os sonhos de outrem. E os Pyncheon, a admitir a veracidade dessas histórias, embora passeando altivamente pelas ruas da cidade natal, eram, ao caírem sob o domínio do sonho, escravos desses Maule plebeus. A psicologia moderna se esforçará por condensar essas necromancias dentro de um sistema, em vez de rejeitá-las como fabulosas.

Um ou dois parágrafos descritivos da Casa das Sete Torres encerrarão este capítulo preliminar. A rua, onde se erguiam seus cumes veneráveis, há muito deixou de ser o quarteirão da moda, da cidade. Habitações de data recente, na sua maioria pequenas, construídas inteiramente em madeira, com o aspecto típico das casas comuns, circundavam o velho edifício. Sem dúvida, em cada um desses lares estará latente a história completa da existência humana, carecendo porém do pitoresco que atrai a imaginação ou a simpatia a investigá-la. A velha construção da nossa história, sua estrutura de carvalho branco, suas vigas de madeira, suas tábuas, as paredes esburacadas e a grande chaminé central, pareciam constituir a parte menos significativa e menor da sua realidade. Tantas e tão variadas experiências da humanidade nela se tinham observado, tantos sofrimentos e tão raros divertimentos ela presenciara, que as próprias madeiras estavam limosas como se os corações dos seus habitantes as tivessem afetado com a sua umidade. A mansão era em si como um grande coração humano

cheio de reminiscências ricas e sombrias.

A grande projeção do segundo andar dava à casa aspecto meditativo e não se poderia passar por ela sem a impressão de que guardasse segredos e uma história cheia de movimento, digna de ser atentamente meditada. Na parte da frente, à beira do caminho, crescia o Olmo Pyncheon, que, em comparação com outras árvores dessa espécie, poderia ser chamado gigantesco. Plantado por um bisneto do primeiro Pyncheon com oitenta ou cem anos de existência, ainda estava forte, copado, e lançava sua sombra de lado a lado da rua, subindo mais alto que as sete torres e varrendo o telhado negro com sua folhagem pendente. Dava beleza ao velho edifício, integrando-o, por assim dizer, à natureza. Tendo sido a rua alargada, há mais ou menos quarenta anos, a torre da frente ficou precisamente na mesma linha que ele. De cada lado, estendia-se velha cerca de madeira com aberturas em grade, através das quais se podia ver um pátio relvoso e, nos ângulos do edifício, grande fertilidade de bardanas, cujas folhas mediriam, sem exagero, de dois a três pés. Atrás da casa parecia haver um jardim presumivelmente extenso outrora, mas atualmente fechado por cercas e habitações construídas no outro lado da rua. Cometeríamos uma omissão, insignificante na verdade, mas imperdoável, se nos esquecêssemos do musgo verde que, há muito, cobria a projeção das janelas e os declives do telhado. Não devemos também deixar de conduzir os olhos do leitor para um tufo de plantas que cresciam no canto de duas torres, perto da chaminé. Chamavam-nas de "Ramallete de Alice". Diz a tradição ter uma certa Alice Pyncheon lançado as sementes por divertimento. O pó da rua e o declive do telhado formaram gradualmente um terreno propício ao seu desenvolvimento, que se verificou depois da morte de Alice. Era ao mesmo tempo triste e doce observar como a natureza dera sua preferência a essa desolada, decadente, ferrugenta e velha mansão dos Pyncheon e como o verão se esforçara por alegrá-la, com sua terna beleza, tornando-a melancólica.

Há outra feição muito especial para ser registrada, mas que receamos prejudique qualquer impressão romântica e pitoresca que venhamos a dar ao esboço desse respeitável edifício. Na torre anterior, sob o bordo ameaçador do segundo andar, ao nível da rua, havia uma porta de loja dividida horizontalmente ao meio e cujo segmento superior formava uma janela como muitas vezes se vê em casas de aluguel, de construção um tanto antiga. Essa porta de loja havia sido causa de não pequena mortificação para o atual ocupante da augusta Mansão Pyncheon e para alguns dos seus predecessores. O assunto é desagradavelmente delicado, mas, desde que o leitor necessita penetrar no segredo, terá conhecimento de que há um século o chefe dos Pyncheon achou-se envolvido em sérias dificuldades financeiras. A referida personagem, que se intitulava *gentleman*, nada mais era que um avaro contraventor, pois, em vez de solicitar a real permissão ao governador ou ativar a pretensão hereditária às terras de leste, não encontrou melhor meio de melhorar a fortuna do que abrir uma porta de loja numa das faces da residência ancestral. Era costume do tempo,

em verdade, que os comerciantes instalassem seus depósitos e tratassem dos seus negócios nas próprias casas. Havia, porém, alguma coisa mesquinha na maneira pela qual esse velho Pyncheon agia nas operações comerciais. Murmurava-se que, com as próprias mãos, dava troco para um xelim e revirava por várias vezes meia moeda para se certificar de que era verdadeira. Além disso, tinha nas veias, qualquer que fosse a origem, sangue de bufarinheiro.

Logo após a sua morte, a porta da loja foi fechada, aferrolhada e trancada, e até o período da nossa história nunca mais foi aberta. O velho balcão, as prateleiras e outras peças da loja permaneceram como ele os deixou. Costumava-se afirmar que o falecido lojista, de peruca branca, casaco de veludo surrado, avental na cintura e punhos cuidadosamente levantados, pode ser visto, através das gretas das fechaduras, em qualquer noite do ano, arrumando suas gavetas ou anotando as páginas sujas do seu diário contábil. Pelo inalterável olhar de aflição, parece constituir sua pena o passar a eternidade no vão esforço de fazer o balanço de suas contas.

Agora, de uma maneira despretensiosa como se verá, abriremos nossa narrativa.

2

A pequena loja

Faltava ainda meia hora para o nascer do sol, quando Miss Hepzibah Pyncheon, não diremos acordou, pois não sabemos se dormira naquela curta noite de estio, levantou-se do travesseiro solitário e começou o que seria zombaria chamar-se o adorno de sua pessoa. Longe de nós a indecorosa ideia de assistir, mesmo em pensamento, à toaleta de uma senhora solteira. Nossa história deve, pois, esperar Miss Hepzibah na soleira da porta do seu quarto. Apenas presumiremos ouvir os pesados suspiros que se lhe desprendiam do peito. A lúgubre profundidade e o volume de som dos seus ais só poderiam ser percebidos por um ouvinte incorpóreo, como nós. A velha solteirona estava sozinha na casa. Além dela só havia um rapaz respeitável, sossegado, um artista no daguerreótipo que, há quase três meses, habitava uma das torres, verdadeira casa, separada do resto da mansão por portas fechadas e aferrolhadas. Daí serem inaudíveis os suspiros de Miss Hepzibah, como inaudíveis eram também os estalos das juntas dos seus joelhos ao dobrarem-se ao pé da cama. Inaudível ainda aos mortais e somente entendida com compreensão e amor pelos céus, a prece angustiada, intercalada ora por um sussurro, ora por um gemido ou por um silêncio arrebatador, com que implorava a proteção divina para o dia.

Evidentemente, aquele era um dia extraordinário para Miss Pyncheon, que, há mais de um quarto de século, habitava a casa em estrita reclusão, sem participar da vida mundana e de seus prazeres. Não rezaria com tal fervor a apática reclusa, olhando a calma estagnante, fria e sem sol de um dia igual aos outros.

As rezas da solteirona estão concluídas. Atravessará ela, agora, o pórtico da nossa história? Por enquanto, não. Antes disso, devem ser abertas, com não pequena dificuldade, numa sucessão de sacudidelas, todas as gavetas da escrivaninha alta e antiquada para serem depois, com a mesma relutância, novamente fechadas. Ouve-se o farfalhar de sedas, o barulho de passos para lá e para cá, no quarto. Suspeitamos ter Miss Hepzibah subido numa cadeira para se olhar de todos os lados num espelho oval, pendurado na parede, em cima da penteadeira. Bem! Quem pensaria nisso? Todo esse tempo precioso gasto no arranjo matinal de uma senhora idosa, que nunca sai de casa, a quem ninguém visita e de quem seria mais caridoso desviar os olhos quando chegasse o momento final!

Agora está quase pronta. Perdoemos-lhe ainda outra pausa, causada por sentimento único, elevado, intensificado pela tristeza e separação, pela grande paixão de sua vida. Percebemos o ruído de chave numa pequena fechadura. Ela abriu a gaveta secreta da escrivaninha e provavelmente estará olhando uma miniatura do mais perfeito estilo de Malbone, onde se desenha um rosto digno de tão delicado lápis. Tivemos, certa vez, a sorte de ver esse retrato. Representa um rapaz, numa antiquada roupa de seda, cuja beleza suave se adapta perfeitamente à fisionomia sonhadora, aos lábios polpudos e ternos, aos olhos meigos. Parece ter menos capacidade de pensamentos do que de emoções prazerosas. Ao dono de tais feições nada mais se tem o direito de exigir, senão que encare o mundo com otimismo e seja feliz. Teria sido amante de Miss Hepzibah? Não, ela nunca teve um amante — como poderia a pobre criatura? — e nunca soube por experiência própria o que significa tecnicamente o amor. Sua confiança e fé imorredouras, suas lembranças vívidas, seu grande devotamente ao homem do retrato, foram, até o presente momento, o único sentimento alimentado por seu coração. Pôs de lado, agora, a miniatura e dirige-se novamente ao espelho. Lágrimas molham o seu rosto. Dá alguns passos para lá e para cá. Por fim, com outro suspiro magoado, como frio e úmido sopro de vento saído de uma caverna há muito fechada, aproxima-se Miss Hepzibah Pyncheon! Uma figura esguia, vestida de seda preta, porte alto e curvado, adianta-se para o corredor sombrio, escurecido pelo tempo. Encaminha-se para a escada numa atitude de pessoa míope, como realmente é.

O sol progredia para o horizonte. Poucas nuvens, flutuando no céu, recebiam os primeiros raios de luz e lançavam seu brilho dourado nas janelas de todas as casas da rua, sem esquecer a Casa das Sete Torres que, testemunha de muitas alvoradas, olhava alegremente para a que despontava. A irradiação refletida deixava ver distintamente o aspecto e a arrumação da sala em que Hepzibah entrou, depois de descer as escadas. Era um cômodo baixo com vigas de madeira no teto, revestido de madeira escura, com grande lareira guarnecida de azulejos, atualmente fechada e substituída por fogão moderno. No chão, estendia-se um tapete, primitivamente de rica textura, mas agora surrado e desbotado pelo longo uso que lhe transformou a aparência brilhante num tom indistinguível. Duas mesas constituíam a mobília; uma tinha tantos pés quanto uma centopeia, e a outra, uma velha mesa de chá, delicadamente trabalhada, com quatro pernas longas e finas, parecia tão frágil que dificilmente se acreditaria na sua idade. Meia dúzia de cadeiras, estreitas e duras, espalhavam-se pela sala. Engenhosamente inventadas para o desconforto do corpo humano, eram desagradáveis à própria vista, dando péssima ideia da sociedade que as havia adotado. Fazia exceção uma antiga cadeira de braços, de encosto alto, entalhada em carvalho, de assento confortável, cuja comodidade compensava a falta das curvas artísticas de uma cadeira moderna.

Como ornamentos só podemos citar um mapa e um retrato. O primeiro, esboço do território dos Pyncheon a leste, era feito a mão por hábil desenhista e grotescamente ilustrado com figuras de índios e animais selvagens, destacando-se um leão. A história

natural da região era tão bem conhecida quanto a sua geografia, demarcada fantasticamente de lado. O retrato representava a austera feição do puritano com dois terços de corpo, trajando uma capa justa e colarinho de rendas. Numa das mãos trazia a Bíblia e a outra empunhava uma espada de aço. Tendo sido o artista mais feliz na reprodução da arma do que do livro, aquela sobressaía do conjunto. Ao entrar na sala e encarar o retrato, Miss Hepzibah Pyncheon estacou, mudando a fisionomia num singular franzir de sobrancelhas, que seria interpretado, por quem não a conhecesse bem, como expressão de amarga raiva e rancor. No entanto, a impressão não era verdadeira. Sentia, é verdade, um respeito por aquele rosto, de que só era suscetível uma donzela de descendência afastada. A careta era o inocente resultado de sua miopia e do seu esforço para substituir os contornos vagos de retrato por linhas definidas.

Demoremo-nos um pouco a analisar essa infeliz expressão das sobrancelhas de Hepzibah. As pessoas que, às vezes, a viam de relance à janela, qualificavam de careta aquele franzir involuntário. Essa careta prejudicava muito a Miss Hepzibah, dando-lhe o aspecto de solteirona geniosa. Frequentemente, talvez, ao se ver no espelho gasto, deparando sempre com aquela mesma expressão irritante, tivesse concordado com o injusto julgamento de todos, murmurando para si mesma: "Como sou feia!" Ultimamente chegava a acreditar ser a sua fealdade consequência de uma sina inevitável. Seu coração, porém, nunca se mostrara carrancudo. Era naturalmente terno, sensível e cheio de pequenos tremores e palpitações; retinha todas essas fraquezas, enquanto a fisionomia se tornava cada vez mais perversamente austera feroz mesmo. Nunca manifestara Hepzibah uma ousadia exceto a que vinha do recanto mais quente do seu coração. Durante todo esse tempo temos nos demorado covardemente no limiar de nossa história. Em verdade, relutamos em dizer o que pretendia fazer Miss Hepzibah.

Já observamos que, sob a torre que dava para a rua um dos antepassados, há quase cem anos, abrira uma porta de loja. Depois de ter esse homem se retirado do comércio e adormecido no caixão mortuário, tanto a loja quanto os arranjos interiores continuaram na mesma. A poeira dos anos se acumulava em grossas camadas sobre as prateleiras e balcões e quase enchia os pratos da balança, como se tivesse valor suficiente para ser pesada. Entesourava-se ainda o pó na gaveta entreaberta, onde uma moeda de seis dinheiros simbolizava o preço da vergonha do orgulho hereditário. Nesse estado encontrava-se a pequena loja quando Hepzibah e seu irmão, na longínqua meninice, costumavam brincar de esconde-esconde nos limites abandonados, e assim se mantivera até há poucos dias.

Embora cortinas vedassem ainda aos olhos do público o interior da loja, ela sofrera notável mudança. Os ricos e pesados festões de teias, que custaram o trabalho de sucessivas gerações de aranhas, tinham sido cuidadosamente espanados do teto. O balcão e as prateleiras foram submetidos a rigorosa limpeza e sobre o assoalho recém-lavado se espalhou areia. A velha balança certamente sofrera cuidadoso asseio num

vão esforço por tirar a ferrugem que corroía ha anos, o metal. A lojinha não estava desprovida de gêneros Olhos curiosos, que tivessem privilégio para espiar atrás do balcão, descobririam um barril, talvez mesmo dois ou três barris e meio, contendo farinha de trigo, maçãs e farinha de milho. Numa grande caixa quadrada de pinho, amontoava-se sabão em barras e, em outra, velas de sebo, a dez por libra. Um pequeno estoque de açúcar mascavo, favas, ervilhas de debulhar e outros gêneros de baixo preço, mas muito vendáveis, formavam o grosso da mercadoria. Se não fosse a existência de artigos cuja forma e aspecto dificilmente seriam conhecidos antigamente, podia-se ter tomado isso como reflexo fantasmagórico das prateleiras pobremente guarnecidas do velho Pyncheon. Havia, por exemplo, um vidro de conserva cheio de fragmentos de rochas de Gibraltar, não da verdadeira pedra básica da famosa fortaleza, mas de açúcar-cande, enrolado asseadamente em papel branco. Um *Jim Crow*, de *gingerbread*, executava a sua dança de renome mundial. Um destacamento de dragões de chumbo, em uniformes e equipamentos modernos, galopava em cima de uma das prateleiras. Algumas figuras de açúcar, que não se assemelhavam a formas humanas de época alguma, representavam as nossas modas melhor do que o conseguiriam as de um século atrás. Outro fenômeno ainda mais evidentemente moderno era o pacote de fósforos de cor, cuja chama instantânea se imaginaria, nos velhos tempos, ter sido tomada emprestada aos profundos fogos de Tophet.¹

Em resumo, era evidente ter alguém ocupado o estabelecimento do velho Pyncheon há tanto tempo afastado e esquecido, pretendendo continuar o negócio com diferente classe de fregueses. Quem seria esse audaz aventureiro? Por que, dentre todos os lugares do mundo, escolhera a Casa das Sete Torres para cenário de suas especulações comerciais?

Voltemos à velha solteirona. Finalmente, desviou ela os olhos da sisuda fisionomia do retrato do coronel e, soltando um suspiro do peito que, essa manhã, era uma verdadeira caverna de Éolo, atravessou a sala na ponta dos pés, como é hábito das senhoras idosas. Passando por um corredor, abriu a porta que comunicava com a loja que acabamos de descrever. Devido à projeção do segundo andar e da sombra do Olmo Pyncheon, que se elevava defronte à torre, a penumbra era constante e tanto precursora da tarde quanto continuadora da manhã. Outro profundo suspiro de Miss Hepzibah! Depois de se deter ligeiramente na porta, olhando com sua careta de míope a janela, como se enfrentasse um terrível inimigo, Miss Hepzibah entrou na loja. A pressa e o

impulso galvânico do movimento eram realmente arrebatadores.

Nervosamente, numa espécie de delírio, começou a se ocupar com o arranjo de uns brinquedos e outras pequenas mercadorias nas prateleiras e vitrines. Naquela figura senhoril, vestida de preto, de rosto pálido, um caráter profundamente trágico contrastava com a grotesca mesquinhez da sua ocupação. Parecia fantástica anomalia que uma pessoa tão triste e infeliz pudesse tomar em suas mãos um brinquedo! Um milagre que ele não desaparecesse entre seus dedos! Uma ideia tolamente absurda enchia o seu cérebro sóbrio e austero: como poderia atrair os meninos à loja! Certamente era este o seu objetivo. Com mão trêmula, emocionada, ela tenta colocar um elefante de pão de gengibre na vitrine, o qual cai ao chão com desmembramento de duas pernas e do tronco: deixou de ser elefante para transformar-se simplesmente em pão de gengibre. Segue-se logo outro desastre com a queda de um copo cheio de bolinhas de gude, que correm em diversas direções, escondendo-se nos mais obscuros recantos. Deus ajude a nossa pobre Hepzibah e nos perdoe estarmos espiando seus grotescos movimentos! Enquanto o corpo duro e enrijecido desce e se ajoelha no chão à cata das bolinhas, sentimo-nos mais inclinados a derramar lágrimas de simpatia, do que a rir dessa atitude. Aliás é ela um dos pontos de maior interesse na vida ordinária e, se não o sugerimos ao leitor com suficiente força, a falta é nossa e não do tema. Era a agonia do que chamamos velha nobreza. Essa senhora, que, desde a infância, alimentara ideias aristocráticas e cuja religião considerava maculado quem trabalhasse pelo próprio pão, estava disposta a descer do pedestal de sua classe imaginária, depois de sessenta anos de vida difícil. A pobreza, que a ameaçara durante tanto tempo, agarrara-a por fim. Era preciso trabalhar pelo pão ou morrer de fome! Surpreendemos Miss Hepzibah exatamente no momento em que a nobre senhora ia se transformar na mulher plebeia.

Nesse país republicano, há sempre alguém a ponto de naufragar entre as ondas da nossa vida social. A tragédia se repete tantas vezes quanto um drama popular em dia feriado. Talvez nunca seja tão profundamente sentida como quando é um nobre que se precipita abaixo do seu nível social! Pois, no nosso caso, a classe é a parte mais importante da fortuna, não subsiste depois da sua morte e desaparece definitivamente com ela. Uma vez que fomos tão infelizes em apresentar nossa heroína em tão triste conjuntura, pedimos um sentimento de devida solenidade aos espectadores de sua sorte. Contemplamos na pobre Hepzibah a imemorial *lady*, de duzentos anos neste lado do oceano e três vezes esse tempo no outro, com seus retratos antigos, sua genealogia,

cota de armas, arquivos e tradições e, como herança anexa, a pretensão ao território principesco, não mais zona selvagem, mas de grande fertilidade, nascida na Pyncheon Street, sob o Olmo Pyncheon, na Mansão Pyncheon, onde sempre habitou, até ser reduzida, agora, naquela mesma casa, à condição de dona de uma lojinha.

Montar uma loja é quase sempre o recurso de que lançam mão as mulheres, quando em circunstâncias similares às da infeliz reclusa. A miopia, os dedos trêmulos, delicados e pouco flexíveis, impediam-na de ser costureira, embora suas amostras, de cinquenta anos de idade, exibissem os mais complicados e ornamentais trabalhos de agulha. Pensava numa escola para crianças, e mesmo recordava as poucas noções aprendidas na escola primária da Nova Inglaterra, com o fito de se preparar para o ofício de mestra. Seu amor pelas crianças, porém, nunca fora muito caloroso e agora estava entorpecido, se não extinto. Observou, da janela do quarto, o povo da vizinhança e duvidou poder tolerar relações mais íntimas com ele. Além disso, atualmente, o ensino de primeiras letras tornou-se coisa muito especializada para poder ser ministrado apontando-se letra por letra com um alfinete. Uma criança moderna ensinaria muito mais à velha Hepzibah do que ela à criança. Embora a ideia de entrar em contacto com o mundo, de que se mantivera alheia tanto tempo, lhe produzisse finca dor no coração, enquanto cada dia de reclusão empurrava outra pedra sobre a porta de sua ermida, a pobre criatura lembrou-se da velha loja, do balcão empoeirado, da balança enferrujada. Quis contemporizar mais um pouco, mas uma circunstância imprevista apressou a decisão. Fez os humildes preparativos e a empresa ia ser começada. Não havia nisso nenhuma singularidade do destino, pois que na sua cidade natal notavam-se muitas lojas como aquela, em casas tão antigas quanto As Sete Torres em cujos balcões se viam senhoras decadentes, tristes imagens de um orgulho de família, como a própria Hepzibah. Era ridículo, confessamos, o comportamento da solteirona enquanto arrumava a loja para a vista do público. Dirigia-se, na ponta dos pés, à vitrine, tão cautelosamente como se pensasse estar um sanguinário vilão a espreitá-la por trás do olmo, com intenções de matá-la. Estendendo o braço magro, colocou no lugar adequado um cartão de botões de pérola ou qualquer outra quinquilharia, desaparecendo logo na penumbra, como se o mundo não a precisasse ver de novo. Será fantasia dizer que ela esperava suprir as necessidades da comunidade sem ser vista, como feiticeira ou divindade, encaminhando as mercadorias para o comprador, reverente e medroso, com mão invisível. Hepzibah não teve essa lisonjeira ideia. Estava ciente de que era preciso aparecer e se revelar com a própria individualidade. Como outras pessoas sensíveis, preferia, contudo, surgir de súbito ao olhar atônito do mundo, a ser observada gradualmente. O momento inevitável não podia ser delongado por mais tempo. A luz do sol incidia, agora, sobre a fachada da casa fronteira, de cujas janelas o reflexo se projetava através dos galhos do olmo sobre o interior da loja, dando-lhe mais claridade. A carrocinha do leiteiro já passara pelas ruas, afugentando, com o tlim-tlim dissonante das campainhas, o último vestígio de

santidade da noite. O leiteiro distribuía o conteúdo das claras vasilhas de porta em porta. O áspero ruído do cornetim do peixeiro era ouvido desde longe. Nenhum desses pregões escapou a Hepzibah. Chegara o momento. Retardá-lo mais só serviria para aumentar o sofrimento. Nada faltava senão tirar a tranca da porta e deixar a entrada livre, quase hospitaleira, como se todos fossem amigos, aos transeuntes que fossem atraídos pelos objetos expostos na vitrine. Hepzibah deixou cair a tranca. O barulho agiu sobre os seus nervos excitados como um espantoso estrépito. Então, como se a última barreira entre ela e o mundo acabasse de ser abatida e pela brecha saltasse uma torrente de más consequências, ela correu para a sala de estar, atirou-se na velha cadeira de braços e rompeu num copioso pranto.

Pobre Hepzibah! Para um escritor que pretende representar a natureza, suas várias circunstâncias e atitudes, num esboço razoavelmente correto e colorido, é um grande aborrecimento que tanta mediocridade e tanto ridículo estejam mesclados ao mais puro patético que a vida lhe pode apresentar. Que trágica dignidade, por exemplo, pode ser posta numa cena como essa? Como poderemos elevar essa história, quando somos obrigados a trazer, como figura das mais proeminentes, em vez de uma moça bonita ou pelo menos os restos de uma beleza impressionante, essa solteirona reumática, lívida, magra, com um longo vestido de seda preta e uma detestável touca? Nem chega a ser feia; só se redime da insignificância pela contração da fisionomia numa careta de míope. Sua grande experiência da vida, depois de sessenta anos de inação, parece descobrir a conveniência de ganhar o sustento montando uma loja de pequenas proporções. Se analisarmos todas as histórias heroicas da humanidade, encontraremos sempre essa mescla de coisas medíocres e triviais como o que há de mais nobre na alegria ou na dor. A vida é feita de mármore e lama. Sem a profunda fé numa compreensão que paire acima de nós, seremos compelidos a descobrir um insulto num riso zombeteiro, ou, num olhar carrancudo, a fisionomia de ferro do destino. Conhecimento poético é, portanto, o dom de selecionar, nessa esfera de elementos estranhamente confundidos, o belo e o grandioso que se escondem sob tão sórdida aparência.

3

O primeiro freguês

Miss Hepzibah sentou-se na cadeira de carvalho, tapando o rosto com as mãos, num desafogo de emoções. Muitos já experimentaram essa sensação em vésperas de qualquer empresa duvidosa e importante, quando a própria imagem da esperança parece modelada em chumbo. Súbito, o alarme irregular, alto e agudo da campainha, assustou a pobre senhora. Pálida, levantou-se com o espírito escravo e submisso àquela chamada. A porta da loja fazia oscilar uma pequena campainha, que anunciava ao interior da casa a entrada de um freguês. Aquele barulho feio e enervante, talvez ouvido pela primeira vez depois de ter o antepassado de Hepzibah deixado o comércio, pôs imediatamente em tumultuosa vibração cada nervo do corpo da vendedora novata. Era o momento crítico. O primeiro freguês estava na porta.

Sem tempo de pensar uma segunda vez, Hepzibah correu descontrolada para a loja, com expressão e gestos desesperados, franzindo as sobancelhas como se fosse entrar em luta encarniçada com um assaltante de casas ao invés de se dirigir ao balcão e amavelmente trocar pequenas mercadorias por moedas. Um freguês qualquer teria dado as costas e desaparecido. Nada havia de feroz, entretanto, no coração da pobre Hepzibah, que não alimentava nenhum pensamento amargo contra o mundo em geral ou qualquer pessoa em particular. Desejava bem a todos, embora ansiasse por se ver livre do mundo, numa sepultura tranquila.

O freguês continuava na porta. Vindo da radiante luz da manhã, parecia trazer consigo algo da animadora claridade para dentro da loja. Era um rapaz de vinte e um ou vinte e dois anos, alto, de expressão pensativa e grave para a idade, embora aparentasse ser jovial e vigoroso. Suas qualidades se exteriorizavam pelas maneiras e se faziam adivinhar pela figura. Uma barba castanha, um tanto áspera, contornava-lhe o queixo, sem, entretanto, encobri-lo completamente. Um bigode curto enfeitava as feições proeminentes, de tez morena, que combinavam bem com esses ornamentos naturais. Sua indumentária era simples. Trazia casaco de verão de fazenda barata, calça de xadrez miúdo e chapéu de palha comum. Oak Hall devia ter-lhe confeccionado as roupas. Dava a impressão de ser um cavalheiro, se tal pretendesse ser, pela limpeza e alvura imaculada da roupa. Encarou a fisionomia de Hepzibah sem alarme aparente, pois já a vira muitas vezes e a julgava inofensiva.

— Então, cara Miss Pyncheon — disse o daguerreotipista, habitante também das Sete Torres —, estou satisfeito por ver que a senhora não desanimou dos seus bons propósitos. Passei por aqui para lhe desejar boa sorte e perguntar se posso ajudá-la nos preparativos.

Quando se está em dificuldades ou, de qualquer modo, prevenida contra o mundo, tem-se mais tolerância para o tratamento áspero e talvez mesmo a reação a essa aspereza torne as pessoas mais fortes; porém, assim que se percebe uma simpatia verdadeira, imediatamente perde-se o controle. Foi o que se deu com Hepzibah. À voz bondosa do rapaz e ao seu sorriso, tão brilhante naquela fisionomia pensativa, a pobre senhora irrompeu num riso histérico e depois pôs-se a soluçar.

— Ah, Mr. Holgrave — disse ela, quando pôde falar —, nunca poderei ter sucesso nisto, nunca, nunca! Preferia estar morta e enterrada na velha sepultura da família, com todos os meus antepassados! Com meu pai, minha mãe e minha irmã! Sim, e com meu irmão, que antes me encontrasse lá do que aqui! O mundo é muito insensível e perverso e eu sou velha, fraca... não tenho mais esperanças!

— Ora, acredite-me, Miss Hepzibah — tornou calmamente o rapaz —, estes sentimentos não a atormentarão mais quando sua empresa estiver em meio. Neste momento, eles são inevitáveis e causados não só pela sua longa reclusão como também pela ideia que a senhora faz do mundo, povoado de formas horríveis. Bem cedo verá serem essas formas tão irreais como os gigantes e anões dos contos da carochinha. Uma das coisas mais singulares, a meu ver, é o fato de tudo perder a sua consistência no instante em que é agarrado. Assim acontecerá com o que a senhora está achando tão terrível.

— Mas sou uma mulher — considerou Hepzibah lastimosamente. — Ia dizer uma *lady*, mas isso pertence ao passado.

— Bem, não faz mal que seja passado — respondeu o artista com estranho lampejo de disfarçado sarcasmo, através da delicadeza de maneiras. — Deixe que desapareça! Fica melhor sem isso. Falo francamente, Miss Pyncheon! Não somos nós amigos? Considero o dia de hoje como um dos mais felizes de sua vida. É o fim de uma época e o começo de outra. Até agora, enquanto a senhora se mantinha dentro do círculo de nobreza, seu sangue foi se resfriando nas veias, ao mesmo tempo em que o mundo batalhava por uma ou outra necessidade. Doravante a senhora terá, ao menos, a sensação de um esforço natural e saudável por uma empresa e de empregar toda a sua força, seja grande ou pequena, à luta unida da humanidade. Isso é o sucesso! O único que se pode ter!

— É natural que tenha ideias como esta, Mr. Holgrave — retrucou Hepzibah, levantando-se e mostrando-se um tanto ofendida. — O senhor é homem, um rapaz educado como todos atualmente, com o fito de tentar fortuna, creio eu. Porém, já nasci uma senhora, uma *lady*, e sempre assim vivi. Embora com escassez de meios, mas sempre uma *lady*.

— Não nasci *gentleman*, nem vivo como se fosse cavalheiro — disse Holgrave, sorrindo. — Portanto, minha senhora, não se pode esperar que eu simpatize com sensibilidades dessa espécie. Talvez a minha compreensão seja imperfeita. Estes nomes *lady* e *gentleman* tinham, no passado, uma significação e conferiam privilégios, desejáveis ou não, aos que os possuíam. Atualmente, e sobretudo no futuro, trazem restrições e não privilégios.

— São noções novas — falou a velha dama. — Nunca as entenderei, nem o desejo.

— Deixemos de falar nisto — replicou o artista com um sorriso mais amigo do que o anterior. — A senhora mesma verá se não é melhor ser uma verdadeira mulher do que uma *lady*. Já imaginou, Miss Hepzibah, que nenhuma dama de sua família já fez coisa tão heroica quanto a senhora hoje, desde que se construiu esta casa? Se os Pyncheon agissem sempre tão nobremente, duvido que o anátema do velho feiticeiro Maule tivesse muita força junto à Providência contra eles.

— Ah! não, não — respondeu Hepzibah, sem se zangar com a alusão à sombria dignidade de uma maldição herdada. — Se a alma do velho Maule, ou um dos seus descendentes, me visse, hoje, atrás do balcão, chamaria a isso o cumprimento dos seus piores desejos. Agradeço a sua bondade, Mr. Holgrave, e farei o possível para ser boa vendedora.

— Faça-o — disse Holgrave — e deixe-me ter o prazer de ser o primeiro freguês. Vou passear na praia antes de ir para os aposentos, onde emprego os raios solares para fixar as feições humanas. Um pouco destes biscoitos, molhados na água do mar, poderão servir como primeira refeição. Qual é o preço de meia dúzia?

— Deixe-me ser uma *lady* ainda mais um minuto! — pediu Hepzibah com maneiras de antiga dama. Um sorriso melancólico dava-lhe certa graça. Pondo os biscoitos na mão do rapaz, rejeitou o pagamento. — Uma Pyncheon não deve, de modo algum, sob o teto dos antepassados, receber paga do único amigo, por um pouco de pão.

Quando Holgrave partiu, Hepzibah estava menos abatida. Cedo, porém, voltou à excitação anterior. Com o coração aos pulos, ouviu os passos dos transeuntes que agora começavam a se tornar mais frequentes na rua. Uma ou duas vezes, pareceram parar. Estranhos, ou vizinhos, examinavam os objetos e os brinquedos da vitrine de Hepzibah, que se sentia duplamente torturada. Envergonhava-se de que olhos indiferentes tivessem o privilégio de observar seus artigos, ocorrendo-lhe a ideia ridiculamente inoportuna de que a vitrine não fora arranjada convenientemente. Parecia que o sucesso

ou fracasso da loja dependia da disposição dos diferentes gêneros de artigos ou da substituição de uma maçã por outra mais perfeita. Fez a troca, mas logo supôs ter estragado o conjunto, sem perceber que era o nervosismo do momento e a meticulosidade própria de uma solteirona que tudo punham a perder.

Agora, as vozes ásperas de dois operários denunciavam um encontro bem à sua porta. Depois de ligeira prosa sobre negócios, um deles notou a existência da loja, chamando a atenção do outro.

— Veja só! — disse ele. — Que acha você disso? Parece que o comércio está progredindo na Pyncheon Street.

— Bem, isso já é alguma coisa! — exclamou o outro. — Na velha Mansão Pyncheon e debaixo do Olmo Pyncheon! Quem o imaginaria? A solteirona montando uma lojinha!

— Conseguirá ela ir avante? Que pensa você, Dixey?

— perguntou o amigo. — A ideia não é muito boa. Com outra loja logo na esquina!

— Ir avante? — disse Dixey com uma expressão desdenhosa, como se fosse impossível conceber essa ideia. — Não creio! Sua cara chegaria a assustar até o Demônio, se ele precisasse lidar com ela! Eu a conheço bem porque cuidei do seu jardim. Faz caretas medonhas, sem razão alguma, somente por mau gênio! Ninguém a suportará — Bem, isso não importa — tornou o outro homem.

— Pessoas de mau gênio são habilíssimas nos negócios e sabem como se dirigir. Montar loja, porém, como toda espécie de comércio, já está muito explorado. Minha mulher abriu uma e, em três meses, perdeu cinco dólares no seu custeio.

— Pobre negócio! — considerou Dixey — pobre negócio! — Parecia balançar a cabeça dubitativamente.

Por motivos de difícil análise, seus prognósticos eram tão pessimistas quanto o sentimento que atravessou o coração de Hepzibah, ao ouvir essa conversa. O testemunho sobre a sua fisionomia era de máxima importância. Parecia espelhar as suas feições, despidas de parcialidades pessoais. Era tão tristemente feia que nem ousava olhar-se. Sentia-se além do mais absurdamente ferida pelo efeito fútil e mesquinho que a abertura da loja, fato de tão grande importância para ela, tinha sobre o público, personalizado naqueles dois homens. Um olhar, duas ou três palavras, um riso grosseiro... e antes de dobrar a primeira esquina ela já estaria de todo esquecida. Pouco se importavam com a sua dignidade e muito menos com a sua degradação! O augúrio de fracasso, baseado na sabedoria da experiência, caía sobre sua esperança semimorta como terra num túmulo. A mulher daquele homem tentara a mesma coisa e fracassara. Como poderia esta *lady* de linhagem, há tanto tempo reclusa, com sessenta anos de idade, pensar em sucesso, quando uma mulher do povo, sagaz, negociante, perdera cinco dólares de custeio? O sucesso era impossível, e a esperança uma alucinação!

Um espírito malévolo desenrolou, então, aos olhos de Hepzibah, o panorama das ruas da cidade formigando de fregueses! Estabelecimentos numerosos e magníficos! Confeitarias, lojas de brinquedos, armazéns de secos e molhados, de suntuosas

instalações, sortimentos completos, em que se tinham invertido grandes fortunas! Enormes espelhos nas paredes do fundo multiplicavam tudo, numa visão brilhantemente polida de irrealidades! Num lado da rua, esplêndido bazar, com uma multidão de vendedores perfumados e lustrosos, sorrindo para os compradores, curvando-se e medindo as mercadorias! No outro, a velha Casa das Sete Torres, com a antiquada vitrine, sob a projeção do segundo andar e, atrás do balcão, a própria Hepzibah, num surrado vestido de seda preta, fazendo caretas para os transeuntes! Esse contraste poderoso se salientava como símbolo das dificuldades que teria de enfrentar, na luta pela vida! Sucesso? Absurdo! Nunca devia pensar nisso! Sua casa se enterraria em eternas névoas, enquanto o sol brilharia sobre as outras! Nenhum pé atravessaria a porta e mão alguma seguraria o trinco!

Nesse momento, porém, a campainha tilintou subitamente, como movida por obra de magia. O coração da velhota, como se estivesse grudado no badalo de ferro, pôs-se a pinotear, numa série de sacudidelas bruscas. A porta abriu-se, num empurrão, mas ninguém aparecia! Hepzibah, contudo, continuava a olhar para a entrada, como se tivesse convocado algum espírito mau e sentisse medo de encará-lo.

“Deus me ajude!”, disse de si para si. “É o momento decisivo!”

Quando a porta de gonzos enferrujados se abriu completamente, entrou um garoto de faces rosadas como maçãs, gorducho e forte. Vestia pobremente, talvez mais por falta de cuidados maternos do que por miséria. Trazia avental azul, calças curtas, sapatos furados nos bicos e chapéu de palha descosido, por onde saíam cachos do seu cabelo crespo. Um livro e uma pequena ardósia indicavam estar o menino a caminho da escola. Fixou Hepzibah por um momento, como o teria feito uma pessoa mais velha, sem compreender a sua atitude trágica e a sua careta.

— Bem, o que deseja? — perguntou a vendedora à pequena personagem.

— Aquele Jim Crow da vitrine — respondeu ele, segurando a moeda e apontando a gulodice que atraía sua fome quando se dirigia para a escola. — O que não está com o pé quebrado.

Hepzibah esticou o braço, pegou o boneco da vitrine e entregou-o ao primeiro freguês.

— Não se incomode com o dinheiro! — E empurrou-o levemente para a porta. Sua velha nobreza se constrangia à vista da moeda. Parecia-lhe mesquinho aceitar o dinheiro da criança por um pedaço de pão de gengibre. — Não se incomode, leve o Jim Crow para você.

A criança olhou-a com olhos muito redondos, admirada daquela liberalidade sem precedentes na sua experiência de lojas, e, tomando o Jim Crow, saiu.

Ao chegar à calçada, já a cabeça do boneco estava na boca. Que pequeno canibal! Esquecera-se de fechar a porta, provocando de Hepzibah, que se encaminhava para fazê-lo, rabugentas considerações sobre o trabalho que dão as crianças. Mal acabara de substituir o Jim Crow da vitrine, quando novamente soou a campainha e a porta abriu-

se, com o seu característico vaivém, dando passagem ao garoto. A boca ainda estava cheia de pedaços do pão, e vestígios do colorido escorriam pelos cantos.

— O que é? — perguntou a solteirona já impaciente. — Voltou para fechar a porta?

— Não — respondeu ele, olhando para o boneco recém-colocado na vitrine. — Quero o outro Jim Crow.

— Aqui está ele. — Vendo, porém, que o pertinaz freguês não a deixaria em paz enquanto houvesse bonecos, ela recuou um pouco a mão estendida e perguntou: — Onde está o dinheiro?

Embora o menino tivesse já o dinheiro na mão, teria preferido, como bom ianque, obtê-lo como da ocasião anterior. Um pouco entristecido, entregou o dinheiro a Hepzibah e partiu, dando ao segundo Jim Crow o mesmo rápido fim do anterior. A vendedora deixou cair na gaveta aquele primeiro resultado sólido de sua empresa. Era fato consumado; a mancha daquela moeda de cobre nunca mais sairia de sua mão. O pequeno estudante e a figura do dançarino negro lhe tinham trazido ruína irremediável. A estrutura da velha aristocracia tinha sido demolida pelo menino, como se sua mãozinha tivesse derrubado a Mansão das Sete Torres. Agora pode Hepzibah virar os retratos dos velhos Pyncheon de rosto para a parede, usar o mapa do coronel para acender o fogo e soprar a chama com a respiração vazia das suas tradições ancestrais! Que havia de comum entre ela e os antepassados? Nada! Menos ainda com a posteridade. Não era mais uma *lady*, porém, simplesmente, Hepzibah Pyncheon, solteirona abandonada, dona de uma loja. Ao repassar essas ideias, quase ostensivamente, uma calma surpreendente se apoderou dela. A ansiedade e as desconfianças, que a tinham atormentado em sonhos diurnos, desapareciam ao sentir que a sua empresa tomava um aspecto mais sólido. Sua posição, embora inédita, já não mais a amedrontava ou perturbava. Às vezes, sentia arrepios de contentamento juvenil. Era o hálito fresco da atmosfera exterior, depois do longo torpor e da monótona reclusão em que vivera. Como é saudável a ação! Como é miraculosa a força de que não temos conhecimento! O que Hepzibah não tivera, durante anos e anos, lhe era agora concedido, naquele momento de crise, quando, pela primeira vez, estendera a mão, para segurar a moeda de cobre do colegial. Embora escura e gasta pelo uso contínuo, aquela moeda se transformara num amuleto, cheio de poderes, que devia ser incrustado em ouro e usado sobre o coração. Era tão poderoso e tão eficaz quanto um anel galvânico. Hepzibah sentia-se agradecida de corpo e alma por aquela primeira operação. Essa agradável sensação inspirou-lhe a ideia de preparar um pouco de chá forte, para manter a coragem.

O seu dia de estreia na loja não se passou sem muitas variações de humor sério e folgazão. Geralmente a Providência dá aos homens a coragem suficiente para mantê-los em razoável equilíbrio. No caso da nossa velha dama, depois de passada a excitação da novidade o desânimo ameaçava voltar. Era como pesada massa de nuvens que, obscurecendo o céu, espalhasse um crepúsculo geral até que, quase ao cair da noite,

cedesse a um momentâneo raio de luz solar. As nuvens, porém, lutam sempre, para se apoderar novamente daquela lista de claridade.

À medida que o dia avançava, iam chegando os fregueses. Alguns saíam satisfeitos, deixando satisfeita também a dona da loja. Mas nem todos contribuíam para aumentar o conteúdo da gaveta. Uma menina quis comprar uma meada de linha, de uma cor especial, para sua mãe; a pobre Hepzibah, por ser míope, deu-lhe uma que achava ser muito parecida com a amostra, mas logo voltou a compradora com um recado malcriado, dizendo que, além da diferença de cor, a linha estava podre. Depois veio uma mulher pálida, enrugada, com mechas de cabelo grisalho, embora não fosse velha, uma dessas mulheres de natureza delicada que logo se reconhece serem maltratadas por algum bruto, um marido bêbado. Queria um pouco de farinha. Hepzibah pesou a mercadoria, talvez melhor do que pesaria a própria compradora, e silenciosamente devolveu o pagamento. O próximo freguês foi um homem de blusa azul, que comprou um cachimbo. Cheirava a bebida forte, cujo odor se espalhava pela loja com a sua respiração como um gás inflamável. Parecia ser marido da última compradora. Pediu papel de fumo e, como Hepzibah tivesse esquecido de prover a casa desse artigo, devolveu grosseiramente o cachimbo e saiu resmungando. Nossa estreante então ergueu os olhos e, inconscientemente, pôs-se a caretear para a Providência.

Durante a tarde, nada menos de cinco pessoas pediram *ginger-beer*, *root-beer* e outras bebidas similares. Nada obtendo, saíam com excessivo mau humor. Três deles deixaram a porta aberta e os outros dois a fecharam com tal empurrão que a campainha fez os nervos de Hepzibah se contraírem. Uma mulher da vizinhança, apressada, vermelha do calor do fogo, irrompeu sem fôlego na loja, procurando fermento. Quando Hepzibah com o seu frio acanhamento de maneiras lhe disse não ter o artigo, ela se exasperou.

— Uma venda sem fermento! Isso nunca vai adiante! Seu pão nunca crescerá, nem o meu tampouco. Seria melhor fechar a casa!

“Bem”, pensou Hepzibah, com um suspiro, “talvez seja mesmo o melhor!”

Sua nobre sensibilidade foi muitas vezes ferida pelo tom familiar com que se dirigiam a ela. Consideravam-se, era evidente, não iguais a ela, mas superiores, como patrões. Hepzibah se lisonjeava com a ideia de que devia haver uma espécie de brilho ou halo em volta de si, que asseguraria, se não respeito à sua nobreza, pelo menos o seu reconhecimento. Contudo, nada a torturava tanto como esse reconhecimento, quando muito salientado. A uma ou duas demonstrações de simpatia, respondia com azedume. A suspeita de que um dos fregueses entrara na loja, não porque precisasse comprar qualquer coisa, mas unicamente para olhar para ela, deixara-a num estado mental lastimável. A vulgar criatura certamente quisera ver que aspecto teria uma velha representante da aristocracia atrás de um balcão. A careta de Hepzibah, embora mecânica e inócua, nesse caso servira-lhe de muito.

“Nunca tive tanto medo na minha vida”, disse a curiosa freguesa, descrevendo o incidente a uma de suas conhecidas. “É uma velha megera! Palavra! Fala pouco, mas

pode-se ver a maldade no seu olhar.”

A nova experiência conduziu a velha dama a conclusões muito desagradáveis quanto ao gênio e maneiras do que chamava classe baixa. Sendo de uma esfera de indiscutível superioridade, olhava-a complacentemente. Lutava também, infelizmente, contra a amarga emoção de espécie diretamente oposta: um ressentimento contra a ociosa aristocracia a que tão recentemente tivera o orgulho de pertencer. Assim, se uma senhora bem vestida, cuja leveza de andar desse a impressão de ter voado e não palmilhado as ruas, deixando à sua passagem uma fragrância como de um ramo de rosas, atravessasse essa rua retirada, a careta de Miss Hepzibah não se justificaria somente como consequência da sua miopia.

Dando liberdade a um sentimento hostil, que é a verdadeira humilhação dos pobres em face dos ricos, ela pensava: “Com que fim vive esta criatura? Ainda que o mundo inteiro se fatigue, as palmas de suas mãos estarão sempre brancas e delicadas”.

Logo, envergonhada e arrependida, escondia o rosto. “Deus me perdoe!”

Sem dúvida Deus a perdoava. Quanto à loja, porém, Hepzibah temia que fosse a causa de sua ruína moral e religiosa sem mesmo contribuir com o essencial para a sua subsistência.

4

Um dia atrás do balcão

Por volta do meio-dia, Hepzibah viu um senhor meio idoso, corpulento, altivo, de maneiras finas, passar devagar pelo outro lado da rua branca e poeirenta. Ao entrar na sombra do Olmo Pyncheon, tirou o chapéu para limpar o suor da testa, examinando com meticuloso interesse a Casa das Sete Torres. Ele próprio, no seu estilo, era tão digno de ser olhado quanto a casa. Não se teria achado melhor modelo de alta respeitabilidade que, por magia indescritível, se retratasse tão bem por seus gestos, maneiras ou roupas. Sem parecer diferir dos trajes dos outros homens havia neles uma certa gravidade, talvez característica do portador, uma vez que não provinha do corte nem do material. Sua bengala, de madeira escura e castão de ouro, possuía também traços especiais e, se pudesse dar um passeio sozinha, seria reconhecida em qualquer lugar como pertencente ao seu dono. Essa peculiaridade tão espantosa de tudo o que era seu, e cujo efeito procuramos mostrar ao leitor, não era mais profunda do que sua situação, hábitos e circunstâncias externas. Percebia-se ele pessoa de influência e autoridade. Notava-se tão bem sua riqueza como se estivesse exibindo sua conta bancária ou se, como Midas, tocando os galhos do Olmo Pyncheon, os transformasse em ouro.

Talvez, na mocidade, tivesse sido um bonito rapaz. Agora, porém, as sobrancelhas espessas, os cabelos raros e grisalhos, os olhos frios, os lábios duros e fechados não podiam sofrer confronto com a beleza. Sua fisionomia atual possivelmente proporcionaria retrato melhor que a de sua mocidade, se não fosse a dureza do olhar. O artista teria oportunidade de estudar-lhe o rosto e mostrar sua capacidade para emoções diversas, escurecendo a fisionomia com um mau olhar ou clareando-a com um sorriso.

Enquanto olhava para a Mansão Pyncheon, as duas expressões passaram pela sua face. Pondo um par de óculos de aro de ouro que trazia na mão, ele inspecionou cuidadosamente o arranjo dos brinquedos e mercadorias de Hepzibah. Primeiramente, pareceu aborrecer-se, mas, logo depois, sorriu. Perdurava ainda essa expressão nos seus lábios, quando viu Hepzibah, que, involuntariamente, se aproximara da janela. O sorriso transformou-se então de desagradável e amargo, em complacente e benévolo. Cumprimentou-a com uma certa dignidade e cortesia, continuando seu caminho.

"Lá está ele!", disse Hepzibah de si para si, tentando reprimir um sentimento de que não se podia libertar.

O cavalheiro parara, e se virara, olhando ainda uma vez para a vitrine. Deu um passo ou dois como querendo entrar na nova loja, mas essa intenção foi realizada pelo primeiro freguês de Hepzibah, o pequeno canibal, atraído agora por um elefante de pão de gengibre. Que formidável apetite, o do menino! Dois Jim Crow depois do almoço e um elefante antes do jantar! Nesse ínterim, o senhor dobrara a esquina, encurtando o caminho.

"Pense o que quiser, primo Jaffrey!", murmurou a solteirona, depois de, cautelosamente, espiar a rua de um lado e de outro. "Já viu minha loja, e o que pensa dela? Não me pertence a Casa das Sete Torres, enquanto estiver viva?"

Hepzibah retirou-se para a sala interior e pôs-se a tricotar uma meia já começada, com movimentos nervosos e irregulares. Como os pontos saíssem desiguais, largou o trabalho e pôs-se a andar de um lado para o outro. Parou defronte ao retrato do velho puritano, cujas cores desbotadas pelos anos nunca lhe pareceram tão vívidas, nem as feições tão expressivas. Enquanto o contorno físico desaparecia, o caráter do original sobressaía numa espécie de relevo espiritual. Nota-se, ocasionalmente, esse efeito em pinturas de data antiga. Adquirem um aspecto que o artista nunca ousaria emprestar ao original como sua expressão característica, mas que logo se reconhece ser o reflexo da verdadeira alma humana. A profunda concepção que tem o pintor da alma do modelo aparece quando as cores superficiais já estão semiapagadas pelo tempo.

Hepzibah tremia ao encarar o retrato. Seu temor hereditário a impedia de julgar o caráter do antepassado como a percepção da verdade a compelia. Contudo, continuava a olhá-lo, porque a fisionomia do retrato lhe facilitava o estudo e a compreensão do rosto que acabara de ver na rua. "É o mesmo homem!", murmurou. "Sorria como quiser, sempre terá este olhar! Ponha-se nele uma capa, colarinho de renda, a Bíblia numa das mãos e a espada na outra, e ninguém duvidará de que o velho Pyncheon voltou! Chegou a construir uma casa, talvez para provocar nova maldição!"

Isso fez Hepzibah recordar as fantasias de outrora. Durante muitos anos morara sozinha na Mansão Pyncheon, de modo que estava até a medula impregnada da velhice da casa. Precisava dar um passeio para manter o equilíbrio. Pela magia do contraste outro retrato surgiu à sua mente, pintado com cores lisonjeiras e muita delicadeza, cuja semelhança com o original permanecia muito perfeita. A miniatura de Malbone era, entretanto, muito inferior à que Hepzibah trazia no peito, embora o modelo fosse o mesmo. Nesta última, a afeição e a triste recordação salientavam os contornos. Suave, doce, contemplativo, lábios polpudos e vermelhos, entreabertos num meio sorriso de que os olhos pareciam ser mensageiros pelo brilho das pupilas! Traços efeminados! Esta última peculiaridade induzia a pensar ser o modelo muito parecido com sua mãe, mulher adorável e adorada, talvez dotada de bela fraqueza de caráter, que tornava mais agradável conhecê-la e amá-la.

"Sim", pensou Hepzibah amargamente, "nele quiseram continuar a perseguir sua mãe. Ela nunca foi uma Pyncheon!"

Quando estava perdida em suas cogitações, a campainha da porta tocou. O som parecia vir de longínqua distância, tanto descera Hepzibah na sepulcral profundidade de suas reminiscências. Um humilde velhinho, residente na Pyncheon Street, familiar à casa há muitos anos, esperava na loja. Parecia ter tido sempre o rosto sulcado de rugas, os cabelos brancos e aquele único dente na gengiva superior. Embora idosa, Hepzibah não se lembrava desde quando Tio Venner andava por aquela rua, um tanto curvado, pisando o chão de cascalho ou a calçada. Um certo vigor ainda o mantinha forte e lhe permitia ocupar um lugar neste mundo superpovoado. Com seu andar pesado e vagaroso, que fazia duvidar chegasse ao lugar desejado, transmitia recados e rachava lenha. No verão, tratava do jardim de pequenas casas. No inverno, tirava a neve dos caminhos. Esses eram alguns dos trabalhos essenciais de Tio Venner para uma vintena de famílias. Dentro do referido círculo, ele pretendia a mesma espécie de privilégios e provavelmente sentia tanto interesse caloroso quanto um pároco entre os seus paroquianos; sem alimentar pretensões a dízimas, mas num análogo modo de reverência, dava as suas voltas todas as manhãs para apanhar as migalhas das mesas para engordar seu porco.

Embora se dissesse que ele nunca fora moço, mas somente um pouco mais moço, Tio Venner, na mocidade, fora tido como fraco de ideias. Ele próprio fora culpado disso por nunca desejar o sucesso ambicionado pelos outros homens e só tomar, no intercâmbio da vida, aquela parte humilde e modesta que cabe aos deficientes. Agora, depois de velho, seja porque a experiência o tivesse esclarecido, ou porque o cérebro decadente não pudesse avaliar bem seu próprio discernimento, tinha pretensões a grandes sabedorias. Realmente, gozava desse crédito. Às vezes revelava tendências poéticas. Eram as violetas do seu cérebro que ciavam encanto especial a tudo o que houvera de comum e vulgar na sua vida. Hepzibah tinha consideração por ele, porque seu nome era antigo e sempre fora respeitável. Na Pyncheon Street talvez fosse Tio Venner a existência mais antiga, depois da Casa das Sete Torres e do Olmo Pyncheon.

O patriarca apresentava-se, agora, diante de Hepzibah, vestindo um velho casaco azul de corte moderno, certamente vindo do guarda-roupa de algum estudante elegante. As calças de pano barato eram justas nas pernas e folgadas atrás.

O chapéu não lhe entrava na cabeça. Tio Venner era um pouco de si mesmo e muito dos outros; reunia coisas de épocas diferentes, era um compêndio de tempos e de modas.

— Então a senhora já inaugurou o negócio? — perguntou ele. — Muito bem! Alegro-me em sabê-lo. Os moços nunca deviam viver na ociosidade, nem os velhos, a não ser que o reumatismo tome conta deles. A mim, já está ameaçando! Dentro de dois ou três anos, deixarei os negócios e irei para a fazenda. Fica debaixo daquela casa grande de Tijolos, que muitos chamam asilo. Depois que acabar o trabalho, irei para lá, para preguiçar e me distrair. Estou satisfeito por ver que a senhora já começou o trabalho, Miss Hepzibah!

— Obrigada, Tio Venner — respondeu Hepzibah, sorrindo; sempre fora bondosa para com aquele velho simples e tagarela. Se em vez de um velho fosse uma velha, talvez Hepzibah tivesse repellido a liberdade tomada. — Já é tempo de começar a trabalhar, ou melhor, para falar a verdade comecei quando devia estar acabando.

— Oh! Não diga isso, Miss Hepzibah! — tornou o ancião. — A senhora ainda é moça! Parece-me que não faz muito tempo que a vi, brincando na porta da velha casa, uma menina... Costumava sentar-se na soleira da porta e ficar olhando para a rua, com ar grave. A senhora sempre teve maneiras graves, mesmo quando tinha a altura do meu joelho. E o seu avô, de capa vermelha, peruca branca, chapéu arrebitado e bengala, saindo de casa e subindo a rua! Os velhos de antes da revolução costumavam ter ares grandiosos! Nos meus dias de moço, o homem mais importante da cidade era chamado de rei e sua mulher, não de rainha mas *lady*! Atualmente nenhum homem ousaria dar-se o nome de rei. Se ele se sente um pouco superior às criaturas comuns inclina-se mais para elas. Há dez minutos, encontrei seu primo, o juiz, que me cumprimentou, mesmo estando eu vestido com estas roupas! Cumprimentou e sorriu!

— Sim — disse Hepzibah, num tom repassado de amargura. — Dizem que meu primo Jaffrey tem um sorriso muito agradável.

— É mesmo! — concordou Tio Venner. — Isso, num Pyncheon, é coisa notável; pois, com o seu perdão, Miss Hepzibah, os Pyncheon nunca tiveram fama de serem muito simpáticos. Ninguém se aproximava deles. Se um velho pode ter a audácia de fazer uma pergunta, por que razão o Juiz Pyncheon, que é tão rico, não diz à sua prima que feche a loja? Trabalhar é muito louvável para a senhora, mas o juiz se desacredita, permitindo isso!

— Não falemos disso, por favor, Tio Venner — pediu Hepzibah friamente. — Devo dizer-lhe que, se quis trabalhar, não foi por negligência do juiz. Ele não merece censura — ajuntou ela, lembrando os privilégios de idade de Tio Venner —, se eu decidir, de repente, ir morar com o senhor na sua fazenda.

— Não é mau lugar, a minha fazenda! — retorquiu alegremente o ancião, como se nesse projeto houvesse algo delicioso. — Não é mau lugar a grande casa de tijolos, principalmente para os que, como eu, lá irão encontrar grande número de velhos camaradas. Quase desejo estar entre eles, nas longas tardes de inverno. É aborrecido, para um velho como eu, ficar perambulando, sem outra companhia que a do seu fogão. Verão ou inverno, há muito o que se dizer em favor de minha fazenda! No outono, que pode haver de mais agradável do que ficar o dia inteiro perto do celeiro ou duma pilha de lenha, a conversar com alguém quase tão velho quanto a gente! Ou então desperdiçar o tempo com algum simplório que saiba mandriar, mesmo porque os nossos ocupados ianques nunca souberam como utilizá-lo! Palavra de honra, Miss Hepzibah, nunca fui tão feliz quanto pretendo ser na minha fazenda, que alguns chamam de asilo. Mas a senhora ainda é moça e nunca precisará ir para lá! Alguma coisa boa lhe acontecerá, tenho certeza.

Hepzibah achou que havia algo extraordinário no aspecto e no tom do venerável amigo. Fixou então o seu rosto com interesse, procurando descobrir que secreta significação estaria nele escondida. Pessoas cujos negócios atingiram uma crise muito desesperada geralmente se mantêm de esperanças tanto mais magnificentes quanto menor o coeficiente de elementos sólidos de que podem lançar mão. Enquanto Hepzibah alimentava e aperfeiçoava o seu plano de abrir uma loja, acariciava sempre a ideia de que alguma mudança inesperada da fortuna a favorecesse. Um tio, que há cinquenta anos embarcara para a Índia e de quem nunca mais ouvira falar, podia voltar, adotá-la para conforto de sua velhice, adorná-la com pérolas, diamantes, xales orientais e turbantes, fazendo-a herdeira de riquezas incontáveis! O membro do Parlamento, atual chefe do ramo inglês da família, de que pouco se soubera nos dois últimos séculos, podia convidar Hepzibah a deixar as Sete Torres, para habitar com seus parentes em Pyncheon Hall. Por razões imperativas, porém, ela não poderia aceitar seu convite. Era mais provável que os descendentes de um Pyncheon que emigrara para a Virgínia e aí se tornara grande plantador, ao ouvir falar da pobreza de Hepzibah, lhe remetessem mil dólares, com a promessa de renová-los anualmente, ou, enfim, a pretensão ao condado de Waldo talvez se decidisse em favor dos Pyncheon. Nesse caso, em vez de manter uma lojinha, Hepzibah construiria um palácio, de cuja torre descortinaria as colinas, o vale, a floresta, o campo e a cidade, e tudo o que constituía seu quinhão no território ancestral.

Com essas fantasias, muito sonhara. Ajudada por elas, a casual tentativa de encorajamento de Tio Venner acendeu uma glória festiva nas câmaras pobres, nuas e melancólicas do seu cérebro, como se o seu mundo interior fosse subitamente iluminado a gás Ele, porém, ou nada sabia de seus castelos no ar ou a última careta de Hepzibah perturbou-o, como teria perturbado a qualquer outro homem. Em vez de prosseguir no mesmo assunto, Tio Venner preferiu dar a Hepzibah alguns conselhos sobre a capacidade de manter uma boa loja.

— Não venda fiado! Não aceite papel-moeda! Examine o troco! Jogue as moedas no mármore para ver se são verdadeiras! Não aceite moedas inglesas de meio pêni das que há muitas na cidade! Nas horas de lazer, tricote meias e luvas para crianças! Prepare o fermento e faça a sua cerveja!

Tais foram as suas máximas.

Enquanto Hepzibah se esforçava por engolir aquelas pílulas da sua experiência, Tio Venner chegou ao que considerava o aviso final e mais importante: — Faça cara alegre para os fregueses e sorria ao lhes entregar a mercadoria. Um artigo velho apresentado com amabilidade terá mais saída do que um novo vendido com caretas!

O último conselho foi recebido por Hepzibah com um suspiro tão profundo e pesado que soprou Tio Venner, como folha morta ao vento outonal. Tomando pé novamente, ele curvou-se para diante e, chegando mais perto dela, perguntou: — Quando espera a senhora a volta dele?

— A quem se refere? — perguntou ela, empalidecendo.

— Ah! A senhora não gosta de falar nisso! — tornou Tio Venner. — Bem, bem, não direi mais nada. Mas ouvi um rumor pela cidade... eu me lembro dele, Miss Hepzibah, antes mesmo que aprendesse a andar!

Durante o resto do dia, Hepzibah esteve mais atrapalhada na loja do que antes. Parecia estar andando em sonho. A vida e a realidade de suas emoções tornavam todas as circunstâncias imateriais como fantasmas de um cochilo semiconsciente. Respondia mecanicamente às chamadas da campainha e aos pedidos dos fregueses, esquadrinhando a loja com olhos vagos, trazendo uma coisa após outra, e deixando de lado, perversamente, pensavam eles, o artigo reclamado. Há sempre uma enorme confusão quando o espírito foge do momento presente, seja para o passado, seja para o mais longínquo futuro, tornando-se o corpo guia de si próprio. E como a morte sem o privilégio da sua tranquilidade. É a libertação das preocupações materiais. Confusão maior deveria ser a dessa senhora cujos deveres atuais estavam compreendidos em tão minuciosos detalhes. Como se fosse maldade do destino, houve grande afluência de fregueses durante a tarde. Hepzibah se agitava de lá para cá, na pequena loja, cometendo os erros mais inacreditáveis. Dava doze ou sete velas de sebo em vez de dez. Vendia gengibre por rapé escocês, alfinetes por agulhas e agulhas por alfinetes. Errava os cálculos dos trocos, algumas vezes em detrimento do público e muitas no seu próprio. Embora fizesse o possível para recuperar o prejuízo, ao fim do dia de trabalho, para seu inexplicável espanto, encontrou a gaveta do dinheiro quase vazia. De todo o exaustivo comércio, o produto era talvez meia dúzia de moedas de cobre e uma de nove pence duvidosa e que logo provou ser também de cobre.

A esse preço ou a qualquer outro, ela constatou que o dia chegara ao fim. Nunca imaginara que tão intolerável espaço de tempo se arrastasse entre o crepúsculo e a alvorada e que fosse tão tedioso nada ter que fazer. O melhor seria deitar-se logo resignada, deixar que a vida, com suas fadigas e contrariedades, maltratasse seu corpo prostrado. A última transação foi realizada com o pequeno devorador do Jim Crow, que agora se propunha comer um camelo. Na confusão, dera-lhe, primeiro, um dragão de madeira e, depois, um punhado de bolas de gude. Como nenhum dos dois referidos artigos se adaptasse ao seu apetite, ela entregou-lhe precipitadamente todo o estoque zoológico de pão de gengibre e pôs o pequeno freguês para fora da loja. Depois enrolou a campainha num pé de meia por terminar e colocou a trave de carvalho na porta.

Nesse ínterim, um carro parou sob os galhos do olmo. O coração de Hepzibah tinha subido à boca. Remota e sombria era a região do passado, de onde o seu único hóspede podia ser esperado. Encontrá-lo-ia agora?

Alguém se encaminhava de dentro do veículo para a saída. Logo apareceu um cavaleiro, mas somente para oferecer a mão a uma mocinha. Sem se valer de sua assistência, ela desceu ligeira os degraus, dando um pulo rápido do último para a calçada; e, recompensando o cavaleiro com um sorriso, cujo brilho jovial se refletia na sua própria face ao voltar para o veículo, a moça dirigiu-se para a Casa das Sete Torres. O cocheiro já havia carregado uma maleta e uma caixa de papelão para o antigo pórtico onde, depois de um golpe seco com a velha aldraba de ferro, deixou a passageira e sua bagagem.

"Quem será?", pensou Hepzibah, que estivera fixando ao máximo seus órgãos visuais. "A menina deve ter-se enganado de casa!"

Deslizou suavemente para o vestíbulo e, ainda invisível, espiou pelas empoeiradas grades do portal a face moça, jovial e florescente que procurava ser admitida na escura e velha mansão. Para aquele rosto qualquer porta se abriria sozinha.

Aquela mocinha louçã, sem convenções, submissa ainda às regras comuns, estava abertamente em contraste com tudo o que a rodeava naquele momento. A luxúria sórdida e feia das gigantescas heras que cresciam no ângulo da casa, a pesada projeção que lançava sombra sobre o andar térreo, o carcomido portal, nenhuma daquelas coisas pertencia à sua esfera. Porém, como o raio de sol que ao incidir sobre um lugar tristonho logo cria uma atmosfera própria para si, assim a presença da moça pareceu também natural. A porta devia, evidentemente, abrir-se de par em par para lhe dar passagem. A própria solteirona, austeramente inospitaleira nos primeiros propósitos, logo sentiu o impulso de girar a chave enferrujada na fechadura relutante.

"Será Phoebe?", perguntou a si mesma. "Deve ser ela mesma! Parece-se com o pai! Que quererá? Como procura assim uma pobre criatura, sem avisar e sem perguntar se será recebida com prazer? Com certeza dormirá aqui esta noite e partirá amanhã!"

Phoebe era a pequena descendente dos Pyncheon numa zona rural da Nova Inglaterra, onde os velhos costumes e os sentimentos de parentesco ainda são mantidos. No seu círculo era considerado impróprio que se visitasse um parente sem convite ou cerimonioso aviso prévio. Em consideração ao recluso modo de vida de Miss Hepzibah, uma carta tinha sido escrita, mas como o carteiro não tinha outra missiva para a Pyncheon Street, a mensagem de Phoebe continuava ainda no seu bolso.

"Ela só poderá ficar por uma noite", pensou Hepzibah, desferrolhando a porta. "Se Clifford a encontrasse aqui, isso talvez o aborresse!"

5

Maio e novembro

Na noite da chegada, Phoebe Pyncheon dormiu num quarto voltado para o jardim da velha casa. Dava para leste e à hora muito propícia um raio de luz avermelhado entrava pela janela, colorindo o teto sujo e as paredes desbotadas. A cama de Phoebe era circundada por cortinados de fazenda espessa, talvez bonita quando nova, pendentes de um dossel de madeira escura. Vedavam as cortinas de tal modo a luz, que naquela parte do quarto ainda era noite, enquanto em outros lugares o dia já começara. Um raio de claridade, contudo, insinuou-se através das cortinas fanadas, descobrindo a nova dona do leito. O frescor das faces da moça era semelhante ao da madrugada. Um ligeiro movimento de despertar movia os seus membros, como folhagem agitada pela brisa. A alvorada beijou o seu rosto, numa carícia de donzela a uma irmã adormecida. Esse gesto vinha do irresistível impulso de simpatia e convidava Phoebe a descerrar as pálpebras.

Ao contato suave dos lábios de luz, Phoebe despertou sem reconhecer imediatamente o lugar em que se encontrava. Nada sabia, senão que era madrugada e que devia levantar-se e rezar. O aspecto do quarto, a mobília antiga, as cadeiras altas e tesas, uma das quais se achava colocada próxima do leito, como se estranha personagem aí tivesse passado a noite a observar a pessoa adormecida, tudo inclinava Phoebe a rezar. Já quase pronta, olhou pela janela e viu uma roseira coberta de lindas rosas brancas. Muitas dessas flores tinham manchas no miolo, mas, vistas de longe, pareciam ter sido transplantadas do Éden naquele verão. Tinham sido plantadas por Alice Pyncheon, tia de Phoebe em quarto grau, num solo que já era canteiro há mais de duzentos anos, e estava agora em plena decadência. Embora crescendo em terreno tão velho, as flores ainda exalavam fresco e suave incenso, e o seu perfume não se mancharia ao se misturar com o hálito moço de Phoebe. Descendo a escada sem tapete encaminhou-se para o jardim, colhendo algumas rosas, voltando depois para o quarto.

A pequena Phoebe era dessas pessoas possuidoras de um dom natural para os arranjos práticos, uma espécie de magia que faz com que os favorecidos descubram as capacidades ocultas das coisas que os rodeiam. Dão uma aparência de conforto a qualquer lugar onde habitam, ainda que por pouco tempo. Uma cabana levantada por desbravadores de caminhos, no meio de uma floresta virgem, teria o aspecto de um lar se abrigasse, mesmo que fosse por uma noite só, tal mulher, e reteria esse ar doméstico

muito tempo depois de ter ela partido. Seria preciso muita arte para remodelar aquele quarto triste e sombrio em que estava Phoebe. Há muito desocupado, somente habitado por aranhas, ratos, camundongos e fantasmas, a sua desolação fazia desaparecer os traços das horas felizes que aí se haviam passado. Qual foi exatamente o processo usado por Phoebe não se pode dizer. Parecia não ter desígnio prévio, mas deu um toque aqui, outro ali, pôs alguns objetos mais à vista, escondeu outros, suspendeu ou abaixou uma cortina, e ao fim de meia hora conseguira dar aspecto mais hospitaleiro ao cômodo. Ate então, aquele quarto se assemelhara muito ao coração de Hepzibah. Ambos careciam de luz solar e do fogo das lareiras e por muitos anos nenhum hóspede neles se agasalhara.

Outra peculiaridade ressaltava imediatamente ao observador de delicada intuição. Aquele cômodo tinha uma experiência muito vasta como cenário da vida. Ali se derramara a alegria das noites nupciais. Novos descendentes ali tinham respirado pela primeira vez e anciãos soltado o último alento. Fosse, porém, pelo ramo de rosas ou por qualquer outra influência sutil, logo se percebia ser agora o quarto de uma donzela, cujo hálito fresco e bons pensamentos tinham expulsado as trevas, as desgraças e as tristezas.

Depois de arranjar tudo a seu gosto, Phoebe saiu do quarto com o propósito de voltar ao jardim. Notara grande número de florinhas miúdas crescendo negligentemente perto das roseiras, impedindo o desenvolvimento umas das outras, como muitas vezes acontece na sociedade humana, com o seu emaranhado e confusão. No topo da escada, porém, encontrou Hepzibah, que, por ser ainda cedo, convidou-a a entrar num cômodo que certamente chamaria de seu *boudoir*.

Livros velhos, uma cesta de trabalho e uma escrivaninha empoeirada guarneciam a sala. Ao lado havia um móvel de aparência estranha que Hepzibah disse ser um cravo. Assemelhava-se mais a um caixão mortuário e, como não era aberto há muito tempo, provavelmente muita música morrera sufocada pela falta de ar. Dedos humanos nunca mais o haviam tocado desde a morte de Alice Pyncheon, que aperfeiçoara os estudos na Europa.

Fazendo sentar a jovem hóspede e tomando assento junto dela, Hepzibah fixou profundamente a figura de Phoebe, como querendo descobrir seus intuitos.

— Prima Phoebe — disse por fim. — Não sei como mantê-la aqui comigo!

Estas palavras, no entanto, não tinham a franqueza inospitaleira que pode parecer ao leitor, pois as duas parentas, numa prosa na véspera antes de dormir, já tinham chegado a certo ponto de mútua compreensão. Hepzibah conhecia o motivo — O segundo casamento de sua mãe — que obrigava Phoebe a procurar agasalho em outro lar. Compreendia muito bem o caráter da moça e a atividade característica das mulheres da Nova Inglaterra, que a impelira a prosseguir, para tentar fortuna, com o propósito de dar em troca tanto benefício quanto recebesse. Sendo Hepzibah uma das parentas mais próximas, tinha recorrido a ela, sem forçar a sua proteção, como para uma visita de uma ou duas semanas, que poderiam se estender indefinidamente, caso isso agradasse a ambas.

Phoebe respondeu com franqueza e carinho à brusca observação de Hepzibah.

— Cara prima, nada posso prever, mas suponho que nos daremos melhor do que a senhora está pensando!

— Você é boa menina, bem o sei, e não é sobre este ponto que hesito — continuou Hepzibah. — Minha casa é o lugar mais triste que pode haver para uma moça morar. No inverno, o vento, a chuva e a neve entram no sótão e nos quartos de cima onde nunca penetra o sol. Quanto a mim, veja como sou, uma velha tristonha e solitária, cujo temperamento não é dos melhores e cujo ânimo é o pior possível! Não posso tornar sua vida agradável, prima Phoebe, nem lhe posso dar de comer.

— Verá que sou alegre — tornou Phoebe sorrindo, com dignidade gentil e bondosa —, e pretendo trabalhar pelo meu pão. Não fui educada como uma Pyncheon e sim como alguém que aprendeu muita coisa numa aldeia da Nova Inglaterra.

— Ah, Phoebe, de pouco lhe adiantarão esses conhecimentos aqui! É loucura desperdiçar sua mocidade num lugar como este! Dentro de um ou dois meses terá perdido as suas belas cores! Veja o meu rosto! — em verdade o contraste era muito forte! —, veja como sou pálida! Acho que a poeira e o contínuo esboroamento dessas velhas casas não são bons para os pulmões!

— Há o jardim e as flores para cuidar! — observou Phoebe. — Continuarei saudável pelo exercício ao ar livre!

— Além do mais — disse Hepzibah levantando-se como que para pôr fim ao assunto, não sou eu quem decide se você pode ou não ficar aqui. O dono da Mansão Pyncheon vai chegar.

— Refere-se ao Juiz Pyncheon? — perguntou Phoebe surpresa.

— Juiz Pyncheon — disse a solteirona com azedume. — Enquanto for viva, não atravessará a soleira desta porta! Não, não. Mostrarei a você o retrato da pessoa a quem me refiro.

Tomou, então, a miniatura já descrita e entregou-a nas mãos de Phoebe. Depois, pôs-se a olhar para a moça, um tanto ciumenta da emoção que o retrato lhe causava.

— Gosta desse rosto?

— É bonito, muito bonito! — opinou Phoebe. É tão suave quanto pode ou deve ser um rosto de homem. Tem uma expressão de criança, sem ser infantil! Todos seriam bons para ele. Nunca deveria sofrer. Muito suportaria para livrá-lo das fadigas e das tristezas do mundo. Quem é ele, prima Hepzibah?

— Nunca ouviu falar de Clifford Pyncheon? — disse Hepzibah, inclinando-se para ela.

— Pensei que não houvesse outros Pyncheon além da senhora e do primo Jaffrey. Mas me parece ter ouvido o nome de Clifford Pyncheon! Sim, talvez papai ou mamãe me tivessem falado dele. Não está morto?

— Bem, bem, minha filha, talvez já tenha morrido, porém numa casa como esta os mortos são bem capazes de voltar. E, prima Phoebe, uma vez que mostra coragem

mesmo depois de tudo o que lhe disse, não partirá tão cedo. Seja bem-vinda, minha filha, à casa que esta parenta lhe pode oferecer.

Com essa proposta de hospitalidade, não exatamente fria, mas comedida, Hepzibah beijou a face da jovem prima.

Depois desceram e Phoebe tomou a parte mais ativa no preparo do café, não assumindo a direção do serviço, mas atraindo-a para si pelo magnetismo de uma adaptação inata. A dona da casa, como acontece com pessoas de sua classe austera e rígida, esteve quase de lado, querendo emprestar seu concurso, mas consciente de que sua inaptidão natural impediria o serviço. Assim como o fogo que fervia a chaleira, Phoebe era igualmente brilhante, jovial e eficiente. Hepzibah espiava da sua habitual preguiça, resultado da longa solidão, como de outra esfera. Não podia deixar de se interessar e mesmo se divertir com a presteza com que a nova inquilina se adaptava às circunstâncias e fazia com que a casa e todos os enferrujados acessórios se amoldassem aos seus propósitos. Tudo o que fazia era realizado sem esforço e acompanhado por cantigas agradáveis. Essa harmonia natural assemelhava Phoebe a um pássaro numa árvore copada e clava a ideia de que a vida gorjeava no seu coração como um regato numa gruta. Isso denunciava um temperamento ativo, que sentia prazer na atividade. Era uma característica da Nova Inglaterra, o austero e antigo estofo do puritanismo entremeado por um fio de ouro.

Hepzibah trouxe as velhas colheres de prata com o brasão da família e um aparelho de chá em porcelana pintado com figuras de homens, pássaros e animais numa paisagem grotesca. Eram figuras extravagantes, num mundo próprio, um mundo de brilho tão vívido quanto permitiam as cores ainda perfeitas, embora o bule e as xícaras fossem tão velhos quanto o hábito de se tomar chá.

— Sua tataravó trouxe estas xícaras, quando se casou — explicou Hepzibah. — Eram de uma família muito boa de Davenport. Foram as primeiras xícaras de chá da colônia e, se uma delas se quebrasse, meu coração também se despedaçaria. Mas é bobagem estar falando assim de uma frágil xícara de chá quando me lembro por que passou meu coração sem se despedaçar.

Como não eram usadas desde a mocidade de Hepzibah, as xícaras tinham adquirido grossa camada de pó, que Phoebe lavou com cuidado e delicadeza que teriam agradado mesmo à dona dessa porcelana inestimável.

— Que boa dona de casa é você! — comentou a solteirona, sorrindo, e, ao mesmo tempo, franzindo os olhos de modo que parecia um raio de sol debaixo de uma nuvem de trovoada. — Tudo quanto você faz é assim? É tão boa em escrita quanto na lavagem da louça?

— Nem tanto — disse Phoebe rindo. — Mas fui professora das crianças do nosso distrito no verão passado e ainda deveria sê-lo.

— Ah! Está bem — observou a solteirona, levantando-se. — Isso certamente provém do sangue de sua mãe. Nunca soube que os Pyncheon tivessem essa inclinação!

Embora pareça estranho, as pessoas geralmente são tão orgulhosas das suas deficiências como de suas qualidades. Assim era Hepzibah quanto a essa natural incapacidade dos Pyncheon para qualquer empresa útil. Aliás, ela a considerava um traço hereditário. Assim talvez o fosse, mas era inegavelmente mórbido, como geralmente acontece nas famílias que se julgam superiores à sociedade. Estavam ainda à mesa, quando a campainha da loja retiniu fortemente. Hepzibah abandonou o resto do chá com um olhar de lívido desespero, que dava pena contemplar. As ocupações desagradáveis tornam-se piores no segundo dia do que na estreia. Volta-se ao suplício com as feridas da tortura precedente. Hepzibah já se convencera da impossibilidade de se acostumar com a rabugenta campainha. Tantas vezes badalasse, tantas vezes abalaria seu sistema nervoso. Agora especialmente, quando as colheres com brasão e a porcelana antiga lhe davam ideias de nobreza, sentia-se absolutamente incapaz de enfrentar um freguês.

— Não se incomode, prima! — disse Phoebe, levantando-se ligeira. — Tomo conta da loja, hoje!

— Ora, filha — exclamou Hepzibah —, o que entenderia de lojas uma mocinha do campo?

— Era eu quem fazia as compras para a família na loja da vila — contou Phoebe. — Tive uma barraca numa quermesse e vendi mais do que todos. Essas coisas não se aprendem. Dependem de um jeito que talvez provenha do sangue materno. Verá que sou tão boa vendedora quanto dona de casa!

A velha dama deixou-se ficar atrás de Phoebe, para espiar do corredor como se sairia ela da empreitada. O caso era um tanto complicado. Uma velha vestida de branco e mantilha verde, colar de contas douradas no pescoço e uma coisa que parecia barrete de dormir na cabeça, trouxera uma quantidade de fio para permutar por gêneros. Era, provavelmente a última pessoa da cidade que ainda mantinha a troca em uso. Valia a pena ouvir o contraste entre os sons dissonantes e cavos da velha e a voz agradável de Phoebe, na mistura da prosa. Contraste maior ainda era o das duas figuras, uma tão luminosa e primaveril, outra decrépita e sombria, separadas pelo balcão em relação ao espaço, e por três vintenas de anos em relação ao tempo. Era a astúcia e o artifício, contra a verdade e a sagacidade.

— Não foi bem feito? — perguntou Phoebe rindo, depois de a freguesa ter partido.

— Muito bem feito na verdade, minha filha! — exclamou Hepzibah. — Não teria agido tão bem. Como você afirmou, deve ter qualquer queda especial, vinda do sangue materno!

É com verdadeira admiração que as pessoas tímidas e desastradas demais para ocupar seu lugar neste alvoreçado mundo olham o ator consumado nas cenas agitadas da vida, mas, para agradar ao amor-próprio, consideram essas qualidades ativas e enérgicas incompatíveis com outras, que elas colocam em primeiro plano. Hepzibah estava satisfeita por constatar os vastos e superiores dons de Phoebe, como vendedora.

Ouviu suas sugestões para incrementar o comércio e torná-lo rendoso, sem maior desembolso de capital. Concordou que a moça fabricasse fermento, tanto líquido como em bolos, e fizesse cerveja de paladar muito agradável e de raras virtudes estomacais. Podia cozinhar e pôr à venda pequenos bolinhos que seriam gulosamente repetidos por todos quantos os provassem. Todas essas demonstrações de rápido raciocínio e trabalho hábil foram muito bem recebidas pela aristocrática vendeira, porém ela continuava a murmurar para si mesma com um sorriso desbotado e um sentimento misto de admiração, piedade e afeto: "Que criaturinha bonita ela é! Se pudesse ser ao mesmo tempo uma *lady*... Mas é impossível! Phoebe não é Pyncheon. Herdou tudo da mãe".

Quanto a Phoebe não ser uma *lady*, embora a decisão fosse difícil, tal questão nunca viria à baila num cérebro equilibrado e razoável. Fora da Nova Inglaterra seria fácil encontrar pessoa que combinasse tantos atributos senhores com tantos outros que não formam parte necessária do caráter. Possuía um controle admirável e jamais discordava das circunstâncias ambientes. Seu aspecto, quase infantil, de mobilidade tão fácil que o movimento lhe era preferível ao repouso, não coincidiria com a ideia que se faz de uma condessa. Nem mesmo seu rosto, com os cachinhos de cada lado, o nariz ligeiramente mordaz, sua mocidade, a tez de um moreno claro, a dúzia e meia de sardas, amargas lembranças do sol de abril e da brisa, nos dão o direito de considerá-la bonita. Havia brilho e profundidade nos seus olhos. Era interessante, graciosa como um pássaro. Sua presença na casa era tão agradável como um brilho de sol caindo sobre o chão através da sombra de folhas balouçantes, ou como o revérbero da luz da lareira dançando na parede enquanto a tarde se transforma em noite. Em vez de discutir seu direito de enfileirar-se entre as *ladies*, seria preferível considerar Phoebe como o exemplo da graça e da eficácia feminina reunidas, num estado de sociedade, se é possível haver tal, onde não existam *ladies*. Era dever feminino ocupar-se dos negócios práticos, mesmo o trabalho caseiro de lavar caçarolas, iluminando-as com uma atmosfera de beleza e alegria.

Essa era a esfera de Phoebe. Para se achar a educada *lady* de nascimento, bastava olhar para Hepzibah, nossa pobre solteirona, nas suas sedas fanadas e farfalhantes, com a ridícula satisfação da longa ascendência e a pretensão obstinada ao território de leste e a agradável lembrança de ter tocado cravo, dançado minueto e trabalhado em tapeçaria antiga. Era um interessante paralelo entre o novo plebeísmo e a velha nobreza.

Enquanto Phoebe andava para lá e para cá no interior da casa, o arruinado aspecto das Sete Torres deixava transparecer uma brilhante alegria através de suas janelas. Isso explicaria a razão de ter a vizinhança logo percebido a presença da moça.

Das dez horas até meio-dia, houve grande clientela. Na hora da refeição, diminuiu a concorrência para se intensificar novamente à tarde, terminando meia hora antes de se esconder o sol. O mais constante freguês era o pequeno Ned Higgins, o devorador do Jim Crow e do elefante e que hoje alimentara o seu formidável apetite engolindo dois dromedários e uma locomotiva. Phoebe riu, enquanto somava na ardósia o conjunto de

suas vendas, e Hepzibah, de mãos enluvadas, contava o sórdido montinho de moedas que haviam caído na gaveta.

— Temos de renovar nosso estoque, prima Hepzibah. Vendemos todos os bonecos de pão de gengibre, todas as ordenhadeiras holandesas de madeira e muitos dos brinquedos. Houve pedidos de uvas, apitos, trombetas e harpas judias. Uma dúzia de meninos quis comprar rapadura. Precisamos conseguir também maçãs, embora já esteja a safra no fim.

— Mas, cara prima, que quantidade de cobre! Quase uma montanha de cobre!

Tio Venner, que, no decorrer do dia, entrara e saíra muitas vezes da loja, comentou:

— Muito bem, muito bem! Esta menina poderia ficar eternamente na minha fazenda! Valha-me Deus, que criaturinha ativa!

— Sim, Phoebe é uma boa menina — aprovou Hepzibah. — Mas, Tio Venner, o senhor, que conhece a família há tanto tempo, pode me dizer com que Pyncheon se parece ela?

— Não, não conheci nenhum com quem ela se assemelhe — respondeu o ancião. — Conheço bem o mundo. Observei-o, não só nas cozinhas e quintais, como também nos portos, nas esquinas e em outros lugares aonde me leva o serviço. Posso dizer, Miss Hepzibah, que nunca criatura humana desempenhou seus afazeres de maneira tão angelical como esta menina!

O elogio de Tio Venner, talvez muito alto para a pessoa e a ocasião, tinha no entanto um sentido sutil e verdadeiro. Havia uma qualidade espiritual na atividade de Phoebe. A labuta daquele dia, longo e trabalhoso, gasto em ocupações que lhe dariam sem dúvida um aspecto esquelético e feio, se tornara agradável e até bela, pela graça espontânea com que eram executadas. O trabalho em que ela se ocupasse teria sempre o encanto de um brinquedo. Como os anjos, Phoebe não se cansava; seus movimentos expandiam-se sem esforço.

As duas parentas a mocinha e a velha, antes do crepúsculo, nos intervalos do serviço, firmaram mais a mútua afeição e confiança. Uma reclusa, como Hepzibah, quando em contato com uma pessoa, é, geralmente, de uma fraqueza notável e pelo menos de temporária afabilidade; e, como o anjo que lutou com Jacó, está pronta a abençoar ao se sentir vencida.

A velha dama sentia tristeza e ao mesmo tempo orgulhosa satisfação em levar Phoebe pelos quartos da casa, relatando-lhe as suas tradições. Mostrou-lhe as mossas feitas pela espada do vice-governador nas almofadas da porta da sala em que o velho Coronel Pyncheon, o anfitrião morto recebera os seus medrosos visitantes. O obscuro terror da expressão do defunto, observou Hepzibah, ainda parecia pairar pelos corredores. Depois pediu a Phoebe que subisse numa cadeira para examinar o antigo mapa do território que reclamava como seu. No lugar em que ela apoiava o dedo, havia uma mina de prata cuja localização exata era indicada numa nota feita pelo próprio coronel, e que só seria divulgada quando a pretensão da família fosse reconhecida pelo

governo. Daí ser de interesse geral que se fizesse justiça aos Pyncheon. Mencionou ainda a possível existência de imenso tesouro, escondido em algum lugar da casa, na adega ou talvez no jardim.

— Se por acaso você o encontrar, Phoebe, podemos silenciar a campainha para sempre — disse Hepzibah, olhando para ela com um sorriso desconcertado.

— Sim, minha prima, mas agora alguém está batendo — falou Phoebe.

Quando o freguês foi embora, Hepzibah falou minuciosamente sobre uma certa Alice Pyncheon, que fora muito linda durante o tempo em que vivera, isso há mais de cem anos. A sua agradável e deliciosa personalidade ainda permanecia nos lugares em que vivera, como uma rosa seca perfuma a gaveta em que murchou. Essa encantadora Alice enfrentara grandes e misteriosas calamidades, emagrecera, empalidecera e aos poucos se consumira. Até agora, porém, dizia-se que ela vagava pela Casa das Sete Torres e, na véspera da morte de algum Pyncheon, era ouvida a tocar uma melodia muito triste no cravo. Essa melodia fora composta por um aficionado de música e só podia ser entendida por quem tivesse uma grande mágoa.

— Naquele cravo que a senhora me mostrou? — perguntou Phoebe.

— Sim, naquele mesmo. É o cravo de Alice Pyncheon. Quando eu estava aprendendo música, meu pai nunca me deixou abri-lo e, como só tocasse no instrumento do professor, logo esqueci e perdi a prática.

Deixando esses assuntos antigos, a solteirona contou a Phoebe da existência do daguerreotipista, a quem, por ser rapaz tranquilo e bem-educado, dera permissão para morar numa das sete torres. Ao travar maior conhecimento com o inquilino, ficou sem saber o que fazer com ele. Tinha os companheiros mais estranhos possíveis, homens de barba comprida, vestidos de blusão de linho e indumentárias esquisitas. Reformadores, pregadores, e toda sorte de filantropos esquerdistas, comunistas, arrivistas, que não conheciam leis nem comiam substâncias sólidas, vivendo do cheiro da comida dos outros e torcendo o nariz para os manjares. Quanto ao daguerreotipista, lera outro dia num folhetim que ele fizera violento discurso sobre doutrinas dissolventes e selvagens, numa reunião dos seus companheiros. Tinha razões para crer que ele praticasse magnetismo e estudasse magia negra no seu quarto solitário.

— Mas, cara prima — disse Phoebe —, se o rapaz é tão perigoso, por que o deixa ficar aqui? Pode pôr fogo na casa, se não fizer pior.

— Sim, tenho estado pensando se devo ou não mandá-lo embora — respondeu Hepzibah. — Mas, com todas as suas extravagâncias, é pessoa sossegada e tem tal poder de atrair a nossa simpatia que, sem gostar exatamente dele, lamentaria perdê-lo de vista. Uma pessoa tão solitária como eu se apega às amizades mais superficiais.

— Mas, se Mr. Holgrave é um homem sem lei! — objetou Phoebe, cujo espírito era manter tudo nos limites da lei.

Oh! — disse Hepzibah, que, embora formal, já se tinha insurgido também contra as leis humanas — talvez ele tenha alguma lei própria.

6

A Fonte Maule

Depois do chá, a pequena camponesa dirigiu-se ao jardim, outrora extenso, mas agora delimitado por altas cercas de madeira e por casas erguidas na outra rua. Um tabuleiro de relva circundava pequena construção em ruínas que ainda conservava traços do desenho original, deixando perceber ter sido um caramanchão. Uma haste de lúpulo, brotando novamente da raiz velha, começava a trepar pelos varões e breve cobriria o teto do caramanchão com seu manto verde. Três torres olhavam, com aspecto tristonho, para o jardim.

O negro e rico solo se alimentara com a decomposição de folhas caídas, pétalas de flores, talos e resíduos de plantas vagabundas e sem classificação, mais úteis depois de mortas do que em vida. Certamente a calamidade dos anos já passados brotaria de novo no joio, símbolo dos vícios hereditários da sociedade, sempre propenso a se enraizar nas habitações humanas. Contudo, Phoebe notou que o seu crescimento fora moderado por trabalho carinhoso, dispensado diária e sistematicamente ao jardim. A moita de rosas brancas, que tinha sido recentemente apoiada contra a casa, depois do começo da estação; e uma pereira e três ameixeiras, além de arbustos de groselhas, constituíam a única variedade de frutas, mostravam vestígios de poda recente. Havia também alguns espécimes de flores antigas e hereditárias, não muito florescentes, mas escrupulosamente tratadas, como se alguma pessoa, por amor ou curiosidade, estivesse ansiosa por aperfeiçoá-los o mais possível. Além disso, notava-se seletivo sortimento de vegetais suculentos em louvável estado de progresso. Abóboras de flores douradas, pepinos que tendiam a transpor as estacas de madeira e a se expandir largamente, fileiras de vagens e tomates, ocupavam lugar tão privilegiado que os vegetais gigantescos prometiam abundante colheita.

Phoebe imaginava quem teria o cuidado de semear essas plantas e trazer o solo tão limpo. Certamente não seria sua prima Hepzibah, que não tinha jeito nem gosto para a nobre ocupação de cultivar flores. Com seus hábitos de reclusão, dificilmente teria a solteirona saído ao ar livre para carpir e cavar a terra, em fraternidade com as favas e abóboras.

Sendo esse o primeiro dia em que se afastava da vida rural, Phoebe achou inesperado encanto nesse pequeno tapete de relva e folhagem, flores aristocráticas e

vegetais plebeus. O próprio céu olhava o jardim com sorridente satisfação, como se estivesse contente por ver que a natureza fora capaz de reter espaço vital ali, enquanto a cultura era toda encaminhada para fora da cidade poeirenta. Um ninho de pardais, escondido no escuro e intrincado dos ramos da pereira, dava ao local uma graça tranquila. Abelhas zumbiam, possivelmente vindas das colmeias de alguma fazenda, a milhas de distância. Quantas viagens aéreas não teriam elas feito, entre a aurora e o crepúsculo, à procura de mel! Embora fosse tarde, ainda se ouvia agradável zunzum, vindo das flores de abóboras, onde, provavelmente, estariam as abelhas executando o seu trabalho dourado. Destacava-se ainda outra particularidade no jardim, representada por uma fonte rodeada de pedrinhas limosas e pavimentada com uma espécie de mosaico em seixos coloridos. O jogo e a ligeira agitação da água no seu jorro faziam desenhos mágicos com os seixos, formando figuras extravagantes que, por desaparecerem rapidamente, não se podiam definir. Transbordando ila borda de pedrinhas, a água passava por debaixo da cerca por uma série de calhas.

Devemos ainda mencionar um velho galinheiro situado num ponto afastado do jardim, não muito distante da fonte. Somente o chanteclair, suas duas mulheres e um frango solitário ali se agasalhavam. Eram todos puros espécimes de uma raça que se transmitia como herança da família Pyncheon. Tinham fama de terem já atingido quase o tamanho de um peru e darem carne digna de mesa de príncipe. Como prova da autenticidade do seu nome legendário, Hepzibah podia ter exibido a casca de um ovo que não envergonharia uma avestruz. No entanto, as galinhas não eram maiores do que pombos. Possuíam um aspecto extravagante, movimentos reumáticos e um tom melancólico e sonolento no seu cacarejo. Era evidente que a raça se degenerara, como muitas outras raças nobres, pela escassez de cuidados para mantê-la pura. Essa gente penugenta existira por muito tempo na sua variedade distinta, e os representantes atuais pareciam estar disso cientes, a julgar pela sua lúgubre conduta. Mantinham-se vivos, de quando em quando punham um ovo e chocavam um pintinho, não por prazer, mas para que o mundo não perdesse tão admirável raça de aves. As galinhas se distinguiam por um crescimento lamentavelmente escasso da crista, tão maldosamente parecida com o turbante de Hepzibah, que Phoebe era levada, mesmo a contragosto, a descobrir semelhança entre os bípedes e a respeitável parenta.

Trazendo do interior da casa migalhas de pão, batatas fritas e outros restos próprios para a alimentação de aves, Phoebe deu um chamado peculiar que elas pareceram reconhecer. O frango escapou pelas estacas do galinheiro, correndo para os pés da moça, enquanto o galo e as duas galinhas olhavam-na longa e estranhamente, cacarejando, como para comunicarem suas opiniões sobre seu caráter. Tinham um aspecto sério e antiquado, não só por serem descendentes de uma raça honrada como, também, por existirem desde a fundação da Casa das Sete Torres e estarem, de algum modo, unidos ao seu destino. Eram uma espécie de espíritos tutelares, embora suas asas e penas fossem diferentes das dos outros anjos da guarda.

— Aqui, seu franguinho — chamou Phoebe. — Tome estas migalhas.

O frango, de aparência tão venerável quanto sua mãe e quase tão velho quanto seus progenitores, reuniu as forças e voou, indo pousar no ombro de Phoebe.

— A avezinha a tem em grande consideração. Virando-se repentinamente, Phoebe surpreendeu-se ao ver um rapaz que chegara ao jardim por uma porta aberta em outra torre. Trazia uma enxada na mão e, enquanto a moça fora buscar as migalhas, começara a trabalhar, jogando terra fresca nas raízes dos tomates.

— O franguinho a trata como velha conhecida — continuou ele tranquilamente, com um sorriso que tornava sua fisionomia mais agradável do que ela a imaginara. — As veneráveis personagens do galinheiro parecem recebê-la bem. Teve sorte em entrar tão cedo em suas boas graças. Conheço-as há muito tempo e nunca me honraram com tal familiaridade, embora lhes traga comida diariamente. Sem dúvida Miss Hepzibah acrescentará este fato às outras tradições e dirá que as aves sabem que a senhora é uma Pyncheon.

— O segredo é que aprendi a falar com as galinhas e os frangos — disse Phoebe, sorrindo.

— Mas estas galinhas de linhagem aristocrática recusam-se a entender a língua vulgar de uma ave de galinheiro — explicou o rapaz. — Prefiro pensar, como Miss Hepzibah, que elas reconhecem o tom de voz da família. A senhora não é Pyncheon?

— Meu nome é Phoebe Pyncheon — esclareceu a moça um tanto reservadamente, pois concluía ser esse novo conhecido o daguerreotipista de cujas tendências ilegais a solteirona lhe dera ideia desagradável. — Não sabia que o jardim da minha prima Hepzibah estava aos cuidados de outra pessoa.

— Remexo e limpo esta velha terra preta para me impregnar um pouco da simplicidade que ainda existe nela, mesmo depois de tão trabalhada e esgotada pelos homens — tornou Holgrave. — Faço isso por divertimento. Minha verdadeira ocupação se serve de material mais leve. Faço fotografias em câmara escura. Para não ficar muito ofuscado, consigo que Miss Hepzibah me deixasse morar numa dessas torres. Entrar ali é como se alguém nos pusesse uma venda nos olhos. Gostaria de ver uma das minhas produções?

— Um retrato em daguerreótipo? — perguntou Phoebe, já com menos reserva, pois, a despeito da prevenção a sua mocidade era atraída pela dele. — Não gosto muito dessa espécie de retratos. São duros, ásperos e pouco nítidos. Como sabem não serem agradáveis, preferem, creio eu, não serem vistos.

— Se me permite — disse o daguerreotipista —, gostaria de ver se um artista pode transformar traços desagradáveis num rosto perfeitamente agradável. O que a senhora disse é verdade. Muitos dos meus retratos parecem grosseiros, mas creio que a razão é serem assim os originais. À luz do sol e na claridade do céu, há um maravilhoso e profundo conhecimento. Pensamos que só retratam a superfície, mas eles fazem sobressair o caráter perpétuo com uma exatidão que nenhum pintor poderia ter. Na

minha humilde arte, pelo menos, não há lisonjas. Eis aqui um retrato em que já trabalhei diversas vezes sem melhores resultados. O original no entanto apresenta aos olhos vulgares uma expressão diferente. Ficaria contente em saber sua opinião sobre esta fisionomia.

Em seguida, entregou-lhe uma miniatura em daguerreótipo que Phoebe olhou de relance, devolvendo-a logo.

— Conheço esse rosto — replicou ela. — Seus olhos austeros têm me perseguido durante todo o dia. É o antepassado puritano que está pendurado na sala. Com certeza o senhor arranhou um jeito de copiar o rosto sem a barba grisalha e a capa de veludo preto e vesti-lo com um casaco moderno e gravata de cetim. Não creio que tivesse melhorado com essas alterações.

— Veria outras diferenças se o tivesse examinado melhor. Posso lhe assegurar que é um rosto moderno, um dos que provavelmente encontrará. O original no entanto adota para o público e mesmo para os mais íntimos amigos uma fisionomia extremamente agradável, que traduz benevolência, coração aberto e saudável, bom humor. Como vê, a luz nos desvenda outro aspecto e não a esconderia nem com meia dúzia de pacientes tentativas de minha parte. Aqui está o homem, dissimulado, sutil, duro, imperioso e frio como o gelo. Veja estes olhos! Gostaria de estar à sua mercê? E esta boca! Poderia sorrir alguma vez? E, contudo, se a senhora visse o benigno sorriso do original! Mas o pior é que o retrato será gravado por ser ele pessoa eminente.

— Bem, não quero mais vê-lo — observou Phoebe, desviando os olhos. — É muito parecido com o velho quadro. Minha prima Hepzibah tem um retrato, uma miniatura, cujo original, se ainda está vivo, poderá desafiar o sol a torná-lo austero e duro.

— Então, a senhora viu esse retrato! — exclamou o artista com uma expressão de interesse. — Nunca o vi, apesar da minha curiosidade. Julga favoravelmente a fisionomia?

— Não vi ainda rosto mais suave — disse Phoebe. — Talvez seja até delicado e bonito demais para um homem.

— Não há nada de selvagem nos olhos? — continuou Holgrave tão seriamente que chegou a embaraçar Phoebe, tanto quanto a liberdade que se dava naquele tão recente conhecimento. — Não apresenta algo obscuro ou sinistro? Poderia conceber que o original fosse culpado de um grande crime?

— Que bobagem estarmos falando de um retrato que o senhor ainda não viu — disse Phoebe, impaciente. — Provavelmente o senhor o está confundindo com outro. Um crime! Se o senhor é amigo da prima Hepzibah, peça-lhe que lhe mostre o retrato.

— Seria melhor ver o original — replicou o daguerreotipista, serenamente. — Quanto ao caráter, não é preciso discussão; ele já foi definido por um tribunal competente ou que pelo menos assim se julga. Mas espere! Não vá já, por favor! Quero fazer-lhe uma proposta.

Phoebe, que ia se retirando, voltou um tanto hesitante. Não compreendia

exatamente os seus modos, mas, observando melhor, pareceu-lhe serem antes pouco cerimoniais que ofensivamente rudes. Havia uma espécie de extravagante autoridade no que ia dizer, como se o jardim fosse um lugar mais seu do que o próprio quarto em que a bondade de Hepzibah lhe permitira morar.

— Se lhe agrada — observou ele —, gostaria de deixar as flores e as aves aos seus cuidados. Como a senhora vem do campo, logo sentirá a necessidade de uma ocupação fora de casa. Pode arrumá-las e cuidá-las a seu gosto. Somente pedirei uma vez ou outra uma simples flor em troca dos bons e suculentos legumes com que me proponho a enriquecer a mesa de Miss Hepzibah. Seremos, portanto, camaradas cultivadores como no sistema comunista.

Silenciosamente e mesmo surpresa da própria submissão, Phoebe pôs-se a limpar um canteiro, ao mesmo tempo que cogitava sobre o rapaz com o qual tão inesperadamente entrara em quase familiaridade. Não gostava dele inteiramente. Seu caráter a deixava perplexa; embora o tom de sua conversa fosse quase sempre brincalhão, era de gravidade e austeridade a impressão deixada, exceto quando a sua mocidade a modificava. Ela se rebelava contra certo magnetismo da natureza do artista que, mesmo inconscientemente, exercia sobre a sua pessoa.

Logo o crepúsculo, favorecido pelas sombras das árvores e das construções vizinhas, lançou sua obscuridade sobre o jardim.

— Pronto — disse Holgrave —, já é hora de abandonar o serviço. A última batida da enxada cortou uma haste de vagem. Boa noite, Miss Phoebe Pyncheon. Se, num dia de sol bem claro, a senhora puser uma destas rosas no cabelo e for até o meu atelier na Central Street, escolherei um raio puríssimo para tirar um retrato da flor e da sua portadora.

Depois retirou-se para a torre solitária. Ao chegar à porta, porém, virou-se para trás e advertiu Phoebe, num tom brincalhão: — Tome cuidado em não beber água da Fonte Maule, nem lavar o rosto nela!

— Fonte Maule — perguntou Phoebe — é aquela rodeada de pedrinhas limosas? Não tinha pensado em beber daquela água, mas por que não devo?

— Essa água é enfeitiçada! — esclareceu Holgrave. O rapaz despediu-se e logo uma luz fraca apareceu na janela da torre. Ao voltar para os cômodos ocupados por Hepzibah, Phoebe achou o interior da casa tão escuro que seus olhos não podiam distinguir bem. Percebia, porém, estar a velha senhora sentada numa daquelas incômodas cadeiras, perto da janela, a cuja luz desmaiada recortava-se o contorno do seu queixo, virado para o canto da sala.

— Quer que acenda uma lâmpada, prima Hepzibah? — perguntou Phoebe.

— Sim, minha filha, mas ponha-a na mesa do canto do corredor. Tenho a vista fraca e não posso suportar muita claridade.

Que instrumento é a voz humana! Como corresponde às emoções da alma! Naquele momento, a voz de Hepzibah tinha uma profundidade e um calor, como se aquelas

palavras corriqueiras tivessem saído do seu coração. Enquanto acendia a lâmpada na cozinha, Phoebe pareceu ouvir a voz da prima.

— Um momento, prima, estes fósforos custam a riscar! — disse a moça.

Porém, em vez da resposta de Hepzibah, ouviu o murmúrio de uma voz estranha. Era tão indistinto que não pareciam palavras e sim a exteriorização de um sentimento de simpatia, tão vago que o eco ou a impressão do cérebro de Phoebe era como irreal. Pensou ter se enganado ou ser aquele murmúrio imaginação sua.

Colocou a lâmpada acesa no corredor e entrou novamente na sala. A silhueta de Hepzibah era menos visível, devido à penumbra que descia. Como a luz estava muito afastada, certas partes da sala ainda permaneciam escuras.

— Prima, falou comigo há pouco? — indagou Phoebe.

— Não, minha filha — replicou Hepzibah.

Essas poucas palavras ainda tinham a mesma música misteriosa, melancólica, cujo tom parecia jorrar das profundezas do coração de Hepzibah, modulado na mais sincera emoção. O seu estranho tremor comunicava-se a Phoebe, que ficou silenciosa. A agudeza dos seus sentidos logo denunciou à moça uma respiração irregular, vinda de um canto da sala que estava imerso na obscuridade. Alguém estava ali perto.

— Minha cara prima, não há ninguém na sala além de nós — perguntou ela com certa relutância.

— Phoebe querida, você acordou muito cedo e trabalhou o dia todo. Vá para a cama. Precisa descansar! Ficarei mais um pouco aqui na sala, meditando. Tenho este costume há muitos anos!

Chegando mais perto, Hepzibah beijou-a e abraçou-a estreitamente de encontro ao coração, que batia tumultuosamente. Como despertara tanto amor nesse velho coração, pura que se distribuísse tão fartamente?

— Boa noite, prima. Estou contente que comece a gostar de mim — disse Phoebe, emocionada.

Retirou-se para o quarto, mas o sono custou a chegar. finalmente adormeceu, num sono leve. Durante a noite teve a impressão de ouvir passos fracos e hesitantes, subindo a escada. A voz de Hepzibah sussurrava, seguindo os passos. Depois, respondendo à solteirona, ouviu um murmúrio vago, indistinto, como o eco de uma voz humana.

7

O hóspede

O gorjeio do casal de pardais na pereira acordou Phoebe, que logo percebeu movimentos na casa. Ao descer, já encontrou Hepzibah na cozinha, com um livro na mão e segurando-o tão próximo ao nariz como se pretendesse, por deficiência da vista, entrar em conhecimento olfativo da matéria. Se algum livro pudesse manifestar sua sabedoria pelo que sugerisse, certamente seria o que estava na mão de Hepzibah; nesse caso, a cozinha recenderia com o odor de perus, capões, perdizes, pudins, bolos, tortas e toda a espécie de guloseimas. Tratava-se de um livro de receitas ilustrado com pratos antigos ingleses e descrições de arranjos de mesas, como provavelmente se fazia nos grandes salões dos nobres. Dentre essas ricas receitas de arte culinária, nenhuma das quais talvez já tivesse sido experimentada, Hepzibah procurava uma gulodice qualquer para acompanhar o café e que pudesse ser preparada com os ingredientes que havia em casa.

Pondo de lado o saboroso volume, a solteirona perguntou a Phoebe se a velha galinha carijó tinha posto ovo na véspera. A moça foi até o galinheiro, voltando sem o esperado tesouro. Nesse mesmo instante, ouviu-se o pregão do peixeiro, anunciando a sua aproximação na rua. Fazendo-o entrar, a dona da casa comprou uma apetitosa cavala. Enquanto juntava lenha para acender a lareira e expulsar a escuridão que ainda reinava, Hepzibah pediu a Phoebe que torrasse um pouco de café, moca verdadeiro e valioso. Querendo prestar seu concurso, a pequena camponesa prontificou-se a fazer um bolo de milho especial, cujo processo aprendera com a mãe, com o que imediatamente concordou Hepzibah. Entre a fumaça que escapava da chaminé mal construída, as almas das finadas cozinheiras talvez espreitassem o movimento na cozinha, fingindo desprezar a simplicidade da refeição em preparo, mas ansiosas por meter as mãos naqueles pratos. Os ratos famintos saíram das tocas, sentando-se nas pernas traseiras, à espera de uma oportunidade para roer alguma migalha.

Hepzibah não tinha jeito para a cozinha e sua magreza era em parte devida ao fato de preferir não jantar a esperar que as comidas cozinhassem. Para ela, estar perto do fogo era prova de heroísmo. Chegava a ser emocionante vê-la juntar o reluzente monte de carvão para assar a cavala. Suas faces, geralmente pálidas, estavam afoqueadas pelo calor e pela pressa. Cuidava do peixe com tal carinho e cuidado como se fosse o próprio

coração que estivesse na grelha e sua felicidade dependesse do bom preparo do petisco.

Poucos aspectos da vida caseira são mais agradáveis do que o de uma bem-arranjada e sortida mesa de café! Como sempre nos aproximamos dela cedo, quando os nossos sentidos estão nas melhores condições para apreciá-la, gozamos integralmente a refeição matinal. Os próprios pensamentos são mais alegres, verdadeiros e lúcidos, numa mesa de café do que no decorrer de um jantar. A pequena e delgada mesa de chá de Hepzibah, recoberta por um pano de damasco, estava digna de figurar na mais alegre festa. A fumaça do peixe assado subia como o incenso de um relicário para um ídolo bárbaro, enquanto o cheiro do moca agradava aos deuses que presidiam a mesa. O bolo de Phoebe era a oferenda própria para aquele rústico altar e, pela sua cor, lembrava os pãezinhos que se transformavam em ouro quando Midas tentava comê-los. A manteiga fora batida pela própria Phoebe, em sua casa, e trazida como presente para Hepzibah; cheirava a trevo e dava um aspecto de cena campestre à sala. Diante do conjunto formado pelas colheres de brasão, as xícaras de porcelana e uma cremeira de prata, possivelmente o mais importante dos hóspedes do velho coronel não desdenharia assentar-se. Mas o velho puritano olhava, carrancudo, do retrato, como se nada daquilo agradasse ao seu apetite.

Para alegrar a mesa, Phoebe colhera rosas e outras flores, arranjando-as artisticamente num velho cântaro de vidro sem alça. Os primeiros raios de sol atravessavam os ramos da pereira e caíam sobre a mesa. Tudo estava pronto. Havia lugares para três pessoas. Quem seria esperado, além de Phoebe e Hepzibah?

Enquanto fazia os preparativos, a solteirona tremia de tal forma que o seu tremor podia ser percebido pela sombra do seu corpo projetada na parede. Suas manifestações eram tão variadas e desconexas que Phoebe não sabia o que fazer; às vezes, parecia extasiada de prazer e felicidade. Em tal momento, Hepzibah seria capaz de abraçar e beijar sua jovem prima com tanta ternura quanto sua própria mãe. Um impulso a impelia, como se o seu coração estivesse tão cheio de amor que fosse preciso esvaziá-lo um pouco para poder respirar. Depois, sua insólita alegria transformava-se, fechando-se em luto ou fugindo para o cárcere do seu coração, onde tanto tempo estivera acorrentada. À clara alegria seguia-se uma grande mágoa. Algumas vezes, soltava um riso nervoso e histérico, acompanhado de um jorro de lágrimas. Talvez mesmo as duas manifestações coincidissem, formando, à sua volta, um pálido e fosco arco-íris. Embora continuamente irritada e impertinente, mostrava-se afetuosa com Phoebe. Quando

rude, logo pedia perdão, para, momentos depois, reincidir na falta.

Finalmente, quando o trabalho de ambas estava terminado, ela tomou a mão de Phoebe entre as suas.

— Tenha paciência comigo, minha querida, pois meu coração está verdadeiramente transbordante. Tenha paciência comigo, pois gosto de você, Phoebe, embora seja tão áspera. Não preste atenção a isso. Logo serei boa, muito boa mesmo!

— Cara prima, que houve? — perguntou Phoebe com simpatia. — Por que diz isso?

— Psiu, silêncio, ele vem vindo — murmurou Hepzibah. — Quero que ele veja primeiro a você, Phoebe. É moça, bonita, e terá sempre um sorriso sob qualquer circunstância. Ele sempre gostou de rostos alegres e detesta lágrimas. Já estou velha e meus olhos custam a secar. Espere! Abaixei um pouco a cortina para dar sombra neste lado da mesa. Mas que ainda haja bastante sol, pois ele não gosta do escuro. Pobre Clifford! Teve tão pouco sol na vida! Pobre Clifford!

Essas palavras saíam num cochicho, como se o seu próprio coração estivesse falando a Phoebe. Depois, andando na ponta dos pés, pôs-se a melhorar o arranjo da sala. Ouviram-se passos no corredor superior, que Phoebe reconheceu como os que sentira durante a noite, enquanto dormia. O hóspede pareceu parar no meio da escada. Fez duas ou três pausas na descida e outra ainda ao chegar embaixo o atraso, porém, não parecia proposital e sim devido ao esquecimento do local para onde se dirigia. Finalmente, fez uma grande parada na soleira. Pegou a maçaneta da porta e de novo a largou sem abrir. Hepzibah, torcendo convulsivamente as mãos, olhava para a entrada.

— Prima, por favor, não faça isso! — disse Phoebe tremendo. A emoção de Hepzibah e aqueles passos relutantes lhe davam a impressão de que um fantasma ia entrar na sala. — A senhora me amedronta. O que vai acontecer?

— Psiu, fique alegre! Aconteça o que acontecer, fique alegre!

A pausa final foi tão demorada que Hepzibah, sem aguentar mais, adiantou-se, abriu a porta e trouxe o estranho pela mão. Ao primeiro relance Phoebe viu um senhor idoso, numa antiga e desbotada roupa de damasco e cabelos grisalhos, cujo exagerado comprimento cobria a testa. Num rápido exame era fácil prever que seu passo fosse hesitante como o de uma criança que está aprendendo a andar. No entanto, nada indicava que a sua força física fosse insuficiente para mover-se com deliberação. Era seu espírito que não podia andar. A expressão de sua fisionomia, quando iluminada pela luz da razão, parecia vacilar e quase desaparecer, para depois voltar novamente. Era como a chama tremeluzente entre o borralho, cujo brilho alternado nos atrai mais a atenção do que uma brasa vívida.

Por uns instantes ainda, o hóspede esteve parado segurando a mão de Hepzibah, instintivamente, como uma criança tímida. Ao deparar com o aspecto moço e agradável de Phoebe, seu rosto se avivou. Ela enchia a sala de alegria, como o círculo de luz refletida em volta do jarro de flores exposto ao sol. Moveu a cabeça num gesto que parecia uma saudação, vaga mas graciosa.

Caro Clifford — disse Hepzibah —, esta é a nossa prima Phoebe, a pequena Phoebe Pyncheon, filha de Arthur. Veio do campo para ficar um pouco conosco. Nossa velha casa estava muito solitária.

— Phoebe? Phoebe Pyncheon? — repetiu o hóspede, vagarosamente. — A filha de Arthur! Ah! Tinha me esquecido! Não faz mal! Seja bem-vinda!

— Venha cá, querido Clifford, tome esta cadeira — disse Hepzibah, dirigindo-o para o seu lugar. — Por favor, Phoebe, abaixe mais a cortina. Agora, comecemos a nossa refeição.

O estranho sentou-se no lugar que lhe foi indicado e olhou em volta. Evidentemente tentava apoderar-se da cena presente e trazê-la ao cérebro com mais nitidez. Queria ter certeza de estar mesmo ali, na sala baixa, de paredes forradas de carvalho, e não em outro lugar que já se tinha gravado em seus sentidos. O esforço talvez fosse grande demais para ter sucesso integral. Muitas vezes seu espírito se ausentou dali, deixando somente a sua figura melancólica, tristonha e arruinada a ocupar o lugar na mesa, como um fantasma materializado. Depois desses momentos de ausência, um brilho trêmulo nas pupilas denunciava ter sua consciência voltado. Esforçava-se por acender a lareira do coração e alumiar as lâmpadas intelectuais daquela escura mansão de que ele era um habitante esquecido.

Num desses momentos Phoebe se convenceu de que a pessoa que estava à sua frente era o original da bela miniatura que Hepzibah possuía. Seu tino feminino já tinha identificado aquela roupa de damasco como sendo a mesma que vestia o rapaz do retrato. Aquele traje fanado e sem brilho parecia traduzir a infelicidade do portador. Seu aspecto exterior fazia imaginar qual não seria a das roupagens da alma; aquela forma e fisionomia, aquela graça e beleza, quase haviam transcendido a habilidade do melhor artista. A alma desse homem devia ter sofrido grande injustiça. Embora o tênue véu da decadência e da ruína se interpusesse entre ele e o mundo, em intervalos fugitivos se descobriria aquela expressão que Malbone conseguira fixar na miniatura. Aqueles anos obscuros, e a calamidade que caíra sobre ele, não teriam podido apagar o brilho característico dos seus olhos.

Enchendo uma xícara de aromático café, Hepzibah apresentou-a ao hóspede. Quando seus olhos se cruzaram com os de Hepzibah, ele pareceu perturbar-se.

— É você, Hepzibah? — perguntou, entristecido. Depois, como falando consigo mesmo, continuou: — Está tão mudada, tão mudada! Estará zangada? Por que franzirá o sobrolho para mim?

Pobre Hepzibah! O tempo, a miopia, o seu desconforto interior tinham tornado aquela careta tão habitual que qualquer humor a provocava. O murmúrio indistinto, porém, transfigurara a sua fisionomia numa expressão um tanto dolorosa de afeição, fazendo desaparecer a dureza dos traços.

— Zangada? Zangada com você, Clifford?

A tonalidade da voz, delicadamente queixosa, não conseguiu dissipar de todo certa

inflexão que o interlocutor poderia ter tomado por aspereza. Era como se um excelente musicista tirasse sons comoventes de um instrumento rachado, tão profunda a sensibilidade que encontrara órgão na voz de Hepzibah.

— Aqui só existe amor, nada mais que amor, Clifford, você está em sua casa.

O hóspede respondeu a essas palavras com um sorriso que lhe iluminou fraca e momentaneamente o rosto. Desmanchando porém essa bela expressão, seguiu-se um olhar de apetite. Comeu quase vorazmente. Parecia esquecer-se de si mesmo, de Hepzibah, de Phoebe, de tudo o que o rodeava, na alegria provocada pela mesa liberalmente servida. Talvez possuísse grande sensibilidade de paladar. Se suas faculdades tivessem mantido o vigor, essa arte de comer se teria transformado numa qualidade. O seu efeito atual era, porém, doloroso, obrigando Phoebe a desviar os olhos.

Ao sentir o cheiro do café, bebeu-o avidamente. Esse estimulante agiu sobre ele como filtro mágico, dando mais vigor ao intelecto e fazendo sobressair um pouco mais seu espírito debilitado.

— Mais, mais — pediu nervosamente. — É disso que preciso. Quero mais!

Já reconfortado, sentou-se com mais firmeza olhando conscientemente para a sala. Certa fineza de temperamento, certa capacidade de tratar com coisas bonitas e agradáveis, começava a se delinear. Quem quer que possuísse essa qualidade demonstraria refinado gosto, grande propensão para o belo e invejável capacidade de felicidade. O próprio corpo e o físico em geral se desenvolveriam de acordo com essas tendências da alma. Tal homem não devia conhecer tristezas, contendas, nem as torturas que sobrevêm aos que entram abertamente em luta com o mundo. Para os temperamentos heroicos, a fatalidade desse martírio é a melhor recompensa, mas, para o indivíduo que encaramos, seria uma desgraça imensa que estaria em proporção direta com a severidade do castigo. Quem olhasse esse homem, tão propício à felicidade e tão fraco para qualquer outra sorte, não hesitaria em sacrificar alegrias e esperanças para que as tenebrosas explosões da nossa esfera fossem mais moderadas em relação a ele.

Naquela sala escura, com os olhos atraídos pela luz que passava através da folhagem, Clifford dava a ideia de ter a natureza de um sibarita. No prazer especial que demonstrava ao aspirar o perfume do vaso de flores, no sorriso inconsciente com que admirava Phoebe, traía-se o seu temperamento. Desviando os olhos de Hepzibah e pousando-os nos objetos que o rodeavam, manifestava o amor e a necessidade de beleza

que sentia. Essa atitude não era por culpa de Clifford mas resultante da infelicidade de Hepzibah. Como esperar que ele tolerasse a vista da figura enrugada, pálida, tristonha, carrancuda, malvestida? No entanto, não devia afeição a Hepzibah por tudo que, por ele, silenciosamente, ela sacrificara? Não, nada lhe devia; uma pessoa como Clifford não pode contrair dívidas dessa espécie. Talvez fosse egoísta, mas devemos deixá-lo ser assim e elevar nosso amor heroico e desinteressado acima de recompensas. Hepzibah conhecia essa verdade, ou, pelo menos, agia como se a conhecesse. Há tanto tempo alheia ao que havia de belo, regozijava-se de que ele tivesse coisas mais interessantes do que as feições velhas e feias para admirar, embora soltasse um suspiro e fosse chorar mais tarde no silêncio do quarto. A pobre solteirona nunca fora bonita e, se o tivesse sido, a grande tristeza que lhe amargurava a vida teria murchado essa beleza.

O hóspede encostou-se na cadeira. Demonstrava no olhar sonhador inquietação e esforço. Queria tornar mais vívida a cena, talvez julgando-a sonho ou ilusão, e perturbava o momento com vãos esforços para lhe dar maior brilho e duração.

— Que agradável! Que delicioso! Que ar perfumado entra pela janela aberta! Uma janela aberta! Que belos raios de sol! Que flores perfumadas! Que frescor o da fisionomia desta moça! Parece uma flor orvalhada iluminada pelo raio de sol! Que sonho lindo! É tão perfeito que faz desaparecer as quatro paredes de pedra!

Enquanto assim monologava, uma sombra desceu-lhe sobre a fisionomia, como provocada pela ideia de um cárcere. Sua expressão tinha tanta luz como a que pode atravessar as grades da janela de uma prisão. Phoebe sentiu-se tentada a se dirigir a Clifford: — Esta rosa é de uma espécie nova que encontrei no jardim esta manhã — disse ela, mostrando uma pequena flor carmesim que enfeitava o jarro. — Há somente cinco ou seis e talvez não nasçam outras nesta primavera. É a mais perfeita e a mais bela de todas! Não tem mancha alguma. E tem um perfume inesquecível!

— Ah! deixe-me ver, quero pegá-la! — Talvez aquele perfume reavivasse muitas recordações do novo hóspede. — Obrigado! Lembro-me de quanto apreciava esta flor! Já há muito, ou foi ontem? Ela me faz sentir de novo a mocidade! Serei moço, ainda? Ou essa lembrança é singularmente nítida, ou essa consciência estranhamente pálida!... Como foi boa a mocidade! Obrigado, muito obrigado!

Talvez a excitação produzida em Clifford por aquela pequena rosa vermelha fosse a atitude mais sublime que tivera durante o café! Desejaríamos que tivesse tido mais duração! Porém, ao levantar os olhos, seu olhar caiu sobre o retrato do velho puritano, que presenciava a cena com expressão de desagrado. Impaciente, e com visível irritação, dirigiu-se à solteirona: — Hepzibah, por que conserva essa pintura odiosa na parede? Talvez seja esse o seu gosto. Já lhe disse um milhão de vezes que ele é o gênio mau da família! A minha asa negra! Tire-o daí, imediatamente!

— Clifford, você sabe que não posso fazer isso!

— Então cubra-o com uma cortina vermelha, para que não fique sempre me encarando! Não posso suportá-lo! — disse ele, energicamente.

— Sim, Clifford querido, nós o cobriremos! — respondeu brandamente a solteirona.
— Há uma cortina vermelha na mala, debaixo da escada; talvez esteja desbotada e roída pelas traças, mas eu e Phoebe a consertaremos.

— Hoje mesmo, não se esqueça! — recomendou ele. Depois, num tom mais baixo, como falando consigo mesmo: — Por que morar nesta casa tão triste? Por que não ir para o sul da França? Para a Itália, Paris, Nápoles, Veneza, Roma? Hepzibah certamente dirá que não temos meios. Que ideia!

Rindo para si mesmo, lançou um olhar de sarcasmo para Hepzibah.

Aquelas emoções tinham evidentemente esgotado o novo hóspede. Sua vida anterior fora monótona, sem a agitação de um regato, mas semelhante a uma poça d'água estagnada! Um véu sonolento envolveu-lhe a fisionomia como a cerração forte que encobrisse uma bela paisagem. Parecia tolo, quase estúpido! Nesse momento, poder-se-ia duvidar de que qualquer das expressões anteriores tivesse iluminado aqueles olhos nublados.

Antes, porém, que ele mergulhasse de todo na apatia costumeira, a campainha da loja tocou. Aquele ruído irritante e impertinente fê-lo levantar-se da cadeira.

— Por Deus, que barulho é esse, Hepzibah? — perguntou, dando vazão à sua impaciência sobre a única pessoa que o amava no mundo. — Nunca ouvi coisa tão desagradável. Que dissonância horrível!

Esse incidente insignificante pôs em relevo o caráter de Clifford, como uma pintura que saísse subitamente da tela. Indivíduos desse temperamento são mais facilmente estimulados através dos sentimentos de beleza e harmonia do que através do coração. É mesmo possível que se, na vida precedente, Clifford tivesse tido meios de aperfeiçoar o gosto, esse mesmo gosto artístico teria corroído e dissipado completamente suas afeições. Diremos então que a calamidade que o atingira não tinha nenhuma gota que o redimisse?

— Caro Clifford, desejaria muito afastar esse som dos seus ouvidos — disse Hepzibah. — Ele é desagradável também para mim. Tenho uma coisa para lhe dizer. Por favor, Phoebe, veja quem está lá. Esse barulho desagradável é o som da campainha da loja.

— Campainha da loja? — perguntou Clifford, admirado.

— Sim, a campainha da nossa loja — repetiu Hepzibah, emocionada. — Você sabe, Clifford, que estamos na miséria. Não tinha alternativa. Entre aceitar auxílio das mãos daquela pessoa e trabalhar pelo meu sustento, preferi a última solução; você teria feito o mesmo. Se estivesse sozinho não me importaria de passar fome, mas você ia voltar. Acha que agi mal? Nosso tataravô fez o mesmo, sem estar nas minhas condições. Envergonha-se de mim?

— Vergonha! É a mim que vem perguntar isso, Hepzibah? Geralmente os homens que sofreram grandes vexames são impertinentes para as pequenas coisas, e tolerantes para as grandes. — Clifford sentia uma emoção angustiada. — Não devia falar assim,

Hepzibah. Que vergonha poderá me atingir agora?

Aquele homem, que nascera para todas as felicidades e só tivera desgraças, rebentou então numa crise de choro nervoso. Logo, porém, se acalmou. Reanimando-se, olhou para Hepzibah com o olhar penetrante, cuja significação permaneceu enigmática para ela.

— Estamos assim tão pobres, Hepzibah?

Como a cadeira era macia, confortável e bem acolchoada, Clifford adormeceu. Ouvindo o ruído regular de sua respiração, a pobre senhora aproveitou a oportunidade para examiná-lo melhor. Seu coração inundou-se de lágrimas e exalou profundos suspiros. Na grandiosidade de sua amargura, não havia irreverência em perscrutar a face alterada e envelhecida de Clifford. Mas logo pôs-se a acusar a si própria de curiosidade maldosa e fora de propósito. Abaixando a cortina, para dar sombra ao lugar em que ele cochilava, Hepzibah saiu da sala.

O Pyncheon atual

Ao entrar na loja, Phoebe encontrou o rosto familiar do devorador do Jim Crow, do elefante, do camelo, dos dromedários e da locomotiva. Tendo gasto sua pequena fortuna nos dias precedentes, vinha, a mando da mãe, comprar três ovos e uvas. Phoebe arrumou os artigos pedidos, acrescentando como presente uma baleia. Invertendo o episódio do profeta de Nínive, o cetáceo começou a descer aquele corredor vermelho do destino onde já o tinha precedido verdadeira caravana. O rapazinho parecia o emblema do tempo. Engolia homens e coisas, mantendo-se sempre jovem.

Depois de ter saído, a criança voltou, murmurando alguma coisa que Phoebe não pôde entender, pois já meia baleia estava sendo mastigada.

— O que foi que você disse, meu bem? — indagou ela.

— Mamãe mandou perguntar como vai o irmão de Miss Pyncheon; dizem que voltou.

— Irmão da prima Hepzibah? — exclamou Phoebe, surpresa com a súbita explicação do parentesco entre Hepzibah e o novo hóspede. — Seu irmão? Onde estava?

O menino pôs o polegar no narizinho chato, com aquele olhar de sagacidade que uma criança de rua logo aprende. Como ela continuasse a fitá-lo, foi-se embora, sem obter resposta à sua pergunta.

Enquanto a criança descia os degraus, subiu um senhor, que entrou na loja. Era corpulento e, se tivesse mais altura, seu porte seria majestoso. Vestia terno preto, muito justo, de fazenda fina. Uma bengala de castão de ouro, de rara madeira do Oriente, colarinho de alvura imaculada e botas rigorosamente polidas davam-lhe aspecto respeitável. Suas feições morenas, as sobrancelhas carregadas, tornariam a fisionomia impressionante se não fosse o largo e benevolente sorriso que lhe iluminava o semblante. O olhar, porém, era mais carnal do que espiritual. Para o observador sutil, ele pouco espelharia a alma, embora quisesse ser o reflexo exterior. Estava mais ligado ao brilho das botas do que ao íntimo.

Para contrastar com a obscuridade da sala, na qual, além da sombra projetada do segundo andar, contribuía a do olmo e a dos objetos expostos na vitrine, o sorriso tornou-se mais intenso. Ao perceber a presença da mocinha, em vez de Hepzibah, o cavalheiro uniu as sobrancelhas numa expressão de surpresa.

— Oh! não sabia que Miss Hepzibah tinha ajudante! — exclamou em voz áspera, de desagradável tonalidade, disfarçada pela habilidade do exercício diário.

— Sim, é verdade — confirmou Phoebe, que ajuntou, em seguida, com arzinho senhoril, pois evidentemente o cavalheiro a tomava por uma empregadinha: — Sou prima de Miss Hepzibah; vim visitá-la.

— Prima? Veio do campo? Então me perdoe — replicou o cavalheiro, cumprimentando sorridente. — Neste caso precisamos nos conhecer melhor. Se não estou equivocado, deve ser minha parenta. Será Mary? Dolly? Phoebe? Sim, Phoebe, única filha do primo e colega Arthur! É parecida com o pai. Sou seu parente. Certamente já ouviu falar do Juiz Pyncheon!

Quando Phoebe respondia ao cumprimento, ele inclinou-se com a intenção de beijá-la. Sem o perceber, ou talvez intuitivamente, a moça afastou-se, deixando o juiz na atitude de quem está beijando o ar. Era um paralelo moderno ao episódio de Íxion beijando a nuvem e ainda mais ridículo pelo fato de se jactar o juiz de nunca ter tomado uma sombra por uma coisa sólida. Sua fisionomia não era de todo desagradável, porém, ao entrar em contacto mais direto com o objeto dos seus olhares, sua personalidade se tornava por demais intensa. O homem e o sexo ocupavam nessa ocasião lugar destacado. Os olhos de Phoebe se desviaram e ela se enrubescou com o olhar do primo, embora já tivesse sido beijada por outros parentes com mais ou menos idade que a sua. Por que não o beijar, pois?

Ao erguer os olhos, ficou admirada com a rápida mudança da fisionomia do juiz, tão chocante como a de uma paisagem ensolarada que fosse castigada pela tormenta. A fisionomia do respeitável homem da lei estava fechada e carregada como nuvem tempestuosa.

“Santo Deus! Que farei agora?”, pensou a jovem. “Parece zangado, mas não tive intenção de ofendê-lo. Uma vez que é mesmo primo, é melhor consentir que me beije.”

Nesse momento, porém, Phoebe percebeu ser o juiz o original da miniatura que o daguerreotipista lhe mostrara no jardim, e o olhar era o mesmo que a luz persistia em salientar no retrato. Seria aquela expressão não momentânea, mas constante, embora habilmente disfarçada? Aquele olhar era de cunho hereditário e como se via no retrato fora transmitido a este Pyncheon. A fraqueza, defeitos, más paixões, tendências mesquinhas e as doenças morais são transmitidas de geração a geração por processos mais eficientes do que riquezas e honras, pelas leis humanas. Assim que Phoebe pousou os olhos na fisionomia do juiz, toda a austeridade que ela refletia desapareceu; a moça sentiu-se, então, quase dominada pelo calor sufocante de benevolência que se expandia do coração desse homem para a atmosfera ambiente, como a fascinação preliminar que, dizem, a serpente exerce pelo odor que desprende.

— Gosto disso, prima Phoebe! — disse ele, com aprovação enfática. — Gosto muito disso, priminha! Você é boa menina e sabe se cuidar. Uma mocinha, especialmente se é bonita, nunca será demasiado cuidadosa com seus lábios!

— Na verdade, meu caro senhor — disse Phoebe, tentando liquidar o assunto —, não quis ser desagradável.

Aquele começo de conhecimento tão desastrado fazia com que ela agisse com uma reserva que não lhe era peculiar. A impressão de que o próprio fundador da família Pyncheon da Nova Inglaterra entrara na loja naquele momento não se dissipava. Nesses dias de transformações tão rápidas, tudo era possível. Na sua chegada do outro mundo, pararia um quarto de hora no barbeiro, que transformaria a barba cheia do puritano num par de suíças grisalhas. Num estabelecimento de roupas feitas, trocava seu gibão de veludo, sua capa e o colarinho de rendas por casaco, colete, calças, colarinho e gravata. Finalmente, deixando de lado a espada, pegaria a bengala de castão de ouro, e o velho Coronel Pyncheon de dois séculos passados estaria transformado no atual juiz.

Phoebe só entretinha essa ideia como motivo de riso. Se as duas personagens fossem confrontadas, muitas diferenças ressaltariam, permanecendo somente a semelhança geral. As diferentes condições de vida e de época de ambos determinavam importantes mudanças físicas. O volume de músculos do juiz não era o mesmo que o do coronel, embora fosse o primeiro considerado gordo. O rosto do juiz perdera aquele vermelho colorido britânico que se podia perceber no queixo do coronel, tomando um tom desbotado. Certo nervosismo manifestava-se no Pyncheon atual, cuja fisionomia possuía mais mobilidade que a do velho inglês. Possuía também penetrante vivacidade, devida ao grande sistema do progresso humano que, com a diminuição da necessidade do esforço animal, está destinado a espiritualizar o homem, polindo-lhe os grosseiros atributos pessoais. O Juiz Pyncheon sofrera, portanto, um ou dois séculos a mais de refinamento.

A semelhança intelectual e moral entre o descendente atual e o velho antepassado era tão forte como a semelhança física. Na oração fúnebre do velho coronel, o pároco canonizou o finado, olhando através do teto da igreja e do firmamento e mostrando-o sentado entre os coristas do mundo espiritual, com a harpa na mão. No seu túmulo, há uma inscrição muito elogiosa, e a história, quando o menciona, louva sempre a sua retidão de caráter. Quanto ao juiz, também, nem pároco, nem crítica legal, nem inscrições de túmulo, nem história, se aventurariam a dizer qualquer palavra contra sua sinceridade como cristão, sua respeitabilidade como homem, integridade como juiz, coragem e confiança como representante do seu partido político. Mas, a par do cinzel que grava, da voz que fala, da pena que escreve, para o público e para a posteridade, havia tradições sobre o puritano e cochichos sobre o juiz. É muito útil ouvir-se o conceito feminino, privado e doméstico, sobre um homem público. Nada é mais curioso do que a discrepância entre os retratos que vão ser gravados e os esboços feitos a lápis, que correm de mão em mão, nas costas do original.

A tradição afirmava que o velho puritano fora muito avarento. Também o juiz tinha essa fama. O ancestral se revestira de uma severa espécie de bondade, uma rudeza de palavras e maneiras que muitos tomavam como a genuína bondade que se dimanava

através de um caráter másculo. Seu descendente espiritualizara essa rude benevolência naquela larga benignidade de sorriso que fazia brilhar na rua ou nas salas dos amigos. O puritano caíra em certas transgressões a que os homens da sua envergadura estão expostos até expurgar as impurezas. Não queremos macular nossas páginas com os escândalos que se murmuram atualmente sobre o juiz. O puritano tivera três esposas que, feridas pela dureza do seu caráter, foram levadas, uma após outra, para o túmulo. Aqui, porém, falha o paralelo, pois o Pyncheon atual só teve uma esposa, que morreu três ou quatro anos depois do casamento. Conta-se que a senhora recebera o golpe mortal durante a lua de mel e nunca mais sorriu. O marido a obrigava a servir-lhe diariamente o café matinal no leito, como preito de lealdade ao amo e senhor.

É muito fecundo esse assunto de semelhanças hereditárias, que frequentemente se utilizariam da enorme acumulação de mentiras ancestrais sobre cada homem nesse espaço de mais de dois séculos. Ajuntaremos ainda que o puritano era intrépido, imperioso, inflexível, astucioso; seus propósitos eram arrojados e os seguia com perseverança que não conhecia repouso nem consciência, pisando os fracos quando necessário e esforçando-se até por dominar os fortes. A sequência de nossa narrativa nos dirá quais as semelhanças entre ele e o juiz, desse ponto de vista.

Os itens desses paralelos não ocorreram a Phoebe, que, nascida e criada no campo, ignorava essas tradições de família, que se mantinham, como teias de aranha e manchas de fumaça, nos recantos da Casa das Sete Torres. Uma circunstância insignificante, contudo, a enchia de terror. Sabia da maldição lançada por Maule contra o coronel e seus pósteros, conhecia também a lenda popular de que às vezes se ouvia o barulho daquele sangue gorgolejando nas suas gargantas. Considerava, porém, absurda essa lenda. Mas antigas superstições, repetidas de geração em geração, tomam às vezes aspecto de verdades. O seu contínuo relato entre os fatos caseiros determina-lhes influência maior que a suposta. Ao ouvir um esquisito ruído na garganta do juiz, nele habitual e indicador de tendência à apoplexia, Phoebe, assustada, pôs-se a torcer as mãos.

Era ridículo que se perturbasse com tal tolice e imperdoável que deixasse ser o seu embaraço percebido pela pessoa em questão. O incidente coincidia tão perfeitamente com as suas fantasias e comparações entre o coronel e o juiz, que, naquele momento, eles pareciam se identificar.

— O que há, menina? — perguntou asperamente o juiz, com olhar duro. — Está com medo de alguma coisa?

— Oh! não é nada, absolutamente nada! — respondeu Phoebe, desconcertada. — Talvez o senhor queira falar com a prima Hepzibah. Quer que a chame?

— Espere um momento, prima Phoebe, você parece um pouco nervosa esta manhã. O ar da cidade não é muito bom para quem vem do campo. Alguma coisa a perturba?

Aconteceu algo em casa? Chegou alguém? Já o imaginava. Não admira que esteja assustada, priminha. Estar sob o mesmo teto que tal pessoa é mesmo de apavorar uma

mocinha inocente como você.

— O senhor me amedronta — replicou ela, fixando o interlocutor. — Não há nenhum hóspede que apavore na casa. Somente um pobre senhor, calmo e infantilizado, que creio ser irmão da prima Hepzibah. Acho que não está no seu juízo perfeito, mas parece tão tranquilo e pacífico que qualquer mãe lhe entregaria o filho sem medo. Brincaria com a criança como se fosse só um par de anos mais velho do que ela. Não pode, portanto, me assustar!

— Agrada-me ouvir opinião tão favorável e ingênua sobre o primo Clifford. Há muitos anos, quando éramos meninos, tive grande afeição por ele. Interesse-me por tudo o que lhe diz respeito. Acha você que parece estar fraco de ideias. Deus lhe dê a inteligência para se arrepender de todos os seus pecados!

— Ninguém terá menos de que se arrepender do que ele — tornou Phoebe.

— Nunca ouviu falar de Clifford Pyncheon? — indagou o juiz com ar compassivo. — Não conhece a sua história? Bem, sua mãe mostrou com isso muito zelo pelo nome da família a que se ligou. Continue pensando bem desse pobre desgraçado. Os cristãos devem sempre agir assim no julgamento dos outros, principalmente dos parentes próximos. Clifford está na sala? Entrarei um instante para vê-lo.

— Acho melhor chamar a prima Hepzibah. — Phoebe não sabia se devia ou não impedir a entrada desse parente, tão afetuoso, na casa. — O primo Clifford parecia cochilar depois do café e talvez ela não queira que o perturbem. Deixe-me chamá-la.

O juiz mostrava-se disposto a entrar, de qualquer modo, sem anúncio prévio. Como Phoebe se dirigisse para a porta que comunicava com o interior, adiantou-se, afastando-a para o lado.

— Não, não, Miss Phoebe! Pode esperar aqui. Conheço bem a casa e o primo Clifford. Não precisa se dar ao trabalho de me anunciar!

Expressões de aborrecimento e de afetuosidade sucederam-se-lhe na fisionomia.

— Aqui estou em casa, Phoebe, e você é a estranha! Vou entrar para ver como está Clifford e externar a ele e a Hepzibah os meus melhores desejos. Quero que saibam que tenho prazer em ajudá-los. Ah! Aí vem Hepzibah!

As vibrações da voz do juiz tinham atraído Hepzibah, que estava na sala, a olhar o irmão adormecido. Agora, vedava a entrada, como um dragão de contos da carochinha, protetor de príncipes encantados. Sua careta habitual não era só devida à miopia, mas também ao rancor que alimentava contra esse parente. Queria alarmá-lo, confundi-lo! O juiz calculara mal a força moral de uma antipatia enraizada! Fez menção de repeli-lo. Dava ideia da mais perfeita encarnação da proibição, em tamanho natural, na escura moldura da porta. Sua natureza temerosa produziu-lhe, contudo, rápido tremor que lhe pôs cada uma das juntas em movimento.

Possivelmente o juiz estava ciente da fraqueza que se escondia atrás da formidável atitude de Hepzibah. Homem de nervos firmes, logo se retemperou, aproximando-se da prima com a mão estendida. Adotou, contudo, a precaução de cobrir o avanço com um

sorriso largo e caloroso que seria capaz de amadurecer uma latada de uvas. Tinha o propósito de derreter imediatamente a pobre Hepzibah, como se fosse uma figura de cera amarela.

— Hepzibah, minha cara prima! Estou tão contente! — exclamou enfaticamente. — Agora, enfim, você tem um motivo para viver, assim como todos nós, amigos e parentes. Apresso-me a oferecer-lhe toda a assistência a meu alcance para dar conforto a Clifford. Ele pertence a todos nós! Sei o que é necessário ao seu gosto delicado e amor ao belo! Tudo o que possuo, quadros, livros, vinhos, luxos culinários, está às ordens. Ficaria satisfeito se pudesse vê-lo. Posso entrar, agora?

— Não — replicou Hepzibah com voz trêmula. — Ele não recebe visitas!

— Visitas, cara prima! Considera-me tal? — tornou o juiz, cuja sensibilidade parecia ferida pela frieza da frase. — Deixe-me então hospedar a ambos. Venham para minha casa. O ar do campo e as comodidades que lá reuni farão bem a Clifford. Você e eu, cara Hepzibah, nos esforçaremos juntos, trabalharemos juntos, para fazê-lo feliz. Venha! Para que discutir mais sobre o que é um dever e prazer para mim? Venham logo!

Ao ouvir essas ofertas hospitaleiras e o tão generoso reconhecimento dos deveres de parente, Phoebe sentiu-se tentada a dar o beijo há pouco negado.

Dava-se exatamente o contrário com Hepzibah. O sorriso do juiz agiu sobre a amargura de seu coração como o calor do sol sobre o vinagre, tornando-o dez vezes mais ácido.

— Clifford tem sua própria casa — disse ela. Estava ainda por demais agitada para dizer mais do que uma frase abrupta.

— Deus a perdoe, se tem alguma prevenção ou animosidade antiga! — disse o Juiz Pyncheon, levantando reverentemente os olhos à alta corte para cuja justiça apelava. — Estou aqui com o coração aberto, ansioso por abrigar você e Clifford. Não recuse os bons oferecimentos de um parente afetuoso. Será uma grande responsabilidade encerrar seu irmão nesta casa lúgubre e sem ar, quando a deliciosa liberdade da minha casa de campo está às suas ordens.

— Isso nunca convirá a Clifford — foi a breve resposta de Hepzibah.

— Mulher! — irrompeu o juiz, dando largas ao seu ressentimento. — O que quer dizer com isso? Tem acaso outras fontes de renda? Duvido! Cuidado, Hepzibah, cuidado! Clifford está à beira da ruína! Mas por que discuto com uma mulher? Preciso ver Clifford!

Hepzibah postou a figura delgada diante da porta. Parecia aumentar de tamanho. A grande agitação e o terror que lhe invadiam o coração tornavam-na mais terrível. O evidente propósito do Juiz Pyncheon de forçar a passagem foi sustado pela voz vinda do interior de uma das salas. Uma voz fraca, trêmula, queixosa, menos enérgica na própria defesa do que a de uma criança amedrontada.

— Hepzibah! Hepzibah! — dizia a voz. — Ajoelhe-se diante dele! Beije-lhe os pés! Suplique-lhe que não entre! Ele que tenha pena de mim! Piedade! Piedade!

Nesse momento, parecia duvidoso ser propósito do juiz afastar Hepzibah para entrar na sala de onde procedia aquele murmúrio miserável. Não foi a piedade que o fez parar, pois ao primeiro som da voz enfraquecida um fogo rubro lhe iluminou os olhos, enquanto dava um rápido passo para a frente com algo feroz ensombrecendo seu aspecto. Para bem conhecer o juiz, era preciso vê-lo agora. Depois dessa revelação, deixemo-lo sorrir como quiser. O calor do sorriso mais facilmente corará os biscoitos e enrubescerá as uvas do que apagará a impressão gravada na memória do observador; essa expressão de aniquiladora ferocidade tornava seu aspecto mais amedrontador do que quando expressava furor ou ódio.

Mas não estaremos difamando um homem excelente e agradável? Olhemos o juiz! Aparentemente, sabe que errou forçando atos de amor familiar com pessoas que não poderiam compreendê-los. Esperará ocasião oportuna, mantendo-se pronto para assisti-los no momento adequado! Ao afastar-se da porta, uma inefável doçura se irradia de seu rosto, indicando que guarda Hepzibah, Clifford e Phoebe no imenso coração, envolvendo-os na quente torrente da amizade.

— Interpreta-me mal, prima Hepzibah — disse, oferecendo a mão que começou a enlugar para partir. — Muito mal! Mas eu a perdoo e farei o possível para que me julgue melhor. Certamente, estando nosso Clifford em tão lamentável estado, não poderei forçar uma entrevista agora, mas providenciarei para o seu conforto como se fosse meu próprio irmão. Não perco a esperança, cara prima, de fazê-los compreender o quanto são injustos comigo. Espero, como recompensa, que aceitem os meus préstimos.

Com uma reverência para Hepzibah e uma inclinação cheia de paternal benevolência para Phoebe, o juiz deixou a loja. Procurava justificar a riqueza sendo cortês para todos, como fazem os que pretendem posição política. Com esse gesto de magnanimidade pensava dar o justo valor à sua pessoa. A calorosa aparência de bondade do juiz, porém, como que ressecava as ruas, tornando-as poeirentas e justificando que fossem novamente molhadas.

Mal tinha ele desaparecido, Hepzibah tornou-se pálida e, aproximando-se de Phoebe, encostou a cabeça no seu ombro.

— Oh! Phoebe! Esse homem é o horror da minha vida! Será que nunca terei coragem para dizer-lhe o que penso a seu respeito?

— É assim tão perverso? — perguntou Phoebe. — No entanto, seus oferecimentos foram bondosos!

— Não me fale disso, ele tem um coração de ferro — replicou Hepzibah. — Agora entre e converse um pouco com Clifford. Distraia-o. Ele ficaria perturbado ao me ver tão agitada. Vá, minha querida. Tentarei tomar conta da loja.

Phoebe fez o que lhe pedia Hepzibah. Imaginava qual seria a finalidade da cena que presenciara e perguntava-se se juizes, clérigos e outras pessoas eminentes seriam sempre justos e retos. Tal dúvida tem sempre influência perturbadora e efeito temível sobre espíritos como o de Phoebe. Pessoas de disposições especulativas talvez se

regozijem ao perceber que todos os homens têm a mesma oportunidade, sejam eles de classe alta ou baixa. Um ponto de vista mais amplo e um conhecimento mais profundo consideram classe, dignidade e posição como coisas ilusórias quanto ao respeito humano, sem se sentir como se o universo fosse mergulhado num caos. Contudo, para manter o universo no seu lugar, Phoebe era constrangida a sufocar suas intuições quanto ao caráter do juiz, concluindo estar o julgamento de Hepzibah envenenado por uma daquelas histórias de família que tornavam tudo mais horrível, pelo veneno nativo que mesclam aos entorpecidos sentimentos.

9

Clifford e Phoebe

Havia verdadeiramente nobreza e generosidade no temperamento de Hepzibah. A pobreza o enriquecera, a tristeza o desenvolvera, e a afeição, única e imensa de sua vida, o elevara, enchendo-o de heroísmo. Naqueles anos terríveis, embora sem muita esperança, a pobre senhora pensara na situação atual como única melhoria possível. Somente desejava da Providência a oportunidade de se dedicar inteiramente ao irmão, em quem depositava toda a fé. Depois de tão prolongada ausência, o desgraçado lhe era devolvido para que o provesse não só do pão material, como do alimento espiritual, que o manteria moralmente vivo. Hepzibah correspondeu ao apelo dessa imposição, apresentando-se imediatamente, nas velhas sedas farfalhantes, com as juntas duras e o rosto enrugado, pronta a fazer tudo o que fosse preciso, e com uma afeição que a tornava capaz de se sacrificar cem vezes mais. Poucas visões seriam mais comovedoras, mais patéticas, do que nossa pobre Hepzibah naquela tarde.

Com que paciência envolveu Clifford no doce e terno amor, transformando esse sentimento num mundo, para que lembranças torturantes não o perturbassem! Como eram compassivos e magnânimos os pequenos esforços para distraí-lo!

Como sabia do amor de Clifford pela poesia e pela ficção, abriu uma velha estante, escolhendo alguns livros de grande sucesso, quando lançados. Um volume de Pope, *The rape of the lock*, outro do *The Tatler*, e um volume desemparelhado das *Miscellanies* de Dryden, com desenhos desbotados nas capas e pensamentos igualmente desbotados nas páginas, não pareceram agradar a Clifford. Esses autores, como outros escritores de sociedade, cujos trabalhos têm o brilho mais refulgente quando recém-acabados, depois de um ou dois anos perdem o encanto e dificilmente o reavivariam num cérebro enfraquecido. Hepzibah escolheu *Rasselas* e começou a ler para Clifford o *Happy Valley*. Tinha a vaga ideia de que nesse livro era descrita uma vida cujo enredo faria bem a ambos. Infelizmente, o trecho era ensombrado por uma nuvem de tristeza. Hepzibah cometeu muitos erros de entonação, como se não percebesse o sentido da frase. Clifford parecia não prestar atenção à leitura, e entediava-se sem proveito algum. A voz da irmã, além de áspera, adquirira uma espécie de desagradável ronco, que, uma vez se radicando na voz humana, tem a insistência de um pecado. Em ambos os sexos, esse ronco revela a profunda melancolia oriunda de uma vida infeliz e acompanha tanto as

exclamações de alegria quanto os suspiros de dor. Era como se a voz tivesse sido tingida de preto, ou melhor, como se um fio de seda preta envolvesse os cristais da voz. São vozes que guardam luto pelas esperanças mortas, devendo morrer e ser enterradas com essas malogradas esperanças.

Constatando o insucesso do grande esforço, Hepzibah pôs-se a procurar pela casa um passatempo mais agradável. Seus olhos deram com o cravo de Alice Pyncheon. Era um momento de perigo, pois, não obstante o respeito tradicional que mantinham pelo instrumento e a lenda de que dedos espirituais costumavam dedilhá-lo, ela estava disposta a servir-se dele acompanhando seus sons com a própria voz para distrair o irmão. Pobre Clifford! Pobre Hepzibah! Pobre cravo! Que detestável conjunto formariam os três! Porém alguma coisa, possivelmente alguma intervenção da própria Alice, afastou essa calamitosa ideia!

O invencível desprazer demonstrado por Clifford ao ver Hepzibah fora o golpe mais duro que lhe reservara o destino. Tudo contribuía para que aquele amante do belo dela desviasse os olhos. As feições marcadas pelo tempo e pela tristeza, os hábitos estranhos que lhe criara a solidão, o ressentimento contra o mundo, as roupas antiquadas, a lamentosa atitude e todo o aspecto exterior afastavam instintivamente Clifford da irmã. Essa repulsa era um sentimento imorredouro e, mesmo quando chegasse o momento extremo de lhe beijar agradecido a mão, ele fecharia os olhos para não ver aquele semblante entristecedor. Pobre Hepzibah! Para melhorar a aparência, pensou em adornar o toucado com fitas; ainda bem que os anjos da guarda impediram que tomasse essa resolução.

Além das desvantagens pessoais, uma singular rusticidade se imiscuía em todos os seus atos. Sabia ser motivo de desgosto para o irmão; desesperada, recorreu a Phoebe. Não sentia ciúmes. Se aprouvesse aos céus coroar sua heroica fidelidade, permitindo-lhe proporcionar felicidade a Clifford, sentiria recompensado o passado pela mais profunda, embora discreta, alegria. A certeza da incapacidade para a realização desse caro desejo obrigou-a a apelar para Phoebe, que de bom grado recebeu o encargo, não o considerando uma missão e aumentando o encanto dos seus esforços pela simplicidade.

O temperamento prazenteiro fez da ingênua mocinha elemento indispensável ao conforto e à vida diária dos dois velhos solitários. Depois da sua chegada, até a impressão de ruína e pouco cuidado desapareceu da casa. O mofo deteve seus dentes na estrutura, o pó deixou de cair silenciosamente do teto sobre o assoalho e sobre as mobílias pela influência daquela pequena dona de casa, trêfega e ágil como a brisa que varre um jardim. A pureza que se expandia daquele coração moço era mais poderosa que as sombras que povoavam aqueles cômodos e o cheiro que neles deixara a morte em suas repetidas visitas. Phoebe não possuía sentimentos mórbidos; se os tivesse, a Casa das Sete Torres os teria transformado em doença incurável. Seu espírito se assemelhava a um pouco de essência de rosas cuja fragrância perfumasse as antigas roupas guardadas nas enormes arcas de Hepzibah, penetrando nas rendas, linhos, luvas

e em tudo o que aí estivesse entesourado. Assim como os artigos das arcas se tornaram mais agradáveis, também os espíritos de Hepzibah e Clifford, embora de aparência taciturna, foram se impregnando de uma felicidade sutil. A sensibilidade do coração de Phoebe inspirava-lhe a frase propícia para cada momento, a atitude de simpatia para com o gorjeio dos pardais na pereira e para com a profundidade da ansiedade de Hepzibah e os gemidos vagos de Clifford. A grande facilidade de adaptação era indício perfeito de equilíbrio da saúde física e mental da jovem camponesa.

A influência avassaladora de naturezas como a de Phoebe nem sempre é reconhecida com gratidão. A força de seu caráter se avalia pela rapidez com que conseguiu se adaptar a circunstâncias tão austeras como as da Mansão Pyncheon, e pelo efeito confortador causado sobre cérebros mais maduros que o seu. Entre a aparência de Hepzibah e a de Phoebe havia a mesma proporção que entre as suas personalidades.

A presença e a ação da moça eram absolutamente necessárias ao irmão de Hepzibah. Embora não conversasse com ela e não manifestasse muito claramente o seu agrado, Clifford tornava-se rabugento e nervoso quando percebia ter Phoebe se ausentado, respondendo com explosões de mau humor às tentativas de Hepzibah para animá-lo. Necessitava do auxílio do frescor daquela vida em flor, como consolo para a sua vida desgraçada. Como um regato murmurejante, Phoebe estava sempre atenta e diligente. Possuía um dom natural para o canto e enchia a casa com a voz agradável. Perguntar quem fora o seu mestre seria tão tolo como dirigir essa pergunta aos passarinhos em cujo trinado reconhecemos a voz do Criador. Enquanto escutasse a doce e etérea simplicidade de suas cantigas, fosse de um quarto no andar superior, do corredor da loja ou do jardim, Clifford estaria contente. À medida que o som se aproximava, seu prazer aumentava, chegando ao auge quando Phoebe sentava-se perto dele.

Considerando-se seu temperamento, é de estranhar que Phoebe desse preferência a canções melancólicas, mas em geral os jovens, felizes e despreocupados, não se incomodam de misturar à sua vida uma sombra transparente. Os tons graves e patéticos, expressos através da música daquele espírito tão alegre e galhofeiro, aliviavam o coração. Aquela sinfonia provocava alegria nas vidas desventuradas de Hepzibah e Clifford, e os temas tristes vinham a propósito.

Pelo convívio com Phoebe, demonstrou-se a natureza primitivamente alegre e absorvente de Clifford. Quando juntos, ele se transfigurava, tornando-se mais moço. Uma beleza irreal lhe animava o semblante. Aquela transfiguração só podia ser interpretada como reflexo de felicidade interior. As rugas do rosto, os cabelos grisalhos, o aspecto amargurado, iam-se desmaiando, e sentia-se a tentação de argumentar com o tempo que, furtivamente, e a despeito de tudo, lhe ia aumentando a idade. Desde que o mundo não o queria, antes não tivesse ele respirado; porém, uma vez tendo existência, o ambiente em que se desenvolvesse devia ser um ar embalsamado. Naturezas como essa, cuja única aspiração é a contemplação do belo, mereciam o mais suave destino na terra.

A compreensão do caráter sobre o qual tinha um encanto tão poderoso

provavelmente era um tanto imperfeita em Phoebe. Porém, assim como a claridade da lareira conforta a inúmeros indivíduos que se agrupem em torno, sem se preocupar com a sua personalidade, também a nossa jovem camponesa não necessitava de maiores profundezas. A sutileza que se escondia sob a face de Clifford não seria facilmente percebida por pessoas que vivem tão dentro da atualidade. Para Clifford, a simplicidade, a rusticidade e o caráter de realidade de Phoebe eram os seus maiores atrativos. O belo era, entretanto, indispensável àquele espírito refinado. Tivesse Phoebe feições grosseiras, formas desgraciosas, maneiras rudes, Clifford a teria repellido, mesmo sendo ela mulher. Felizmente a natureza a cumulava de dotes físicos. Nada era mais necessário a esse homem, cuja existência fora um sonho irrealizado, do que aquele alegre semblante para incorporá-lo novamente ao curso da vida. Reingressar na vida cotidiana é sempre o maior desejo de pessoas que dela se desviam, seja para melhor ou para pior. No cume de uma montanha ou no fundo de uma caverna, a solidão é desesperadora. A presença de Phoebe criava o ambiente de um lar, conforto pelo qual anseiam proscritos, prisioneiros, miseráveis e até mesmo os potentados. Phoebe era uma realidade. Ao contacto macio de sua mão, terna e morna, Clifford tinha certeza de ocupar um lugar na corrente de bondade da natureza humana. O mundo não era mais ilusão.

Examinando melhor esse fato, sugerimos a explicação de um mistério com que deparamos frequentemente. Por que escolherão os poetas seus temas não pelos dotes poéticos mas por qualidades que fariam a felicidade tanto do mais rude operário manual quanto do operário ideal do espírito? Provavelmente será porque, na sua grande elevação, o poeta prescinde do concurso humano, considerando terrível o abaixar-se.

Havia alguma coisa sublime na amizade que se desenvolvia entre esses dois entes, constantemente unidos, embora tantos anos os separassem. Em Clifford era o sentimento despertado por grande sensibilidade à influência feminina. Nunca provara a taça do amor e sabia por delicada intuição ser tarde demais para isso. Seus sentimentos em relação a Phoebe, sem serem paternais, não eram menos castos do que se ela fosse sua filha. Considerava-a uma mulher, representante única do sexo feminino. Acompanhava o desenvolvimento do seu corpo virginal, notando todos os encantos próprios do seu sexo. Suas maneiras femininas, dela brotando como flores, influíam grandemente sobre ele, proporcionando-lhe o mais delicado prazer. Algumas vezes, essa influência era mais duradoura, dando vida ao homem meio entorpecido, como uma harpa há muito abandonada e agora vibrada por qualquer músico. Isso, porém, era mais uma percepção do que um sentimento próprio do indivíduo. Lia os sentimentos de Phoebe, como se fosse uma história simples e doce. Ouvia-a como um verso da poesia doméstica com que Deus recompensava sua sorte sombria e funesta. Era a interpretação de tudo o que ele carecia, e tinha tanto poder reconfortante quanto a realidade, embora fosse ela um símbolo.

Inutilmente tentamos traduzir essa ideia por palavras, pois não há termo adequado para exprimir essa bela e profunda melancolia. Esse ser tão miseravelmente infeliz, cujas tendências foram contrariadas a ponto de torná-lo imbecil, esse pobre viajante da ilha dos Bem-Aventurados, foi lançado no seu frágil barco pelo último vagalhão da borrasca num porto tranquilo. Na praia, ainda meio inconsciente, um vivo perfume de botões de rosas acordou na sua mente reminiscências e visões de beleza, que sempre o deveriam ter cercado. Pela suscetibilidade a influências felizes, sorveu o leve e etéreo aroma até as profundezas da alma.

Que diremos em relação a Phoebe? Seu temperamento não se sentia atraído pelas coisas estranhas e excepcionais. Convinha-lhe mais o caminho já muito palmilhado da vida comum, e os melhores companheiros seriam esses que se encontram em todas as esquinas. O mistério que envolvia Clifford a aborrecia, em lugar de excitar-lhe a curiosidade. Sua bondade, porém, estava em jogo, não pelas qualidades refinadas do primo, nem pela situação obscura, mas pelo apelo daquele coração abandonado à sua verdadeira simpatia. Tratava-o com o carinho que esse homem pouco recebera e de que tanto necessitava. Seu tato natural ditava-lhe as atitudes. Como ignorava o que havia de mórbido nessa experiência, mantinha com ele as melhores relações, pela liberdade de conduta. Geralmente os doentes do espírito, assim como os do corpo, pioram pelo múltiplo reflexo do seu estado nas coisas que os rodeiam. Inspiram o veneno de sua respiração um milhão de vezes. Phoebe dava, porém, ao seu paciente reservas de ar puro, impregnado ainda do perfume das flores do jardim, rosas, cravos e outras espécies que a natureza reproduz de verão em verão e de século em século. A moça era como uma flor para Clifford, provocando-lhe as mais agradáveis sensações.

Às vezes, a pesada atmosfera que a rodeava como que lhe crestava as pétalas, tornando-a pensativa. Olhando o rosto de Clifford, seu intelecto apagado, sua elegância antiquada, sentia-se tentada a fazer perguntas sobre o passado. Envolvê-lo-ia sempre esse véu sob o qual enxergava tão pouco o mundo atual ou fora ele tecido por alguma calamidade? Quando as circunstâncias fizeram que Clifford lhe relatasse a história e fosse gradualmente lhe revelando a vida, não se sentiu muito chocada. O mundo cometera uma injustiça para com o primo Clifford; ela, porém, bem o conhecia, para não temer o contacto dos seus dedos magros e delicados.

Alguns dias após a chegada do novo hóspede, estabeleceu-se a rotina na velha mansão. Depois do café matinal, Clifford cochilava na cadeira até meio-dia. Nessas

horas de sonolência, Hepzibah cuidava do irmão e Phoebe se encarregava da loja. O público, tomando conhecimento do horário, preferia fazer as compras pela manhã. À tarde, a velha dama retomava o trabalho de tricô — meias de inverno para o irmão — e ia para trás do balcão atender os fregueses, enquanto a jovem se transformava em enfermeira, companheira e guardiã do primo Clifford.

10

O jardim Pyncheon

Não fosse a influência de Phoebe, Clifford teria cedido ao torpor que dele se apossava, obrigando-o a permanecer preguiçosamente sentado até tarde. Às vezes, a moça propunha um passeio pelo jardim, onde Tio Venner e o daguerreotipista tinham feito ótimo abrigo eventual para o caso de chuva, no caramanchão, ou sob a árvore. As hastes do lúpulo já cobriam os lados da pequena construção, deixando buracos por onde se espiava a solidão selvagem do jardim.

Nesse retiro verdejante, de luz trêmula, muitas vezes Phoebe lera para Clifford. O artista ajudou-a a entretê-lo com trabalhos de ficção em forma de folhetins e alguns volumes de versos de gosto e estilos diferentes dos que Hepzibah escolhera para diverti-lo. No entanto, pouco se devia aos livros se a leitura da jovem era mais bem sucedida do que a da prima. A voz de Phoebe, de bela musicalidade, podia enlevar Clifford pelo seu tom alegre e cintilante, ou acalmá-lo com a sua cadência semelhante ao canto de um regato. As ficções, porém, que tanto absorviam a moça recém-vinda do campo, em nada interessavam seu ouvinte. Pinturas da vida, cenas de paixão, amor, arroubos patéticos, tudo era perdido em relação a Clifford, seja porque lhe faltasse experiência para comprová-los, seja porque suas mágoas fossem uma pedra de toque a que pouca coisa fictícia pudesse resistir. Enquanto Phoebe explodia num acesso de riso, ele sorria por simpatia ou olhava para ela interrogativamente. Se acaso uma lágrima rolava dos seus olhos, provocada por uma desgraça imaginária, Clifford logo a interpretava como sinal de calamidade atual e, rabugento e nervoso, lhe pedia que fechasse o livro. Já não é o mundo suficientemente triste, para que se faça passatempo com mágoas fantásticas?

As poesias impressionavam-no melhor e deliciava-se com o ritmo e com as rimas felizes. Penetrava melhor os versos esvoaçantes e etéreos do que os profundos e sublimes. Não se podia precisar em que ponto começava aquela influência mágica, mas, levantando os olhos do livro, Phoebe percebia que uma chama dos versos que lia havia iluminado aquela inteligência sensível. Muitas vezes, porém, essa demonstração de prazer era seguida de horas de tristeza. Ao perder esse brilho de compreensão, Clifford percebia ter perdido um sentido e um poder e os procurava ansiosamente, como um cego em busca da visão.

Agradava-lhe mais e lhe causava mais bem-estar que Phoebe conversasse, reavivando-lhe ocorrências passadas pela descrição e pelas suas observações. A vida do jardim oferecia assunto para conversar. Nunca deixava de perguntar que flores tinham desabrochado naquele dia. Demonstrava grande gosto pelas flores e costumava ficar muito tempo a admirá-las e a olhar o rosto de Phoebe, como se flores e moça fossem irmãs. Além de deleitar-se com o perfume, a delicadeza de forma e o matiz, Clifford nelas adivinhava uma vida, um caráter e uma individualidade que o faziam amá-las como se fossem dotadas de sentimentos e inteligência. Esse amor e dedicação às flores é geralmente um traço feminino. Homens dotados dessa afeição pela natureza logo a desprezam e esquecem pelo contacto com coisas grosseiras. Também Clifford há muito perdera tal sentimento, mas, à medida que o ânimo lhe voltava, ele foi se reavivando.

Depois que Phoebe decidiu ocupar-se do jardim, muitos incidentes nele ocorreram. No primeiro passeio, notara o zumbido de uma abelha; desde então, continuamente, esses diligentes insetos procuravam o jardim, vindos sabe Deus de onde, à cata de néctar, quando talvez houvesse muitos outros jardins mais próximos da colmeia. Mergulhavam dentro das flores da abóbora, como se não existissem outras plantas no trajeto do seu voo, ou como se as plantas do terreno de Hepzibah fossem exatamente as que buscavam para impregnar do aroma do Himeto todo o mel da Nova Inglaterra. Um zumbido numa flor amarela produziu em Clifford doce sensação de calor. Não seria mais preciso, portanto, indagar a razão da vinda das abelhas. Deus as enviava para que o alegrassem, trazendo consigo o rico verão em troca de um pouco de mel.

Quando as hastes do feijão começaram a florescer, apareceram novas flores de um vermelho vivo. Semeara-as o daguerreotipista que descobrira as sementes numa velha gaveta de uma cômoda abandonada, onde talvez as esquecera algum Pyncheon, na intenção de plantá-las no próximo verão, quando a morte o surpreendeu. Para experimentar se nelas persistia algum germe, Holgrave as havia plantado e o resultado foram aquelas espirais que se enrolavam nas estacas, numa profusão de flores vermelhas. O primeiro botão já havia atraído verdadeira multidão de passarinhos e parecia haver um para cada flor. Clifford interessava-se com indiscutível curiosidade pelas aves e, para observá-las, escondia-se entre as árvores, fazendo sinal de silêncio a Phoebe, e surpreendendo o sorriso de simpatia da jovem, para aumentar-lhe o prazer. Era como se fosse novamente criança.

Ao presenciar esses momentos de entusiasmo, Hepzibah balançava a cabeça, entre triste e alegre, como mãe e irmã. Aquele amor do irmão aos pássaros, precursor do seu grande amor ao belo, vinha da meninice. Fora feliz coincidência que Holgrave tivesse semeado aqueles feijões que há quarenta anos haviam florescido nos jardins dos Pyncheon, de modo que brotassem justamente na volta de Clifford.

Lágrimas afloravam, então, aos olhos de Hepzibah, nublando-os e obrigando-a a esconder-se antes que Clifford percebesse sua agitação. Todas as distrações do irmão provocavam-lhe lágrimas. Tardios como eram, esses divertimentos, numa espécie de

veranico, espalhavam névoas sobre o mais brilhante sol, e decadência e morte sobre os mais alegres prazeres. Era triste reconhecer a infantilidade das distrações de Clifford. Dono de um passado terrível e misterioso, credor de um futuro confuso, só possuía o presente impalpável e visionário que logo verificamos nada ser. Como denunciavam muitos sintomas, ele próprio se escondia atrás daqueles prazeres que julgava infantis, com os quais somente devia brincar, sem levá-los a sério. No espelho de profundo conhecimento interior, Clifford percebia ser exemplo e representante das pessoas que são postas em oposição ao mundo por inexplicáveis circunstâncias. Sua vida se transformara num tormento pela quebra de promessas feitas à sua natureza, e pela substituição dos alimentos naturais de sua alma por veneno. Aprendera a ser desgraçado como se aprende uma língua estrangeira. Sabida a lição de cor, era com dificuldade que compreendia essas pequenas felicidades. Frequentemente uma sombra de dúvida pairava em seus olhos. "Segure minha mão, Phoebe, e belisque-me. Dê-me uma rosa e deixe-me apertá-la para sentir seus espinhos e pela dor certificar-me de que estou acordado", dizia ele. Desejava evidentemente essa pequena picada, para se assegurar de que o jardim, as sete torres, a casa de Hepzibah e o sorriso de Phoebe eram também reais. Sem esse selo sobre a carne, atribuiria a esses fatos menos importância do que às cenas imaginárias com que alimentava o espírito até que o corpo estivesse exausto.

O autor precisa ter muita fé na simpatia do leitor, pois, de outro modo, hesitaria em relatar detalhes tão minuciosos e incidentes tão fúteis mas essenciais para formar a ideia da vida do jardim. Era o Éden de um novo Adão que procurava refúgio fora daquele deserto terrível e perigoso onde fora jogado o original. Uma das distrações usadas por Phoebe para entreter a Clifford era a sociedade emplumada das galinhas, herança de família. Por capricho daquele, as aves tinham sido postas em liberdade e andavam a seu bel-prazer pelo jardim, impedidas de fugir pela cerca pontiaguda e pelas construções vizinhas. Passavam a maior parte do tempo em volta da Fonte Maule, à cata de minhocas, saboreando aquela água salobre com o mesmo gosto de bebedores de vinho em torno de um barril. O tranquilo cacarejar tinha um tom doméstico que, enquanto as aves esgaravataavam a terra e bicavam as plantas verdejantes, poderia ter estabelecido uma conversa sobre assuntos caseiros e galináceos. Eram dignas de estudo pelas maneiras singulares, próprias daquela raça exótica. Certamente essas poses traduziam peculiaridades tradicionais dos progenitores, transmitidas através de ovos

inquebráveis, ou então o pobre chanteclair e suas mulheres tinham ensandecido pela solidão e falta de cuidados de sua dona.

Eram verdadeiramente originais! O chanteclair, mantendo-se de pé como em duas pernas de pau, gestos cheios da dignidade de ilustre descendência, tinha o tamanho de uma perdiz. As duas galinhas regulavam em proporções com codornizes, e o único frango era tão pequeno que parecia ainda estar no ovo, embora tivesse idade e experiência para ser considerado como fundador da raça. Dava a impressão de ter somado as idades não só dos espécimes vivos como de todos os avós, com suas extravagâncias e qualidades. Sua mãe o considerava evidentemente o único frango desnecessário à continuação do mundo ou, pelo menos, ao equilíbrio do atual sistema de negócios do Estado e da Igreja. Menor importância não seria justificável aos olhos da mãe, que perseverantemente cuidava da segurança da jovem ave, encrespando-lhe as penas e voando no rosto de todos como para chamar-lhes a atenção para a esperançosa prole. Esse apreço se manifestava no zelo infatigável com que esgaravatava a terra, e a inescrupulosidade com que revolvia as raízes das mais belas flores ou vegetais à cata de um gordo verme. O cacarejo nervoso, quando o frangote se escondia na relva alta ou sob as folhas da aboboreira, o canto de satisfação quando o tinha debaixo da asa, o grito ruidoso de temor e desafio quando via seu inimigo figadal, o gato do vizinho, no alto do muro, esses eram sempre ouvidos, ora um, ora outro, no decorrer do dia. O observador não podia fugir de, aos poucos, ir se interessando por esse descendente de raça ilustre, como pela galinha-mãe.

Depois de conhecer bem a velha galinha, Phoebe conseguira permissão para segurar o frango, que cabia inteirinho em suas mãos. Enquanto examinava cuidadosamente seus sinais hereditários, as pintas peculiares da plumagem, o tufo da cabeça, os esporões, o pequeno bípode lançava-lhe olhadelas sagazes. Certa vez, insinuou o daguerreotipista representarem esses sinais as extravagâncias da família Pyncheon. O próprio frango parecia um símbolo da vida da velha casa. Era um enigma emplumado, um mistério nascido de um ovo, e tão misterioso quanto se o ovo fosse infecundo.

A segunda das mulheres do chanteclair desde a chegada de Phoebe mantivera-se num estado de pesado abatimento, devido à sua inabilidade em botar ovos. Um dia, contudo, pelo seu andar imponente, pelo movimento da cabeça e pela complacência do canto, tornou-se evidente que essa galinha, embora desvalorizada pela humanidade, tinha algo de valor inestimável. Pouco depois ouviu-se um cacarejo prodigioso, seguido de uma congratulação do galo e de toda a família, inclusive do franguinho. Nessa mesma tarde, sob uma moita de groselhas, num montinho de relva seca, Phoebe achou um ovo minúsculo, astuciosamente escondido. Ao saber disso, e pelas qualidades de sabor desse afamado ovo, Hepzibah preparou-o para Clifford, sacrificando assim a continuação de uma antiga raça galinácea, para presentear o irmão com o pitéu que escassamente encheria o fundo da colher. Devido talvez a esse ultraje, no dia seguinte o chanteclair e a dona do ovo postaram-se à frente de Phoebe e Clifford, fazendo uma

arenga que obrigou a moça a rir. A ave, ofendida, começou a recuar, lançando sua reprovação a Phoebe e ao resto da humanidade, até que a jovem lhe propôs paz, oferecendo-lhe um pedaço de bolo, o mais saboroso manjar para seu gosto, depois das minhocas.

Demoramo-nos demais, sem dúvida, na descrição dessas aves insignificantes. Julgamos, porém, perdoável recordar esses pequenos incidentes e pobres prazeres pelo grande benefício que traziam a Clifford. Tinham um cheiro de terra que contribuía para a sua saúde e bem-estar. Algumas dessas distrações agiam, contudo, de maneira desastrosa sobre o novo habitante da casa. Gostava de olhar para o fundo da Fonte Maule e admirar a fantasmagoria constantemente mutável das figuras produzidas pela agitação da água, sobre o mosaico de pedras coloridas. Lá do fundo, dizia ele, rostos bonitos e risonhos, faces rosadas e belas, o olhavam com um sorriso cujo desaparecimento o entristecia até que a magia os fizesse voltar. Algumas vezes, porém, punha-se subitamente a gritar: "O rosto sinistro está olhando para mim!", e permanecia triste por muito tempo. No entanto, Phoebe, que estava sempre a seu lado, nada via além dos seixos coloridos que pareciam mover-se com o movimento da água. O rosto, que tanto perturbava o pobre homem, nada mais era do que a sombra lançada pelos galhos de um damasqueiro sobre a fonte. Sua fantasia, mais forte do que o seu desejo e julgamento, criava formas de beleza, símbolo de seu caráter, e formas austeras e terríveis, representação do seu destino.

Phoebe era frequentadora ardorosa da igreja. Aos domingos, depois da volta da reza, havia pequena reunião no jardim. Além de Clifford, Hepzibah e Phoebe, havia dois visitantes: Holgrave e Tio Venner. O primeiro, não obstante sua amizade com reformadores e outros traços estranhos, continuava a manter-se em elevado posto no conceito de Hepzibah. O venerável Tio Venner comparecia de camisa limpa, um casaco mais respeitável do que a roupa usual, igualmente cerzido no cotovelo. Clifford apreciava a companhia do velho, pela sua alegria branda e prazenteira. Para aquele senhor decadente, era mais agradável a companhia de um homem de classe baixa do que qualquer outra. Como perdera a mocidade, Clifford sentia-se moço em comparação com a idade patriarcal de Tio Venner. Percebia-se que procurava esquecer o fato de já estar avançado em idade, acariciando ainda visões de futuro. Essas visões eram, porém, muito indistintas, de modo que não o desapontassem quando alguma lembrança ou circunstância casual os tornasse sensíveis.

Fazia-se a reunião debaixo da velha árvore, onde Hepzibah, majestosamente, sem perder uma polegada de nobreza e antes se baseando nela para justificar sua condescendência, oferecia hospitalidade. Dirigia-se bondosamente ao artista e fazia perguntas ao lenhador, filósofo remendado. Tio Venner, cujas deduções se fundamentavam nas suas observações feitas nas esquinas, estava sempre pronto a derramar sabedoria como uma torneira que jorrasse água.

— Miss Hepzibah — disse ele certa vez —, gosto imensamente dessas reuniões. São

exatamente como as que pretendo fazer na minha fazenda!

— Tio Venner está sempre falando sobre a sua fazenda — observou Clifford —, mas tenho melhor projeto para ele. Vamos ver!

— Ora, Mr. Clifford Pyncheon, pode fazer para mim os projetos que quiser, mas não abandonarei os meus, mesmo que nunca chegue a realizá-los. Os homens cometem grande erro em querer amontoar propriedades sobre propriedades. Se fizesse isso, sentir-me-ia como se a Providência não tivesse mais obrigação de se ocupar comigo. De qualquer modo, a cidade não o faria! Acho a imensidade suficientemente grande e a eternidade suficientemente longa para todos nós! — Foi essa a resposta do pobre ancião.

— Sim, é verdade, Tio Venner — tornou Phoebe, depois de uma pausa em que tentara sondar a profundidade e a propriedade desse axioma. — Nesta vida tão curta, todos gostariam de possuir uma casa e um jardimzinho.

— Parece que Tio Venner tem os princípios de Fourier em sua sabedoria sem a distinção característica do sistema desse francês — comentou Holgrave.

— Venha, Phoebe — chamou Hepzibah —, está na hora de trazermos a groselha.

Enquanto o rico amarelo do pôr-do-sol caía sobre o jardim, Phoebe trouxe um pão doce e um pote de porcelana cheio de groselhas, misturadas com açúcar, únicos pratos oferecidos como gulodice. Holgrave tentava entabular conversa com Clifford, impelido pelo bondoso impulso de tornar aquela hora mais agradável que as anteriores e as que ainda sobreviriam ao pobre recluso. Nos olhos profundos, pensadores e observadores do artista, havia uma expressão inquiridora, como se seu interesse na cena fosse maior que o de estranho aventureiro. Com grande habilidade, propunha-se a distrair os convivas e nisso conseguiu tal sucesso que a própria Hepzibah foi obrigada a pôr de parte um pouco de sua tristeza. Como prova de amizade, Tio Venner pôs sua fisionomia às ordens do rapaz, permitindo-lhe tirar um retrato para ser exposto na porta do estúdio.

Clifford tornou-se logo o mais alegre de todos os convivas, ou porque passasse por uma das mais animadoras fases de espírito a que estão sujeitas as pessoas anormais, ou porque o artista sutilmente tocasse alguma corda provocando tal vibração. As agradáveis tardes de verão e a simpatia dessas almas bondosas possivelmente fariam com que um homem tão suscetível como Clifford se animasse, correspondendo à prosa. Externava os pensamentos com brilho superficial e fantasioso, fazendo-os resplandecer através das árvores e fugir entre os interstícios da folhagem. Quando sozinho com Phoebe, mostrava-se igualmente jovial, nunca porém com esses indícios de aguda, embora parcial, inteligência.

Ao deixar o sol os picos das sete torres, também a excitação desapareceu dos olhos de Clifford. Olhava vagamente em torno, como saudoso de alguma coisa preciosa que não poderia determinar qual fosse.

— Quero a minha felicidade! — murmurou finalmente, com voz rouca e indistinta. — Esperei tanto por ela e agora é tarde demais! É tarde! Quero a minha felicidade!

Pobre Clifford! Já velho e acabado por contratempos que nunca o deviam ter importunado! Meio louco e meio imbecil! Uma ruína, um fracasso como o são a maioria dos homens, embora em escala menor e grau menos perceptível. O destino não lhe reservou nenhuma felicidade, a não ser que assim consideremos o lar tranquilo, a fiel Hepzibah, as longas tardes de verão com Phoebe e os alegres domingos com Tio Venner e Holgrave. E por que não? Pelo menos assemelhavam-se muito à felicidade, sobretudo pela intangível e etérea qualidade que desaparecia a um exame mais minucioso. Goze-a enquanto puder! Não faça perguntas, não murmure, mas contribua com o que for possível.

A janela de sacada

Pela inércia, e pelo que podemos chamar de temperamento vegetativo, Clifford teria desejado passar dias e dias como descrevemos nas páginas precedentes, ao menos durante o verão. Com a ideia de que qualquer mudança agiria em seu benefício, Phoebe às vezes lhe sugeria que observasse a vida das ruas. Com esse intuito subiam ao segundo andar, onde, no fim de comprido corredor, havia uma janela de sacada sombreada por cortinas. Abrindo-se sobre o pórtico, dava para pequeno balcão, cuja balaustrada, gasta pelo tempo, há muito fora removida. Através das cortinas, Clifford presenciava os raros acontecimentos que se passavam na rua retirada. Ele e Phoebe formavam um quadro tão digno de ser visto como a própria cidade. Com aquele aspecto infantil, melancólico, embora às vezes jovial e parcialmente inteligente, Clifford aparecia pela fresta da cortina vermelha, observando a monotonia das ocorrências cotidianas com um interesse inconsequente e virando-se a cada palpitação do seu coração para a companheira!

Sentado à frente da janela, sempre descobria em que fixar a atenção, aumentando suas observações. Coisas familiares, até as crianças, lhe pareciam estranhas. Um cabriolé, um ônibus cheio, deixando um passageiro e pegando outro, representando assim esse vasto veículo rolante que é o mundo, tudo Clifford seguia ansiosamente com o olhar, esquecendo-os, porém, antes que a poeira levantada pelos cavalos e pelas rodas novamente assentasse. Para coisas inéditas seu cérebro parecia ter perdido a retentividade. Duas ou três vezes, por exemplo, nas horas mais quentes do dia, passava um lavador de ruas pela Mansão Pyncheon, deixando com sua pipa um rastro de terra úmida em vez da poeira branca. Era como um aguaceiro veranil que as autoridades da cidade tivessem escravizado e adaptado às suas conveniências. Com o lavador de ruas Clifford nunca poderia se acostumar, e embora recebesse impressão muito forte ao vê-lo, dele se esquecia antes da nova aparição, assim como a rua onde o calor logo levantava outra nuvem de poeira branca. O mesmo se dava com a estrada de ferro. Da janela, ouvia o silvo estridente da locomotiva e, se se inclinasse um pouco, veria de relance os carros brilhando rapidamente no fim da rua. Sua emoção era sempre nova e parecia afetá-lo tão desagradavelmente e com tanta surpresa na centésima como na primeira vez.

Nada revela tanta decadência quanto essa perda do poder de lidar com coisas desusadas, e de acompanhar a rapidez do momento atual. Só pode ser uma emoção transitória, pois, se o poder percesse, de pouco valeria a imortalidade. Ao sobrevir tal calamidade, somos menos que fantasmas.

Clifford era o mais inveterado dos conservadores. Todas as velharias da rua lhe eram caras, mesmo quando se caracterizavam por uma rusticidade que naturalmente teria aborrecido seus delicados sentidos. Amava os velhos carros ruidosos, cujas rodas tinham deixado um sulco na sua memória, como os sinais de antigos veículos ainda hoje encontrados em Herculano. Era-lhe grata a vista do carro do açougueiro, com a capota branca, o do peixeiro, anunciado pela buzina característica, o do verdureiro, parando de porta em porta, enquanto o dono negociava com nabos, cenouras, abóboras, favas, ervilhas e batatas, o do padeiro, cujas campainhas retiniam sempre com o mesmo som. Uma tarde um amolador parou debaixo do Olmo Pyncheon, em frente à janela. Crianças correram, trazendo facas, tesouras, navalhas e outros objetos que precisavam ser afiados. A roda girava com o movimento do pé do amolador gastando o aço contra a pedra dura, emitindo um silvo prolongado e maligno como o de Satã e seus comparsas no Pandemônio. Era o barulho mais irritante que jamais violentou ouvidos humanos. Clifford ouvia-o, porém, com deleite arrebatador. Embora desagradável, aquele som vigoroso e o círculo de crianças, que olhavam atentas as revoluções da roda, produziam-lhe as mais vivas sensações da existência que provara. Contudo, seu maior encanto residia no passado, pois aquele ruído já repercutira nos seus ouvidos infantis.

Por vezes, lamentava que não houvesse mais diligências. Perguntava pelas velhas carroças, tiradas por um cavalo e dirigidas pela mulher e filha dos fazendeiros, que passavam pela cidade vendendo amoras. Seu desaparecimento fazia-o crer não haver mais daquelas frutas nas vizinhanças.

Tudo o que tivesse senso de beleza era bem-vindo. Isso foi constatado quando parou sob o olmo um italianinho com um realejo. Seu olho profissional percebeu que o espiavam da janela e, abrindo então o instrumento, fez ressoar doce melodia. Um macaquinho vestido com um saiote escocês agarrava-se-lhe ao ombro. Para completar os esplêndidos atrativos trazia ainda um conjunto de bonecos, moradores da caixa do realejo e que a música animava. Esses pequenos fantoches, o sapateiro, o ferreiro, o soldado, a moça do leque, o beerrão com a garrafa e a ordenhadeira perto da vaquinha, levavam vida harmoniosa, fazendo da existência uma dança constante. À manivelada do italianinho, todos se punham a mover com a mais curiosa vivacidade. O sapateiro começava a bater sola, o ferreiro a malhar o ferro, a moça a abanar-se, o beerrão a esvaziar a garrafa, a ordenhadeira a tirar o leite; um avaro contava seu dinheiro e um estudante percorria as páginas de um livro! Movido ainda por esse mesmo impulso, um amante beijava os lábios da mulher amada. Possivelmente algum cínico quisera simbolizar com essa cena de pantomima que, qualquer que seja nossa ocupação, dançamos uma música idêntica e, a despeito de nossa ridícula atividade,

nada acontece. Cessada a música, todos se petrificavam no maior torpor. O sapato ficava por acabar, o ferro não se amoldava, a aguardente não diminuía, não havia pingo de leite no balde, nem dinheiro no cofre, e o estudante não passara da mesma página! Estavam precisamente na mesma condição que antes de se afadigarem inutilmente. O amante entristecido não se sentia mais feliz por ter beijado os lábios da sua amada. Porém, ao sorver esse acre ingrediente, rejeitamos toda a moral do espetáculo.

O macaquinho deixava-se ficar perto do dono, olhando irrequieto para o círculo de crianças, os transeuntes, a vitrine de Hepzibah e para a janela de onde Clifford e Phoebe espreitavam. De minuto em minuto, tirava o chapeuzinho numa reverência e estendia a munheca para as pessoas, visando algum lucro. A fisionomia degenerada, o olhar astucioso e pronto a atirar-se sobre qualquer vantagem, a enorme cauda, a natureza demoníaca, faziam dele o símbolo vivo da avareza, perfeita imagem de Mammon da moeda de cobre. Não havia outra possibilidade de contentar o ambicioso demoninho. Phoebe jogou-lhe, então, um punhado de moedas, que ele logo apanhou, entregando-as ao dono para guardar e continuando as suas petições pantomímicas.

Muitos habitantes da Nova Inglaterra por aí passaram nessa ocasião, olhando o macaquinho, sem imaginar o quanto havia de si mesmos nele retratado. Clifford era, contudo, um ser de outra ordem. Deleitara-se com a música e rira-se infantilmente das figurinhas. Ao deparar, porém, com o demoninho de cauda, ficou tão chocado pela sua fealdade física e espiritual que se pôs a chorar, por uma fraqueza que homens de dotes delicados e destituídos do trágico poder de rir dificilmente podem evitar.

Por vezes a Pyncheon Street se animava com espetáculos de maiores pretensões, que traziam numeroso séquito. O burburinho humano produzia em Clifford poderoso impulso, juntamente com grande repugnância à ideia de entrar em contacto com o mundo. Esse sentimento tornou-se patente por ocasião de uma manifestação política que desfilou pelas ruas da cidade, com bandeiras engalanadas, tambores, pífanos, clarins e címbalos entre ruidosas aclamações. Como coisa pitoresca, uma manifestação que marcha por ruas estreitas é muito deficiente. O rosto suarento de cada homem, o aspecto de fatigada importância pessoal, o corte das calças, a rigidez ou frouxidão dos colarinhos, a poeira nas costas dos casacos pretos, dão a impressão de um brinquedo de loucos. Seria majestosa, vista de um ponto privilegiado, enquanto o longo cortejo se desenrola numa praça pública ou num largo plano. A distância fundiria aquelas pequenas personalidades numa grande massa de viventes, uma vida enorme, e assim se poderia ter uma visão da humanidade animada por vasto e homogêneo espírito. Mas, por outro lado, se uma pessoa impressionável parasse na extremidade de um desses cortejos para observá-lo, não nos átomos, porém no conjunto, como um poderoso rio de vida, a contiguidade aumentaria o efeito. Fasciná-la-ia de modo que dificilmente permitisse abster-se de mergulhar na torrente humana.

Isso acontecia com Clifford. Estava pálido e tremia, dirigindo olhares interrogativos a Phoebe e Hepzibah, que o ladeavam. Sem perceber sua emoção, supuseram-no

perturbado pelo tumulto inusitado. Súbito, ele adiantou-se, transpôs a janela e, mais um instante, ter-se-ia jogado do balcão desprotegido. Uma figura selvagem, com os cabelos grisalhos flutuando ao mesmo vento que agitava as bandeiras! Um ser solitário desgarrado de sua raça, mas agora novamente homem pelo instinto irreprimível que o animava! Tivesse Clifford atingido o balcão, ter-se-ia arremessado sobre a rua. Fosse pela espécie de terror que animava a vítima à vista do precipício, ou por magnetismo natural do centro da humanidade, não é fácil dizer. Ambos os impulsos agiram ao mesmo tempo.

Aflitas com o gesto inesperado, puxaram-no pelas roupas. Hepzibah gritava, e Phoebe, aterrorizada, pôs-se a chorar.

— Clifford, Clifford, está louco? — dizia a irmã.

— Não sei, Hepzibah — respondia ele, ofegante. — Já passou, não tenha medo! Se tivesse pulado e saído ileso, creio que seria outro homem.

De certo ponto de vista, talvez tivesse razão. Precisava de um choque, de um fundo mergulho no oceano da vida humana, onde ficasse imerso por algum tempo, para depois voltar à tona vigoroso, reintegrado no mundo e dono de si mesmo. Talvez nada mais precisasse além do remédio final: a morte.

Impulsos mais moderados por reforçar os frouxos elos da fraternidade humana foram feitos, embelezados às vezes por profunda religiosidade. Clifford reconhecia, no incidente da janela, a proteção divina para consigo, pobre homem abandonado, que devia ser perdoado por se considerar um deslocado, esquecido e deixado ao sabor de encarniçado inimigo.

Era a manhã do sabá. Dia claro, luminoso, de atmosfera santificada, em que o céu parece difundir-se sobre a terra, num solene sorriso. Em tal dia, se fôssemos suficientemente puros, sentiríamos em nós, em qualquer lugar que estivéssemos, o culto natural da terra. O sino da igreja badalava em tons harmoniosos, em perguntas e respostas. "Hoje é sabá, sim, sabá! Sobre a cidade inteira espalhavam-se aqueles sons abençoados, agora vagorosamente, depois com alegria mais jovial, primeiro um sino somente, em seguida todo o conjunto — "É sabá", lançando seus acentos e misturando-os no ar, que se impregnava da palavra santa. A atmosfera clareada pelos doces e ternos raios de sol preparava os corações humanos para a oração.

Clifford e Hepzibah sentaram-se junto à janela, olhando os vizinhos que passavam pela rua. Embora nos outros dias tivessem expressão espiritual, estavam transfigurados

pela influência do sabá. O vestuário, fosse o asseado casaco escovado pela centésima vez ou o terno novo, tinha aspecto de religiosidade. Abrindo o portão da velha casa, Phoebe saiu com a sombrinha verde, olhando com um sorriso para os rostos que a espiavam da janela. Havia em seu aspecto uma alegria e santidade, com a qual, simultaneamente, poder-se-ia brincar e reverenciar. Era como uma oração pronunciada nos mais belos termos da língua materna. Seu traje, fresco e vaporoso, parecia nunca ter sido usado; o vestido, as meias e o chapéu de palha estavam frescos e cheirosos, como se fossem guardados entre botões de rosas.

Dizendo adeus a Hepzibah e a Clifford, a moça subiu a rua; uma religião em si, simples, quente e verdadeira, com uma substância que podia andar na terra e um espírito que era digno do céu.

— Hepzibah — perguntou Clifford —, você nunca vai à igreja?

— Não, há muitos anos — respondeu ela.

— Se eu fosse até lá, rodeado por tantas almas fervorosas, talvez pudesse rezar.

Do rosto de Clifford emanava doce efusão, como se o coração se espelhasse nos olhos, numa reverência a Deus e fraternal afeto pela humanidade. A emoção comunicou-se a Hepzibah, que sentiu o impulso de tomar o irmão pelo braço e ir ajoelhar-se com ele entre o povo, para se reconciliar com Deus e com os homens.

— Vamos, meu caro irmão. Não estamos filiados a nada, nem temos lugar marcado em nenhuma igreja. Entremos em qualquer casa de oração, mesmo que fiquemos no adro. Para pobres e esquecidos como nós, alguma porta estará aberta — considerou Hepzibah.

Vestindo velhos trajes cheios de mofo e umidade, os dois irmãos prepararam-se para ir à igreja. Desceram juntos a escada, a magra e pálida Hepzibah e o velho Clifford. Abrindo a porta principal, atravessaram a soleira e foi como se o olho da humanidade inteira os estivesse examinando, enquanto os olhos de Deus deles se desviavam. O ar morno e ensolarado da rua os fazia tremer. O coração palpitava e sofria com a ideia de dar um passo a mais.

— Não, Hepzibah, é tarde demais. Somos dois fantasmas! — disse Clifford. — Não temos direitos entre os seres humanos, senão nesta velha casa amaldiçoada, em que somos forçados a permanecer pelo destino. Será melhor não irmos.

— É triste a ideia de que eu possa amedrontar meus semelhantes e de que as crianças se escondam nas saias das mães ao me ver!

Voltando para o escuro corredor, fecharam novamente a porta. O interior da casa parecia dez vezes mais triste, o ar pesado! Não podiam fugir. O carcereiro lhes abrira a porta por perfídia e ficara atrás dela para observá-los. Já na soleira, sentiram sobre si as garras impiedosas. Que cárcere será mais escuro que o nosso próprio coração? Que carcereiro mais inexorável que nós mesmos?

Não devemos apresentar Clifford sempre como um homem desgraçado. Ao contrário, poucas pessoas haveria no lugar que, com a metade de sua idade, tivessem gozado tantos momentos luminosos e felizes quanto ele. Nenhuma responsabilidade, nem questões sobre o futuro, que geralmente atormentam aos homens, o inquietavam. Era como uma criança, e sempre uma criança, fosse a vida longa ou curta! Sua existência parecia ter parado na sua infância, onde se amontoavam todas as reminiscências. Depois de um pesado golpe, a consciência volta atrás. Nos sonhos, que relatava a Hepzibah e a Phoebe, tinha quase sempre o papel de uma criança ou de um rapazinho. Eram tão vivos esses sonhos que, certa vez, chegou a discutir com Hepzibah sobre o estampado e o modelo de um roupão de sua mãe, que vira na noite precedente, enquanto dormia. Hepzibah dizia ser o modelo diferente da descrição de Clifford, mas, trazido o roupão do fundo de um baú velho, constatou-se ter ele razão. Se, cada vez que acordasse, Clifford sofresse a brusca transformação de um menino num velho decrepito, o choque seria insuportável. Padeceria desde a alvorada até o anoitecer e talvez mesmo uma sombra da sua desgraça se imiscuísse em seus cochilos. O luar noturno e a névoa da manhã se entrelaçavam envolvendo-o de modo a não deixar a realidade se apoderar dele. Dormia de olhos abertos e talvez sonhasse melhor assim.

Como sempre, estava na meninice, simpatizava com todas as crianças e mantinha seu coração fresco como um regato próximo da nascente. Embora o senso de propriedade o impedisse de juntar-se a elas, poucas coisas o distraíam mais do que observá-las da janela, a brincar com o arco ou a jogar bola. Amava aquelas vozes que se misturavam a distância, como um zumbido de moscas num quarto ensolarado.

Clifford gostaria de compartilhar seus brinquedos.

Uma tarde sentiu violento desejo de soprar bolhas de sabão, seu brinquedo favorito quando criança. Olhai-o, pois, na janela, com um cachimbo na boca, cabelo grisalho, o sorriso desmaiado no rosto onde ainda havia certa graça que o maior inimigo reconhecera imortal pela maneira por que persistiu por tanto tempo. Vede-o dispersar pequenas esferas cheias de ar, da janela para a rua. As bolhas de sabão eram como mundos impalpáveis espelhando em sua superfície o universo com as vivas tintas da imaginação. Os passantes olhavam as bolhas, indiferentes uns, aborrecidos outros, e outros ainda levantando as bengalas para desmanchá-las no ar.

Por fim, quando passava um senhor idoso, de aparência fina, uma grande bolha desceu estourando sobre o seu nariz. Olhou imediatamente para cima, primeiro com

olhar austero, penetrante, e depois com caloroso sorriso.

— Olá, primo Clifford, soprando bolhas de sabão! — disse o Juiz Pyncheon.

Embora querendo parecer bondoso e brincalhão, percebia-se no seu tom amargo sarcasmo. Clifford sentiu-se paralisado de temor. Tinha, além do terror que lhe infundira a experiência passada, natural aversão ao juiz. Era o sentimento próprio de um caráter delicado, inteligente e fraco diante da força. A força é incompreensível para a fraqueza e por isso mesmo terrível. Não há maior fantasma do que um parente poderoso.

12

O daguerreotipista

A vida de uma pessoa da atividade de Phoebe jamais se confinaria nos limites da Mansão Pyncheon. Naqueles longos dias, antes do crepúsculo, já tinha dispensado todos os cuidados necessários ao primo. Apesar da tranquilidade em que decorria sua existência, Clifford jamais esgotara seus motivos de viver. Sua tendência à imobilidade o fatigava mais do que os pequenos exercícios físicos, o trabalho com a enxada, os passeios pelo jardim ou, nos dias de chuva, o vaivém dos passos no quarto vazio. Ou um fogo interior consumia-lhe a energia vital ou a monotonia que se insinuava num cérebro decadente não era para ele monotonia. Atravessando nova meninice e uma fase de convalescença, assimilava alimentos para o espírito através de visões e acontecimentos que passariam despercebidos a pessoas em maior contacto com o mundo. Como acontece com as crianças, tudo era atividade e transformação para esse cérebro que passava por uma segunda formação, depois de um intervalo na vida.

Retirava-se para repousar, exausto, enquanto o sol ainda atravessava as janelas, desenhando-se em pálido brilho sobre a parede do quarto. Dormia cedo como as crianças e sonhava com os dias da infância. Isso permitia a Phoebe ter o resto da tarde livre para fazer o que lhe aprouvesse.

Essa liberdade era essencial para que um caráter, mesmo pouco suscetível a influências mórbidas como o da moça, se mantivesse são. Nas paredes da velha casa havia mofo e umidade e o ar era viciado. Hepzibah tornara-se lunática por ter se aprisionado nela, durante tanto tempo, sem outra companhia que as suas próprias ideias, uma afeição e um amargo sentimento de injustiça. Clifford era por demais apático para agir moralmente sobre os companheiros, por mais íntimas que fossem as relações entre eles. A simpatia e magnetismo dos seres humanos, mais sutil e universal do que supomos, vibra realmente entre as diferentes vidas. Phoebe observara que uma flor murchava mais depressa na mão de Clifford ou de Hepzibah do que na sua. Pela mesma lei, perfumando, como uma flor, a existência cotidiana daqueles dois espíritos doentes, a jovem inevitavelmente devia murchar e fenecer mais rapidamente do que se apoiada num coração moço e feliz. Não fossem os impulsos joviais, que a arrastavam a longos passeios pelos arrabaldes impregnados do ar dos campos, ou a caminhadas pelas praias, onde aspirava a brisa marinha e deliciava a vista com lindos panoramas; as

idas à cidade para assistir a conferências metafísicas e filosóficas, ouvir concertos e fazer compras; o tempo empregado na leitura da Bíblia e na recordação da mãe e da terra natal, a pobre Phoebe teria fatalmente emagrecido, perdendo talvez o belo aspecto ou, então, assumido modos tímidos e estranhos, pressagiadores de futuro tristonho e que, provavelmente, a afastariam do matrimônio.

Não obstante, demonstrava certa mudança na atitude, que consideramos lamentável, embora o encanto prejudicado tivesse sido substituído por outro não menos precioso. Sua alegria deixara de ser constante; às vezes, tornava-se pensativa. Clifford preferia essa nova feição, pois assim ela o compreendia melhor, com mais delicadeza, ajudando-o a interpretar seus próprios sentimentos. Seus olhos tornavam-se maiores, mais escuros e fundos como poços artesianos. Menos infantil e amenizada do que ao chegar, Phoebe transformava-se em mulher.

O daguerreotipista era a única pessoa moça com quem a jovem tinha convivência, provocada naturalmente pela vida de reclusão. Em circunstâncias diferentes, nenhum dos dois teria dado importância um ao outro, a não ser que a desigualdade agisse como mútua atração. Sofrendo a ação do mesmo ambiente externo, eram dessemelhantes como se um mundo os separasse. No início da amizade, Phoebe resistira, tanto quanto podiam suas maneiras francas e simples, aos pequenos avanços de Holgrave. Não obstante se encontrassem todos os dias e palestrassem amigavelmente, não o considerava um conhecido.

Aos poucos, foi o artista relatando trechos esparsos de sua vida, cujos incidentes, a par da sua mocidade, formariam um volume autobiográfico. Se adaptássemos um romance como *Gil Blas* à sociedade e maneiras americanas, o livro deixaria de ser romance. As vidas de muitos de nossos indivíduos, não consideradas como dignas de relato, igualar-se-iam em vicissitudes à do espanhol, e teriam maior sucesso do que o imaginado por um romancista para o seu herói. Holgrave sentia orgulho em ser de origem humilde e sua educação escassa limitada à frequência de uma escola pública. Independente, quando ainda menino e deixado ao próprio controle, desenvolvera muito a força de vontade natural. Com vinte e dois anos de idade, já fora professor rural, vendedor de loja na cidade e redator político de um jornal. Viajara pela Nova Inglaterra e outros Estados como propagandista de uma fábrica de perfumes de Connecticut. Estudara e praticara odontologia no interior. Visitara a Europa, como extranumerário, a bordo de um navio, conhecendo a Itália, França e Alemanha. Passara alguns meses numa comunidade de adeptos de Fourier; ultimamente, dedicava-se ao estudo do mesmerismo, demonstrando grande vocação para o hipnotismo do galo.

Sua atual profissão não lhe parecia mais importante nem mais permanente do que as anteriores. Adotara-a com a despreocupação do aventureiro que precisa ganhar o pão; abandoná-la-ia, sem pesar, quando lhe aprovesse ocupar-se de outra. No meio de todas as vicissitudes, nunca perdera a personalidade, o que denotava raro equilíbrio. Sem lar, constantemente mudando de domicílio, não dando ouvidos à opinião pública

ou individual, jamais violara seu íntimo, mantendo intacta a consciência. Ao conhecê-lo, essa característica logo ressaltava. Hepzibah a percebera; Phoebe depositava nele a confiança inspirada por essa certeza. Às vezes, contudo, ficava intrigada pela ideia de que seu código interior diferisse do dela. Isso a deixava inquieta, parecia tudo alterar pela irreverência que ele demonstrava pelas coisas estabelecidas, a não ser que essas coisas pudessem demonstrar seu direito de ser assim. Nunca foi afetuoso, antes calmo e frio. Frequentemente a camponesa sentia-lhe o olhar; seu coração, porém, raramente. O artista tomava certo interesse em Hepzibah, em Clifford e na própria Phoebe. Estudava-os atentamente, sem deixar escapar nenhuma circunstância de suas individualidades. Estava pronto a lhes proporcionar todo o bem, mas sem fazer causa comum com eles, nem demonstrar maior afeição ao conhecê-los melhor. Procurava naquelas relações alimento mental e não sustentáculo para o coração. Phoebe não podia compreender por que se interessava tanto pelos seus amigos e por ela própria, pois tão pouco se importava com eles como objeto de afeição humana.

Sempre que se encontravam, o artista indagava a Phoebe da saúde de Clifford, a quem via somente nas reuniões domingueiras.

— Ainda parece feliz? — perguntou ele um dia.

— Tão feliz quanto uma criança que se perturba à toa — respondeu Phoebe.

— Perturba-se? — inquiriu Holgrave. — Por influências externas ou pensamentos internos?

— Não posso ver seus pensamentos — tornou Phoebe acrimoniosamente. — Às vezes, como uma nuvem que cobrisse o sol, muda de humor sem razão aparente. Depois que o conheço melhor, furto-me a esmiuçar seus sentimentos. Uma grande mágoa solenizou e santificou-lhe o coração. Quando alegre, quando o sol brilha no seu subconsciente, arrisco-me então a espreitar, mas somente até onde chega a luz. Onde caem as sombras é terreno sagrado!

— Como expressa bem esse sentimento! — disse o artista. — Mesmo sem senti-lo, posso entendê-lo. Mas, se tivesse as suas oportunidades, nenhum escrúpulo me proibiria de sondar Clifford em toda a profundidade!

— Que desejo estranho! — tornou Phoebe involuntariamente. — O que representa para você o primo Clifford?

— Oh! nada! Absolutamente nada! — respondeu. — O mundo é tão extravagante e incompreensível! Quanto mais o observo mais ele me amedronta! Começo a suspeitar de que o comportamento de um homem depende de sua sabedoria. Homens, mulheres, crianças, todos são criaturas estranhas, que nunca se poderão conhecer perfeitamente. Pelo que são hoje, não se pode imaginar o que foram! Juiz Pyncheon! Clifford! Que complexo enigma apresentam eles! Para resolvê-lo é preciso a simpatia intuitiva de uma mocinha. Um mero observador como eu se desnorteará.

Logo mudaram o rumo da conversa para temas menos obscuros. Ambos eram moços! A despeito da prematura experiência de vida, ele não perdera ainda o belo

espírito de mocidade, que clareia o universo. A juventude do homem é a juventude do cosmos, crê que o granito da terra ainda não está endurecido e que poderá modelá-lo à sua vontade. Era o que se dava com Holgrave. Embora conversasse sobre a velhice do mundo, não acreditava no que dizia. Era jovem e olhava o universo, esse libertino enrugado, de barba grisalha e decrépito, como um mancebo suscetível de transformações, que pouco realizara de suas promessas do futuro. Tinha convicção de que não estaremos sempre rastejando, pois os precursores de uma era dourada, que ainda se realizará em nosso tempo de vida, vivem atualmente entre nós. Assim como os otimistas de todos os séculos, imaginava que agora seria desmoronado o passado bolorento e limoso, desfeitas as instituições agonizantes, os cadáveres enterrados, e que tudo recomeçaria.

O artista certamente tinha razão no que se refere aos séculos vindouros. Seu erro repousava em supor que os vestidos rotos da Antiguidade fossem substituídos por novos, em vez de gradualmente renovados por remendos. Erroneamente aplicava o curto tempo de vida como medida de uma execução interminável e imaginava ter sua opinião importância nessa transformação. Era admissível que essa fosse a sua maneira de pensar, pois o entusiasmo, penetrando-lhe no caráter tranquilo, tomara um aspecto de pensamento sábio e meditado, mantendo pura a juventude e elevados os seus ideais. Com o correr do tempo, quando a fé primitiva se modificasse pela experiência, seus sentimentos não sofreriam súbita revolução. Teria ainda fé no destino brilhante do homem e talvez o amasse mais, ao reconhecer que pouco pode ele fazer em seu próprio benefício. Sua altivez cederia à humildade, quando discernisse que os melhores esforços do homem são uma espécie de sonho, enquanto Deus é o único construtor de realidades.

O pouco que lera Holgrave fora ao transpor as travessas da vida, onde a linguagem mística dos livros se mistura ao palavrório da multidão, perdendo ambos o sentido próprio. Considerava-se pensador e tinha mesmo tal temperamento, mas ainda não atinara com o caminho nem chegara ao ponto em que um homem culto começa a pensar. Seu verdadeiro valor estava no reconhecimento da força interior que transformava as suas vicissitudes em uma simples troca de roupa, no seu entusiasmo cheio de calor, na ambição pessoal oculta, dos olhos alheios e dos seus próprios, nos mais generosos impulsos, que substituíam o teórico pelo campeão de alguma causa prática. No saber e falta de cultura, na filosofia selvagem, cruel e nebulosa, na

experiência prática que impedia algumas tendências, no zelo magnânimo pelo bem-estar humano, na indiferença a tudo o que o tempo estabelecera em favor dos homens, na fé e infidelidade, no que necessitava e no que sobejava esse artista era um representante adequado dos filhos da Nova Inglaterra.

Era difícil prever o futuro de Holgrave. Parecia ter qualidades para vencer, mas frequentemente deparamos com rapazes a quem prognosticamos tantas glórias e que não passam da mediocridade. A efervescência da mocidade e da paixão, o brilho da imaginação dotam-nos de um lustro falso que a todos engana. Como chitas e algodões têm ótimo aspecto quando novos, mas, por não suportarem o sol e a chuva, adquirem logo má aparência.

Nossa história, porém, ocupa-se de Holgrave como o vemos nessa tarde, sob a árvore do jardim dos Pyncheon. Era agradável observar esse rapaz cheio de fé em si mesmo, de aparência dominadora, a conversar amavelmente com Phoebe. A moça fora injusta em julgá-lo frio; pelo menos, naquele momento, não dava ele essa impressão. A Casa das Sete Torres se tornara para ele como um lar e o jardim um recinto familiar. Com o profundo conhecimento de que se orgulhava, o artista pensava poder ver através de Phoebe e interpretá-la como uma página de livro de histórias. Essas naturezas transparentes, porém, decepcionam muitas vezes os observadores, como as pedrinhas do fundo da fonte, que sempre estão mais afastadas de nós do que imaginamos. O silencioso encanto da jovem camponesa levou o rapaz a falar sobre o que pretendia fazer no mundo. Transportava-se para a alma de Phoebe como para um outro eu. Possivelmente havia esquecido sua presença enquanto falava, e era movido somente pela tendência inevitável do pensamento cheio de entusiasmo e emoção a se derramar no primeiro recipiente. Se alguém espreitasse pelas grades do jardim e notasse a veemência do rapaz, suporia estar ele declarando amor à moça.

Uma consideração de Holgrave lembrou a Phoebe perguntar-lhe como conhecera a prima Hepzibah e por que resolvera morar naquela velha mansão. Sem dar resposta direta, o rapaz desviou-se do tema, o futuro, e pôs-se a discorrer sobre a influência do passado. Um assunto, no entanto, não é mais que a repercussão do outro.

— Por que nunca nos livraremos do passado? Ele cai sobre o presente como o cadáver de um gigante. É como se um gigante moço fosse obrigado a carregar o corpo de um avô gigante que somente precisa ser enterrado decentemente. Pensando um momento verá que somos escravos do passado e da morte.

— Não compreendo — respondeu Phoebe.

— Quando um homem faz um testamento — exemplificou Holgrave —, está dispondo de uma fortuna que não é mais sua. Se morre sem deixar a herança distribuída, ela será repartida segundo instruções de homens mortos há muito mais tempo do que ele. Nos nossos bancos de julgamento está sempre um defunto, pois os juizes não fazem mais que repartir sua sentenças. Lemos livros de escritores mortos! Rimos com gracejos de defuntos e choramos com os seus sentimentos patéticos!

Sofremos as mesmas doenças físicas e morais que sofreram pessoas mortas e morremos com os mesmos remédios com que finados médicos mataram seus clientes!

Reverenciamos os deuses segundo formas e crenças de defuntos. Todos os nossos movimentos, todas as nossas vontades são impedidas pela mão gelada de um morto. Para qualquer lado que viremos os olhos, encontraremos sempre o rosto branquicento de um finado que faz gelar nosso coração. Antes de começar a ter influência no mundo, estamos mortos e o universo já passou a outra geração. E, para terminar, moramos em casas de defuntos, como esta Casa das Sete Torres!

— E por que não morar aqui, se temos conforto? — perguntou Phoebe.

— Viveremos o suficiente para ver a época em que nenhum homem construirá casas para a posteridade. Para que construir? Seria igualmente razoável, então, que se fizesse uma série de roupas duráveis, em couro, borracha ou qualquer outro material, que seriam deixadas para os bisnetos. Se cada geração pudesse construir sua própria casa, essa renovação constante seria melhor do que as reformas por que passa a sociedade. Mesmo os nossos edifícios públicos, capitólios, palácios governamentais, tribunais, assembleias e igrejas, não deviam ser feitos em pedra e tijolo. Seria preferível que se desmorassem a cada vinte anos, insinuando ao público um exame do seu interior e das instituições que representam.

— Como detesta as coisas velhas! — comentou Phoebe. — Fico aterrorizada só em pensar num mundo tão mutável!

— É certo que não gosto de coisas bolorentas! Esta velha Mansão Pyncheon, por exemplo! Com as ripas negras e o limo verde a proverem a umidade, os quartos escuros, a sujeira, e o bafo da respiração humana exalada em agonias e tristezas! Será moradia salutar? Devia ser purificada pelo fogo até que somente restassem cinzas!

— Então por que reside nela? — perguntou Phoebe, áspera.

— Estou fazendo estudos. Esta casa representa o odioso passado, com todas as suas más influências. Moro aqui para aprender a odiá-lo. Já ouviu falar na história de Maule, o feiticeiro, e seu bisavô?

— Sim, meu pai me contou há muito tempo, e prima Hepzibah já a repetiu duas ou três vezes. Ela parece crer que toda a desgraça dos Pyncheon é devida à disputa com o feiticeiro. O mesmo faz o senhor! Que estranho acreditar em tal absurdo quando rejeita tantas coisas mais dignas de crédito!

— Minha crença não é uma superstição, pois fatos inegáveis a comprovam. Debaixo destas sete torres, destinadas pelo Coronel Pyncheon a ser o lar próspero e feliz de seus descendentes, por espaço de três séculos tem havido remorso de consciência, esperanças frustradas, lutas entre parentes, miséria, mortes estranhas e suspeitas, desgraças, calamidades, pelo desejo do velho puritano de formar uma família. Formar uma família! Essa ideia é a base de muitos erros humanos. De meio em meio século, pelo menos, uma família se afunda na grande e obscura massa da humanidade, tudo esquecendo sobre os seus antepassados. O sangue humano, para se manter fresco, deve

correr por veias ocultas, como a água que é conduzida por canais subterrâneos. Na resumida genealogia da família Pyncheon, na Nova Inglaterra, por exemplo — perdoe-me, Phoebe, pois nunca a considero membro dela —, houve tempo suficiente para aparecerem desequilíbrios mentais.

— Fala sem a menor cerimônia sobre os meus parentes — disse Phoebe, sem saber se devia considerar-se ofendida.

— Exponho pensamentos verdadeiros para um cérebro franco — respondeu Holgrave com veemência. — O que disse é verdade. O causador e perpetrador desse mal parece ter-se eternizado e ainda passear pelas ruas, projetando transmitir à posteridade uma herança tão rica e desgraçada quanto recebeu. Lembra-se do daguerreótipo que se assemelhava ao velho retrato?

— Como está sério! — exclamou Phoebe, olhando-o surpresa e perplexa, um tanto alarmada, mas inclinada a rir.

— A loucura dos Pyncheon é contagiosa?

— Compreendo-a — tornou o artista corando e rindo.

— Creio que sou um pouco louco. Esse assunto apoderou-se do meu cérebro com estranha tenacidade desde que moro na velha torre. Para me livrar dele escrevi uma história sobre um incidente da família Pyncheon, de que tenho conhecimento. Pretendo publicá-la numa revista.

— Escreve para revistas? — perguntou Phoebe.

— Não sabia? Assim é a fama literária! Sim, Miss Phoebe Pyncheon, dentre a multidão de meus maravilhosos dotes está o de escrever contos. Meu nome figurou nas capas de Graham e Godey, fazendo figura respeitável. Na veia humorística, dizem que tenho grande imaginação e no patético provoco tantas lágrimas quanto uma cebola. Quer ouvir a minha história?

— Se não for muito comprida, nem muito cacete. Como o daguerreotipista não pudesse dar opinião, trouxe o manuscrito e, enquanto os últimos raios de sol douravam as sete torres, começou a ler.

13

Alice Pyncheon

Certo dia, o jovem carpinteiro Matthew Maule recebeu o chamado do venerável Gervayse Pyncheon, pedindo sua presença imediata na Casa das Sete Torres.

— Que deseja seu amo comigo? — perguntou o carpinteiro ao preto, empregado de Mr. Pyncheon. — A casa necessita algum conserto? Sem pretender censurar meu pai, que a construiu, penso que ela deva precisar. Estive lendo a oração fúnebre do velho coronel, no sabá passado; a julgar pelas datas, a casa tem trinta e sete anos. Não admira que haja algum serviço a fazer no telhado.

— Não sei o que o amo quer — respondeu Scipio. — A casa é boa e creio que o velho Coronel Pyncheon também pensa assim; senão, por que viria fazer visitas e assombrar um pobre negro?

— Pois bem, amigo Scipio; diga ao amo que já vou — falou o carpinteiro, rindo. — Para um trabalho hábil e perfeito, sou o homem. Então, a casa é assombrada, não é? Será preciso um operário mais habilidoso do que eu, para expulsar os espíritos. Mesmo que o coronel estivesse quieto — disse, resmungando —, meu avô certamente se prenderia aos Pyncheon, enquanto as paredes da casa estivessem de pé.

— O que está resmungando, Matthew Maule? — perguntou Scipio. — Por que está tão carrancudo?

— Não se incomode, meu negro. Acha que só você pode ser carrancudo? Vá dizer ao amo que não me demoro; se acontecer encontrar Miss Alice, sua filha, dê-lhe os humildes respeitos de Matthew Maule. Voltou da Itália, com um rosto belo, gentil e orgulhoso, esta Alice Pyncheon!

“Falando de Miss Alice!”, pensou Scipio, de volta de sua incumbência. “Um carpinteiro não tem o direito de olhar tão alto.”

O jovem Matthew Maule era pessoa pouco compreendida e não muito simpatizada na cidade. Nada se podia alegar contra a integridade, perícia e diligência no ofício que exercia. A aversão com que muitos o olhavam era em parte resultado do próprio caráter e comportamento e, também, da herança.

Era neto do primitivo Matthew Maule, um dos fundadores da cidade, tido na época como terrível e famoso feiticeiro. Esse velho réprobo fora um dos condenados quando Cotton Mather e seus colegas ministros, os eruditos juizes, outros homens letrados e Sir

William Phipps, o sagaz governador, tanto se esforçaram para enfraquecer o grande inimigo das almas, fazendo uma multidão de adeptos subir a ladeira do morro da Forca. Desde aqueles dias, sem dúvida, crescera a suspeita de que, devido a um excesso de rigor no trabalho, em si tão louvável, os processos contra os feiticeiros mostraram-se menos aceitáveis por Deus do que pelo Diabo, inimigo que se pretendia desgraçar e por fim vencer. Não é menos certo que o respeito e o terror se chocaram nas recordações dos que morreram por esse terrível crime de feitiçaria. Seus túmulos nas fendas das rochas eram considerados incapazes de reter os ocupantes, tão precipitadamente neles atirados. O velho Matthew Maule, especialmente, era conhecido pela pouca hesitação ou pequena dificuldade que demonstrava em se erguer do túmulo, como um homem qualquer em sair da cama, sendo visto tantas vezes à meia-noite quanto as pessoas vivas ao meio-dia. O pestilento feiticeiro, sobre quem a justa punição parecia não ter produzido emenda, tinha o hábito inveterado de frequentar certa mansão denominada Casa das Sete Torres e contra cujo proprietário pretendia manter lide interminável em torno da posse do terreno. O fantasma, ao que parece, com a pertinácia que fora uma das suas características enquanto vivo, insistia em ser, de direito, o proprietário do local onde se levantara a casa. Suas alegações eram baseadas no fundamento de que o terreno, desde o dia em que se começara a cavar a adega, deveria ter sido pago, ou então que se desistisse da mansão. Em caso contrário, meteria a mão sobre todos os negócios dos Pyncheon, fazendo com que tudo lhes corresse mal, mesmo depois de transcorridos cem anos de sua morte. Era uma história fantástica talvez, mas não parecia tão incrível para os que se lembravam da criatura obstinadamente inflexível que fora o feiticeiro.

O Matthew Maule da nossa história era popularmente conhecido como herdeiro de alguns dos traços discutíveis do seu ancestral. Incrível quantos absurdos se contavam sobre o jovem. Assim, havia a lenda que lhe emprestava o estranho poder de penetrar nos sonhos de outras pessoas, regulando todos os assuntos delas conforme sua própria vontade, como um empresário de teatro. Comentava-se muito entre os vizinhos e particularmente entre as mulheres o que denominavam poderes sobrenaturais dos olhos de Maule. Diziam uns que ele podia penetrar o cérebro das pessoas; outros, que pelo poder maravilhoso do olhar conseguia trazer qualquer indivíduo ao seu próprio cérebro, obrigando-o, se quisesse, a levar recados para o avô, no mundo dos espíritos; finalmente, afirmavam ainda outros que ele era dotado de olhos maus, possuindo a faculdade de crestar o trigo e mumificar crianças, queimando-lhes o coração. O que, porém, acarretava maiores desvantagens ao jovem carpinteiro era, em primeiro lugar, a reserva e a autoridade do temperamento e, depois, a circunstância de não ser cristão e a suspeita de alimentar ideias heréticas em matéria religiosa e política.

Depois de receber o recado de Mr. Pyncheon, o carpinteiro, terminando apressadamente um pequeno trabalho, encaminhou-se para a Casa das Sete Torres. O majestoso edifício, embora de estilo um pouco fora da moda, era ainda residência de

família tão respeitável como a de qualquer senhor da cidade. Dizia-se que o atual proprietário, Gervayse Pyncheon, se desgostara da casa, devido ao choque sofrido na sua sensibilidade durante a infância com a morte súbita do avô. Quando corraera para trepar nos joelhos do Coronel Pyncheon, o menino descobriu que o velho puritano estava morto. Atingindo a idade viril, Mr. Pyncheon visitou a Inglaterra, casando-se ali com senhora de fortuna. Nesse país, permaneceu muitos anos, viajando depois por várias cidades da Europa. Durante sua ausência, a mansão fora entregue aos cuidados de um parente, a quem se permitiu tê-la como moradia durante o referido tempo, sob a condição de ser mantida em boa ordem. O contrato foi cumprido tão fielmente que, ao se aproximar o carpinteiro da casa, seu olho prático nada descobriu que pudesse criticar quanto à conservação. Os picos das sete torres levantavam-se agudos; o trabalho ripado parecia ainda perfeitamente impermeável e a argamassa brilhante continuava recobrando o exterior das paredes, faiscando ao sol de outubro como se tivesse sido colocada havia uma semana. A casa tinha aquele feliz aspecto de vida que corresponde à expressão de agradável e confortante atividade na fisionomia humana. Percebia-se, no seu interior, o alvoroço de uma grande família. Enorme carga de carvalho passava em direção às construções dos fundos; o gordo cozinheiro, ou talvez o caseiro, estava na porta, ajustando com um camponês a compra de perus e galinhas. De vez em quando, uma criada bem-vestida, ou o rosto negro e brilhante de um escravo, eram vistos passando apressados pelas janelas da parte baixa da casa. Na janela aberta de um quarto do segundo andar, inclinada sobre o pote de flores belas, delicadas e exóticas e que jamais tinham conhecido mais brilhante raio de sol que o daquele outono da Nova Inglaterra, estava a figura de uma moça exótica como as flores, e, como elas, bela e delicada. Sua presença emprestava indescritível graça e lânguido encanto ao edifício. De construção sólida, alegre, era ele bem adequado à residência de um patriarca, que poderia instalar-se na torre fronteira, destinando cada uma das outras a seis filhos. A grande chaminé central, simbolizando o coração hospitaleiro do ancião, formaria imponente conjunto com as sete torres menores. Na da frente, havia um relógio de sol. Ao passar por aí, o carpinteiro olhou para cima.

“Três horas”, disse de si para si. “Meu pai contou que esse relógio foi colocado apenas uma hora antes da morte do coronel. Durante esses trinta e sete anos, marcou o tempo com precisão. A sombra cresce cada vez mais, marcando a altura do raio do sol.”

Um operário, chamado à casa de um cavalheiro, deveria entrar pela porta dos fundos, usada pelos criados e trabalhadores ou, pelo menos, pela entrada do lado, franqueada aos comerciantes. O carpinteiro era, porém, de natureza orgulhosa e altiva. Nesse momento, sobretudo, seu coração estava cheio de amargor pelo sentimento da injustiça hereditária que permitiu fosse a grande Mansão Pyncheon construída em terreno que lhe deveria pertencer. Exatamente naquele lugar, junto da fonte de água deliciosa, o avô derribara os pinheiros e construíra a casinha em que nasceram os filhos. Os documentos comprovantes do seu domínio haviam sido, porém, arrancados pelo

Coronel Pyncheon dos dedos enregelados de um defunto. Maule dirigiu-se, sem vacilar, para a parte principal, sob o pórtico de carvalho entalhado, dando tal pancada com a aldrava de ferro que se imaginaria ser o velho e austero feiticeiro em pessoa que ali estivesse.

O negro Scipio atendeu com uma pressa prodigiosa, arregalando os olhos ao deparar com o carpinteiro.

— Deus seja louvado! Que homem importante esse carpinteiro! Parece que bate na porta com o seu maior martelo! — murmurou Scipio.

— Sou eu — disse Maule secamente. — Conduza-me ao gabinete do amo!

Ao entrar na casa, uma nota de música doce e melancólica vibrou pelo corredor, vinda de um dos quartos superiores e proveniente do cravo trazido por Alice Pyncheon de além-mar. A bela Alice empregava a maior parte do tempo no cultivo da música e das flores, não obstante estas murchassem e aquela fosse geralmente triste. Educada no estrangeiro, não se podia adaptar ao modo de vida da Nova Inglaterra, onde nada encontrava de sugestivo.

Como Mr. Pyncheon esperava impaciente a chegada de Maule, o negro Scipio não perdeu tempo em conduzir o carpinteiro à presença do amo. O cavalheiro estava sentado numa sala de tamanho regular, abrindo-se para o jardim através de janelas em parte sombreadas pela folhagem das árvores. A mobília, em elegante e custoso estilo, viera de Paris. O assoalho, apesar de não ser uso naquele tempo, estava coberto por um tapete hábil e ricamente trabalhado. Alguns quadros antigos de colorido desmaiado pendiam da parede. Perto da lareira havia grande e antiga secretária de ébano e marfim, comprada em Veneza e usada como cofre de medalhas, moedas antigas e pequenas curiosidades de valor, recolhidas nas viagens pelo estrangeiro. Através da variedade da decoração, a sala ainda mostrava suas características originais: o teto de vigas cruzadas e a lareira de azulejos antigos. Era o emblema de um cérebro sortido de ideias estrangeiras e cheio de requintes artificiais, porém nem mais arejado ou elegante do que antes.

Dois objetos pareciam deslocados nessa sala tão bem decorada: um grande mapa de uma região, feito havia muitos anos e sujo pela fumaça e por manchas de dedos, e o retrato de um velho austero, de garbo puritano, rudemente pintado, mas de efeito arrojado e expressão de caráter extremamente forte.

Perto de uma pequena mesa, defronte ao fogo, estava Mr. Pyncheon, saboreando a xícara de café a que se habituara na França. Homem de meia-idade, bastante bonito, a enorme cabeleira caindo sobre os ombros, vestia casaco de veludo azul enfeitado de rendas e colete ricamente bordado em ouro. Ao ouvir o rumor feito pela entrada de Scipio e Maule, virou-se ligeiramente para trás, retomando, logo, deliberadamente, a posição inicial, sem tomar conhecimento da chegada do operário que mandara chamar. Não tinha intenção de ser rude, mas julgava que uma pessoa da condição de Maule não se importaria com minúcias.

O carpinteiro entrou e imediatamente pôs-se de frente para o dono da casa, de modo a encará-lo.

— Mandou-me chamar? Por favor, diga logo o que precisa para que possa retornar o mais breve possível ao meu serviço!

— Oh! desculpe-me, não ia ocupar seu tempo sem recompensá-lo! Penso que o senhor seja Maule, Thomas ou Matthew, filho ou neto do construtor desta casa.

— Matthew Maule, filho do construtor da casa e neto do dono deste terreno!

— Conheço o caso a que alude. Sei que meu avô teve que recorrer à justiça para poder localizar a mansão no lugar em que está hoje. Não temos a intenção de renovar a discussão. Esse assunto já foi encerrado há muito, e irrevogavelmente. Há no entanto certa ligação com isso no que pretendo do senhor, e esse rancor que demonstrou também é parte do assunto.

— Se pode encontrar justificativa para tal propósito no ressentimento natural de um homem pelas injustiças cometidas ao seu sangue, seja bem-vindo!

— Aceito sua palavra, Maule! Sugerirei a maneira pela qual seu ressentimento hereditário, justificável ou não, tenha parte nos negócios. Certamente ouviu falar que, desde o tempo de meu avô, a família Pyncheon vem prosseguindo numa interminável pretensão a um território a leste.

— Sim, muitas vezes meu pai relatou esse fato. — Diz-se que um sorriso aflorou aos lábios de Maule nesse momento.

— Essa pretensão estava quase decidida, quando meu avô morreu. Seus íntimos sabiam que ele não contava com delongas nem atrapalhões. Mr. Pyncheon era homem prático, conhecia com bastante segurança os negócios privados e públicos, e não era capaz de acariciar esperanças infundadas, nem arriscar-se em empresas impraticáveis. Tinha, portanto, uma boa base nos seus projetos. Chego a crer que meu avô possuísse algum documento essencial para a posse do território, documento esse que está desaparecido desde sua morte.

— Que poderá um carpinteiro fazer nos negócios da família Pyncheon? — Outro sorriso sarcástico passou pelo seu rosto ao pronunciar essas palavras.

— Talvez nada e possivelmente muito! — respondeu Mr. Pyncheon.

Durante algum tempo discutiram o assunto em questão. Embora hesitem os Pyncheon, ao referir-se a histórias tão absurdas, diz a tradição popular que havia certa dependência dos Maule na aquisição desse território tão cobiçado pelos Pyncheon. Na disputa com o coronel, o velho feiticeiro ficara com a melhor parte, trocando uma ou duas jeiras de terra pela grande pretensão do puritano. Uma velha daquela zona, havia pouco falecida, usando talvez de palavras metafóricas, costumava dizer que milhas e milhas das terras dos Pyncheon tinham sido engolidas pela sepultura de Maule, um buraco raso entre duas rochas, no morro da Forca. Enquanto os advogados procediam a investigações para descobrir o paradeiro do documento, o povo dizia que ele só seria achado na mão do esqueleto do feiticeiro. Mr. Pyncheon não relatou ao carpinteiro que

os maliciosos advogados, dando fé àqueles rumores, ordenaram busca secreta no túmulo. Nada se descobriu, senão que a mão direita do esqueleto desaparecera.

Parte desses rumores populares foram tidos como palavras proféticas e insinuações do filho do feiticeiro, avô do carpinteiro que agora discutia com Gervayse Pyncheon. Uma prova fornecida pelo próprio Gervayse ia agora ser posta em jogo. Embora fosse criança, ele se lembrava de que, na véspera ou na mesma manhã da morte do coronel, o pai de Matthew tivera que fazer um trabalho na sala particular em que ambos se achavam agora. Lembrava-se distintamente de que alguns papéis do avô tinham sido espalhados sobre a mesa.

Matthew Maule percebeu a insinuação.

— Meu pai era homem mais honesto do que o velho coronel sanguinário! Nem para reivindicar seus direitos teria tirado um desses papéis. — Novo sorriso enigmático pousava nos seus lábios.

— Não estou querendo discutir isso! — observou Mr. Pyncheon, com altiva compostura. — Não convém a mim ressentir-me de rudezas feitas para com meu avô ou mesmo comigo, pois, quando um cavalheiro tem que entrar em contacto com qualquer pessoa de sua posição e costumes, precisa considerar que os fins justificam os meios! É este o nosso caso!

Continuando a conversa interrompida, Mr. Pyncheon ofereceu grandes recompensas ao carpinteiro, caso pudesse dar alguns informes que ajudassem a descoberta do documento perdido e o sucesso da pretensão. Maule, por muito tempo, fez ouvidos moucos a tais propostas. Finalmente, com uma gargalhada, pediu a Casa das Sete Torres em troca do documento.

A lenda singular conta-nos que nesse momento o retrato do coronel como que se manifestou. Aquele retrato tinha tal conexão com tudo o que dizia respeito à casa, e estava tão magicamente preso às paredes, que, se fosse dali retirado, todo o edifício ruiria estrepitosamente. Durante a entrevista, o coronel dera mostras de grande transtorno, sem lograr, porém, atrair a atenção dos interlocutores. Quando Matthew Maule fez a audaciosa sugestão de transferência do edifício, o retrato fantasmagórico perdeu a paciência, chegando quase a ponto de abandonar a moldura. Esse incidente, contudo, deve ser mencionado somente de passagem.

— Dar a casa! — exclamou Mr. Pyncheon, estupefato com a audácia da proposta. — Fizesse uma coisa dessas e meu avô não teria sossego no túmulo!

— Sossego ele nunca teve! O assunto interessa mais ao senhor do que a mim!

Embora admirado e achando impossível ceder às propostas de Maule, pensando bem resolveu discutir melhor o assunto. Não tinha apego nenhum àquela casa cujas recordações não eram nada agradáveis. Mesmo depois de trinta e sete anos, o finado avô ainda parecia estar presente como na manhã de sua morte, quando, com aspecto horrível, assustara o neto. A longa estada no estrangeiro, onde se familiarizara com castelos, na Inglaterra, palácios, na Itália, o fizera olhar com desprezo a Casa das Sete

Torres. Era muito inadequada para o tipo de vida que Mr. Pyncheon levaria quando conseguisse os direitos ao território. Talvez servisse para o administrador. Triunfando em seus intentos, tinha ideia de voltar para a Inglaterra, de onde não teria saído se a fortuna e a finada mulher não tivessem mostrado sintomas de esgotamento. Obtida a posse do território, suas propriedades seriam medidas em milhas e não em jeiras, equivalendo a um condado e habilitando-o à solicitação da elevada dignidade de lorde. Lorde Pyncheon, ou conde de Waldo! Como se poderia esperar que tal magnata contivesse sua grandeza dentro daquelas sete torres pontiagudas!

Considerando-se suas ideias, as condições do carpinteiro eram tão ridiculamente fáceis que a custo Mr. Pyncheon se continha para não explodir de riso. Quase se envergonhava, depois dessas reflexões, de propor uma diminuição numa recompensa tão moderada em relação ao serviço prestado.

— Concordo, Maule! Ponha-me na posse do documento e a casa será sua.

Dizem lendas que se fez contrato regular por intermédio de um advogado, assinado e selado em presença de testemunhas. Outras afirmam ter Maule se contentado com um documento particular em que Mr. Pyncheon empenhava sua honra pelo cumprimento dos termos referidos. Para confirmar a transação, o dono da casa mandou buscar vinho, que bebeu em companhia do carpinteiro. Durante toda a discussão e as formalidades, o retrato do velho puritano persistia em gestos de desaprovação, que só foram percebidos por Mr. Pyncheon ao pousar o copo na mesa.

— Este xerez é muito forte e já me subiu à cabeça — observou ele, depois de olhar assustado para o quadro. — Quando regressar à Europa, limitar-me-ei aos mais delicados vinhos da Itália e da França, que não podem suportar o transporte.

— Lorde Pyncheon, pode beber o vinho que quiser e onde quiser — replicou o carpinteiro, como se tivesse sido confidente dos ambiciosos projetos do dono da mansão. — Mas, meu senhor, se deseja notícias do documento perdido, devo solicitar a honra de uma conversa com sua gentil filha Alice.

— Você está louco, Maule! — exclamou Mr. Pyncheon altivamente. A raiva mesclava-se ao orgulho. — O que minha filha tem a ver com tal negócio?

O novo pedido do carpinteiro fez com que o proprietário das Sete Torres ainda ficasse mais aturdido. Para a primeira estipulação havia, pelo menos, motivo plausível, o que faltava à última. Matthew Maule, porém, insistiu tenazmente para que se chamasse a moça, dando a entender que a única probabilidade de saber o paradeiro do

documento seria por intermédio de uma inteligência virgem e pura como a de Alice. Para não complicar nossa história com os escrúpulos de Mr. Pyncheon, sejam de consciência, orgulho ou afeição paternal, adiantaremos ter ele acedido ao pedido. Mr. Pyncheon sabia estar sua filha em seu quarto ocupada com coisas sem importância. Ao ser pronunciado seu nome, ouviu-se uma música doce e triste, acompanhada pela voz melancólica da moça.

Alice Pyncheon chamada, compareceu logo. Conta-se que um retrato dessa jovem, pintado por um artista veneziano e deixado na Inglaterra, está em poder do atual duque de Devonshire, sendo conservado em Chatsworth, não pelo original, mas pelo valor da pintura e pela beleza da fisionomia. Se jamais houve senhora que se afastasse da massa vulgar do mundo por uma certa grandeza calculada e fria, era Alice Pyncheon. Ela possuía, entretanto, um traço feminino: a ternura. Essa qualidade faria com que um homem generoso lhe perdoasse o orgulho, quase contente de se estender no caminho para que Alice pisasse em seu coração. Tudo o que teria exigido era o reconhecimento de ser um homem, uma criatura humana moldada nos mesmos elementos que ela. Ao entrar, os olhos de Alice caíram sobre o carpinteiro que estava de pé, no meio da sala. Vestia jaqueta de lã verde, calções abertos nos joelhos; de um largo bolso, emergia a ponta de uma régua, emblema do artífice, como a espada da pretensa aristocracia de Mr. Pyncheon. Um brilho de aprovação artística luziu nos olhos da moça, visivelmente impressionada pela notável graça, força e energia do semblante de Maule. Esse olhar de admiração, que outros homens acariciavam durante a vida inteira, nunca foi perdoado pelo carpinteiro. Talvez fosse o próprio Demônio que tornasse tão sutil a percepção de Maule.

“Olha-me como se eu fosse um animal feroz!”, pensou o carpinteiro, rilhando os dentes. “Verá que tenho uma alma, e pior para ela, se for mais forte do que a sua.”

— Chamou, meu pai? — perguntou Alice com voz doce e melodiosa. — Se tem negócios a tratar com este rapaz, peço que me deixe ir embora! Sabe que não gosto desta sala, a despeito deste Claude com que o senhor quer reavivar minhas recordações felizes.

— Fique um momento, por favor, senhorita! Meus negócios com seu pai estão terminados e, agora, é com a senhorita que preciso falar! — disse o carpinteiro.

Alice olhou para o pai, surpresa e interrogativamente.

— Sim, Alice — explicou Mr. Pyncheon, perturbado e confuso. — Este rapaz, Matthew Maule, diz ser capaz de descobrir, por seu intermédio, um papel ou pergaminho que desapareceu muito antes do seu nascimento. A importância do documento justifica que se usem todos os meios possíveis e mesmo improváveis para recuperá-lo. Ficarei agradecido, minha querida Alice, se responder às perguntas e obedecer aos pedidos, enquanto tiverem em vista o referido objetivo. Não receie que o rapaz seja rude ou incivil, pois permanecerá na sala. A investigação, ou qualquer que seja o nome que lhe dermos, cessará imediatamente a um desejo seu.

— Mistress Alice Pyncheon, sem dúvida, sentir-se-á segura na presença de seu pai e sob sua poderosa proteção!

— disse Maule, com a maior deferência, embora com um sorriso e um tom sarcásticos.

— Não ficarei apreensiva perto de meu pai. Não creio que uma senhora sincera possa temer alguma coisa ou alguém — respondeu Alice, cheia de dignidade.

Pobre Alice! Por que infeliz impulso pôs-se contra uma força cujo poder não seria capaz de calcular?

— Então, Mistress Alice — tornou Maule, aproximando a cadeira com desusada cortesia para um artífice. — Queira sentar-se e fixar os olhos nos meus!

Alice obedeceu. Era muito orgulhosa. Pondo de parte todos os privilégios de classe, tornara-se consciente de um poder, misto de beleza, altivez, pureza imaculada e força de feminilidade, que tornava sua esfera impenetrável, a não ser quando traída por si mesma. Sabia, instintivamente talvez, que alguma força sinistra ou maligna estava tentando subjugá-la. Não deixaria de reagir. Estava disposta a opor a força feminina à força masculina, competição nem sempre equilibrada.

Mr. Pyncheon virara-se de costas e parecia absorvido na contemplação da paisagem de Claude, representando uma floresta antiga, atravessada de raios de sol, e não seria de admirar que sua fantasia se perdesse na profundidade desnorteante da pintura. Nesse momento, porém, o quadro não significava para ele mais do que a parede branca onde estava pendurado. Seu cérebro excitava-se com as numerosas e estranhas lendas que ouvira, atribuindo dotes misteriosos, se não sobrenaturais, aos Maule, tanto ao neto aqui presente como aos dois antepassados mais próximos. A longa permanência no estrangeiro e a convivência com homens de talento e sociedade, cortesãos, mundanos e livres-pensadores, muito tinham obliterado as superstições do inflexível puritano, a que, entretanto, não escapava inteiramente nenhum homem nascido na Nova Inglaterra, naquela época. Por outro lado, uma comunidade inteira não acreditara ser feiticeiro o avô de Maule? Não fora provado o crime? Não morrera o feiticeiro por ele? Não havia legado ao único neto o ódio aos Pyncheon e esse descendente não parecia disposto a exercer, agora, uma sutil influência sobre a filha do inimigo? Não seria essa influência a mesma que fora chamada feitiçaria?

Voltando-se um pouco, olhou a figura de Maule no espelho. A alguns passos de Alice, com os braços levantados, o carpinteiro gesticulava como fazendo descer vagaroso e invisível peso sobre a moça.

— Pare, Maule! — exclamou Mr. Pyncheon, adiantando-se. — Proíbo-o de prosseguir.

— Por favor, meu pai, não interrompa o rapaz — disse Alice, sem mudar de posição. — Asseguro-lhe que seus esforços serão inofensivos.

Mr. Pyncheon desviou novamente os olhos para o quadro. Era, pois, desejo da filha, em oposição ao seu, que a experiência fosse tentada. Não forçava; dava simplesmente o

consentimento. Não era mais para o proveito dela do que para o seu que desejava o sucesso? Uma vez reavido o pergaminho perdido, a bela Alice Pyncheon, com o rico dote que lhe seria conferido, poderia casar-se com um duque inglês ou um príncipe reinante alemão, ao invés de um pároco ou advogado da Nova Inglaterra! A essa ideia, o ambicioso pai quase consentiu em que, se fossem precisos os poderes do Diabo para atingir o grande objetivo, Maule pudesse invocá-los. A pureza de Alice seria sua salvação.

Com a cabeça cheia de imaginária magnificência, Mr. Pyncheon ouviu uma exclamação distante, partida da filha. Fraca, baixa, indistinta, antes parecia o desejo de emitir palavras, tendo um sentido muito indefinido para ser inteligível. Contudo, era um pedido de socorro, um grito lúgubre, que o eco repetiria, por muito tempo, no âmago do seu coração. Dessa vez, entretanto o pai não se virou.

Depois de um intervalo maior, Maule falou: — Olhe sua filha!

Mr. Pyncheon avançou altivamente. O carpinteiro estava de pé, defronte à cadeira de Alice, apontando a jovem com uma expressão de poder triunfante. Achava-se ela em posição de profundo repouso, com as longas pestanas castanhas descidas.

— Agora, fale com ela! — acrescentou o carpinteiro.

— Alice, minha filha — exclamou Mr. Pyncheon —, minha Alice!

Falou mais alto, aterrorizado, próximo do tão delicado e sensível ouvido.

Evidentemente o som não a afetava. Uma impressão de distância remota e inatingível apoderou-se do pai, pela impossibilidade de fazê-la ouvir sua voz.

— Segure-a! Sacuda-a com força! Minhas mãos estão calejadas pelo uso do enxó, da serra e da plaina, senão o ajudaria.

Mr. Pyncheon tomou a mão da filha, apertando-a com ardor e emoção. Beijou-a com tanta vibração, que não duvidou que a filha pudesse sentir. Então, num assomo de raiva à sua insensibilidade, sacudiu-a com violência tal, que depois se arrependeu. Largou-a e o corpo de Alice, que, embora flexível, estivera imperturbável, voltou à atitude anterior. Tendo Maule mudado de posição, ela virou ligeiramente o rosto, como se fosse guiada pelos movimentos dele.

Interessante era observar como o homem das convenções tão facilmente delas se desvencilhou; como o cavalheiro, reservado e altivo, esqueceu sua dignidade; como o casaco bordado em ouro cintilou com a convulsão de raiva, terror e mágoa do coração humano que batia dentro dele.

— Vilão! — gritou Mr. Pyncheon, sacudindo o punho para Maule. — Você e o Demônio roubaram minha filha. Devolva-a, descendente do velho feiticeiro, ou subirá o morro da Força, nas pegadas do seu avô!

— Devagar, Mr. Pyncheon — disse o carpinteiro, insolentemente — Devagar, se apraz a Vossa Senhoria, senão arruinará os ricos babados de renda do seu punho! É crime meu se o senhor vende a filha pela mera esperança de ter uma folha de pergaminho amarela em suas garras? Mistress Alice está tranquilamente adormecida.

Agora, deixe Matthew Maule verificar se ela é tão orgulhosa como se mostrou há pouco.

O carpinteiro falou e Alice respondeu com branda, submissa e íntima aquiescência, inclinando-se em sua direção como a chama de uma tocha a indicar pequena corrente de ar. A um aceno da mão de Maule, levantou-se às cegas, indubitavelmente tendendo para o seu guia, dele se aproximando. Maule dirigiu-a para trás com um gesto e ela retirou-se, caindo novamente sobre a cadeira.

— Ela é minha! — disse Matthew Maule. — Minha, pelo direito do espírito mais forte.

Através das lendas, perdura ainda grande temor pelas magias do carpinteiro na descoberta do documento perdido. Parece ter sido seu intuito converter o cérebro de Alice numa espécie de meio telescópio, através do qual Mr. Pyncheon e ele vislumbrariam o mundo espiritual. Maule foi bem sucedido em manter um imperfeito contacto com as pessoas falecidas, em cuja guarda o valioso segredo tinha sido levado além dos limites terrenos. Durante o transe, Alice descreveu três figuras, presentes à sua percepção espiritual. Um cavalheiro idoso, ilustre, de expressão austera, vestido para solene festa num sóbrio e custoso traje, mas com uma grande mancha de sangue na gravata ricamente trabalhada. O outro, um homem velho, vestido grosseiramente, de fisionomia fechada e maligna, com uma corda partida ao pescoço. O terceiro, mais jovem do que os primeiros, porém ultrapassando a meia-idade, com uma túnica ordinária de lã, calções de couro e a régua de carpinteiro emergindo do bolso. Essas três personagens visionárias possuíam um conhecimento mútuo do documento perdido. Um deles, o que tinha a mancha de sangue na gravata, parecia ter o pergaminho à mão, porém era impedido, pelos dois parceiros no mistério, de se desvencilhar do documento. Finalmente, quando mostrou o propósito de revelar o segredo, os companheiros, em voz tão alta a ponto de ser ouvida da sua esfera na dos mortais, lutaram com ele, comprimindo-lhe a boca com as mãos. Então, ou porque isso o sufocasse ou porque o próprio segredo fosse de um matiz carmesim, um jorro de sangue fresco tingiu sua gravata. As duas pessoas malvestidas começaram a zombar e a escarnecer do envergonhado e velho dignitário, apontando a mancha de sangue.

Nesta conjuntura, Maule voltou-se para Mr. Pyncheon.

— Isso jamais será permitido — disse ele. — A guarda desse segredo, que tanto enriqueceria seus herdeiros, faz parte da recompensa do seu avô. Sufocar-se-á com ele, até que não tenha mais nenhum valor. Fique com a Casa das Sete Torres! É uma herança

comprada demasiado caro e muito pesada pela maldição que suporta, para ser arrancada da posteridade.

Mr. Pyncheon tentou falar, mas, emocionado, somente pôde deixar escapar um murmúrio da garganta. O carpinteiro riu.

— Ah, ah, muito digno senhor! Então tem que beber sangue do velho Maule — exclamou, zombando.

— Diabo em forma de homem, por que domina minha filha? — gritou Mr. Pyncheon quando pôde articular palavra. — Devolva minha filha! Depois, desapareça; nunca mais quero vê-lo.

— Sua filha! — disse Matthew Maule. — Ela agora é minha! Contudo, para não ser muito severo com a linda Mistress Alice, vou deixá-la sob sua guarda, mas não posso afirmar que não terá ocasião de se recordar de Maule, o carpinteiro.

Acenou com as mãos, num gesto para cima; depois de repetir o mesmo movimento algumas vezes, Alice acordou do estranho transe. Acordou sem a menor lembrança da experiência visionária, mas como alguém que se perde num sonho momentâneo e que retorna à consciência da vida atual num intervalo quase tão breve como o tremular da chama na chaminé. Ao reconhecer Matthew Maule tomou um ar de dignidade fria, pois certo sorriso do carpinteiro excitava seu orgulho nativo. Assim terminou, naquela época, a procura do título relativo ao território dos Pyncheon, e, apesar de renovada muitas vezes, jamais aconteceu cair os olhos de qualquer deles sobre o pergaminho.

Porém, ai da bela, gentil e ativa Alice! Um poder, que nunca imaginara, lançara as garras sobre sua alma. Um desejo, que não parecia seu, a constrangia a obedecer a ordens grotescas e fantásticas. O pai martirizava a pobre filha pelo irreprimível desejo de medir suas terras em milhas e não em jeiras. Enquanto Alice viveu, foi escrava de Maule, numa servidão mil vezes mais humilde do que a corrente que cinge o corpo. Sentado ao pé da humilde lareira, bastava um aceno de mão do carpinteiro e onde quer que estivesse a orgulhosa senhora, fosse no quarto, numa recepção cerimoniosa ou na igreja, seu espírito perdia o controle próprio, subordinando-se ao poder de Maule. "Alice, ria", dizia o rapaz perto da lareira, ou simplesmente formulava um desejo para que, na hora da oração ou num enterro, a moça estourasse num frouxo de riso. "Fique triste, Alice!", e, no mesmo instante, suas lágrimas rolavam, apagando a alegria dos que a rodeavam como chuva súbita sobre uma fogueira. "Alice, dance", e ela dançava, não as danças que aprendera nas cortes estrangeiras, mas um gingado de passos largos ou um rigodão pulado, como convém a uma alegre aldeã numa festa pública. Parecia ser intenção de Maule não arruinar a vida de Alice, causando-lhe danos que coroariam suas mágoas com o sabor de tragédias, mas sim vingar-se com vil e baixo desprezo. Dessa maneira perdeu ela toda a dignidade. Sentia-se humilhada e ansiava por trocar de natureza com qualquer verme!

Uma tarde, numa festa de casamento, a pobre Alice foi chamada por seu déspota invisível e constrangida a andar rapidamente pela rua, com o vestido branco e sapatos

de cetim, até a pobre habitação de um operário, onde havia risos e alegria. Matthew Maule casava-se com a filha daquele homem e Alice Pyncheon serviria de aia da noiva. Depois de terminada a cerimônia, Alice acordou do sono hipnótico. Humildemente, com um sorriso cheio de tristeza, beijou a mulher de Maule e partiu. Era uma noite inclemente. O vento sudoeste soprava neve e chuva sobre seu peito desabrigado. As sandálias se empapavam de umidade, enquanto palmilhava as ruelas lamacentas. No dia seguinte, amanheceu resfriada; depois, uma tosse rebelde. Ficou abatida, uma forma indecisa sentada ao lado do cravo, enchendo a casa de música, em cuja harmonia ecoavam coros celestes! Oh, alegria! Alice passara pela humilhação final! Oh, maior alegria! Alice se penitenciara do único pecado e não era mais orgulhosa.

Fizeram-lhe os Pyncheon pomposo enterro. Compareceram parentes, estranhos e todas as autoridades da cidade. Na cauda do cortejo, vinha Matthew Maule, rilhando os dentes, como se quisesse partir o próprio coração em dois. Era o mais sombrio e acabrunhado homem que jamais acompanhou um cadáver! Pretendera humilhar Alice, mas não matá-la! Tomara a delicada alma de uma mulher nas suas mãos como um brinquedo, e ela morrerá!

O adeus de Phoebe

Afundando-se no conto com o entusiasmo natural de jovem autor, Holgrave dera muita vida à narrativa. Ao terminá-la, porém, notou que uma sonolência esvoaçava sobre os sentidos da ouvinte, certamente provocada pelos gestos místicos com que tentara trazer mais nitidamente à percepção de Phoebe a figura do carpinteiro hipnotizador. Pálpebras descidas, como fechadas por grande peso; sobre os olhos antes atentos, ela se inclinava ligeiramente para ele, regulando a respiração pelo ritmo de Holgrave. Ao guardar o manuscrito, o artista fitou-a, reconhecendo em sua atividade o princípio daquela curiosa condição psicológica que tinha o poder de incitar. Um véu a envolvia e ela só distinguia Holgrave e só vibrava pelos seus pensamentos e emoções. Ao cair sobre a moça, o olhar do artista concentrou-se involuntariamente; na sua postura, percebia-se a consciência do poder, investindo sua figura jovem de uma dignidade que não pertencia ao físico. Com um gesto da mão e um simples desejo, teria completado seu domínio sobre o espírito virgem e puro de Phoebe. Poderia exercer sobre essa mocinha simples e boa uma influência tão perigosa e talvez tão desastrosa quanto a do carpinteiro da lenda sobre a malfadada Alice.

Para uma pessoa ativa e especulativa como Holgrave, não há maior tentação do que dominar o espírito humano; nenhuma ideia mais sedutora para o rapaz do que a de se tornar o árbitro do destino de uma jovem. Quaisquer que sejam seus defeitos de natureza e educação, e a despeito do desprezo e irreverência por credos e instituições, concedamos ao daguerreotipista a rara e alta qualidade de reverência pela individualidade alheia. Concedamos-lhe, igualmente, integridade para que nele se possa ter confiança, pois furtou-se a fechar mais um elo que tornaria indissolúvel seu domínio sobre Phoebe.

Fez ligeiro gesto com a mão para cima.

— Minha cara Miss Phoebe, a senhora realmente me mortifica! — disse ele, um tanto sarcástico. — Minha pobre história, embora verídica, não serviria para Graham e Godey! Você chegou a adormecer com o que esperava julgassem os críticos conclusão brilhante, poderosa, imaginativa, patética e original! Enfim, o manuscrito servirá para acender o fogo! E se estiver muito imbuído das minhas ideias, é capaz de não produzir

chama.

— Eu dormindo? Absolutamente! Estive até muito atenta! Embora não recorde muito distintamente, tenho a impressão de que a história é muito atraente!

Já o sol se escondera e atingia as nuvens no zênite, com os claros matizes que só são vistos quando o astro desce e o céu perde o brilho fulgurante. A lua há muito começara sua ascensão, dissolvendo seu disco no azul, como um demagogo que esconde os intentos adotando o matiz predominante do sentimento popular.

Os raios prateados transformavam a luz remanescente do dia, abrandando e embelezando o aspecto da velha casa. As sombras caíam mais profundamente nos ângulos de suas torres numerosas, escondendo-se debaixo do andar projetado e da porta semiaberta. A cada momento, o jardim se tornava mais pitoresco. As árvores, os arbustos e as moitas de flores mergulhavam na obscuridade. As características do lugar, que à luz diurna pareciam seculares, agora estavam transfiguradas pelo encanto do romance. Um século de mistérios sussurrava entre as folhas, enquanto a brisa marítima perpassava, fazendo-as tremer. O luar tremulava através da folhagem que cobria o caramanchão, caindo, brando de prata, sobre o assoalho escuro, a mesa e o banco circular num contínuo jogo de artifício.

Tão fresca era a atmosfera depois daquele dia febril que a tarde podia ser comparada a luar líquido e orvalho guardado num jarro de prata. Algumas gotas desse líquido espalhavam-se sobre certo coração humano, renovando-lhe a juventude que queria imitar a eterna mocidade da natureza. O artista também conhecia essa influência vivificadora, que o fazia sentir a mocidade quase esquecida na sua prematura luta pela vida.

— Nunca vi crepúsculo tão belo, nem senti algo tão parecido com a felicidade, como agora. Que bom o mundo em que vivemos! Bom e belo! Novo e intacto! Essa velha casa, por exemplo, cujo cheiro de madeira apodrecida tantas vezes me oprimiu a respiração, e este jardim cujo limo se agarrava à minha enxada como se eu fosse um coveiro cavando num cemitério! Pudesse conservar o sentimento que agora se apodera de mim, o jardim seria sempre um solo virgem; suas flores e legumes teriam a primeira frescura da terra, e a casa um caramanchão no Éden, coberto com as mais primitivas rosas criadas por Deus. O luar e o sentimento por ele provocado no coração humano são os maiores e melhores reformadores!

— Pois já me senti mais feliz do que agora, ou, pelo menos, mais alegre — disse Phoebe, pensativa. — Este brilhante luar tem porém um encanto maior. Gosto de ver como o dia já cansado se despede relutante, triste de ser tão cedo chamado "ontem". Nunca dei importância ao luar, mas imagino o que nele haverá de tão belo esta noite!

— Nunca o sentiu antes? — perguntou Holgrave, olhando fixamente para a moça, através dos raios da lua.

— Nunca — respondeu Phoebe —, e agora a vida não me parece a mesma. É como se até então tivesse visto tudo na claridade do dia, ou à rubra luz do fogo cintilante. Ah!

pobre de mim! — juntou com riso melancólico. — Nunca mais serei tão alegre quanto antes de conhecer a prima Hepzibah e o pobre primo Clifford. Envelheci muito neste pouco tempo! Estou mais velha, mais experiente e certamente com a metade da minha leveza de espírito. Dei-lhes o meu calor com satisfação, mas, infelizmente, não posso dar e ao mesmo tempo guardar. Contudo, lhes quero bem!

— Nada perdeu que fosse merecedor ou capaz de ser guardado, Phoebe — disse Holgrave, depois de uma pausa. — Nossa primeira mocidade não tem valor, pois só temos consciência dela depois de perdida. Às vezes, porém, há um sentido de segunda mocidade, que a alegria de amar proporciona ao coração. Talvez isso coroe outra festa da vida, se houver outra igual. Essa saudade da primeira mocidade perdida, sem carinhos, de alegria superficial, e essa profunda felicidade da mocidade reavida são essenciais para o desenvolvimento da alma. Às vezes, as duas coincidem, reunindo a tristeza e o êxtase numa misteriosa emoção.

— Não o entendo bem — disse Phoebe.

— Não admira — replicou Holgrave sorrindo —, pois lhe revelei um segredo que eu mesmo desconhecia até defini-lo. Lembre-se dele e, quando a verdade lhe for revelada, recorde esta cena ao luar — Já tudo mergulhou na luz da lua, exceto a pequena e fraca vermelhidão que se vê entre aquelas casas. Preciso entrar. Prima Hepzibah não é muito forte em números e terá dor de cabeça com as contas do dia, se eu não a ajudar. — Despedia-se.

Holgrave, porém, a reteve um pouco mais.

— Miss Hepzibah me disse que a senhorita volta para o campo dentro de poucos dias.

— Sim, mas somente por pouco tempo. Considero esta casa como minha. Vou fazer uns preparativos e despedir-me de minha mãe e amigos. É melhor viver onde se é querida e necessária, como sou aqui.

— É mais querida e mais útil do que imagina — disse o artista. — A saúde, a alegria e o conforto desta casa se resumem na sua pessoa. Esses tesouros foram adquiridos na sua chegada e desaparecerão após a sua partida. Miss Hepzibah, pelo afastamento da sociedade, perdeu toda a relação com ela Está morta, embora tenha ainda esse arremedo de vida e fique atrás do balcão a afligir o mundo com a carranca. O pobre Clifford é outro defunto, há muito enterrado, sobre quem o governador operou um milagre necromântico. Não me admiraria se, na sua ausência, ele se desfizesse, transformando-se num punhado de poeira. Miss Hepzibah perderá também os movimentos. Ambos são sustentados pela sua presença.

— Esse pensamento me deixa triste! — respondeu Phoebe gravemente. — É certo que minhas poucas habilidades eram exatamente do que necessitavam. Tenho real interesse no seu bem-estar, uma espécie de sentimento material, de que espero não ria. Com franqueza, Mr. Holgrave, às vezes tenho vontade de saber se lhes deseja bem ou mal!

— Sinto indubitável interesse nessa senhora solteirona e nesse pobre senhor, último amante do belo. Interesse cheio de bondade por essas duas velhas crianças desgraçadas! Não imagina, porém, como meu coração é diferente do seu. Não sinto impulso de ajudá-los nem perturbá-los, mas de observá-los, analisá-los, explicá-los a mim mesmo e compreender o drama que, por quase dois séculos, vem vagarosamente cavando o solo sobre o qual pisamos neste momento. Teria satisfação moral em presenciar o desfecho disso! Tenho a convicção de que o fim está próximo. Desde que a Providência a enviou, para ajudar, e a mim como espectador idôneo, empenho-me em emprestar a esses infelizes seres todo o auxílio possível.

— Gostaria que falasse mais claramente e, sobretudo, se mostrasse mais cristão, mais humano. Como é possível ver pessoas em apuros sem o desejo de ajudar e confortar? O senhor fala como se esta casa fosse um teatro! Vê a desgraça de Hepzibah e Clifford como tragédia semelhante à que se assiste no salão de um hotel, representada exclusivamente para sua distração! Não gosto disso! A peça custa caro demais aos atores e o auditório é muito insensível!

— É muito severa! — disse Holgrave, reconhecendo certo grau de verdade na atitude da moça.

— O que quer dizer por convicção de próximo desfecho? — continuou Phoebe. — Sabe de algo que ameace meus pobres parentes? Conte-me e não os deixarei!

— Perdoe-me, Phoebe — tornou o daguerreotipista, estendendo a mão e estreitando a da moça. — Confesso que tenho algo de místico. Essa tendência está no sangue, com a faculdade mesmérica, que talvez me levasse à força nos velhos tempos da feitiçaria. Se soubesse de algum segredo cuja revelação beneficiasse seus amigos, eu lhe diria antes de nos separarmos. Nada sei!

— Está escondendo alguma coisa! — insistiu Phoebe.

— Absolutamente! Mas percebo que o Juiz Pyncheon ainda está de olho em Clifford, para cuja ruína tanto contribuiu. É um homem implacável, caráter genuíno do inquisidor! Se ganhasse alguma coisa para jogar Clifford na tortura, não hesitaria em fazê-lo. Rico, eminente, poderoso, que pode esperar ou temer do imbecil e difamado primo?

— Continua a se expressar como se a desgraça estivesse iminente — disse Phoebe.

— Ora, sou um espírito mórbido — replicou o artista.

— Meu cérebro é um tanto desequilibrado, como o de quase toda gente, exceto o seu. É tão estranho ser inquilino desta mansão e estar sentado neste jardim que, não fosse esta circunstância, imaginaria estar o destino tramando o quinto ato de uma tragédia.

— Veja! — disse Phoebe, novamente aflita por ser tão hostil ao mistério como a luz do sol a um canto escuro.

— Amedronta-me mais do que nunca!

— Digamos adeus como amigos! — exclamou Holgrave, apertando-lhe a mão. —

Separemo-nos antes que me deteste inteiramente. Você, que ama a todos no mundo!

— Então, adeus! — tornou Phoebe, com decisão. — Não pretendo ficar zangada tanto tempo e me entristeceria se assim pensasse. Há mais de um quarto de hora que a prima Hepzibah espera na porta. Acha certamente que estou me demorando nesta umidade. Então boa noite e adeus!

Dois dias depois, Phoebe, com seu chapéu de palha, o xale num braço, e no outro a maleta, disse adeus a Hepzibah e a Clifford, para embarcar no próximo trem que a transportaria a meia dúzia de milhas da sua aldeia.

Havia lágrimas nos olhos de Phoebe. Um sorriso cheio de saudade brilhava-lhe na boca graciosa. Imaginava como as poucas semanas de vida na velha mansão se tinham apossado dela, misturando-se de tal forma às suas ideias, que pareciam ser-lhe a mais importante fonte de lembranças. Como pudera Hepzibah, carrancuda, silenciosa, que não correspondia aos seus sentimentos cordiais, provocar tanta amizade? E Clifford, decadente, encarnando o mistério de um crime temível, exalando ainda o pesado ar da prisão, como se transformara naquela criança ingênua a quem Phoebe vigiava como uma espécie de providência, nas horas tristes! No momento da partida, tudo se salientava à sua visão. Qualquer objeto que pegasse correspondia-lhe ao sentimento interior como se tivesse a sensibilidade de um coração humano!

Através da janela, olhou para o jardim, sentindo-se mais pesarosa de deixar esse pedaço de terra preta do que alegre à ideia de aspirar novamente o perfume da floresta de pinheiros e dos campos verdejantes. Atraindo o galo, as duas galinhas e o frango, jogou-lhes migalhas da mesa do café. Depois de comer gulosamente, o frango abriu as asas, voou para o peitoril da janela, olhou gravemente para o rosto de Phoebe, externando suas emoções por um cacarejo. A jovem recomendou-lhe que durante a ausência se portasse bem, prometendo-lhe trazer um punhado de trigo.

— Ah! Phoebe — notou Hepzibah —, você não ri com a mesma naturalidade de quando chegou! Então, o riso despontava livremente. Agora, é forçado. É conveniente que volte por algum tempo à sua terra; seu espírito tem suportado muitas atribulações; esta casa é sombria e solitária. A loja traz inúmeros aborrecimentos e, quanto a mim, não possuo a faculdade de tornar as coisas mais bonitas do que são. O querido Clifford tem sido seu único conforto!

— Chegue aqui, Phoebe — disse subitamente o primo Clifford, que pouco falara naquela manhã. — Perto; mais perto! Olhe-me bem no rosto!

Phoebe pôs as mãos sobre os braços da cadeira do velho primo e aproximou o rosto de modo que ele pudesse examiná-lo minuciosamente. Talvez as emoções dessa hora de despedida tivessem reavivado as faculdades obscuras e enfraquecidas de Clifford. Phoebe sentiu que o profundo conhecimento de um observador ou uma delicadeza de apreciação maior do que a feminina estudava seu coração. Um momento antes, nada sabia que tivesse a intenção de esconder. Agora, como se algum segredo se insinuasse em sua própria consciência por intermédio de outrem, tinha medo de descerrar as pálpebras sob o olhar de Clifford. Um rubor, contrariando-lhe os esforços por anulá-lo, foi-se estendendo nas suas faces.

— Está bem! — concluiu Clifford com um sorriso melancólico. — Quando a vi pela primeira vez, era a mais linda menina do mundo! Sua beleza agora é mais profunda. A menina transformou-se em mulher! O botão em flor! Sentir-me-ei mais só do que antes com sua partida.

Despedindo-se do desolado casal, Phoebe atravessou a loja pestanejando para fazer cair uma lágrima, que não dava a importância de enxugar no lenço, considerando a brevidade da ausência e a tolice de se afligir. Atingindo a porta, deparou com o menino cujas façanhas gastronômicas já relatamos, dando-lhe, como presente de despedida, um animal que os olhos turvos não puderam identificar. Na rua, encontrou-se com Tio Venner, que, com uma serra na mão, prontificou-se a acompanhar a moça enquanto seguissem o mesmo trajeto. A despeito da roupa surrada e do aspecto, Phoebe não seria capaz de andar mais depressa do que ele.

— Vamos sentir falta da senhorita no próximo sabá. Com que rapidez certas pessoas se tornam familiares aos outros! Com seu perdão, Miss Phoebe, entre a senhorita e este velho, foi o que se deu. Já vivi muito e a senhorita está começando agora, mas é tão familiar para mim como se a tivesse encontrado em casa de minha mãe e tivesse florescido como videira no meu caminho. Volte logo, senão quando chegar já terei ido para minha fazenda. Serrar madeira é trabalho pesado para minha dor nas costas.

— Sim, voltarei logo, Tio Venner.

— Que seja o mais breve possível, por causa daquelas duas pobres almas. Nada farão sem a senhorita. É como se um anjo tivesse descido do céu, fazendo daquela casa sombria um lar alegre e confortável. Não seria triste se o anjo os abandonasse, voltando para o lugar de onde veio? Isso deve ser o que eles sentem, agora que a senhorita vai partir. Talvez não possam suportar, Miss Phoebe! Prometa que volta mesmo!

— Não sou anjo algum, Tio Venner — disse a moça ao chegar à esquina. — Mas estou fazendo todo o bem possível. Voltarei!

Assim se despediram o velho e a mocinha. Phoebe tomou as asas da manhã e pôs-se a voar tão rapidamente como se dotada da locomoção aérea dos anjos a quem Tio Venner a comparara.

A carranca e o sorriso

Inúmeros dias pesados e tristes se passaram na Mansão das Sete Torres. Uma tempestade se desencadeou, esforçando-se por tornar o teto negro e as paredes da velha mansão ainda mais tristonhos. A mesma melancolia reinava dentro e fora da casa. Clifford fora privado ao mesmo tempo de todas as suas escassas fontes de prazer. Phoebe partira e o sol não incidia sobre o assoalho. O jardim, com seus caminhos lamacentos e a folhagem gotejante do caramanchão, causava pena. Exceto o musgo e o joio, nada florescia naquela atmosfera gélida, úmida e impiedosa, que a brisa marinha fustigava.

Hepzibah, abalada com o vento, parecia um símbolo desse tempo cinza e colérico ou o próprio vento tristonho e desconsolado, com um velho vestido de seda preta e um turbante de nuvens na cabeça. A freguesia se afastou da loja, afugentada pelo boato de que a dona fazia fermentar a cerveja e outras coisas fermentáveis, com seu olhar ameaçador. O público talvez tivesse queixa do seu comportamento, mas para com Clifford ela nunca estivera mal-humorada, nunca fora má. Sentia por ele o mesmo amor que antes. A inutilidade dos seus esforços paralisava a pobre velha. Pouco podia fazer além de sentar-se silenciosamente no canto da sala, enquanto os galhos molhados da pereira batiam de encontro às janelas, criando um crepúsculo ao meio-dia, inconscientemente escurecido pelo aspecto de Hepzibah. No entanto não se lhe podia culpar por isso. As velhas cadeiras, as mesas, que sabiam o que significava o tempo para uma vida como a dela, tudo tinha uma aparência tão abatida e desanimada, como se o momento presente fosse o pior dos que tinham passado. O retrato do coronel balançava na parede. Toda a mansão tremia, desde o sótão até o fogão da cozinha, apagado e frio, símbolo do coração daquela casa.

Hepzibah, para alegrar o ambiente, acendeu a lareira da sala de estar. Porém, o demônio da tempestade, que a perseguia toda vez que uma chama se erguia, soprava a fumaça para baixo, sufocando a garganta fuliginosa da chaminé com sua própria respiração. Durante os quatro dias de tempestade, Clifford esteve sentado na cadeira costureira enrolado num velho casaco. Na quinta manhã, quando chamado para o café, respondeu com um murmúrio triste, expressando o desejo de não deixar o leito. A irmã não tentou contrariá-lo. Por muito amá-lo, Hepzibah não podia mais suportar aquele

malogrado dever de distraí-lo, procurando um passatempo para o seu espírito delicado e sensitivo, embora arruinado Era desesperador ter de ficar, friorenta e solitária sentada na sala, sem sentir a dor sempre nova e o remorso a cada suspiro lamentoso do companheiro.

Clifford, embora não tivesse descido naquele dia, levantara-se para se distrair. À tarde, Hepzibah ouviu um som musical, que, como não houvesse outro instrumento na casa só poderia vir do cravo de Alice. Clifford tivera, na mocidade, grande pendor para a música e era muito hábil no executá-la. Não se podia imaginar tivesse ele tão bem conservado um talento que requer exercício diário, como indicava a melodia doce, melancólica, harmoniosa e delicada que se insinuava em seu ouvido. E que aquele instrumento, há tanto fechado e silencioso, fosse capaz de tanta melodia. Involuntariamente, Hepzibah lembrou-se das músicas fantasmagóricas, atribuídas a Alice e pressagiadoras de morte na família. Depois de alguns acordes, porém, as cordas pareceram partir-se com a própria vibração, e a música cessou, provando ser a melodia provocada por dedos humanos e não espirituais.

Um som áspero sucedeu às notas misteriosas o dia ventoso não estava destinado a findar sem um acontecimento capaz de envenenar o ar mais embalsamado. Os ecos finais da execução de Alice ou de Clifford foram afugentados pela vulgar dissonância da campainha da loja. Ouviu-se alguém atravessar o limiar, pisando forte o assoalho. Hepzibah retardou-se um instante, vestindo o velho e desbotado xale que, ha quarenta anos, a abrigava do vento leste. Um som característico, não tosse ou pigarro, mas espécie de espasmo da profundidade do peito, na pessoa que entrava, fez Hepzibah adiantar-se apressada e medrosa. Poucas mulheres teriam aspecto tão terrível quanto ela nesse momento. O visitante porem, fechando a porta atrás de si e apoiando o guarda-chuva no balcão, virou-se para enfrentar o alarme e a raiva suscitados pelo seu aparecimento.

O pressentimento de Hepzibah não a enganara. Era o Juiz Pyncheon que, depois de tentar entrar pela porta principal, ingressara pela porta da loja.

— Como vai, prima Hepzibah? O nosso pobre Clifford como tem passado com este tempo tão inclemente? — perguntou o juiz, com tão efusivo sorriso que o tempo devia ter se abrandado com a sua benevolência. — Não poderia me sentir sossegado enquanto não viesse mais uma vez lhes oferecer meus préstimos!

— Nada pode fazer — respondeu a solteirona, procurando dominar a agitação. — Devotei-me a Clifford e ele tem todo o conforto que a situação admite.

— Permita dizer-lhe, cara prima, que comete um erro, a despeito de toda a sua afeição, bondade e boas intenções, em manter seu irmão tão preso. Por que afastá-lo de toda a simpatia e bondade? Oh! Pobre dele! Já teve muita solidão na vida! Deixe-o experimentar o contacto com a sociedade, os parentes e os velhos amigos. Deixe-me vê-lo e respondo pelo bom êxito da entrevista.

— Não é possível vê-lo; Clifford tem estado de cama desde ontem.

— O quê? Como? Clifford está doente? — perguntou o juiz com espanto e cólera. O mesmo olhar carrancudo do velho puritano percorria a sala. — Preciso vê-lo então! Que aconteceria se ele morresse?

— Não corre perigo de vida — ajuntou Hepzibah, acrimoniosamente. — Não corre perigo algum senão o de ser perseguido até a morte pelo homem que já tentou fazê-lo há tempos.

— Prima Hepzibah! — disse o visitante com impressionante seriedade, que passou a uma lacrimosidade patética. — Talvez não perceba o quanto é injusta, má e anticristã essa constante prevenção contra mim, por um ato a que fui compelido pelo dever, pela conveniência, pela força da lei e com risco próprio! Que fiz eu em detrimento de Clifford senão o que era obrigado a fazer? Teria a sua mágoa interminável de irmã compreendido o que fiz? Pensa acaso, prima, que isso não me mortificou? Que, desde aquele dia, entre toda a prosperidade com que Deus me abençoou, não sinto no peito uma angústia? Pensa então que não me rejubilo com a devolução desse caro parente à vida e às possibilidades de felicidade? Conhece-me muito pouco, Hepzibah, conhece muito pouco este coração que agora palpita à ideia de encontrá-lo! Não existe ser humano, com exceção de você, que tivesse derramado tantas lágrimas pela desgraça de Clifford! Ninguém ficaria mais contente do que eu em concorrer para sua felicidade! Experimente, Hepzibah, ponha à prova este homem, a quem considera inimigo, ponha à prova Jaffrey Pyncheon, e verá que ele é sincero!

— Em nome dos céus — exclamou a dona da casa, indignada por essa explosão de afeição. — Em nome de Deus a quem insulta e de cujo poder chego a duvidar por permitir que pronuncie tais falsidades sem lhe paralisar a língua, desista dessa pretensa amizade à sua pobre vítima! Detesta-o, sustente-o como homem! Tem algum propósito contra ele? Revele-o logo! Se quiser escondê-lo e aperfeiçoá-lo para triunfar mais tarde, que o faça. Mas desista dessa afeição ao meu pobre irmão! Não admito que fale mais nisso! Chegarei além dos limites da decência, pois isso me transtorna! cale-se e nem mais uma palavra, ou o expulsarei a pontapés!

O furor dera coragem a Hepzibah e ela falara! Seriam, porém, essa suspeita da integridade do juiz e essa recusa a seus oferecimentos fundadas em alguma percepção ou fruto da prevenção desarrazoada, sem base conveniente?

O juiz era homem respeitado, tanto pelo Estado quanto pela Igreja. Ninguém o negava entre seus numerosos conhecidos e amigos. Além de Hepzibah, alguns místicos como Holgrave e talvez alguns oponentes políticos, ninguém contestaria sua pretensão a lugar de grande destaque no mundo. Nem mesmo o próprio Juiz Pyncheon mantinha dúvidas de que sua invejável reputação correspondesse aos seus méritos. Sua consciência, testemunha mais certa da integridade do indivíduo, corresponde à voz elogiosa do mundo. Embora tudo pareça evidente, hesitamos em comprometer nossa integridade moral dizendo que o juiz e o mundo tinham razão e a pobre Hepzibah, na sua solitária prevenção, estava errada. Havia algo de horrível e mau, escondido da

humanidade e esquecido por ele mesmo, tão profundamente enterrado sob a pilha escultural dos feitos ostensivos que a vida diária não mais podia percebê-lo. Quase diremos que diariamente era cometido um erro, continuamente renovado e sempre reavivado, como a mancha de sangue de um assassinio, sem que ele percebesse.

Homens de alma forte, grande força de caráter e firme sensibilidade são bem capazes de cair em erros dessa espécie.

Para eles a forma tem importância suprema. Seu campo de ação são os fenômenos externos da vida. São hábeis em abarcar e se apropriar de sólidas coisas como ouro, territórios, cargos importantes e honras públicas. Com esses atos ostensivos constroem o grande e pesado edifício que, aos olhos do próximo e aos seus, representam o caráter ou o próprio homem em si. Observamos um palácio, cujos cômodos espaçosos são pavimentados de custoso mármore. As janelas, da altura das salas, deixam entrar o sol através do mais fino cristal. Cornijas douradas e teto pintado; um zimbório altivo, de onde se observa o céu, coroa o edifício. Que emblema haverá mais nobre para representar o caráter de um homem? Em algum lugar, porém, em algum quartinho pequeno do porão, de portas hermeticamente fechadas, ou numa poça d'água estagnada sob o pavimento de mármore, um cadáver em decomposição espalha o cheiro nauseabundo por todo o palácio. O proprietário não o percebe, por respirá-lo diariamente; os visitantes sentem somente os perfumes que aquele cuidadosamente espalha pelas salas e o incenso por eles mesmos trazido para queimar em sua presença. Algum dia talvez surja o observador a cujos olhos o palácio desapareça, permanecendo só o quartinho escondido, cheio de teias de aranha, ou a cova sob o pavimento com o cadáver decomposto. Esse será o verdadeiro emblema do caráter do homem e da ação que lhe caracteriza a vida. Na pompa do palácio de mármore, o charco de água estagnada, cheio de impurezas e talvez tinto com sangue, aquela abominação secreta de que se esquecia ao rezar, é a alma desse homem!

Aplicando essas observações mais diretamente ao Juiz Pyncheon, devemos esclarecer que em sua vida já havia entulho suficiente para cobrir e paralisar uma consciência mais ativa e sutil. A pureza do seu caráter judicial na magistratura, a fidelidade ao serviço público, o devotamento ao partido, a rígida conformidade com que aderiu aos seus princípios, concordando com os movimentos organizados, o zelo na presidência de uma associação religiosa, a integridade como tesoureiro dos fundos de uma viúva e órfãos, as contribuições à agricultura e à horticultura, o comportamento moral, a severidade com que punira um filho, expulsando-o de casa e retardando o perdão até a hora final, as orações frequentes, o aspecto, a vestimenta, a moderação de hábitos, a cortesia, que traços escuros haveria em tal retrato? Esse era o rosto que ele via no espelho e essa a vida que levava. Não seria lógico que se dissesse: "Olhe lá o Juiz Pyncheon"?

Admitindo-se que, há muitos anos, na primeira mocidade, Jaffrey Pyncheon tivesse cometido um erro e que a força das circunstâncias o obrigasse a cometer ainda erros

entre centenas de ações louváveis, caracterizaria esse único fato o juiz em detrimento de todas essas boas ações? Ensombraria assim o belo aspecto de uma vida? Que haverá de tão ponderoso no mal que uma pategada dele contrabalança a enorme massa de atos bons do outro prato? Esse prato e o sistema de balança é favorito de pessoas como o juiz. Um homem frio e inflexível assim só chega ao conhecimento de si mesmo quando perde as propriedades e reputação. A doença não o ajudará a conhecer-se nem mesmo na hora extrema.

Ocupemo-nos, porém, do Juiz Pyncheon ao enfrentar a cólera de Hepzibah, que, sem premeditação, e com surpresa para ela mesma, dera vazão ao ressentimento que mantinha há trinta anos contra Jaffrey.

A fisionomia do juiz expressava clemência e perdão para a injustiça que lhe atribuíam as palavras da prima. Ao terminar Hepzibah seu pedido, o olhar encheu-se de austeridade e decisão. A mudança era tão sutil que parecia ter estado presente sempre o homem de ferro e nunca o dócil. Tinha o mesmo efeito que nuvens vaporosas e delicadas que se afastam para pôr à mostra uma rocha escarpada. A velha quase acreditou ter descarregado todo o amargor do coração no antepassado e não no juiz. Nunca homem algum deu prova mais cabal da linhagem que lhe atribuíam do que Jaffrey Pyncheon nessa crise, pela semelhança inconfundível com o quadro da sala.

— Prima Hepzibah — disse calmamente. — Já era tempo de isto ter terminado.

— Concordo — respondeu aquela. — Por que continua então a nos perseguir? Deixe-nos em paz, a mim e ao pobre Clifford. Nada queremos além disso!

— Quero ver Clifford antes de deixar esta casa! Não se faça de tola, Hepzibah! Sou amigo dele, tenho poderosa influência. Nunca lhe ocorreu que sem meu consentimento, meus esforços, minha representação, minha influência política, oficial e pessoal, Clifford não estaria livre? Considera sua libertação um triunfo sobre mim? Pois não é, cara prima, não é! Longe disso! Foi a conclusão de uma empresa há muito encetada por mim. Eu o libertei.

— Você? Nunca acreditarei nisso! A você ele só deve a prisão. A liberdade ele a deve à Providência Divina!

— Eu o libertei! — reafirmou o Juiz Pyncheon, já mais calmo. — Agora vou decidir se deve ou não manter-se em liberdade. Tudo dependerá dele. Por isso devo vê-lo!

— Nunca! Isso o deixaria louco! — exclamou Hepzibah. O juiz, porém, percebia claramente sua hesitação. Sem a menor fé nas suas boas intenções, a pobre senhora não

sabia se devia ceder ou não. — Por que há de querer ver esse homem acabado, desgraçado, que pouco retém do raciocínio e que esconderia mesmo esse pouco de olhos em que não percebesse a amizade?

— Verá amizade suficiente nos meus olhos — disse o visitante, confiante no seu aspecto. — Agora ouça, prima Hepzibah. Explicarei os motivos por que insisto nessa entrevista. Quando morreu nosso tio Jaffrey, há trinta anos, verificou-se que sua fortuna real era menor que todos os cálculos feitos. Não se recorda disso, devido às lamentáveis ocorrências que acompanharam o acontecimento. Acreditava-se que ele fosse imensamente rico. No entanto, era uma de suas excentricidades ocultar o montante da fortuna, invertendo dinheiro em apólices talvez sob outros nomes, ou de outro modo que não é preciso especificar. Pelo testamento, a fortuna me foi legada, com exceção desta velha casa de família, de que você goza usufruto.

— Quer também nos privar disso? É esse o preço para deixar de perseguir Clifford?

— Absolutamente, prima. Pelo contrário, e deve me fazer justiça, constantemente expresso o desejo de dobrar ou triplicar-lhe os recursos, quando quiser. O fato é que, da fortuna imensa de meu tio, nem a metade, ou talvez nem a terça parte, apareceu depois de sua morte. Tenho razões para crer que Clifford poderá ajudar a recuperar o restante.

— Clifford? Sabe ele de alguma fortuna escondida? Pode torná-lo ainda mais rico? É impossível, você terá uma decepção. É ridículo!

— Tenho tanta certeza disso quanto da minha presença aqui — respondeu o juiz, batendo com a bengala de castão de ouro e ao mesmo tempo com o pé. — O próprio Clifford me disse!

— Está sonhando! — comentou Hepzibah, incrédula.

— Não pertenço à classe dos homens sonhadores. Alguns meses antes da morte de meu tio, Clifford pôs-se a vangloriar-se da posse do segredo de uma fortuna incalculável. Sua intenção era ridicularizar-me, excitando minha curiosidade. Bem o sabia. Porém, recordando nossa conversa, estou convencido de que dizia a verdade. Ele pode, portanto, informar onde se acham os documentos e as provas da fortuna remanescente. Sabe o segredo. Nas expressões que usou havia um tom de verdade.

— Qual seria, porém, seu objetivo, escondendo-o por tanto tempo? — perguntou a velhota.

— Foi um dos impulsos de sua natureza fraca. Considera-me inimigo, causador de sua desgraça, elemento perigoso para sua vida. Não havia grandes probabilidades de uma informação voluntária. Chegou agora o momento de ele revelar o segredo.

— Que aconteceria se recusasse, ou, como imagino, não tivesse conhecimento de fortuna alguma?

— Minha cara prima, desde a volta de Clifford, tomei a precaução de observar-lhe cuidadosamente o comportamento e os hábitos. Os vizinhos são testemunhas oculares de tudo o que se tem passado no jardim. O açougueiro o padeiro, o peixeiro, alguns fregueses da loja e umas velhas bisbilhoteiras me revelaram segredos do interior da casa

Muitas pessoas, e eu mesmo, testemunhamos suas extravagâncias na janela da sacada. Milhares de homens o viram há uma ou duas semanas, a ponto de jogar-se da janela. De tudo isso sou obrigado a deduzir que as desgraças que atingiram Clifford perturbarão-lhe o cérebro, jamais muito forte a tal ponto que não pode permanecer em liberdade. A solução para o caso só pode ser o internamento num hospício, e isso depende inteiramente da decisão que tomar agora.

— Não fará isso!

— Se Clifford recusar a informação de que necessito por algum ódio que só pode indicar doença mental, tomarei tal atitude como comprovante de insanidade mental. Conhece-me bem, Hepzibah, para duvidar de que prossiga no meu intento.

— Oh! Jaffrey, você é que está doente da cabeça! Esquece-se de que existem afeição e amizade no mundo. Como pode pensar nisso? Não é jovem, nem de meia-idade, e sim um velho, Jaffrey. Quantos anos viverá ainda? Não é suficientemente rico para esse fim de vida? Passará fome? Faltarão roupas, ou teto para abrigá-lo? Não! Se esbanjasse metade do que possui em vinhos e comedorias, se construísse uma casa duas vezes melhor que a atual, se tivesse maior ostentação, ainda deixaria dinheiro suficiente para que seu filho ficasse contente de vê-lo morrer! Por que fazer tal crueldade? Tal loucura, tal perversidade? Pobre Jaffrey! Esse espírito ambicioso que lhe corre nas veias tem dois séculos de existência. Não faz mais do que repetir o que fez seu antepassado, herdando também sua maldição!

— Fale com mais calma, Hepzibah! Já lhe disse o que pretendo fazer! Não mudarei. Ou Clifford revela o segredo ou sofrerá as consequências. E que decida depressa. Tenho muito o que fazer esta manhã e vou a um importante jantar político.

— Clifford não conhece segredo algum e não o deixarei fazer o que pretende — respondeu Hepzibah.

— Veremos — tornou o juiz obstinadamente. — Decida logo se vai chamar Clifford e deixar que tudo se resolva amigavelmente, ou levar-me-á a tomar medidas a que fugiria de bom grado! A responsabilidade é toda sua!

— É mais forte do que eu e não conhece piedade! — concluiu a pobre senhora, depois de breve consideração. — Embora Clifford não esteja louco, a entrevista que pretende ter com ele o enlouquecerá. Acho melhor deixar que você mesmo constate a inexistência de tal segredo. Vou chamá-lo. Seja bom na sua conduta para com ele, melhor do que seu coração o permite. Deus o observa, Jaffrey Pyncheon!

Seguindo Hepzibah, da loja até a sala interior, Jaffrey deixou-se cair pesadamente na cadeira do antepassado. Muitos Pyncheon tinham repousado naquela cadeira confortável; crianças rosadas depois das brincadeiras, rapazes sonhando com amor, homens preocupados, velhos de avançados invernos, e depois de suas meditações e cochilos tinham passado para o profundo sono da morte. Dizia a tradição que, sentado naquela cadeira, tinha o velho coronel austeramente recebido os convidados depois de morto. Desde aquela hora aziaga, nenhum aí se sentara tão cheio de tristezas e tão

esgotado quanto o Juiz Pyncheon, que acabamos de ver tão resoluto e inflexível. Não fora por menor preço que fortificara a alma com aço. Essa calma dos fortes é esforço maior do que a violência dos homens fracos. Havia ainda pesada tarefa para ele. Seria assunto ligeiro o ter de encontrar-se agora, depois de trinta anos, com um parente vindo de um túmulo, para dele arrancar um segredo ou mandá-lo para o túmulo de novo?

— Falou alguma coisa? — perguntou Hepzibah já da porta. Imaginava ter ouvido o juiz pronunciar a palavra de arrependimento, ansiosamente esperada por ela. — Pensei que tivesse chamado!

— Não, não — respondeu asperamente o primo. — Para que chamá-la? O tempo voa. Chame logo Clifford!

Tirando o relógio do bolso do colete, o juiz o segurava agora na mão, medindo o intervalo de tempo para a aparição de Clifford.

O quarto de Clifford

Jamais a velha casa pareceu tão triste a Hepzibah, como quando a atravessou para levar aquela infeliz mensagem. Tinha um aspecto estranho. Quando passou pelos corredores tão palmilhados, abrindo porta após porta e subindo a escada rangedora, olhou fixa e temerosamente em volta. Seu cérebro excitado não se teria admirado de ouvir, atrás de si ou do lado, rumor de mortalhas e rostos pálidos a espreitá-la. Tinha os nervos descontrolados pela cena anterior. A conversa com o Juiz Pyncheon reavivara o terrível passado, que lhe pesava agora sobre o coração. Todas as histórias que ouvira sobre a boa ou má sorte dos Pyncheon lhe ocorriam sombrias, pálidas e frias, formando, no seu conjunto, uma série de calamidades que se reproduziam de geração em geração, com pequenas variantes. O juiz, Clifford e ela como que estavam a ponto de juntar outra calamidade às muitas que aquela mansão havia visto. A aflição daquele momento tomou corpo atingindo o auge que o tempo, com o decorrer dos anos, matizaria com o cinzento comum aos acontecimentos longínquos, fossem eles felizes ou graves. É somente por um momento que os fatos são estranhos e assustadores Hepzibah não se podia livrar da impressão de que algo imprevisto ia acontecer. Ao passar pela janela da sacada, parou instintivamente, olhando para a rua e agarrando-se com as garras mentais aos seus menores incidentes. A aparência, tão igual às anteriores, fê-la voltar a si com uma espécie de choque. Seus olhos esquadrinharam, porém, porta por porta, distraídos com a calçada molhada e os buracos que as poças d'água faziam adivinhar. Através de uma janela, via uma costureira ocupada em seu ofício, e a ela se apegava, mesmo de tão longe. Uma sege passou pela rua, atraindo-lhe a atenção para as rodas enlameadas e para a capota brilhante. Depois da passagem do veículo, ainda se deixou ficar na janela por momentos. Logo distinguiu o vulto de Tio Venner, a quem o vento piorara o reumatismo subindo vagarosamente a rua. Como desejava que ele andasse devagar, para compartilhar, por mais uns minutos, da sua desesperada solidão! Era-lhe bem-vindo tudo o que protelasse aquela inevitável mensagem, interpondo-se entre ela e o irmão. A vizinhança de um coração leve alivia outro que esteja sobrecarregado.

Sentia-se covarde para a própria dor e, mais ainda, para a que devia infligir a Clifford. Era uma calamidade fazer aquele homem, franzino e castigado por tantas desgraças enfrentar o juiz implacável, asa negra de sua vida. A par das amargas

recordações e daquele hostil interesse, seria um desastre o contacto de uma alma delicada com aquele indivíduo pesado e maciço. Seria como atirar um jarro de porcelana já rachado sobre uma coluna de granito. Hepzibah jamais julgara tão adequadamente o poderoso carácter de Jaffrey, poderoso pelo próprio cérebro, pela força de vontade, pelo longo contacto com os homens e pela inescrupulosa diligência em objetivos egoístas, através de meios desonestos. Tudo aumentava sua certeza de estar o Juiz Pyncheon enganado quanto ao segredo que pensava possuir Clifford. Quando homens da sua força de propósitos e sagacidade se convencem de alguma coisa errada, é tão difícil tirá-la do cérebro como desenraizar um carvalho. Jaffrey visava uma informação impossível e Clifford teria inevitavelmente de fracassar. Que aconteceria a um homem da natureza poética de Clifford, que nada desejava além de pôr a vida em ritmo musical, nas garras de tal pessoa? Repetir-se-ia o mesmo que já lhe acontecera uma vez. Alquebrado! Desgraçado! Porém ainda não destruído!

Por um momento cruzou o cérebro da pobre senhora a ideia de que talvez Clifford soubesse mesmo do paradeiro da fortuna desaparecida do finado tio, como afirmava o juiz Lembrava-se vagamente de umas insinuações do irmão que planejava viagens, residências no estrangeiro, fazendo esplêndidos castelos no ar, que requeriam fortunas para serem realizados. Estivesse essa fortuna em seu poder, com que satisfação não a transferiria ela ao parente para comprar a liberdade de Clifford! Pensava, porém, serem as ideias do irmão tão destituídas de base quanto os projetos feitos para a vida futura, por qualquer criança no colo de sua mãe. A fortuna de Clifford era ouro imaginário, o que não satisfaria ao Juiz Pyncheon.

Não haveria recurso para tal situação? Era triste, mas nada podia socorrê-la. Seria tão fácil abrir a janela e gritar de modo que todos a acudissem! Quem acudisse, porém, fatalmente iria prestigiar, não a ela, mas ao lado mais forte. A força e o erro combinados são dotados de irresistível atração, como aço magnético. Lá estaria o Juiz Pyncheon, eminente, de alta posição, grande fortuna, filantropo, membro do Congresso e da Igreja. Ele de um lado, e do outro, quem? O criminoso Clifford!

Hepzibah estava tão desacostumada a agir por si própria que teria aceitado qualquer alvitre. Phoebe teria esclarecido a situação. A velha dama lembrou-se então do artista. Moço e aventureiro, dera a impressão a Hepzibah de que venceria qualquer crise. Para se comunicar com ele, abriu uma porta há muito fechada e em desuso, que dava para a torre ocupada pelo daguerreotipista. Não estava lá! Um livro aberto sobre a mesa, um manuscrito, um jornal, uns utensílios do ofício e alguns daguerreótipos relegados faziam crer que estivesse perto. Naquela hora do dia, devia achar-se no atelier, na cidade. Num impulso de curiosidade, olhou para um daguerreótipo e descobriu o Juiz Pyncheon a observá-la, carrancudo. A fatalidade a encarava. Desapontada, abandonou a busca infrutífera. Em tantos anos de reclusão jamais sentira, como agora, o que era estar só. A casa parecia um deserto, alguma coisa invisível aos olhos dos transeuntes, e uma desgraça, que nela se passasse, não poderia contar com nenhuma ajuda. Na sua

mágoa, com o orgulho ferido, Hepzibah se desvencilhara de todos os amigos. Voluntariamente negligenciara o concurso pregado por Deus aos seus semelhantes. O castigo era cair, ela e o irmão, tão facilmente, nas mãos do inimigo.

Voltando à sacada, levantou os olhos aos céus, tentando elevar uma prece através da massa de nuvens. Aquela cerração simbolizava as inquietações humanas, as dúvidas, confusões e indiferenças. Sua fé era fraca demais, sua prece por demais pesada para poder elevar-se, recaindo sobre o coração como um pedaço de chumbo. Afligia-se com a convicção de que a Providência não interferiria nos pequenos danos causados a uma criatura, nem tinha bálsamo para as pequenas agonias de uma alma solitária; sua justiça e sua misericórdia eram distribuídas num giro largo, como a luz do sol que se espalha sobre metade do universo, de cada vez. A vastidão a anulava. Hepzibah não percebia, porém, que, assim como o quente raio de sol incide sobre cada janela, também um raio de amor divino e de piedade socorre a cada necessidade de per si.

Sem outro pretexto para adiar a tortura que ia infligir ao irmão, temendo ouvir a voz do juiz irritado com a demora, avançou, vagarosamente, a figura pálida e triste, de membros dormentes, para a porta do quarto de Clifford e bateu.

Não houve resposta.

Nenhuma poderia ter havido, pois sua mão trêmula batera tão fracamente na porta que o som dificilmente teria sido ouvido de dentro. Bateu novamente, com o mesmo resultado. Não devia se assustar ainda. Batera com a força da vibração do coração, e algum magnetismo transmitira o terror de suas vibrações às batidas. Clifford talvez tivesse virado o rosto para o travesseiro, cobrindo a cabeça com o lençol, como criança medrosa, à meia-noite. Ainda uma terceira vez tornou a bater, três pancadas regulares e distintas. Por mais precaução que tenhamos, a mão sempre reproduz o ritmo daquilo que sentimos sobre a madeira insensível. Clifford continuava silencioso. — Clifford! Meu irmão, posso entrar? Silêncio.

Duas ou três vezes mais, Hepzibah chamou-o pelo nome, sem resultado. O quarto estava vazio. Como poderia ter o irmão saído sem que ela percebesse? Seria possível que, naquele dia tempestuoso, aborrecido com o tédio de dentro de casa, tivesse ido para o desagradável abrigo do caramanchão? Abrindo apressadamente a janela, avançou a cabeça e meio corpo para fora, procurando por todo o jardim e olhando tão bem quanto lhe permitiam os olhos míopes. Via o interior do caramanchão e o banco circular, molhado pelas gotas da chuva, vazios. Não havia ninguém. Clifford não estava pelos arredores, a não ser que tivesse procurado abrigo numa latada coberta pelas folhas largas da aboboreira. Mas, também lá, não estava, pois enquanto Hepzibah esquadrihava o jardim, um grande gato preto dali avançara atravessando-o vagarosamente. Por duas vezes parou, farejando, e depois encaminhou-se para a janela da sala. A despeito da surpresa da aparição, provocada pela maneira furtiva e espreitadora da raça ou por sua malícia, Hepzibah sentiu-se impelida a afugentar o animal atirando-lhe um graveto. O felino olhou-a como ladrão ou assassino apanhado

em flagrante, e fugiu. Era o único ser vivo no jardim. O chanteclair e seu séquito não haviam deixado o poleiro, amedrontados com a chuva, e, se o tivessem tentado, já estariam recolhidos. Hepzibah fechou a janela.

Onde estaria Clifford? Teria percebido a presença daquele gênio mau e descido silenciosamente as escadas, abrindo com cautela a porta, enquanto a irmã e o juiz conversavam na loja, e alcançado a rua? Parecia ver seu aspecto infantil, enrugado, grisalho, nas antiquadas roupas que costumava usar em casa. Nessa figura, seu infeliz irmão vagaria pelas ruas da cidade, atraindo os olhares de todos, e a todos apavorando como um fantasma que aparecesse ao meio-dia. Incorreria no ridículo nas rodas das crianças que não o conhecessem e no desprezo dos poucos homens que se recordassem de suas feições. Seria motivo de brinquedo dos meninos vadios que, qual filhos de Satanás, não demonstrariam respeito pelo que é belo e sagrado, nem piedade pelo que é triste. Atormentado por escárnios, pelos gritos estridentes, pelo riso cruel, insultado pelos rebotalhos das ruas públicas, ou, então, perturbado simplesmente pela sua situação estranha, mesmo que ninguém o afligisse com palavras, que aconteceria se Clifford fizesse qualquer extravagância que pudesse ser considerada loucura? O Juiz Pyncheon teria pretexto, então, para realizar imediatamente seu intento infernal!

Hepzibah lembrou-se de que a cidade estava toda empapada da água da chuva. Sob aquele tempo inclemente, marinheiros, trabalhadores e mercadores teriam deixado deserto o cais. Na enorme solidão estariam ancorados os navios. Se os passos sem rumo do irmão o levassem para aquele lado, não julgaria ele a água negra e profunda o refúgio seguro que procurava para fugir das garras daquele parente? Oh! tentação! Fazer de tal desgraça uma proteção! Mergulhar com aquele enorme peso em cima de si e nunca mais vir à tona!

Essa ideia era terrível demais! Até Jaffrey Pyncheon devia ajudá-la, num momento como esse! Desceu as escadas, tremendo como quando as subira.

— Clifford desapareceu, não encontro meu irmão! Socorro! Socorro, Jaffrey Pyncheon! Alguma infelicidade lhe poderá sobrevir!

Escancarou a porta da sala. A sombra dos galhos nas janelas, o teto escurecido pela fumaça e o revestimento de carvalho das paredes admitiam tão pouca luz, que a vista imperfeita de Hepzibah não distinguia bem a figura do juiz. Estava certa de o ter visto, sentado na antiga cadeira de braços, no centro da sala, com o rosto um pouco virado, olhando para a janela. Tão firme e controlado era o sistema nervoso desse homem, que talvez não tivesse se mexido senão uma vez depois de sua partida, mantendo-se, pela serenidade do temperamento, na mesma posição.

— Estou lhe dizendo, Jaffrey, que Clifford não está no quarto! — repetiu impacientemente Hepzibah, saindo da sala para procurá-lo nos outros cômodos. — Ajude-me a achá-lo!

O Juiz Pyncheon não era homem que se levantasse de uma cômoda cadeira com pressa, que não convinha à dignidade do seu caráter nem à sua alta pessoa, pelo alarme

de uma histérica Considerando-se, porém, seu interesse no assunto, é de imaginar-se que se devesse mover com mais impetuosidade.

— Está ouvindo, Jaffrey Pyncheon? — gritou a pobre dama, voltando novamente à sala, depois de ter dado busca em outros lugares. — Clifford sumiu!

Nesse instante, vindo de dentro, apareceu, no limiar da porta, o próprio Clifford em pessoa! O rosto tinha uma palidez sobrenatural. Tão mortalmente branco que Hepzibah podia distinguir-lhe as feições na escuridão do corredor como se a luz de uma lâmpada só a ele iluminasse. Era, no entanto, somente sua expressão viva e selvagem que o fazia. Expressão de desprezo e zombaria, correspondendo às emoções que os gestos indicavam! Apontava da porta para dentro da sala, acenando vagorosamente com a mão, como se chamasse não somente Hepzibah, mas o mundo inteiro, para ver alguma coisa de inconcebível ridículo. O gesto extravagante e fora de propósito, o olhar que expressava mais alegria que qualquer outra espécie de excitação, compeliu Hepzibah a pensar que a agourenta visita do odiado parente tinha levado Clifford à loucura completa. Interpretava a atitude do juiz como de atenta observação, enquanto Clifford demonstrava todos os sintomas de juízo fraco.

— Fique quieto, Clifford! — murmurou a irmã com um gesto de silêncio. — Pelo amor de Deus, tenha calma!

— Ele que fique quieto! Que pode fazer de melhor? — respondeu estouvadamente Clifford, apontando ainda para a sala de onde acabava de sair. — Agora podemos ficar descansados, Hepzibah! Podemos cantar, rir, brincar, fazer tudo o que quisermos! O peso desapareceu! Os tempos de opressão acabaram-se e podemos estar tão despreocupados e alegres como a pequena Phoebe!

Como ele mesmo recomendava com as palavras, pôs-se a rir, apontando sempre alguma coisa invisível dentro da sala. A súbita intuição de que algo horrível acontecera apoderou-se de Hepzibah. Entrou na sala, voltando logo com um grito sufocado! Fixou o irmão com olhar medroso. Clifford tremia da cabeça aos pés, mas, no meio das diversas emoções, ainda se distinguia o mesmo contentamento tempestuoso.

— Meu Deus! O que será de nós? — suspirou Hepzibah.

— Venha — disse o irmão num tom desusado de brusca decisão. — Já estamos aqui há muito tempo. Deixemos a velha casa, que Jaffrey se encarregará dela!

Hepzibah notava agora que Clifford estava com uma capa, peça antiquada, com que se agasalhava nesses dias tempestuosos. Chamando-a com um aceno, insinuou o

propósito de que ambos deviam deixar a casa. Há momentos caóticos, cegos ou irresponsáveis, na vida de pessoas que carecem de real força de vontade. Tais pessoas, nesses momentos de afirmação de coragem, vacilam sem objetivo, seguindo implicitamente a direção que lhes indicarem, presos à vontade até de uma criança. Louco ou absurdo, qualquer alvitre é considerado por elas um mandado de Deus! Hepzibah atingira esse ponto. Desabituada à ação e à responsabilidade, cheia de horror pelo que assistira, que lhe impedia de fazer perguntas ou imaginar como acontecera, acovardada pela fatalidade que parecia perseguir o irmão e abatida pela pesada e sufocante atmosfera de terror que enchia a casa, com um cheiro de morte, obliterando toda determinação de pensamento, obedeceu, muda e imediatamente, ao desejo manifestado por Clifford. Parecia personagem de sonho, quando os desejos estão adormecidos. Clifford, ao contrário, ordinariamente destituído de vontade, recuperava-a no momento da crise.

— Por que se demora tanto? — perguntou asperamente. — Ponha a capa e o capuz, ou o que lhe convenha mais; não importa o que seja. Você não pode ficar bonita, minha pobre Hepzibah! Apanhe a bolsa, o dinheiro, e vamos!

Hepzibah obedeceu a essas instruções, como se nada mais pudesse ser feito. Começou a imaginar por que não acordava e em que intolerável estado de inquietação seu espírito sairia do labirinto, para certificá-la de que nada daquilo acontecera. Certamente isso não era real. Dia tão escuro e ventoso como aquele jamais raiara. O Juiz Pyncheon não havia conversado com ela. Clifford não rira, não apontara para nada, nem a chamara para fugir com ele. Como acontece com muitas pessoas solitárias, afligira-se com uma desgraça fantástica, num sonho matinal.

“Seguramente acordarei agora”, pensava Hepzibah enquanto andava de lá para cá, fazendo os preparativos. “Não posso aguentar mais. Devo acordar agora!”

O momento de acordar não chegou, nem mesmo quando, antes de deixar a casa, Clifford dirigiu-se à porta da sala, fazendo uma saudação de despedida ao seu único ocupante.

— Que figura ridícula a da velha criatura! — exclamou Clifford, dirigindo-se à irmã. — Exatamente quando imaginava ter-me entre as garras! Vamos, vamos, depressa, ou ele se levantará, como o Gigante Desespero perseguindo Cristão e Esperançoso, e nos apanhará!

Ao atingir a rua, Clifford chamou a atenção de Hepzibah para alguma coisa no pilar da porta de entrada. Eram as iniciais do seu nome que, com a graça característica no traçado das letras, ele gravara na infância. Irmão e irmã partiram, deixando o velho Juiz Pyncheon sozinho, no solar dos antepassados. Seu aspecto era tão pesado e lerdo que podemos compará-lo a um pesadelo findo, pesadelo que cessara no meio das perversidades, deixando sua lembrança no peito de um atormentado, para que se livre dela como lhe seja possível.

O voo das duas corujas

Embora fosse verão, o vento pôs os dentes remanescentes da pobre Hepzibah a bater, enquanto ela e Clifford caminhavam pela Pyncheon Street em direção ao centro da cidade. Não eram somente as impiedosas rajadas de vento que lhe causavam tremor; a sensação moral, mesclando-se à física, agitava mais o espírito do que o corpo. Como era desagradável a vasta e glacial atmosfera do mundo! Mesmo os aventureiros que entram em contacto com o universo, quando o sangue ainda ferve nas suas veias, sentem essa impressão. Clifford e Hepzibah, tão desgraçados e infantis na sua inexperiência, ao atravessarem a porta e deixarem o amplo abrigo do Olmo Pyncheon, que sensação experimentariam! Divagavam, numa peregrinação semelhante às imaginadas pelas crianças, para o fim do mundo, com uma moeda e um biscoito no bolso. No cérebro de Hepzibah, havia a infeliz certeza de estar sem rumo. Perdera a faculdade do controle próprio e, ainda que as dificuldades que a rodeavam exigissem esforço para recuperá-la, sentia-se incapaz de agir.

Prosseguindo na estranha expedição, de vez em quando Hepzibah lançava uma olhadela para Clifford, percebendo estar ele possuído de poderosa excitação. Essa impressão lhe permitia súbito controle sobre seus movimentos. Aquela euforia em nada se parecia com a causada pelo vinho. Podia ser comparada a uma alegre peça de música tocada com vivacidade desenfreada, num instrumento desafinado. Enquanto a nota dissonante fosse ouvida e vibrasse na alegria sublime da melodia, uma agitação contínua obrigaria Clifford a estremecer, sorrindo triunfante. Sentia-se quase sob a necessidade de dar saltos ao andar.

Pouca gente encontraram no caminho, mesmo saindo da retirada zona da Casa das Sete Torres para o que se considerava o mais populoso e agitado ponto da cidade. Calçadas brilhantes, de superfície desigual, com pequenas poças d'água aqui e ali; guarda-chuvas ostensivamente arrumados nas lojas, como se toda a vida do comércio se concentrasse nesse artigo; folhas molhadas de castanheiros e olmos, intempestivamente agitadas pelas rajadas e espalhadas pelas ruas; montes de lama no meio da via pública, cada vez menos limpa, não obstante a trabalhosa lavagem, eis os detalhes mais definidos de tão sombrio quadro. Quanto a movimento ou vida humana, notava-se o ruído apressado de um cabriole ou de um coche, cujo boleeiro protegia os ombros e a

cabeça com a capa impermeável; a figura encarquilhada de um velho, dando a impressão de ter saído do cano de esgoto, curvava-se sobre a sarjeta, revolvendo com a bengala o cascalho molhado, à procura de pregos enferrujados; um ou dois comerciantes, um editor e um político, esperavam a demorada mala, na porta do Correio; alguns capitães de navio reformados olhavam vagamente da janela de um escritório de seguros, para a rua deserta, maldizendo o tempo e amofinando-se com a escassez de notícias públicas e comentários locais. Que achado para esses bisbilhoteiros se pudessem adivinhar o segredo de Hepzibah e Clifford! Os dois vultos, porém, atraíam menos atenção do que uma moça que passava no mesmo momento, levantando as saias um pouquinho além do tornozelo. Num agradável dia de sol, teria sido difícil atravessar as ruas, sem serem notados. Provavelmente, agora davam a impressão de estarem se preservando do mau tempo, não se destacando muito; mesmo que o sol incidisse sobre eles, difundir-se-ia num brilho cinzento e seriam esquecidos assim que desaparecessem.

Pobre Hepzibah! Se compreendesse isso, sentir-se-ia mais confortada, pois, além de todas as aflições, ajuntava-se o conhecimento da má aparência que lhe emprestava a indumentária. Encolhia-se toda, na esperança de fazer crer que era somente uma capa, surrada e desbotada, que se arejava na chuva, sem envolver pessoa alguma. Enquanto avançavam, o sentimento de irrealidade e confusão de tal modo nela se espalhava que uma das mãos dificilmente apalparia a outra. Qualquer certeza seria preferível a esse estado. Pôs-se, então, a repetir para si mesma: "Estarei acordada? Estou mesmo acordada?" Às vezes, expunha o rosto ao chicote gelado do vento, para se certificar de que não dormia. Fosse propósito de Clifford ou mero acaso, entraram por uma porta arqueada num enorme edifício de pedra cinzenta. No seu amplo e alto interior, a fumaça redemoinhava em grande quantidade, formando uma espécie de nuvem sobre suas cabeças. Um trem estava pronto para partir. A locomotiva sibilava e fumegava como corcel impaciente por longa corrida. A campainha retinia apressadamente, lembrando os chamados rápidos que a vida nos concede na sua vertiginosa carreira. Resolutamente, sem maiores delongas, Clifford empurrou Hepzibah para um carro, ajudando-a a subir. Foi dado o sinal. A locomotiva pôs-se a assoprar em curtas respirações. O trem começou a mover-se. Juntamente com mil outros passageiros, esses dois raros viajantes corriam como o vento.

Finalmente, depois de tão longo alheamento, mergulharam na grande corrente da vida humana, sendo por ela arrebatados como por sucção do próprio destino.

Ainda assombrada com a ideia de que nenhum dos incidentes passados, inclusive a visita do Juiz Pyncheon, fosse real, a reclusa das Sete Torres sussurrou aos ouvidos do irmão: — Clifford! Clifford! Não estaremos sonhando?

— Sonhando, Hepzibah? — repetiu ele, quase rindo. — Pelo contrário, nunca estive tão acordado antes.

Olhando pela janela, podiam ver o mundo que corria... Agora, passavam por um

lugar deserto; logo depois, uma vida crescia em volta deles; mais um instante e ela desaparecia, como que engolida por um terremoto. As torres das igrejas pareciam estar soltas da construção; montanhas de larga base como que deslizavam. Tudo era errante, livre do repouso secular, redemoinhando rapidamente em direção oposta aos dois velhos.

Dentro do carro, a vida habitual das estradas de ferro pouco oferecia à observação de certos passageiros, mas era cheia de novidades para o casal de prisioneiros libertados. Já era bastante inédito que cinquenta seres humanos estivessem em íntima relação com eles, sob o teto longo e estreito, levados na corrida pela mesma influência poderosa. Parecia maravilhoso estar tanta gente tranquilamente sentada em seus lugares, enquanto tanta força trabalhava em seu benefício. Algumas pessoas, com as passagens no chapéu, mergulhavam em histórias inglesas e romances de aventuras, fazendo companhia a duques e condes. Outros, cuja viagem mais rápida proibía que se entregassem a estudos tão abstrusos, matavam o tédio da jornada com folhetins. Um grupo de mocinhas e um rapaz, sentados um defronte ao outro, divertiam-se jogando bola. Empurravam-se de lá para cá, com risadas que podiam ser medidas por milhas, pois, antes que a ágil bolinha pudesse voar, os alegres jogadores corriam inconscientemente, deixando o eco de sua alegria muito atrás de si e terminando o jogo sob outro céu. Meninos com maçãs, bolinhos, balas e pãezinhos, que lembravam a Hepzibah a loja deserta, apareciam em dado ponto de parada, negociando rapidamente ou interrompendo bruscamente a venda, antes que o comprador arrebatasse a mercadoria. Gente nova entrava constantemente. Conhecidos — que a rapidez desse conhecimento logo tornava velhos amigos — constantemente partiam. Aqui e ali, no meio do tumulto e do movimento, alguém adormecia! Sono; brinquedos; negócios; estudos profundos e ligeiros; e o movimento comum e inevitável! Era a vida em si!

As tendências satíricas e naturais de Clifford estavam despertas. Apanhava o colorido do que se passava em volta, devolvendo-o mais vívido do que recebera, porém mesclado a um matiz tristonho. Hepzibah sentia-se mais afastada da espécie humana do que na reclusão que acabara de abandonar.

— Você não se sente feliz, Hepzibah — disse Clifford num tom de reprimenda. — Está pensando naquela casa velha e melancólica e no primeiro Jaffrey — um tremor o percorreu —, no primo Jaffrey lá sentado, sozinho! Tome meu conselho, siga meu exemplo, deixando que tudo desapareça! Estamos no mundo, Hepzibah, no meio da vida, na multidão dos nossos semelhantes! Sejamos ambos felizes! Tão felizes como aquelas moças no seu jogo!

“Feliz”, pensou Hepzibah, amargamente consciente do peso e da opressão... “Feliz! Ele já está completamente louco, e se eu acordasse de todo, também o ficaria!”

Se ideia fixa é loucura, talvez ela não estivesse longe disso. Assim como rapidamente se tinham distanciado no trem de ferro, também podiam, como o pensamento de Hepzibah, estar andando para lá e para cá, na Pyncheon Street. Milhas e milhas de

cenários tinham se desenrolado diante de seus olhos, mas ela só via as sete torres pontiagudas, cobertas de limo, com o joio num dos ângulos, a loja, um freguês batendo à porta e fazendo badalar a campainha que em nada perturbaria o Juiz Pyncheon. A casa estava em todo lugar. Apesar da construção, transportava-se com mais rapidez que o trem de ferro, fixando-se em qualquer sítio para onde Hepzibah olhasse. O cérebro da pobre dama não era tão maleável a impressões novas como o de Clifford. O irmão tinha uma natureza alada; ela, porém, se assemelhava a um vegetal que não pode permanecer vivo quando arrancado de suas raízes. A relação entre ambos se invertera; em casa ela era responsável por tudo, mas aqui, Clifford resolvia o que lhes convinha com singular rapidez. Com o susto voltara-lhe a masculinidade e o vigor intelectual, embora fosse essa animação transitória e doentia.

O chefe do trem veio pedir as passagens, e Clifford, semelhantemente ao que vira fazer os outros entregou-lhe uma nota.

— Para a senhora e o senhor? Para onde vão? — perguntou o homem.

— Até o fim da linha, não importa, viajamos por prazer — respondeu Clifford.

— Escolheu mau dia, meu senhor! — observou o cavalheiro que estava do outro lado do carro, e olhava Hepzibah e Clifford, curioso por identificá-los. — A melhor oportunidade de prazer num tempo como este é estar em casa, perto de uma acolhedora lareira.

— Não concordo com o senhor — respondeu Clifford, depois de cumprimentá-lo cortesmente. — A estrada de ferro, admirável invenção, com os melhoramentos que inevitavelmente sofrerá em velocidade e comodidade, expulsará as antiquadas ideias de lar e lareira, substituindo-as por algo melhor.

— Em nome do bom senso! — tornou o passageiro, um tanto mal-humorado. — Que poderá haver de melhor para um homem que a sala de sua casa e a sua lareira?

— Essas coisas não têm o mérito que muita gente lhes atribui! Em poucas palavras, pode-se dizer que serviram mal a uma pobre intenção. Penso que os meios de locomoção, depois de desenvolvidos, nos farão voltar ao estado de nômades. A experiência já lhe deve ter feito ver que todo o progresso humano segue um círculo, uma espiral ascendente. Enquanto pensamos avançar e atingir, em cada novo acesso, uma posição inteiramente nova, não fazemos senão voltar a algo já experimentado e abandonado, mas agora aperfeiçoado no mais alto grau. O passado é grosseira profecia do presente e do futuro. Apliquemos essa verdade ao assunto que discutimos. Nas épocas primitivas os homens moravam em cabanas temporárias feitas de ramo de árvores de tão fácil construção como ninhos de passarinho. No verão, em vez de serem construídas, tais casas cresciam. A natureza ajudava o homem, que se estabelecia em lugares onde abundava peixe ou caça, onde havia maior beleza e mais artístico conjunto de lagos, matas e montanhas. A vida tinha um encanto que hoje não tem mais. Simbolizava algo maior que ela mesma. Tinha seus reveses; fome, sede, tempo inclemente, sol abrasador, marchas esfalfantes em regiões estéreis e feias que se

intercalam entre os lugares férteis e belos. Em nossa espiral ascendente nos livramos de tais coisas. As estradas de ferro, se se pudesse musicar o apito e abolir os solavancos, seriam a maior bênção dos séculos! Dão-nos asas! Anulam o cansaço e o pó das caminhadas! Espiritualizam a viagem! Sendo o trânsito tão fácil, por que fixar-se? Por que construir casas incômodas que não podemos transportar conosco? Por que nos aprisionarmos dentro de tijolos, pedras e vigas, quando podemos tão bem morar onde a beleza e o capricho nos oferecem abrigo?

Clifford tinha a fisionomia transfigurada enquanto externava essas teorias. Uma espécie de jovialidade se difundia do seu corpo, transformando as rugas e a palidez numa máscara transparente. As mocinhas, deixando o jogo, vieram rodeá-lo, pensando talvez que, atrás daquele cabelo branco e daquela pele encarquilhada, devia ter havido feições que teriam ficado gravadas em muitos corações de mulher.

— Pobre dele! Mulher alguma o vira quando fora bonito! Não posso considerar tal vida como um progresso! — tornou o novo conhecido do trem.

— Por que não? — exclamou Clifford, com energia singular. — É tão claro para mim quanto o sol serem esses montes de tijolos, pedras, argamassa e madeira, prisão a que os homens chamam lar, os maiores empecilhos ao progresso e à felicidade humanos! A alma precisa de ar! Ar em quantidade e sempre diferente! Em volta das lareiras há enorme variedade de influências mórbidas! Não há atmosfera pior do que a de um velho lar, envenenado pelos parentes mortos! Falo por experiência própria! Na minha família há uma casa de sete torres, andares salientes, como se vê em muitas das nossas velhas cidades, uma prisão enferrujada, escura, apodrecida, com janela de sacada sobre a entrada e porta de loja ao lado sombreada por grande olmo. Cada vez que ela me vem à memória, vejo a figura de um homem idoso, de fisionomia austera, sentado numa cadeira de carvalho, com horrível mancha de sangue no peito da camisa. Morto! Morto, com os olhos abertos! Sua presença infecciona toda a casa! Nunca me sentiria feliz em tal lugar!

O rosto de Clifford tornou-se obscuro, fechado, velho como antes.

— Nunca, meu senhor, nunca me sentiria bem ali! — repetiu.

— Acredito — disse o viajante olhando-o apreensivamente. — Acredito, sobretudo se é perseguido por essa ideia!

— Seria um alívio para mim se a casa ruísse, pegasse fogo, ou se de qualquer modo desaparecesse da face da terra e o terreno fosse invadido pelo mato. Nunca mais voltarei lá. A medida que dela me distancio recuperei alegria, o luminoso frescor, a leveza de coração, o controle mental, a mocidade! Hoje pela manhã era um velho! Lembro-me de ter olhado ao espelho e visto os cabelos grisalhos, as rugas fundas na testa e nas faces, os pés-de-galinha nos olhos. Era cedo demais para envelhecer! Não podia suportá-lo! Minha idade não tinha o direito de avançar! Se não tinha vivido, como envelhecer? Pareço velho agora? Caso pareça, meu aspecto muito me decepciona! Tirei um peso enorme da cabeça sinto-me remoçado, com um grande futuro!

— Sim, creio ser essa a sensação!- disse o companheiro de viagem, um tanto embaraçado, desejoso de esquivar-se a observação que a conversa Clifford estava atraindo sobre ambos. — Desejo-o sinceramente.

— Pelo amor de Deus, Clifford, fique quieto! — cochichou a irmã. Estão pensando que está louco!

— Fique quieta você, Hepzibah. Pouco importa o que pensem. Não estou louco. Pela primeira vez em trinta anos, meu pensamento flui livremente e encaro palavras para expressá-lo. Devo falar e falarei!

Voltando-se novamente para o cavalheiro, continuou a conversa.

— Sim, meu caro senhor, creio e espero que as palavras teto e lareira, que há tanto tempo significam coisas sagradas, saiam do uso diário dos homens e sejam esquecidas. Quanto aborrecimento desaparecerá! O terreno em que se constrói uma casa, que chamamos propriedade, é a base de todos os erros do mundo! Um homem comete grande erro, levanta montanhas de desgraças, duras como granito que eternamente lhe pesarão sobre a alma, quando constrói uma grande, pesada, escura, tristonha mansão, onde ele mesmo morrerá e sua posteridade sentir-se-á infeliz Deita o próprio cadáver sobre o chão, pendura o retrato, carrancudo na sala, e, convertendo-se no gênio mau da família espera que qualquer descendente possa ser feliz aí! Não estou falando estouvadamente. tenho tal casa no pensamento!

— Então, meu senhor, ninguém pode censurá-lo por tela abandonado! — interrompeu o viajante, ansioso por mudar de assunto.

— Tudo isso desaparecerá breve! O mundo está se tornando muito espiritual para tolerar tais enormidades. Embora tenha passado a maior parte da vida retirado, e conheça esses assuntos menos que os outros homens, distingo os prenúncios de uma nova era. No momento, temos o mesmerismo. Não crê que isso ajudará a purificação da vida humana?

— O mesmerismo é uma farsa! — comentou o cavalheiro.

— Os espíritos de que Phoebe nos falou outro dia são os mensageiros do mundo espiritual que procuram acercar-se da substância.

— Embuste! — repetiu o viajante, colérico. — Gostaria de dar umas bengaladas na cabeça dos basbaques que fazem circular tais tolices!

— E a eletricidade, o demônio, o anjo, o grande poder a penetrante inteligência! Também embuste?? Não é um fato ter o mundo material se transformado num grande nervo, vibrando em centenas de milhas num espaço mínimo de tempo o globo é uma grande cabeça, um cérebro, instinto e inteligência! Talvez seja mesmo um pensamento, nada mais que um pensamento e não a matéria que o supomos!

— Se se refere ao telégrafo — disse o antagonista olhando os postes telegráficos que seguiam a estrada —, é coisa excelente enquanto os políticos e os especuladores de algodão não se apoderarem dele. Uma grande invenção, sobretudo para a prisão de assaltantes de bancos e assassinos.

— Não o aprovo nesse ponto de vista! Um assaltante de banco, ou o que o senhor chama assassino, tem também direitos que os homens de espírito esclarecido e consciência devem considerar com liberalidade. Um meio espiritual, como o telégrafo, deve ser reservado para missões agradáveis, santas e altas. Os amantes, dia a dia, hora a hora, devem querer transmitir as vibrações do coração do Maine à Flórida, com palavras como: "Amar-te-ei eternamente", "Meu coração transborda de amor", "Amo-te mais do que tudo" ou numa outra mensagem: "Vivi mais uma hora e amo-te duas vezes mais". Quando morrer um homem, seus amigos distantes sentirão um choque proveniente do mundo dos espíritos felizes, avisando: "Seu caro amigo está na bem aventurança". Um marido ausente receberá a notícia: "Um ser imortal, de quem você é o pai, desceu do reino de Deus". Imediatamente essa voz pequenina chegará longe ecoando em seu coração. Esses pobres vagabundos, os ladrões de banco, são afinal tão honestos como nove pessoas em dez, simplesmente desprezando formalidades e preferindo fazer suas transações à meia-noite a fazê-las durante o expediente. Os assassinos sempre são desculpáveis pelos motivos dos seus atos, e, considerando somente os seus resultados, deviam ser classificados entre os benfeitores públicos. Para a perseguição de indivíduos desgraçados como esses não é louvável o concurso de um poder milagroso e imaterial!

— Não aprova, não é? — perguntou o companheiro com olhar duro.

— Positivamente, não. Os pobres desgraçados levam muita desvantagem. Por exemplo, meu senhor: numa sala escura e baixa, de lambris de carvalho, numa casa velha, está um homem morto, sentado numa cadeira de braços, com uma mancha de sangue no peito. Ajuntemos à hipótese outro homem saindo dessa casa, onde a presença do cadáver é tão angustiada, e fugindo com a velocidade de um furacão pela estrada de ferro. O fugitivo desce numa cidade distante e já encontra o povo murmurando o nome do morto, de cuja presença e lembrança ele fugira. Não acha que seus direitos naturais foram infringidos? Foi privado de refúgio e, na minha humilde opinião, sofreu grande dano.

— O senhor é um homem estranho! — concluiu o companheiro de viagem, fixando os olhos em Clifford, como querendo penetrá-lo a fundo. — Não posso compreendê-lo!

— Acredito que não me compreenda! — retorquiu Clifford, rindo. — Contudo, meu caro senhor, sou tão transparente como a água da Fonte Maule! Vamos, Hepzibah, já viajamos bastante. Saltemos como os pássaros, empoleiremo-nos no galho mais próximo e vejamos para onde voaremos depois.

O trem parou rapidamente numa estação solitária. Clifford saltou, ajudando a irmã a descer. Um momento depois o trem, com a vida interior onde Clifford tanto se destacara, corria para um ponto distante, onde logo desapareceu. O mundo fugira dos dois velhos errantes, que olharam tristemente em redor. A pouca distância levantava-se uma igreja de madeira, enegrecida pelo tempo, decadente e arruinada. Tinha as janelas quebradas, uma brecha no corpo do edifício e uma tábuia pendurada do alto da torre.

Mais longe havia uma antiquada casa de fazenda, tão depredada quanto a igreja, aparentemente desabitada. Notavam-se restos de uma pilha de lenha junto à porta, porém o mato já despontava entre as achas picadas e espalhadas. As gotinhas de chuva desciam obliquamente do telhado. O vento não era mais turbulento: tornara-se triste, e cheio de friorenta umidade. Clifford tremia dos pés à cabeça. Desaparecera a excitação que lhe proporcionara pensamentos, fantasias e uma estranha exatidão de termos, impelindo-o a falar para dar vazão ao jorro de suas ideias, e, uma vez desaparecida, sentia-se novamente abatido.

— Agora você tomará as decisões, Hepzibah! Faça de mim o que quiser!

A pobre dama ajoelhou-se então na plataforma, e de mãos postas, dirigiu o olhar para o céu, encoberto por nuvens cinzentas. A hora não era para incredulidades nem para discussões sobre a existência do céu e de um pai poderoso.

— Meu Deus! — exclamou Hepzibah. Depois parou um momento para pensar qual seria sua súplica. — Oh! Deus, nosso pai. Não somos nós vossos filhos? Tende piedade de nós!

O Governador Pyncheon

Enquanto os dois parentes fugiam, o Juiz Pyncheon continuava sentado na sala, tomando conta da casa na ausência dos donos. Como uma coruja desgarrada à luz do dia de volta à árvore oca, nossa narrativa retorna a Jaffrey e à Casa das Sete Torres.

O visitante não mudara ainda de posição. Manteve o corpo imóvel e o olhar fixo no canto da sala desde o momento em que Hepzibah e Clifford atravessaram o corredor dirigindo-se para a porta da rua, que foi cautelosamente fechada. Na mão esquerda segurava o relógio, cobrindo com os dedos o mostrador. Que profunda meditação! Se estivesse dormindo, que paz de consciência e que perfeita saúde revelaria aquele sono leve, sem sobressaltos, sem contrações nervosas, murmúrios ou mesmo uma respiração irregular! Torna-se necessário sustentar a respiração para perceber se o juiz respira, mas o sopro do ar é totalmente inaudível. Ouve-se o tique-taque do relógio. Um cochilo restaurador! Sabemos, contudo, não estar dormindo, pois tem os olhos abertos! Um veterano na política como ele nunca teria adormecido assim, pois algum adversário, penetrando pelas janelas dos altos, descobriria seus projetos, apreensões, esperanças, fraquezas e tudo o que ninguém percebera até então. Um homem precavido dorme com um olho só, nunca com ambos! Não, não, o Juiz Pyncheon não pode estar dormindo!

É singular que um homem ocupado e conhecido pela pontualidade se demore tanto numa casa vazia, onde a permanência lhe é desagradável! Talvez o conforto da cadeira de braços o tivesse tentado! O assento espaçoso era verdadeiramente cômodo. Qualquer pessoa, por mais gorda que fosse, teria se sentido bem. Existem cadeiras melhores do que essa, em acaju, nogueira ou pau-rosa, com assentos de molas forradas com damasco, e numerosos detalhes de comodidade para evitar o cansaço do repouso prolongado. Uma vintena de cadeiras como essa estariam às ordens do Juiz Pyncheon. Sim! Numa vintena de salas seria bem-vindo. A dona da casa iria ao seu encontro de mão estendida e a filha afofaria as almofadas, envidando todos os esforços para que o juiz se sentisse bem. Tudo porque o juiz é um homem próspero. Acaricia planos, como toda gente faz, possivelmente mais brilhantes que os de todos. Assim fazia, pelo menos essa manhã, enquanto estava na cama, numa agradável sonolência, planejando os afazeres do dia e especulando suas probabilidades nos próximos quinze anos. Com sua sólida fortuna e os raros contratemplos que lhe trouxera a vida, calculava viver ainda de

quinze a vinte, ou talvez mesmo vinte e cinco anos. Mais vinte e cinco anos, para gozar de suas propriedades na cidade e no campo, suas ações da estrada de ferro, do banco e de seguros, em resumo, de sua fortuna atual e da que poderia adquirir, das honras que desfrutava e das que viria a merecer. Era maravilhoso! Excelente!

Continua ainda na velha cadeira! Se tem algum tempo para desperdiçar, por que não vai ao escritório de seguros, como de costume, para sentar-se nas poltronas de couro, ouvindo o comentário do dia e deixando escapar uma frase oportuna, que será o assunto do comentário de amanhã? Não irá presidir a reunião dos diretores do banco? A hora está anotada num cartão, no bolso direito do colete! Ele que se aproxime e se recline sobre suas pilhas de moedas. Já descansou bastante na velha cadeira!

Aquele dia seria tão ocupado! Em primeiro lugar, a entrevista com Clifford, que o juiz calculara durasse meia hora, pois antes teria que falar com Hepzibah. Duas horas já se passaram pelo seu cronômetro, juiz. Olhe o relógio e verifique! Ah! Não quer se dar ao trabalho de abaixar a cabeça, nem de trazer o fiel relógio à altura de seu campo visual! O tempo não parece assunto de importância para o Juiz Pyncheon!

Teria esquecido os outros itens do seu memorando? Decidido o caso de Clifford, encontrar-se-ia com um corretor da State Street, que em vão o esperaria. Meia hora depois do encontro, haveria um leilão de terrenos, incluindo uma parte da antiga propriedade dos Pyncheon, originariamente pertencente a Maule. Durante os últimos oitenta anos fora alienada dos Pyncheon, e o juiz, que não a perdera de vista, propunha-se a juntá-la novamente ao pequeno território da Casa das Sete Torres. O extravagante esquecimento iria fazer com que o martelo descesse, dando o terreno a algum possuidor estranho! Talvez a venda fosse adiada até que o tempo melhorasse. Nesse caso, acharia o juiz conveniente estar presente, favorecendo o leiloeiro com seu lance, na próxima ocasião?

Teria ainda que comprar um cavalo para sua montaria. Seu favorito dera um passo em falso naquela manhã a caminho da cidade e precisava ser substituído. O pescoço do Juiz Pyncheon era muito precioso para se arriscar! Resolvidos todos os assuntos anteriores, compareceria à reunião de uma associação de caridade, cujo nome estava quase esquecido na multiplicidade de suas obras pias, de modo que poderia deixar de cumprir o compromisso sem maiores consequências. Se lhe sobrasse tempo, devia tomar as medidas da nova sepultura para Mrs. Pyncheon, pois a atual, como lhe dissera o coveiro, estava com o mármore rachado. Fora uma boa criatura, a sua mulher, não obstante as lágrimas, o nervosismo, o seu tolo ressentimento com o fato de servir-lhe o café. Como morrera muito oportunamente, ele não teria má vontade com o segundo túmulo. Melhor seria se ela nunca tivesse precisado de sepultura! O próximo item do seu itinerário seria encomendar uma variedade especial de frutas, para serem plantadas no próximo outono em sua casa de campo. Compre logo, senhor juiz, e as peras se dissolverão na sua boca! Findos os precedentes assuntos, viria o mais importante. Uma comissão do seu partido político lhe pedira cem ou duzentos dólares, além dos que já

havia dado, para a campanha. O juiz é patriota! O destino do país depende das eleições de novembro. Além disso, como explicaremos logo, seu concurso nesse grande jogo não é vão. Fará tudo o que a comissão pedir, sendo mais liberal do que eles esperam dando um cheque de quinhentos dólares, ou mais, se preciso. E depois? Uma pobre viúva, cujo marido fora amigo de infância do juiz, escrevera-lhe relatando á situação penosa em que ficou. Irá vê-la hoje, se tiver tempo e alguma pequena nota de banco.

Outro assunto a que não dá muita importância é consultar o médico da família. Deve-se estar vigilante, porém não preocupado com a própria saúde. Por que irá procurá-lo? Os sintomas que apresenta são difíceis de descrever. Alguma diminuição de visão ou vertigem? Uma desagradável sufocação, um estertor, um ronco, na zona chamada tórax pelos anatomistas? Ou alguma palpitação no coração que só serviria para provar não ter sido esse órgão tirado do organismo do juiz? O que fosse, não importa. O médico certamente se divertiria com o relato feito ao seu ouvido profissional. O juiz, por sua vez, também riria, e, ao se encontrarem, dariam ambos boa gargalhada! Os conselhos médicos, porém, que fossem para o diabo, pois nunca os seguiria!

Olhe agora para o relógio, Jaffrey Pyncheon! Qual, nem uma olhadela! Faltam dez minutos para a hora do jantar. Seguramente não lhe escapou à memória a importância do jantar de hoje. Sim, é de grande importância, embora no decorrer de sua eminente carreira já tenha presidido a muitas mesas, em esplêndidos banquetes, derramando sua eloquência em muitos ouvidos, onde ainda ecoavam os poderosos tons de Webster. Esse jantar não era público. Uma dúzia de amigos de diversos distritos do Estado, homens de influência, se reuniria quase casualmente em casa do juiz, que os acolheria com um jantar um pouco melhor que o habitual. Nada de comidas francesas, porém um jantar excelente! Peixes, pato selvagem, porco, carneiro e um bom assado preparado para bons garfos como são os homens do campo! Todas as especialidades da estação regadas por um velho Madeira que fora o orgulho de muitas vindimas. Um vinho perfumado e cheio de poderes, uma felicidade engarrafada, um líquido dourado mais valioso que ouro líquido, tão raro e admirável que veteranos bebedores de vinho se vangloriavam de tê-lo provado. Anula as dores do coração, sem substituí-las por dor de cabeça. Se o juiz bebesse um copo, seria capaz de sacudir a letargia que o obrigava a chegar atrasado a tão importante jantar. O vinho ressuscitaria um morto! Gostaria de prová-lo agora, Jaffrey Pyncheon?

Ah, esse jantar! Já esqueceu seu verdadeiro objetivo? E se dissermos ao ouvido, levantar-se-á imediatamente da cadeira de carvalho que parece ser enfeitiçada, como a de Comus, e aquela em que Moll Pitcher aprisionou o avô. A ambição é um poder mais forte do que a feitiçaria. Levante-se, corra pelas ruas e apareça entre os convidados, pois o jantar deve ser servido antes que o peixe se estrague! Esperam pela sua presença! O interesse é todo seu! Esses cavalheiros vieram de seus distritos com um propósito determinado. São políticos e hábeis em usurpar ao povo o direito de determinar as

próprias leis. A voz popular na próxima eleição, embora alta como um trovão, não será mais do que o eco do que disserem esses cavalheiros. Reúnem-se, nessa mesa festiva, para escolher o candidato, que será apresentado ao partido. Quem mais digno, culto, sábio, liberal, filantropo, leal ao partido, tantas vezes experimentado pelo público, de vida privada mais imaculada, quem contribuiu mais para o bem-estar público, quem seria mais enraizado na fé e na prática dos puritanos, quem coincidiria mais com a aspiração do povo senão o Juiz Pyncheon, aqui presente?

Apresse-se, portanto! Ao que lhe compete! A recompensa pela qual trabalhou, batalhou, elevou-se e rastejou, está agora ao seu alcance! É preciso comparecer ao jantar! Beba um ou dois copos desse nobre vinho. Insinue suas pretensões cautelosamente e sairá da mesa praticamente governador do glorioso Estado! Governador Pyncheon, de Massachusetts! Não é poderosamente reconfortante uma certeza como essa? Obter esse cargo foi o propósito de metade de sua vida. Agora, quando nada mais falta senão aceitá-lo, por que está sentado tão pesadamente na cadeira de carvalho do seu tataravô, como se a preferisse à cadeira governamental? Todos ouvimos falar do Rei Log, mas, naqueles tempos difíceis, um dos parentes de sangue real não ganharia com facilidade a carreira para um cargo eletivo.

Bem, agora já é tarde demais para o jantar! Dos peixes, caças, perus assados, carneiros de South-Down, leitões, nada mais existe ou só existem as ossadas e algumas batatas encobertas com molho de gordura fria. Se o juiz estivesse presente, operaria maravilhas com o talher. Falando sobre seu apetite, costumava-se dizer que Deus o fizera um animal racional, mas que na hora da comida ele se transformava numa grande besta. Pela primeira vez o juiz está atrasado para a comida! Talvez chegue tarde mesmo para o brinde final. Os hóspedes sentem-se confortados e alegres; desistiram do juiz, concluindo que ele deveria estar com os abolicionistas, escolhendo outro candidato. Se nosso amigo aparecesse agora, com seu olhar decidido, ao mesmo tempo selvagem e impassível, sua presença seria capaz de mudar a situação. Mas um homem tão escrupuloso como o juiz poderia aparecer num jantar com uma mancha de sangue no peito da camisa? Como surgiu? O aspecto é muito feio. O melhor seria o juiz abotoar o casaco até o pescoço, apanhar o cavalo e a sege na cavalaria e correr para casa. Aí, tomaria um copo de aguardente com água, comeria uma costeleta de carneiro, um bife, um frango assado e passaria a noite junto à lareira. Deve expor os pés ao calor do fogo, para livrar-se da umidade que o ar daquela mansão lhe injetou nas veias!

Ânimo, ânimo, Juiz Pyncheon! O senhor perdeu um dia! O dia de amanhã logo chegará. Levantar-se-á cedo? Amanhã! Amanhã! Amanhã! Nós, que estamos vivos, acordaremos cedo. Para ele, porém, que morreu hoje, o amanhã será o dia da ressurreição.

O crepúsculo vai escurecendo os cantos da sala. As sombras da mobília alta tornam-se mais profundas e mais definidas; depois, espalham-se, perde-se a distinção dos contornos no conjunto escuro do esquecimento que se arrasta sobre os vários objetos e sobre a figura humana sentada entre eles. A penumbra não penetrou na sala, pois nela permanecera durante todo o dia; agora, a seu tempo, apossa-se de tudo. A face rígida e estranhamente branca do juiz recusa-se a desaparecer nesse dissolvente universal. A luz torna-se cada vez mais desmaiada. É como se outro punhado de escuridão tivesse sido espalhado pelo ar. Agora, o ambiente não é mais cinzento, porém negro. Ainda há uma luminosidade demasiada na janela, que, entretanto, não deverá ser tomada como uma incandescência, clarão ou vislumbre; aliás, nenhum termo por que se denomina a luz servirá para o caso, senão essa percepção duvidosa de que há uma janela. Já desapareceu? Não! Sim! Ainda não inteiramente! Subsiste, se nos aventuramos a unir duas palavras discordantes, a sombria brancura do rosto do Juiz Pyncheon. As feições desapareceram! Perdura somente a palidez! Que aspecto tem agora? Não há mais janela! Não há mais rosto! Uma escuridão infinita e inescrutável anulou a visão! Onde está o nosso universo? Tudo fugiu de nós! Mergulhados no caos, devemos escutar o ruído dos furacões que suspiram e murmuram à procura de um mundo!

Não se ouve nenhum outro som? Sim. Um som amedrontador. O tique-taque do relógio que está na mão do juiz, desde que Hepzibah deixou a sala para buscar Clifford. Seja por que razão for, essa palpitação tranquila, fraca, interminável do pulso do tempo, repetindo suas débeis pancadas, com regularidade, na mão imóvel do Juiz Pyncheon, causa um terror que não se encontra em nenhum outro cômodo da casa.

Ouçã! Esse sopro do vento foi mais forte. Tem um tom diferente do triste e taciturno com que se lamentava e afligia a humanidade há cinco dias. O vento mudou. Agora, soltou-se impetuosamente do noroeste, e, passando pelo edifício das sete torres, o faz estremecer, como se quisesse medir forças com um antagonista. Sucedem-se os embates. A casa estala de novo, vociferando um insulto ininteligível da sua garganta fuliginosa, o grande cano da larga chaminé, que se pode interpretar mais como um desafio, pelo século e meio de hostilidade, do que por reação à rudeza do vento. Uma espécie de ruído surdo reboa atrás do fogão. Uma janela, que talvez estivesse aberta, foi violentamente fechada por uma rajada. Não se pode imaginar que formidáveis instrumentos são essas velhas casas nas mãos do vento! Ruídos estranhos cantam, suspiram, guincham, martelam pesadamente em algum quarto distante; depois, correm

pelos corredores, como pisadas, sobem e descem as escadas, num ruje-ruje de sedas farfalhantes. A ninguém apeteceria estar no seu interior, nesses momentos! É amedrontador! O clamor de ventania na casa deserta! A quietude do juiz, sentado, invisível! E o intermitente, mas persistente, tique-taque do relógio!

A invisibilidade do juiz não persistirá por muito tempo. O vento noroeste varreu as nuvens, deixando o céu limpo. Vê-se distintamente a janela. Através dos vidros, percebe-se o movimento constante e irregular da folhagem escura, deixando passar aqui e ali um pouco da luz das estrelas. Esses lampejos caem frequentemente sobre o rosto do juiz. Uma luz mais eficiente logo aparece. Observa-se a dança prateada sobre os galhos mais altos da pereira; depois, um pouco mais baixo; agora, em toda a copa, enquanto, através de seu emaranhado, os raios do luar incidem sobre a sala. Giram por cima do corpo do juiz, mostrando que continuou imóvel durante aquelas horas de escuridão. Perseguem as sombras, num brinquedo inconstante sobre as feições constantes. Brilham sobre o relógio. A mão esconde o mostrador. Sabemos, contudo, que os fiéis ponteiros se encontraram, pois um dos relógios da cidade está batendo meia-noite.

Um homem da vigorosa compreensão do Juiz Pyncheon se importa tanto com as doze horas noturnas quanto com as doze diurnas. O paralelo estabelecido em uma das páginas precedentes, entre ele e o antepassado puritano, falha nesse ponto. O Pyncheon de há dois séculos, como a maioria de seus contemporâneos, acreditava piamente em espíritos, embora os reputasse malignos. O Pyncheon dessa noite não acredita em tal tolice. Pelo menos até há poucas horas. Seu cabelo não se arrepiará, pois, com as histórias que, nos tempos dos bancos em volta da lareira onde se sentavam os velhos a remexer as cinzas do passado, ou a esgaravatar as lendas como se fossem brasas, costumavam ser contadas nessa mesma sala.

Em verdade, essas lendas são por demais absurdas para arrepiar os cabelos, mesmo de uma criança. Que sentido ou moral, por exemplo, pode ser encontrado na ridícula lenda de que, à meia-noite, todos os Pyncheon falecidos se reúnem nessa sala? E para quê? Para verificar se o retrato do antepassado ainda se mantém no seu lugar, na parede, em cumprimento às determinações do testamento! Vale a pena deixar os túmulos para isso?

Sentimo-nos tentados a brincar um pouco com essa hipótese, considerando que não se pode mais tratar seriamente de histórias de fantasmas. A reunião de família dos Pyncheon mortos, presumimos, decorre deste modo: Primeiramente, aparece o antepassado puritano em pessoa, com sua capa preta, chapéu alto e calções largos, cinturão de couro em que está presa a espada de aço; tem na mão um bastão, que os homens de idade avançada costumam usar, tanto pela dignidade disso decorrente quanto pelo apoio que oferece. Olha para o retrato. Uma coisa sem substância olhando para a própria imagem pintada! Tudo está bem! O quadro ainda está lá! Seu desejo foi mantido até muito tempo depois de o seu corpo ter brotado no capim do cemitério.

Olhe! Levanta a mão imaterial e experimenta a moldura. Perfeita! Um sorriso? Não será antes uma carranca que escurece a sombra das feições? O coronel está contrariado! O seu olhar de desaprovação é tão firme que quase comunica mais clareza às feições atravessadas pelo luar que se reflete sobre a parede defronte. Alguma coisa aborreceu o puritano! Balançando a cabeça severamente, desaparece. Depois, surgem outros Pyncheon, a tribo inteira em meia dúzia de gerações, empurrando-se e acotovelando-se uns aos outros para chegar primeiro ao quadro. Vemos anciãos e senhoras idosas, um clérigo ainda com a rigidez puritana no porte e na fisionomia e um oficial de farda vermelha da guerra francesa; agora, vem o lojista Pyncheon de há um século, com os punhos da camisa levantados; depois, o cavalheiro de peruca e roupa de brocado da história do daguerreotipista com a bela e pensativa Alice, que sai do túmulo sem orgulho. Todos tocam a moldura. Que procuram esses fantasmas? Uma mãe pousou no chão uma criança, que também deve tocar o quadro com suas mãozinhas. Há nele, evidentemente, um mistério que atormenta esses Pyncheon, que deviam estar repousando. Enquanto isso, num canto, vê-se a figura de um homem idoso, de jaqueta e calções de couro, com uma régua de carpinteiro saindo do bolso. Aponta com o dedo o coronel de barbas e seus descendentes, balançando a cabeça, escarnecendo, zombando e finalmente rebentando numa gargalhada ruidosa, ainda que inaudível.

Distraíndo nossa fantasia com essa visão, perdemos o poder de restrição e governo. Distinguimos uma figura esquecida na nossa cena visionária. Entre esses homens ancestrais acha-se um rapaz vestido na moda atual; traz casaco preto, calças cinzentas, sapatos de couro com polainas, corrente de ouro finamente trabalhada atravessando o peito, e uma bengala com castão de prata, na mão. Se o encontrássemos durante o dia, o cumprimentaríamos como sendo o jovem Jaffrey Pyncheon, único filho vivo do juiz, que tem estado viajando pelo estrangeiro nos dois últimos anos. Se está vivo, como pode aparecer assim em espírito? Se está morto, que desgraça! A propriedade dos Pyncheon e a grande fortuna adquirida pelo pai do rapaz, onde irão parar? Nas mãos do pobre e tolo Clifford, da magricela Hepzibah e da rude Phoebe! Agora, outra maravilha que nos deixa pasmos! Como crer nos nossos olhos? Um cavalheiro idoso, robusto, entra em cena; tem um aspecto respeitável; veste casaco e calças pretas de confortável largura; estaria escrupulosamente limpo se não fosse a mancha de sangue na sua gravata branca e no peito da camisa. É o Juiz Pyncheon? Como pode ser ele? Vemos a sua figura, tão bem quanto nos permite o luar, ainda sentada na cadeira de

carvalho! Seja quem for, a aparição avança para o quadro, apalpa a moldura, procura examiná-la por detrás e sai com a mesma carranca fechada do antepassado.

A fantástica cena não deve ser considerada como parte da nossa história. Fomos levados a essa pequena extravagância pelos raios do luar; eles cirandam com as sombras e se refletem no espelho, que é sempre uma espécie de janela ou porta para o mundo espiritual. Precisávamos de um alívio para nossa tão longa e exclusiva contemplação do corpo sentado na cadeira. O vento desenfreado pôs nossos pensamentos em estranha confusão, sem desviá-los, entretanto, do mesmo ponto convergente. Lá está o juiz, pesado como chumbo, sobre nossa alma. Não se moverá mais? Se ele se movesse, ficaríamos loucos! Pode-se calcular melhor sua imobilidade pela audácia de um ratinho, que, sentado nas pernas delgadas, próximo dos pés do juiz, planeja uma exploração pelo seu volumoso corpanzil. Ah! O que assustou o pequeno roedor? É o focinho de um bichano, do lado de fora da janela, onde se fixou numa deliberada vigília. Tem um ar tão feio! É um gato querendo pegar um rato ou o Demônio em busca de uma alma humana? Nós o teríamos enxotado da janela!

Graças a Deus, a noite passou! O luar já não está tão prateado, nem contrasta tanto com a escuridão das sombras onde incidem seus raios. Está mais pálido; as sombras parecem cinzentas e não pretas. O vento tempestuoso desapareceu. Que horas são? Ah! por fim o relógio parou! Os dedos do juiz se esqueceram de lhe dar corda, como de costume, às dez horas. Meia hora depois, o juiz costumava deitar-se. Pela primeira vez, em cinco anos, o relógio parou. Mais o grande relógio do mundo, o tempo, ainda continua a andar. A noite terrível cede lugar à manhã transparente, sem nuvens. Abençoada claridade! A luz do dia, a pouca luz que entrava na sala, parece parte de uma bênção universal anulando o mal e procurando o máximo de bondade e felicidade. Levantar-se-á, agora, o Juiz Pyncheon, da cadeira? Começará ele esse novo dia, para o qual Deus sorriu, abençoando-o e dando-o à humanidade, com as melhores intenções? Os projetos da véspera estão ainda gravados no coração e agitados no cérebro?

No último caso, há muito que fazer. Insistirá o juiz com Hepzibah na entrevista com Clifford? Comprará um cavalo bom, barato, para um cavaleiro já mais idoso? Persuadirá o comprador da velha propriedade dos Pyncheon a desistir do contrato em seu favor? Irá ver o médico da família para obter um remédio que o preserve de tudo, para se tornar uma honra e uma bênção para sua raça, até a longevidade patriarcal? Pedirá desculpas aos amigos ilustres e os convencerá de que sua ausência ao jantar foi inevitável, e se restaurará tão bem na opinião deles que ainda possa ser governador de Massachusetts? Cumpridos esses importantes propósitos, irá de novo para a rua, com aquele sorriso de benevolência fingida? Ou, depois da reclusão tumular do dia anterior e da noite, se tornará um homem humilhado e arrependido, triste, bondoso, sem procurar proveitos de honras mundanas, ousando amar a Deus e intrépido no amor aos semelhantes, fazendo todo o bem possível? Comportar-se-á bem, sem o odioso sorriso de fingida benevolência, insolente na sua pretensão, e aborrecido na sua falsidade? Terá

o aspecto de tristeza de um coração contrito e despedaçado, afinal, sob o peso do pecado? Pois cremos, qualquer que seja a honra que ele possa atingir, que há um grande pecado no íntimo desse homem!

Levante-se, Juiz Pyncheon! O sol da manhã brilha através da folhagem e, grandioso e sagrado, não foge de clarear seu rosto. Levante-se, seu hipócrita maneiroso, egoísta, coração de pedra, e escolha entre continuar a ser hipócrita e egoísta ou arrancar esses pecados de sua natureza, posto que eles trazem sangue consigo! O Vingador se aproxima! Levante-se antes que seja tarde!

O quê! Não se mexe nem a este último apelo? Não, nem um milímetro! Agora vemos uma mosca, dessas moscas caseiras que zumbem nos vidros das janelas, rodear o Juiz Pyncheon, pousando na testa, depois no queixo e, finalmente, Deus nos acuda!, sobe pelo nariz para os olhos abertos do futuro governador! Não poderá ele enxotar o inseto Será tão preguiçoso esse homem, ontem tão cheio de projetos? Será tão fraco hoje o que ontem era tão poderoso? Nem ao menos enxota uma mosca? Então desistimos de acordá-lo!

A campainha da loja retine. Depois de horas como as que acabamos de descrever no nosso conto, é bom entrar em contacto com o mundo dos vivos e saber que até essa velha e solitária mansão tem, de algum modo, conexão com ele Respiramos mais livremente ao sair da presença do Juiz Pyncheon e chegar à rua defronte à Casa das Sete Torres.

Ramalhete de Alice

A primeira pessoa a passar pela vizinhança, no dia seguinte ao da tempestade, foi Tio Venner, empurrando um carrinho de mão.

A Pyncheon Street era um caminho melhor do que a ruazinha ladeada por cercas baixas e casinhas construídas de madeira. Naquela manhã, a natureza se reparava dos cinco dias maus que havia passado. Valia a pena viver para poder admirar aquele céu ensolarado, acima das casas. Tudo era agradável, tanto a distância como de perto. Os seixos lavados e o cascalho das calçadas, as poças d'água no meio da rua, o capim verdejante que crescia ao pé das cercas e as plantas viçosas dos jardins! Os vegetais tinham vida exuberante. O Olmo Pyncheon, cheio do sol matinal, era agitado pela brisa agradável que fazia sussurrar centenas de folhas ao mesmo tempo. A velha árvore nada sofrera com a tempestade; não tinha ramos despedaçados, nem folhas caídas. O conjunto era todo verde, exceto um galho, prematuro, profetizador do outono, que se recobria de ouro. Era como o galho dourado que admitiu Eneias e a Sibila no Hades.

O ramo místico projetava-se diante da porta das Sete Torres, tão baixo que qualquer transeunte na ponta dos pés o teria puxado. Parecia simbolizar seu direito de ingresso naquela mansão e de conhecimento de todos os segredos da casa. Tão enganosas são as aparências, que o aspecto exterior da residência parece muito convidativo, insinuando ser sua história, bela e feliz, ótimo assunto para um conto. As janelas brilhavam à luz do sol. O musgo verde parecia perfeitamente irmanado com a natureza. Era como se essa velha habitação, de tão antiga data, se tivesse enraizado entre os primitivos carvalhos, em virtude de sua longa duração, estabelecendo direitos de existência. Uma pessoa de temperamento imaginoso, ao passar pela casa, voltar-se-ia uma ou duas vezes para observá-la. As numerosas torres reunidas em volta de uma chaminé, a projeção dos andares superiores sobre o térreo, a janela de sacada dando um ar, se não de grandeza, pelo menos de velha nobreza ao portal sobre o qual se abria, as luxuriantes e gigantescas bardanas, na entrada, todas essas características certificariam o observador de encobrirem algo mais profundo do que sua vista alcançava. Imaginaria ter visto aquela mansão a residência da inflexível integridade puritana, que, desaparecendo em alguma geração esquecida, havia deixado naqueles cômodos uma bênção, cuja eficácia era comprovada pela religião, honestidade, moderada competência pobreza reta e

sólida felicidade dos seus descendentes, até a época contemporânea.

Alguma coisa impressionaria, sobretudo, o cérebro do imaginoso observador: um grande tufo de flores de manchas escarlates, que antes havíamos chamado joio, no ângulo formado entre as duas torres da frente. O povo costumava chamá-las de Ramalhete de Alice, na persuasão de que essa jovem tivesse trazido as sementes da Itália. Hoje, cheias de viço e fulgor, pareciam uma expressão mística de que algo se havia consumado naquela casa.

Como já dissemos, pouco depois da alvorada, Tio Venner apareceu empurrando seu carrinho pela rua. Dava a volta matutina, recolhendo folhas de couve, cascas de batata, pedaços de nabo e restos de comida que as econômicas donas de casa da vizinhança somente considerariam úteis para alimentar um porco. O porco de Tio Venner era engordado e mantido em ótimo estado por essas contribuições. O filósofo costumava prometer que, quando se retirasse para a fazenda, mataria o porco e faria uma festa, para a qual seriam convidadas todas as pessoas que haviam ajudado a engordá-lo. As sobras de comida da casa de Miss Hepzibah tanto haviam aumentado depois da chegada de Clifford, que sua parte no banquete não seria pequena. Tio Venner ficou, portanto, bastante desapontado quando não encontrou a grande vasilha que geralmente estava à sua espera, na porta da cozinha da Casa das Sete Torres.

“Nunca Miss Hepzibah esteve tão esquecida! disse o ancião de si para si. “Certamente jantou ontem, não ha dúvida. Sempre tem jantado ultimamente! Onde estará a vasilha dos restos? Devo bater e ver se ela está acordada? Não, não, isso não adiantará. Se a pequena Phoebe estivesse aqui, eu bateria! Mas Miss Hepzibah olhará para mim carrancuda daquela janela, parecendo zangada, mesmo que esteja de bom humor! É melhor voltar mais tarde!”

Com essas reflexões, já estava o velho fechando o portãozinho do quintal, quando o ruído dos gonzos chegou aos ouvidos do ocupante da torre. Uma das janelas dos aposentos do rapaz abria-se para aquele lado.

— Bom dia, Tio Venner! Ouviu algum movimento na casa? — perguntou o daguerreotipista chegando à janela.

— Nenhum. Também não admira, faz só meia hora que o sol se levantou! Mas foi bom ter encontrado o senhor, Mr. Holgrave. Este lado da casa tem um aspecto diferente! Desconfio que não há viva alma lá dentro! Já a frente parece mais alegre. O Ramalhete de Alice está todo florido. Se eu fosse rapaz, Mr. Holgrave, minha namorada teria uma

dessas flores no peito, mesmo que, para colhê-la, fosse preciso arriscar o pescoço! O vento deixou-o dormir essa noite?

— Deixou, sim — respondeu o artista, sorrindo. — Se acreditasse em almas, chegaria à conclusão de que ontem os velhos Pyncheon estiveram saracoteando no andar térreo, especialmente nos cômodos ocupados por Miss Hepzibah. Agora já está tudo quieto!

— Pois é. Com certeza Miss Hepzibah dormirá mais um pouco por ter passado a noite em claro com a ventania! — disse o velho. — Seria estranho que o Juiz Pyncheon tivesse levado seus dois primos para o campo consigo, não acha? Vi-o entrar na loja, ontem.

— A que horas? — perguntou Holgrave.

— De manhã! — informou o velho. — Bem, preciso continuar meu caminho. Voltarei na hora do jantar. O porco gosta tanto do jantar quanto do almoço! Nenhuma comida chega fora de hora para ele. Até logo, então. Se eu fosse o senhor, colheria umas flores do Ramalhete de Alice e as conservaria na água até Miss Phoebe voltar!

Ao entrar novamente no quarto, Holgrave murmurou consigo mesmo: "A água da Fonte Maule é a melhor para elas!"

Depois da partida de Tio Venner, nada perturbou o repouso da Casa das Sete Torres. Somente um jornaleiro, ao passar, jogou para dentro um periódico, que Hepzibah ultimamente comprava com regularidade. Depois apareceu uma mulher gorda, esbaforida, encalorada pela pressa, pela quentura da manhã e pelo calor do fogo. Experimentou a porta da loja, constatando estar fechada. Forçou com sacudidelas nervosas que fizeram badalar raivosamente a campainha.

— Que leve o diabo essa velha Pyncheon! — vociferou a irascível freguesa. — Pretende manter uma loja e fica na cama até tarde! Com certeza chama a isso ares de nobreza! Ou ela desiste da nobreza ou eu arrebento a porta!

Sacudiu-a novamente. A campainha bateu com tal estridor que foi ouvida pela vizinha defronte. Abrindo a janela, ela dirigiu-se à impaciente compradora.

— Não há ninguém em casa, Mrs. Gibbins!

— É preciso que venha alguém, tenho de levar gordura para fritar o peixe para Mr. Gibbins. *Lady* ou não, terá que acordar para me vender!

— Ouça, Mrs. Gibbins, ela foi com o irmão para a casa de campo do Juiz Pyncheon. Não há ninguém em casa, além do daguerreotipista que mora na torre norte. Vi a velha Hepzibah e Clifford saírem ontem. Um engraçado casal de patos, chapinhando nas

poças de lama. Asseguro-lhe que saíram.

— Como sabe terem ido para a casa do juiz? — perguntou Mrs. Gibbins. — Ele é rico mas é brigado com Hepzibah por não lhe querer dar mesada. Por isso foi que ela abriu a loja!

— Conheço o caso. Mas é certo que foram para lá! Quem teria agasalhado a geniosa Hepzibah e o temível Clifford senão um parente consanguíneo, que disse não se pode esquivar? É verdade o que estou dizendo.

Mrs Gibbins foi embora, ainda vibrando de raiva contra Hepzibah. Por outra meia hora, houve silêncio, tanto no exterior como no interior da casa. O olmo soltava suspiros cantantes em resposta à brisa que, em outro lugar, passaria imperceptível. Insetos zumbiam alegremente na sombra de sua copa, tornando-se visíveis quando atravessavam um raio de luz. Um grilo cantou, uma ou duas vezes, escondido entre as folhas da árvore. Uma avezinha solitária de plumagem amarelo-ouro pousou nas flores do Ramalhete de Alice.

O pequeno Ned Higgins subia a rua, a caminho da escola. Pela primeira vez, naqueles quinze dias, possuía um cêntimo; portanto, não podia passar pela loja sem parar. A porta não se abria. Bateu ainda várias vezes, com a perseverança característica das crianças, renovando seus esforços por entrar. Sem dúvida queria um elefante, ou, como Hamlet, talvez pretendesse comer um crocodilo. Em resposta aos seus mais violentos ataques, a campainha dava, uma vez ou outra, batidinhas leves. Segurando-se no trinco, Ned espiou por um buraco da cortina, percebendo estar fechada a porta de comunicação com o interior da casa.

— Miss Pyncheon — gritou, batendo no vidro da porta —, quero um elefante!

A falta de resposta começou a deixá-lo impaciente. Já enraivecido, pegou uma pedra, no propósito de lançá-la. Mas um dos dois homens que passavam no momento pela rua segurou-o pelo braço.

— O que houve, rapaz? — indagou o transeunte.

— Quero a velha Hepzibah ou Phoebe, qualquer uma das duas — disse o menino, soluçando. — Não querem abrir a loja e não posso comprar meu elefante!

— Vá para a escola, seu maroto! — disse o homem. — Há outra loja na esquina! — E virando-se para o companheiro: — É estranho, Dixey, o que aconteceu aos Pyncheon. Smith, o dono da cocheira, me disse ter o Juiz Pyncheon levado seu cavalo ontem para ficar lá até a hora do jantar, mas, hoje, um empregado do próprio juiz foi perguntar pelo patrão ao cocheiro. O juiz é pessoa que raramente quebra seus hábitos passando noites fora de casa.

— Ora, voltará são e salvo! — respondeu o outro. — Quanto a velha Pyncheon, certamente desapareceu para fugir aos credores. Na manhã em que inaugurou a loja, previ que sua careta demoníaca espantaria os fregueses que não a poderiam suportar!

— Nunca imaginei que pudesse ir avante — retrucou o amigo. — Esse negócio já foi muito explorado por mulheres. A minha o experimentou e perdeu cinco dólares.

— Pobre negócio! — exclamou Dixey, balançando a cabeça. — Pobre negócio!

No decorrer da manhã, houve muitas outras tentativas de comunicação com os supostos habitantes da silenciosa e impenetrável mansão. Veio o homem da cerveja com seu carro bem pintado, trazendo duas dúzias de garrafas cheias, para trocar pelas vazias. O padeiro trouxe um lote de bolachas que Hepzibah encomendara para vender a varejo. O açougueiro veio oferecer um peso de carne especial que a velha dama certamente compraria para Clifford. Se qualquer dessas pessoas soubesse do segredo guardado naquela casa, sentir-se-ia aterrorizada por ver a corrente da vida, com todas as suas frivolidades e ninharias, a redemoinhar sobre o lugar onde jaz um cadáver invisível!

O açougueiro, depois de experimentar todas as portas da Casa das Sete Torres e encontrando-as fechadas, resolveu vir pela loja.

“É um ótimo artigo, que certamente a senhora comprará” pensou o homem. “Não pode ter ido embora! Há quinze anos que passo pela Pyncheon Street e nunca ouvi dizer que ela estivesse fora de casa, embora muitas vezes se pudesse cansar de bater sem que ela atendesse. Mas isso era quando só havia ela para se alimentar.”

Espiando através do mesmo buraco da cortina por onde há pouco espiara o menino, o açougueiro viu a porta interior, não fechada como a vira Ned, porém quase inteiramente aberta. Não podemos explicar como foi que isso se deu. Através do corredor escuro, via-se a sala, também um pouco sombria. O açougueiro parecia distinguir duas pernas de homem vestidas numa calça preta. A pessoa estava sentada numa cadeira de carvalho, cujo encosto tapava o resto do corpo. A tranquilidade daquela pessoa, em face de suas insistentes batidas, irritou de tal modo o fornecedor que ele resolveu retirar-se.

“O irmão de Miss Pyncheon fica calmamente sentado, enquanto me esforço por chamar alguém da casa. Fosse ele válido, e lhe bateria! Não procurarei mais essa gente. De agora em diante, se quiserem linguiça ou um pouco de fígado, que vão ao carro!”

Jogando raivosamente a carne no carrinho, partiu. Algum tempo depois, ouviram-se sons de música que se aproximava. Uma multidão de crianças se movia, parando ou andando, conforme a música tocava ou fazia pausa. Do centro da aglomeração provinha a melodia, que escravizava os meninos. De vez em quando uma criaturinha de avental e chapéu de palha pulava nos portões. Ao chegar perto do Olmo Pyncheon, distinguiu-se perfeitamente de onde provinha a melodia. Era do realejo do italianinho, que já parara uma vez sob a janela de sacada. A fisionomia agradável de Phoebe e a liberal esmola que lhe dera sem dúvida permaneciam ainda na memória do rapaz. Suas feições expressivas se iluminaram ao reconhecer o lugar onde se dera aquele insignificante incidente de sua vida. Entrando no jardim, agora abandonado, parou no limiar da porta, abriu o realejo e pôs-se a tocar. Cada um dos bonecos da comunidade automática começou a trabalhar de acordo com sua vocação. O macaquinho, tirando o boné, cumprimentou obsequiosamente os espectadores. Enquanto virava a manivela, o rapaz

olhava para cima, à espera de uma presença que tornaria a música mais bela ainda. As crianças tinham se espalhado pela calçada, pelo jardim, duas ou três mais próximas da porta, e uma, finalmente, acorada nos degraus. O grilo continuava a cantar no Olmo Pyncheon.

— Acho que não há ninguém na casa — disse uma das crianças à outra. — O macaquinho nada recolherá aqui.

— Há alguém na casa, sim, ouvi uma pisada! — afirmou o menino, que estava na soleira da porta.

Os olhos do italianinho ainda espreitavam a sacada. Uma leve emoção como que dava à orquestra mecânica maior doçura. Esses vagabundos são muito sensíveis a qualquer manifestação de simpatia, correspondendo, sempre, seja com um sorriso ou uma palavra calorosa incompreendida. Essas bondosas manifestações tocam fundo na sua vida de nômades, dando-lhes alegrias que só teriam num lar. O pesado silêncio com que a velha mansão respondia à vivacidade do seu instrumento não desencorajou o jovem. Persistia nos apelos melódiosos, certo de que, de um momento para outro, o rosto alegre de Phoebe apareceria. Não queria partir sem ver também Clifford, cuja sensibilidade lhe tocara o coração. Tantas vezes repetiu a música, que os pequenos ouvintes, o macaquinho e os bonecos de madeira já estavam cansados. Não havia outra resposta, além do canto do grilo.

— Aí não há criança nenhuma. Moram somente uma solteirona e um velho. Nada receberá. Por que não vai embora? — sugeriu um dos meninos.

— Ora, bobo, por que contou? — disse um ianque que se deleitava não com a música mas com a barateza do preço — Deixe-o tocar quanto quiser. Se ninguém pagar não é da sua conta. — Mais uma vez ainda tocou o italiano sua melodia. Um observador qualquer se divertiria com a perseverança do tocador de realejo. Quem o entenderia além da música e do som. Terá êxito, afinal? Abrir-se-á de repente a janela? Aparecerão alegres as crianças daquela casa, a rir e dançar, aproximando-se da caixa do realejo para admirar os bonecos e dando moedas ao macaquinho?

Para nós, que conhecemos o interior das sete torres, tão bem quanto o exterior, essa repetição de alegres melodias populares, na porta de entrada, tem efeito horrível. Seria chocante se o Juiz Pyncheon, que não se comoveria com uma música de Paganini, aparecesse à porta com o peito da camisa ensanguentado e, com um ricto cruel no rosto branquicento, mandasse embora o musicista. Para que tocar valsas e polcas, quando ninguém quer dançar? Esse contraste de tragédia mesclada à alegria é constatado diariamente, a cada hora e a cada momento. Como aquela casa triste e desolada, com a morte pesando sobre a sua solidão, muitos corações humanos são obrigados a ouvir a vibração e o eco de alegria do mundo em volta de si.

Antes que a música cessasse, passaram alguns homens a caminho de casa para o jantar.

— Ei você aí, seu francês — chamou um deles —, saia dessa porta e vá para outro

lugar com o seu instrumento. Aí mora a família Pyncheon e hoje eles estão muito aborrecidos. Não querem música. Todos estão dizendo na cidade que o Juiz Pyncheon foi assassinado. O próprio chefe de polícia vai tomar conta do caso. Portanto, vá-se embora logo. Ao levantar o instrumento para pôr no ombro, o tocador de realejo descobriu no degrau um cartão que antes estivera coberto pelo jornal. Percebendo algo escrito à mão, entregou-o aos transeuntes. Era um cartão impresso do Juiz Pyncheon, com uma nota feita a lápis no avesso, referindo-se aos vários assuntos que pretendia tratar no dia precedente. Formava um epítome retrospectivo da historia do dia anterior. Os negócios, porém, não saíram de acordo com o programa. O cartão devia ter caído do bolso do colete do juiz, na primeira tentativa para entrar pela porta principal. Embora empapado de água, ainda era legível.

— Olhe, Dixey — falou o homem. — Isso tem relação com o Juiz Pyncheon. Veja. O nome dele impresso e, aqui, suponho eu, letra do próprio punho.

— Levemo-lo ao chefe de polícia — sugeriu Dixey. — Talvez encerre a chave do enigma. Não seria de estranhar que o juiz entrasse por essa porta e nunca mais saísse. O tal primo poderia estar num de seus transes maus! A velha Pyncheon, endividada pela loja, sabia estar o juiz com a carteira bem recheada. São de raça ruim. Junte essas coisas e veja o que dá,

— Cale a boca! Parece um pecado imaginar tal coisa, mas creio que devemos levar o cartão ao chefe de polícia.

— Sim — concordou Dixey. — Sempre disse que havia algo demoníaco na fisionomia dessa mulher.

Os homens voltaram sobre seus passos. O italiano também partiu, lançando um último olhar à sacada. As crianças puseram-se a correr, como perseguidas por um gigante ou papão. A boa distância da casa, pararam súbita e simultaneamente. Seus nervos suscetíveis se tinham alarmado. Olhando para trás, para os picos e para os ângulos da velha casa, imaginavam-na envolvida por uma obscuridade, que nenhum raio de sol poderia dissipar. Uma Hepzibah imaginária estava fazendo caretas e ameaçando-os com a mão, de todas as janelas. Um Clifford imaginário, que sempre fora temido por eles, fazia gestos ameaçadores, por trás de Hepzibah. As crianças são mais suscetíveis de entrar em pânico do que os adultos. Durante o resto do dia, qualquer deles atravessaria a cidade inteira para fugir das Sete Torres; o mais intrépido convidaria os companheiros para uma corrida de velocidade pela frente da mansão.

Meia hora depois da partida do italiano, um carro passou pela rua, parando debaixo do Olmo Pyncheon. O condutor pegou uma mala de lona e uma caixa de papelão do estribo do veículo, levando-os até a porta da casa. A bonita figura de uma moça de chapéu de palha avançou de dentro do carro. Era Phoebe. Embora sem o frescor de quando chegara pela primeira vez, notava-se nela um brilho tranquilo de natural resplendor. Em poucas semanas, suas experiências a tinham tornado mais grave, mais senhoril, de olhos mais fundos, como símbolo de um coração que começava a suspeitar

da própria profundidade. Conservava ainda o dom de fazer com que as coisas parecessem reais e não fantásticas. Agora, porém consideramos arriscado, mesmo para Phoebe, atravessar a porta da Casa das Sete Torres. Será sua presença suficiente para expulsar a multidão de fantasmas, pálidos e horríveis, que aí haviam entrado depois de sua partida? Talvez se entristeça e definha, transformando-se em outro fantasma que deslizará sem ruído, assustando as crianças, quando parar às janelas.

De bom grado, avisaríamos a ingênua mocinha de que não há ser humano para recebê-la a não ser o corpo do Juiz Pyncheon, imóvel na cadeira de carvalho. Espetáculo terrível, cuja lembrança nos amedronta, depois da noite de vigília!

Primeiro, Phoebe experimentou a porta da loja, cujo trinco não cedeu à sua mão. A cortina branca descida sobre a parte superior da porta chamou-lhe a atenção. Sem maiores esforços para entrar pela loja, a moça dirigiu-se à porta principal, debaixo da sacada. Encontrando-a fechada, bateu. O eco repetiu as pancadas no interior da casa. Bateu de novo, segunda e terceira vez. Teve a impressão de ouvir o assoalho ranger com os movimentos de Hepzibah, que vinha recebê-la na ponta dos pés. Um silêncio tão grande seguiu-se a esse som imaginário, que Phoebe começou a imaginar ter-se enganado de casa, embora o exterior lhe fosse tão familiar. Uma voz distante de criança atraiu-lhe a atenção. Parecia chamá-la. Olhando na direção de que procedia o som, Phoebe viu o pequeno Ned Higgins, no meio da rua, sapateando, movendo a cabeça violentamente, gesticulando com ambas as mãos e gritando-lhe a plenos pulmões: Não, Phoebe, não entre! Há uma coisa horrível aí! Não entre, não entre!

Como o menino não se aproximasse para melhores explicações, a moça concluiu que Hepzibah o tivesse amedrontado em uma de suas visitas à loja. As manifestações da boa senhora eram mesmo de caráter a amedrontar as crianças ou fazê-las explodir em gargalhadas zombeteiras. O incidente fez sobressair o silêncio da casa. Como era dia quente, Phoebe encaminhou-se então para o jardim, onde certamente encontraria Clifford e Hepzibah preguiçando à sombra da árvore. Ao transpor o portão, as galinhas voaram ao seu encontro. Um gato estranho, que estava passeando para lá e para cá, debaixo da janela da sala, fugiu, atravessando o jardim e desaparecendo pela cerca. Não havia ninguém sob a árvore. O chão a mesa e o banco circular ainda estavam úmidos e orvalhados, cheios de brotos e folhas arrancados pela tempestade o crescimento das plantas era exuberante. O capim aproveitara-se da ausência de Phoebe e da longa chuva para se intrometer entre as flores e as hortaliças. A Fonte Maule transbordara, formando uma poça enorme num canto do jardim. .

A impressão que se tinha era de que ninguém ai estivera nos dias precedentes, talvez mesmo desde sua partida, pois, sob a mesa, ela encontrou um pentinho que provavelmente caíra enquanto conversava com Holgrave, na véspera da partida.

Phoebe sabia serem seus dois parentes capazes de extravagâncias muito maiores do que se fechar na velha casa, como parecia terem feito agora. Temerosa e apreensiva, contudo, aproximou-se da porta que comunicava o jardim com a casa. Estava fechada

por dentro, como as outras duas. Bateu. Como se a batida fosse esperada, a porta abriu-se imediatamente, o suficiente para lhe dar entrada. Como Hepzibah costumava abrir a porta assim, para se furtar à observação exterior, Phoebe concluiu que fosse a prima que a tivesse aberto.

Sem hesitar, transpôs a soleira e a porta se fechou sobre ela.

A flor do Éden

Phoebe, vindo da forte claridade do sol, ficou ofuscada na densa obscuridade que envolvia a maioria dos corredores da velha casa. Não pôde perceber, imediatamente, quem a fizera entrar. Antes, porém, que seus olhos se adaptassem ao escuro, sentiu a mão apertada por outra que, com leve e morna pressão, lhe dava as boas-vindas, fazendo vibrar-lhe o coração de indefinível contentamento. Ao mesmo tempo, teve a impressão de que a conduziam para um cômodo amplo e vazio, primitiva sala de recepções das Sete Torres e não, como era de esperar, para a sala de visitas. O sol entrava livremente pelas janelas sem cortinas, refletindo-se no chão empoeirado. Phoebe percebeu agora — aliás não poderia ser segredo desde que sentira o calor da mão — que quem a recebera não fora Hepzibah ou Clifford, mas Holgrave. Intuitiva e sutil compreensão, ou antes, vaga e indistinta impressão de que alguma coisa lhe ia ser revelada, obrigou-a a acompanhá-lo sem resistência. Sem retirar a mão, fixou-lhe o rosto, não pressentindo desgraça, mas indubitavelmente consciente de sua ausência, a situação da família mudara. Ansiava por uma explicação.

O artista parecia mais pálido. Uma severa e pensativa contração da testa traçava uma profunda linha vertical entre suas sobrancelhas. O sorriso estava, no entanto, cheio de alegria. Era a expressão mais vívida que Phoebe testemunhara na reserva com que Holgrave habitualmente mascarava os seus sentimentos. Um homem, depositário único de alguma coisa terrível, numa floresta ou deserto ilimitado, teria a mesma expressão ao reconhecer o aspecto familiar do melhor amigo, que lhe reavivaria lembranças do lar e de afazeres cotidianos. A necessidade de responder ao olhar interrogativo de Phoebe apagou, entretanto, o sorriso do rosto de Holgrave.

— Não devo me alegrar com sua volta, Phoebe — disse ele. — Estamos num momento estranho.

— Que aconteceu? — perguntou ela. — Por que a casa está tão vazia? Onde estão Hepzibah e Clifford?

— Partiram. Não posso imaginar onde estejam! — respondeu Holgrave. — Estamos sós nesta casa.

— Hepzibah e Clifford partiram? — tornou Phoebe. — Não é possível! Por que me conduziu para cá e não para a sala de estar? Alguma coisa terrível aconteceu! Preciso

ver o que há!

— Não, não, Phoebe! — disse Holgrave, detendo-a.

— É o que lhe disse. Partiram e não sei para onde. Uma desgraça, contudo, aconteceu, não a eles nem, como pensava, motivada por eles. Se, como presumo, conheço bem seu caráter, Phoebe — continuou ele, olhando-a bem nos olhos com uma ansiedade mesclada de ternura —, boa como é, simples, você possui, entretanto, uma força notável. Tem um equilíbrio maravilhoso e uma faculdade que, posta à prova, mostrará sua capacidade de lidar com assuntos fora do comum.

— Não, não, sou muito fraca! — replicou Phoebe, tremendo. — Mas diga-me logo o que aconteceu.

— Você é forte — insistiu Holgrave. — Deve ser forte e inteligente. Sinto-me confuso e preciso dos seus conselhos. Talvez você saiba o que devemos fazer!

— Conte-me, conte-me — suplicou ela. — Este mistério me oprime e aterroriza! Qualquer coisa será preferível a esta interrogação!

O artista hesitava. Embora tivesse sido sincero e justo quanto à impressão de autocontrole que Phoebe lhe dava, parecia-lhe, contudo, uma maldade pô-la ao corrente do terrível segredo da véspera. Era como trazer aquela horrível imagem de morte, com todas as suas circunstâncias pavorosas, ao espaço limpo e agradável, diante da lareira. Não podia, porém, escondê-la de Phoebe. Ela precisava estar a par de tudo.

— Phoebe — disse —, lembra-se disso?

E entregou-lhe um daguerreótipo, o mesmo que lhe mostrara na primeira entrevista, no jardim. O retrato fazia sobressair, com chocante realidade, os traços duros e inflexíveis do original.

— O que tem isso a ver com Hepzibah e Clifford? — perguntou Phoebe, surpresa de que Holgrave quisesse brincar num momento como aquele. — É o Juiz Pyncheon; já me havia mostrado!

— Aqui está agora esse mesmo rosto, num retrato tirado há pouco mais de meia hora — disse o artista, apresentando-lhe outra miniatura. — Estava por terminá-lo, quando ouvi você bater na porta.

— É horrível! — balbuciou ela, empalidecendo. — O Juiz Pyncheon morto!

— Ele está naquela sala, como se vê nesta miniatura. O juiz está morto e Clifford e Hepzibah desaparecidos. Nada mais sei. Fora disso, tudo é conjectura. Ao voltar, ontem, para meu quarto, não vi luz alguma na sala, nem mesmo nos aposentos de Clifford ou Hepzibah. Não notei movimento algum na casa. Hoje pela manhã havia a mesma quietude mortal. De minha janela, ouvi o testemunho da vizinha de que seus parentes tinham sido vistos deixando a casa no meio da tempestade de ontem. Chegou até mim o rumor de que o Juiz Pyncheon desaparecera. Um sentimento que não sei descrever, uma percepção de catástrofe ou morte, impeliu-me a entrar nessa parte da casa, onde descobri o que agora vê. Como prova que pode ser útil a Clifford e lembrança valiosa para mim, pois, Phoebe, há razões hereditárias que me põem em

estranha conexão com o destino desse homem, usei dos meios à minha disposição para conservar esta prova fotográfica da morte do juiz.

Mesmo em sua agitação, Phoebe não podia deixar de notar a calma da conduta de Holgrave. Parecia perceber todo o horror da morte do juiz, e, ao mesmo tempo, recebê-la sem surpresa, como um acontecimento previsto, inevitável e concordando de tal modo com ocorrências passadas, que poderia ter sido profetizado.

— Por que não abriu as portas e fez entrar testemunhas? — perguntou ela, aflita. — É terrível ficar aqui sozinho!

— E Clifford? — perguntou o artista. — Clifford e Hepzibah? Precisamos ver o que de melhor se pode fazer em seu benefício. Essa fuga dará ao acontecimento as piores cores possíveis! Tudo é explicável, entretanto, para os que os conhecem bem. Amedrontados e aterrorizados pela similaridade dessa morte com a outra, que atingiu Clifford com consequências tão desastrosas, somente lhes ocorreu desaparecer. Que desgraça! Se Hepzibah tivesse gritado, se Clifford tivesse aberto a porta e denunciado a morte do juiz, as consequências não seriam tão graves para eles, embora no momento fosse terrível. Ao meu ver, isso teria ajudado a apagar a mancha negra que pesa sobre o caráter de Clifford.

— Como poderia advir coisa boa do que é tão horrível? — perguntou Phoebe.

— Porque — disse o artista — se o assunto for convenientemente considerado e bem interpretado, tornar-se-á evidente que o Juiz Pyncheon não podia ter chegado a este fim sem motivo plausível. Há muitas gerações que esta forma de morte tem sido uma idiossincrasia na sua família. Não ocorre sempre, mas, quando se verifica, ataca geralmente os indivíduos na idade do juiz, durante uma crise mental ou acesso de raiva. Provavelmente a profecia do velho Maule se baseava no conhecimento dessa predisposição física dos Pyncheon. Há grande semelhança entre as aparências da morte ontem ocorrida e as que se contam a respeito da morte do tio de Clifford, há trinta anos. É certo, contudo, ter havido um conjunto de circunstâncias, que não cabe lembrar, que torna possível e, pelo modo com que os homens costumam considerar essas coisas, provável ou mesmo evidente ter o velho Jaffrey Pyncheon sofrido morte violenta nas mãos de Clifford.

— De onde provêm essas circunstâncias, sendo ele, como sabe, inocente? — indagou Phoebe.

— Foram arrançadas — esclareceu Holgrave — segundo minha convicção, há muito tempo, depois da morte de seu tio, mas antes de ela se tornar pública, pelo homem que agora está sentado naquela sala. Sua própria morte, tão semelhante àquela, embora isenta de circunstâncias suspeitosas, parece castigo de Deus, punição pela sua perversidade e prova da inocência de Clifford. Essa fuga, porém, põe tudo a perder! É possível que estejam escondidos por aqui mesmo. Se pudéssemos descobri-los, antes que se divulgue a morte do juiz, o mal seria evitado.

— Não podemos encobri-la por mais tempo — opinou Phoebe. — É terrível ter que

guardá-la conosco. Clifford é inocente. Deus o provará. Abramos as portas e chamemos os vizinhos para que constatem o fato.

— Tem razão, Phoebe — concordou Holgrave —, tem razão!

Contudo, o artista não sentia o horror próprio do caráter meigo e reto de Phoebe, ao se achar em choque com a sociedade e em contacto com um acontecimento que transcendia as regras ordinárias, nem estava, como ela, pressuroso por se reintegrar na vida cotidiana. Sua posição atual, de momentânea felicidade, dava-lhe um prazer selvagem como se colhesse uma flor de estranha beleza, desabrochada em lugar desolado, ao sabor do vento. Era como se estivessem separados do resto do mundo e ligados um ao outro pelo exclusivo conhecimento da morte misteriosa do Juiz Pyncheon, e pela deliberação que eram obrigados a tomar. O segredo, enquanto assim pudesse ser chamado, os manteria numa espécie de encanto, numa solidão entre os homens, num afastamento tão completo como o de uma ilha no meio do oceano; divulgado, porém, o oceano rolaria entre eles, separando-os em praias distantes. Por enquanto, todas as circunstâncias da situação pareciam reuni-los. Eram como duas crianças, de mãos dadas e agarradas uma à outra, atravessando um corredor mal-assombrado. A ideia da morte espantosa, que se espalhava por toda a casa, unia-os nas suas garras rígidas.

Essas influências apressaram o desenvolvimento de emoções que, de outro modo, não se teriam precipitado. Era possível que a intenção de Holgrave fosse deixá-las morrer no embrião ainda não desenvolvido.

— Por que demoramos tanto? — perguntou Phoebe. — Este segredo me tira a respiração. Abramos as portas!

— Em toda nossa vida, nunca voltará um momento como este! — disse Holgrave. — Tudo o que você sente é terror, Phoebe? Nada mais que terror? Não adivinha, como eu, uma alegria que fez deste momento o único digno de ser vivido?

— Parece-me pecado falar em alegria num instante como este! — replicou Phoebe, tremendo.

— Pudessem você imaginar a hora que passei antes da sua chegada! — exclamou o artista. — Uma hora fria, escura, miserável! A presença do morto lançava uma sombra negra sobre todas as coisas, transformando o mundo que a minha percepção podia atingir numa cena de crime e castigo, mais terrível que o próprio crime. Essa sensação roubou-me a mocidade. Jamais esperei sentir-me moço outra vez! O mundo me parecia estranho, mau e hostil. O meu passado, solitário e obscuro. O futuro, uma tristeza informe que devia modelar em formas sombrias. Mas você transpôs o limiar da porta, trazendo esperança, calor e alegria! O momento amargo transformou-se, logo, num momento ditoso. Não devo deixá-lo passar sem declarar meu sentimento. Amo-a, Phoebe!

— Como pode amar uma moça como eu? — perguntou Phoebe, compelida a falar pela exaltação do rapaz. — Você tem muitas ideias com as quais, em vão, tentaria

simpatizar; tenho tendências com as quais você tampouco simpatizaria. Isso, porém, é o de menos. Compreendo, entretanto, que não tenho meios para fazê-lo feliz.

— Você é a minha única possibilidade de ser feliz — respondeu Holgrave. — Não acredito em felicidade que não provenha de você.

— Então tenho medo — continuou Phoebe com timidez, mesmo quando, com tanta franqueza, lhe expunha as dúvidas que ele despertara. — Você me desviará do caminho tranquilo, levando-me a segui-lo por onde é intransitável. Não poderei fazê-lo. É contra minha natureza. Fracassarei e perecerei.

— Ah, Phoebe! — exclamou Holgrave com um suspiro e um sorriso pensativo. — Será muito diferente do que você prevê. O mundo deve todo o seu progresso a homens infelizes. Os felizes se confinam dentro de moldes antigos. Tenho o presentimento de que, daqui por diante, a minha missão será plantar árvores, fazer cercas e, talvez, no tempo oportuno, construir uma casa para outra geração, e, numa palavra, conformar-me às leis e aos costumes tranquilos da sociedade. Seu equilíbrio será mais poderoso do que qualquer tendência oscilatória da minha parte.

— Não gostaria que fosse assim — disse Phoebe.

— Você me ama, Phoebe? — perguntou o rapaz. — Se nos amamos, este momento nada mais admite. Façamos uma pausa e alegremo-nos. Ama-me?

— Você lê meu coração — confessou Phoebe, baixando os olhos. — Sabe que o amo!

Nessa hora tão cheia de temores e dúvidas, operou-se, portanto, o milagre sem o qual toda vida humana é um vácuo. A bênção, que torna tudo verdadeiro, sagrado e belo, desceu sobre o rapaz e a donzela. Nada lhes parecia triste ou velho.

Transfiguravam a terra para transformá-la num Éden de que eles seriam os dois primeiros habitantes. O morto, embora tão perto de ambos, fora completamente esquecido. Numa crise como essa não existe morte, pois revela-se a imortalidade e a sua bendita atmosfera tudo envolve.

Cedo contudo o pesadelo caiu de novo sobre eles.

— Psiu! — sussurrou Phoebe. — Há alguém na porta da rua!

— Vamos, agora, ao encontro do mundo — disse ele.

— O rumor da visita do juiz a esta casa e da fuga de Hepzibah e Clifford vai sem dúvida atrair para cá as primeiras diligências policiais. Não temos alternativa senão encará-las. Abramos a porta imediatamente.

Mas, para surpresa deles, antes que pudessem atingir a porta da rua, antes mesmo que tivessem deixado a sala onde conversavam, ouviram passos no fundo do corredor. A porta que eles supunham bem fechada, que Holgrave verificara estar trancada e por onde Phoebe em vão tentara entrar, devia ter sido aberta por fora. O som dos passos não era decidido, duro, audaz, intruso, como naturalmente seria o de pessoas estranhas que forçassem a entrada de uma habitação onde saberiam ser mal recebidas. Era um barulho fraco, como de pessoas débeis e cansadas. A esse ruído mesclava-se o murmúrio de duas vozes familiares aos dois moços.

— Será possível? — exclamou Holgrave.

— São eles! — disse a moça. — Graças a Deus! Graças a Deus!

Logo, como correspondendo à exclamação de Phoebe, ouviu-se então mais distintamente a voz de Hepzibah.

— Graças a Deus, meu irmão, estamos em casa!

— Sim, graças a Deus! — respondeu Clifford. — Uma triste casa, Hepzibah! Não obstante, reconheço que andou bem em me fazer voltar. Pare! A porta da sala está aberta. Não posso passar por ela! Deixe-me ir descansar no jardim, debaixo da árvore, onde costumava ser feliz em companhia da pequena Phoebe! Como tudo isso me parece longínquo, depois do que nos aconteceu!

A casa não estava tão triste quanto Clifford supunha. Não haviam dado muitos passos, pois ainda se achavam no vestíbulo indecisos sobre o que deviam fazer, quando Phoebe correu ao seu encontro. Ao vê-la, Hepzibah desatou a chorar. Vacilara, cada vez mais, sob o peso das responsabilidades e aflições, até que, por fim, podia descarregá-las. Em verdade, não tinha energia suficiente para se desembaraçar delas, mas deixara de sustentá-las embora se sentisse ainda abatida. Clifford parecia ser o mais forte dos dois.

— É a nossa Phoebe! E Holgrave! — exclamou ele com um olhar de reconhecimento delicado e sutil. — Lembrei-me de vocês quando vínhamos descendo a rua e vi o Ramalhete de Alice aberto em flor. Também a flor do Éden desabrochou, hoje, nesta casa velha e triste.

A partida

A morte súbita de um membro tão proeminente da sociedade, como o ilustre Juiz Jaffrey Pyncheon, causou uma sensação, pelo menos nos círculos de maior contato com o morto, que dificilmente se acalmaria em uma quinzena.

Notemos, porém, que, de todos os fatos que formam a biografia de uma pessoa, a morte é aquele com que o mundo mais depressa se conforma. Em outros casos e outras contingências, o indivíduo está presente entre nós, mesclado a nossos negócios diários, constituindo, por isso, objeto definido de observação. Quando morre, há somente vácuo e refluxo momentâneo muito reduzido em comparação com a aparente magnitude da pessoa desaparecida, além de borbulhas da negra profundidade para a superfície. Quanto ao juiz, parecia provável, ao primeiro exame, que as circunstâncias de sua morte lhe dessem reputação mais vasta do que geralmente acontece com homens notáveis. Ao saber-se por afirmação de altas autoridades profissionais que o desenlace fora natural e que, exceto particularidades sem importância e denotadoras de ligeira idiosincrasia, era uma forma de morte ordinária, o público começou a esquecer que ele tivesse vivido. Antes que a metade dos jornais do condado se tivesse tarjado de luto e feito as mais elogiosas notícias fúnebres, a morte do juiz já era assunto velho. Contudo, rastejando obscuramente pelos lugares que a excelente pessoa tinha perlustrado durante a vida, surgiam comentários que teriam chocado a decência se falados, em voz alta, pelas esquinas. É muito singular como o fato da morte de um homem geralmente dá ao povo uma ideia mais verdadeira do seu caráter, melhor ou pior, do que a que dava vivendo e agindo entre ele. A morte é um fato tão verdadeiro que exclui a falsidade, traindo sua vacuidade; é uma pedra de toque, que põe à prova o ouro, desonrando os metais mais baixos. Se o morto, fosse quem fosse, pudesse voltar uma semana depois da morte, encontrar-se-ia num ponto mais alto ou mais baixo do que o primitivamente ocupado na escala do apreço público. Mas os comentários ou escândalos a que agora aludimos se referem a assuntos de data tão antiga quanto a do suposto assassinio, há trinta ou quarenta anos passados, do falecido tio do Juiz Pyncheon. A opinião médica com relação à sua própria morte tão recente quase destruiu a ideia de que no caso anterior tivesse sido cometido um crime. Constavam dos velhos autos circunstâncias indicadoras de que alguma pessoa tivera acesso aos apartamentos privados do velho

Jaffrey Pyncheon no momento ou pouco antes de sua morte. Sua escrivaninha e gavetas, numa sala contígua ao quarto de dormir, haviam sido remexidas; faltavam dinheiro e artigos de valor; na roupa branca notava-se a mancha de uma mão ensanguentada; as deduções incriminaram a Clifford, que morava com o tio, na Casa das Sete Torres. Quaisquer que fossem as origens, uma teoria agora aparecia, excluindo a ideia do crime de Clifford. Afirmavam muitas pessoas que a elucidação dos fatos foi feita pelo daguerreotipista, que obtivera os esclarecimentos por intermédio de um dos seus videntes, que maravilham atualmente o universo e revolucionam os negócios dos homens pelo que podem ver com os olhos fechados.

De acordo com essa versão da história, o Juiz Pyncheon, que mostramos ser exemplar em nossa narrativa, foi, na mocidade, um malandro incorrigível. Os instintos animais se desenvolveram mais cedo que as qualidades espirituais, do que a força de caráter que o tornou mais tarde notável. Foi dissipado, amante de prazeres baixos, de propensões más, e esbanjadoramente caras, sem outra fonte que a algibeira do tio. Essa conduta desviou a afeição do velho solteirão que primeiramente lhe dava preferência. Conta-se, agora, que o rapaz foi tentado pelo demônio uma noite a remexer as gavetas particulares do tio, a que tinha meios insuspeitados de acesso. Quando estava assim criminosamente ocupado, a porta do quarto abriu-se, e o tio o surpreendeu. O choque de tal descoberta, a agitação, o alarme e o horror produziram um transtorno no organismo do velho Jaffrey Pyncheon. Parecendo sufocado com o próprio sangue, o pobre homem caiu pesadamente no chão, batendo na queda com a cabeça na ponta de uma mesa. Que se poderia fazer? Certamente estava morto. O socorro seria tardio! E que desgraça se tivesse sido a tempo, se, ao recobrar a consciência, lembrasse o crime que vira o sobrinho cometer!

Ele nunca mais voltou a si. Com a fria ousadia que sempre o distinguiu, o rapaz continuou a remexer as gavetas até encontrar um testamento, de data recente, em favor de Clifford, que destruiu para entrar em vigor um mais antigo em seu benefício. Antes de se retirar, Jaffrey refletiu sobre os indícios das gavetas revolvidas, provando que alguém estivera no quarto com más intenções. Essa suspeita recairia sobre ele. Na presença do morto, arranjou tudo de modo a culpar Clifford, por cujo caráter sempre tivera desprezo e repugnância. Talvez não tivesse o propósito de indicar seu primo como criminoso de morte, pois sabia ter seu tio falecido por morte natural; na pressa daquele momento, tal consequência não podia ter sido deduzida. Quando o incidente começou a tomar aspecto mais sombrio, os passos anteriores de Jaffrey já o haviam enovelado na atitude que tomou. Tão habilmente arranjou ele as circunstâncias, que, no julgamento de Clifford, não jurou em falso, mas simplesmente impediu explicações decisivas, escondendo o que ele próprio havia feito e testemunhado. A criminalidade interior de Jaffrey Pyncheon, quanto a Clifford, foi negra e condenável. As demonstrações exteriores contudo, não podiam revelar tão grande pecado. Essa e justamente a espécie de culpa a que estão mais sujeitos homens de eminente

respeitabilidade Essa lembrança desapareceu e foi julgada assunto perdoável no aspecto subsequente da vida do ilustre Juiz Pyncheon. Repeliu o incidente para um canto, entre as debilidades da mocidade, esquecidas e perdoadas, e nunca mais pensou nisso.

Deixemos repousar o juiz, que, mesmo na hora da morte, não podia ser considerado feliz. Enquanto lutava por adicionar mais dinheiro à herança do filho, ignorava ser ,a um homem sem filhos. Mais ou menos uma semana depois de sua morte, um dos navios de Cunard trouxe a notícia da morte do único filho, de cólera, quando preparava para regressar à pátria. Essa desgraça enriqueceu a Clifford, Hepzibah e nossa jovem camponesa, e, de certo modo, o arrebatado reformador Holgrave.

Era tarde demais na vida de Clifford para que a boa opinião da sociedade valesse o trabalho de uma justificação. O que necessitava era o amor de muito poucos, e não o respeito ou a admiração das massas. Essa admiração teria sido conquistada se aqueles de quem dependia o bem-estar de Clifford achassem avisado expô-lo a uma incrível ressurreição de ideias, quando toda a possibilidade de conforto residia, para ele, na calma do esquecimento. Não havia reparação para o mal que lhe haviam causado. O arremedo lamentável que o mundo estaria disposto a lhe oferecer, chegando tanto tempo depois de a agonia ter atingido o máximo, só serviria para provocar uma gargalhada mais amarga do que Clifford era capaz. Nenhum grande erro, cometido na nossa esfera, jamais será reparado. O tempo, a contínua mudança das circunstâncias e a invariável inoportunidade da morte tornam impossíveis as reparações. Se, depois de longo lapso de tempo, o direito parecer estar conosco, não encontraremos mais maneira de utilizá-lo. O melhor remédio para o sofredor é andar para diante, deixando para trás o que considera ruína irreparável.

O choque da morte do juiz teve efeito benéfico, fortificante e permanente sobre Clifford. Aquele homem forte e poderoso era o pesadelo do pobre irmão de Hepzibah. Não mais respiraria aquela influência malévola. O primeiro efeito de libertação que testemunhamos em Clifford foi uma tremulante alegria. Saindo desse humor, não mergulhou na primitiva apatia intelectual. Contudo, nunca atingiu o que consideraríamos plenas faculdades. Recuperou-as o suficiente para animar o caráter, para manifestar alguns traços de maravilhosa graciosidade que estavam ocultos, e para torná-lo objeto de não menos profundo e melancólico interesse que antes. Era evidentemente feliz. Se nos detivéssemos para fazer novo relato de sua vida diária, com todas as facilidades agora em seu poder para desenvolver o instintivo amor ao belo, as

cenar no jardim, que antes tanto o distraíam, pareceriam triviais e mesquinhas.

Logo depois da mudança de vida, Clifford, Hepzibah e a pequena Phoebe, com a aprovação do artista, resolveram mudar-se da desolada Casa das Sete Torres, e fixar residência na elegante casa de campo do último Juiz Pyncheon. O galo e sua família foram transportados imediatamente, e lá as galinhas começaram a pôr ovos com frequência como querendo continuar sua ilustre raça sob melhores auspícios do que no século anterior. No dia fixado para a partida, as personagens principais da nossa história, inclusive Tio Venner, reuniram-se na sala.

— A casa de campo é evidentemente muito boa — observou Holgrave, enquanto discutiam as futuras providências. — Admira como o juiz, tão opulento e com o projeto tão razoável de transmitir a fortuna a descendentes em linha reta, não tivesse tido a ideia de fazer essa excelente peça de arquitetura em pedra e não em madeira! Cada geração da família poderia mudar o interior de acordo com seu gosto e conveniências, mas o exterior teria sempre sua beleza original, dando a impressão de estabilidade que, a meu ver, é essencial para a felicidade.

— Como mudou de ideia — disse Phoebe, olhando-o com indiscutível prazer. — Uma casa de pedra! Há duas ou três semanas achava que se devia morar em casas tão frágeis e temporárias quanto ninhos de passarinhos!

— Ah, Phoebe, eu lhe disse o que aconteceria! — respondeu o artista com o sorriso meio melancólico. — Sou agora conservador. Nunca imaginei me transformar assim! Isso é imperdoável, sobretudo nesta casa, cheia de tanta desgraça hereditária e sob o olhar deste retrato de um tipo de conservador que se transformou em gênio mau de sua raça!

— Este retrato... — disse Clifford querendo fugir ao olhar austero. — Toda vez que olho para ele uma lembrança indecisa me ocorre, ficando porém além do meu discernimento. Parece dizer: fortuna! fortuna ilimitada! fortuna inconcebível! Imagino que quando era menino, ou já rapaz, este retrato falou contando-me um segredo ou estendendo-me sua mão com o documento escrito de uma fortuna oculta. Essas velhas lembranças são tão pálidas atualmente! O que teria sido esse sonho?

— Talvez possa reavivá-lo! — respondeu Holgrave. — Veja. Há cem probabilidades contra uma de que jamais pessoa alguma, que não tivesse conhecimento do segredo, tocou nesta mola!

— Uma mola secreta! — exclamou Clifford. — Lembro-me agora! Descobria, numa tarde de verão, quando andava tecendo sonhos, há muitos anos! Mas o segredo escapou-me!

O artista pôs o dedo na mola a que tinha se referido. Em dias anteriores, certamente isso faria com que o quadro se deslocasse, mas depois de estar fechado por tanto tempo, a ferrugem roera o metal, e, à pressão do dedo de Holgrave, o retrato projetou-se no chão. Apareceu então um buraco na parede onde havia um objeto coberto pela poeira de muitos séculos. À primeira vista não dava a impressão de ser um pergaminho.

Holgrave abriu-o e estendeu um documento antigo, assinado com os símbolos de muitos chefes índios, legando ao Coronel Pyncheon e seus descendentes um vasto território a este.

— É exatamente o mesmo documento por cuja obtenção Alice Pyncheon perdeu a felicidade e a vida — contou o daguerreotipista fazendo alusão à sua narrativa. — O que os Pyncheon em vão procuraram; agora, que acham o tesouro, ele já nada mais vale!

— Pobre primo Jaffrey! Isso foi que o iludiu! — comentou Hepzibah. — Quando ambos eram moços, Clifford provavelmente contou-lhe alguma história imaginária sobre essa descoberta. Andava sempre fantasiando e criando belas histórias sobre esta casa. O pobre Jaffrey acreditou que fosse tudo verdade e que meu irmão tivesse achado a fortuna do tio. Morreu com essa ilusão!

— Mas — indagou Phoebe dirigindo-se a Holgrave — como veio a saber desse segredo?

— Minha querida Phoebe, agrada-lhe adotar o sobrenome de Maule? Quanto ao segredo, é a única herança que me deixaram os antepassados. Devia já ter sabido antes que, neste drama de erro e castigo, represento o velho feiticeiro, e sou tão feiticeiro quanto ele. O filho de Matthew Maule, o executado, quando construiu esta casa, fez este esconderijo e nele ocultou o documento dos índios de que dependia a imensa possessão dos Pyncheon. Assim, trocaram o terreno de Maule pelo território.

— Agora — ajuntou Tio Venner — suponho que o documento vale menos do que a parte de cada homem da fazenda para onde vou!

— Tio Venner — pediu Phoebe, tomando a mão do velho. — Não fale mais na sua fazenda! Nunca irá para lá! No nosso jardim há uma casinha que arrumaremos e guarneceremos para o senhor. Fará somente o que quiser, será feliz e conversará com o primo Clifford!

— Oh! Minha querida menina! Se falasse com um rapaz assim como fala com este velho, ele não teria tanta oportunidade de conservar o coração no peito quanto eu de conservar este único botão do colete. Oh, valha-me Deus! Ele estourou com o prazer que essa perspectiva me traz! Não faz mal! Foi a mais feliz perspectiva que já tive! Um sopro celestial inspirou-a! Bem, bem, Miss Phoebe. Sentirão falta de mim nos jardins da vizinhança e nas portas das cozinhas. A Pyncheon Street não parecerá a mesma sem Tio Venner, que se lembra dela quando era ainda mato de um lado e a Casa das Sete Torres do outro. Uma coisa, porém, é certa. Ou vou com os senhores para a casa de campo ou vão comigo para minha fazenda!

— Virá conosco de qualquer maneira, Tio Venner — disse Clifford, que se distraía com o velho espirituoso. — Quero que esteja sempre a um minuto do lugar em que eu estiver. O senhor é o único filósofo que conheço cuja filosofia não tem nem uma gota de amargor.

— Ora, ora — exclamou Tio Venner, constatando que espécie de homem o

consideravam. — E costumavam me chamar de imbecil quando era moço! Suponho que sou como a maçã de Roxbury, tanto melhor quanto mais guardada. Sim, essas palavras sábias de que fala são as pequenas bocas-de-leão que florescem no meio da relva e sob folhas secas, às vezes mesmo em dezembro. São bem-vindos, amigos, às minhas florezinhas como se elas fossem duas vezes mais numerosas!

Um carro verde-escuro estava parado na porta da velha Casa das Sete Torres. As pessoas se adiantaram e, com exceção de Tio Venner, que iria daí a alguns dias, tomaram lugar no carro. Conversavam e riam alegremente. No momento de partir, Hepzibah e Clifford deram um último adeus à mansão dos antepassados com menos emoção do que se fossem sair para tomar um chá. Muitas crianças foram atraídas pela novidade do carro e dos cavalos cinzentos. Reconhecendo entre eles o pequeno Ned Higgins, Hepzibah enfiou a mão no bolso e presenteou o primeiro, e mais constante freguês, com dinheiro suficiente para povoar a caverna de Domdaniel do seu estômago com uma procissão de quadrúpedes tão variada como a que entrou na arca.

Dois homens passavam enquanto o carro se punha em movimento.

— Bem, Dixey — disse um deles. — Que pensa disso? Minha mulher montou uma loja e em três meses perdeu cinco dólares de custeio. A velha Pyncheon está negociando há tanto tempo quanto ela e já passeia em carro próprio, com uma grande soma de lucros. Se quiser pode chamar a isso felicidade. Mas se o tomarmos como desejo da Providência, não posso penetrá-lo!

— Ótimo negócio, ótimo negócio! — comentou Dixey.

A Fonte Maule, embora deixada em solidão, formava uma série de figuras caleidoscópicas em que olhos privilegiados veriam a profecia dos anos vindouros de Hepzibah, Clifford, da moça do campo e do descendente do lendário feiticeiro, nos quais o amor lançara uma corrente de magia.

O Olmo Pyncheon, com a folhagem que o vento de setembro lhe deixara, murmurava profecias ininteligíveis. Tio Venner, ao passar vagarosamente pelo portal arruinado, pareceu ouvir acordes de música, e imaginou que a bela Alice Pyncheon, testemunhando esses acontecimentos e a felicidade de seus descendentes, dava um toque final de alegria espiritual no seu cravo, voando depois da Casa das Sete Torres em direção ao céu!

FIM